Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Francisco João Mendes Ribeiro

(Re)Construir o Espírito do Lugar:
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais das Caldas das Taipas.

Volume I

Dezembro de 2025

(Re)Construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais das Caldas das Taipas.
Francisco João Mendes Ribeiro
UMinho | 2025

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Francisco João Mendes Ribeiro

(Re)Construir o Espírito do Lugar:
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais das Caldas das Taipas.

Trabalho de Projeto
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitetura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor João Paulo Cabeleira Marques Coelho
Professor João Paulo Menezes Dias Pereira Rapagão

Dezembro de 2025

Direitos de Autor e condições de utilização do trabalho por terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atibuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, Dezembro de 2025.

Francisco João Mendes Ribeiro

(Re)Construir o Espírito do Lugar

Reabilitação dos Banhos Velhos e das
Águas Termais das Caldas das Taipas

Francisco Mendes Ribeiro
Dezembro, 2025

Agradecimentos

Aos meus familiares, por tudo o que me deram e por todo o apoio ao longo do caminho.

Ao meu pai, em especial, por ter ouvido e acompanhado cada uma das minhas aprendizagens, tomando-as como se suas fossem. Pela partilha de interesses que nos une e pela presença constante, que foi sempre motivo de inspiração e força.

Aos meus orientadores — João Cabeleira, João Rapagão e Maria Manuel Oliveira — pela disponibilidade, acompanhamento e motivação demonstrados desde o início. Foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e transmitiram um entusiasmo contagiante pelo tema, essencial para levar o projeto ao resultado esperado. Agradeço pela ambição que me incutiram, pela oportunidade de aprender convosco e pelo peso que tiveram na minha formação.

À Marlene, minha companheira, pelo brilho que me traz, pela paciência, pelo amor e pela compreensão ao longo desta exigente jornada. Foi um apoio incondicional e fundamental, tanto nos bons momentos como nos mais difíceis.

À Débora, pela partilha de conhecimento e experiência, e pelas ferramentas que me deu para lidar comigo mesmo, nos altos e baixos, ajudando-me a crescer e a conhecer-me melhor, mais preparado para os desafios do presente e do futuro.

Aos meus amigos, pelas experiências partilhadas e pelos momentos de alegria, que levo comigo com enorme felicidade.

Por fim, um sincero obrigado a todos os que, de alguma forma, contribuíram para o desenrolar desta etapa tão importante da minha vida.

Gratidão.

Resumo

Projetar a partir do existente, especialmente em contextos de reabilitação, não se resume a conservar ou restaurar, mas a compreender múltiplas camadas do tempo inscritas no espaço, herdar e interpretar a densidade cultural do lugar e acrescentar novas possibilidades, a partir desse acervo. Este trabalho desenvolve-se nesse território de complexidade e desafio, tendo como objeto de estudo os Banhos Velhos das Caldas das Taipas - um antigo balneário termal, atualmente desativado, mas profundamente enraizado na paisagem, na história e na identidade do território.

A proposta parte de uma leitura crítica do conjunto arquitetónico e do seu contexto urbano e territorial, reconhecendo os Banhos Velhos enquanto dinamizador de relações espaciais, sociais e culturais. O projeto não se limita à recuperação da sua estrutura física, mas tem como objetivo reconfigurar o seu papel no tecido urbano, promovendo a sua reintegração enquanto espaço de uso, memória e convivência.

A água, elemento central e estruturante do lugar, emerge como princípio ativo do projeto, enquanto matéria física, simbólica e atmosférica. A intervenção constrói-se a partir das qualidades sensíveis do lugar e procura amplificá-las.

Neste enquadramento, a arquitetura é assumida como meio de investigação e mediação: um instrumento interpretativo que articula a permanência e a transformação. A reabilitação dos Banhos Velhos constitui, assim, uma reconexão entre património e contemporaneidade, com o objetivo de afirmar o projeto e a construção como continuidade cultural, capaz de devolver significado, função e presença a um lugar expectante, mas essencial na construção da identidade coletiva das Caldas das Taipas.

Palavras - Chave: Água • Banhos Velhos • Paisagem • Reabilitação • Termalismo

Abstract

Designing from the existing, especially in rehabilitation contexts, goes beyond mere conservation or restoration. It involves understanding the multiple layers of time inscribed in space, inheriting and interpreting the cultural density of a place, and adding new possibilities grounded in that legacy. This work unfolds within that territory of complexity and challenge, taking as its object of study the Banhos Velhos of Caldas das Taipas - a former thermal bathhouse, currently deactivated, yet deeply rooted in the landscape, history, and identity of the region.

The proposal stems from a critical reading of the architectural ensemble and its urban and territorial context, recognizing the Banhos Velhos as a driver of spatial, social, and cultural relationships. The project goes beyond recovering the physical structure; it aims to reconfigure its role within the urban fabric, promoting its reintegration as a space of use, memory, and community.

Water, the central and structuring element of the site, emerges as an active principle in the project, as physical, symbolic, and atmospheric matter. The intervention is built upon the site's sensory qualities and seeks to amplify them.

Within this framework, architecture is understood as a means of investigation and mediation: an interpretative instrument that negotiates permanence and transformation. The rehabilitation of the Banhos Velhos thus represents a reconnection between heritage and contemporaneity, with the objective of affirming the project and construction as a cultural continuity capable of restoring meaning, function, and presence to a dormant yet essential site in shaping the collective identity of Caldas das Taipas.

Keywords: Water • Banhos Velhos • Landscape • Rehabilitation • Thermalism

Índice

Introdução **1**

013 Apresentação do Tema
014 Objetivos e Motivações
015 Recursos
016 Metodologia
017 Estrutura da Investigação

O Espírito do Lugar: Água e Paisagem **2**

021 Enquadramento Territorial
025 A Presença da Água e a sua Influência no Lugar
035 Valores (I)materiais
051 Paisagem: Entre o Natrual e o Urbano

Termalismo e Cultura Balnear **3**

081 Práticas Ancestrais: dos Castros a Roma
A Leitura da Presença Romana
091 O Termalismo como Fenómeno Cultural e Social
099 A Cultura do Banho nas Caldas das Taipas e a Construção da Identidade do Lugar
A Água como Molde da Paisagem e do Tecido Urbano
Os Banhos Velhos e a Memória dos Espaços Termais

Resgatar a Experiência do Banho **4**

147 Princípios Orientadores da Intervenção: Caldas das Taipas e Rio Ave, da Paisagem ao Banho Termal
155 Entre a Água e o Território: De Banhos Velhos a Novos Banhos
291 Tectónica: A Matéria como Expressão do Conhecimento
323 Água: Atmosferas e Texturas do Espaço

Ao Fim do Percurso **5**

339 Índice de Imagens
345 Bibliografia

Introdução 1

Apresentação do Tema

O presente trabalho desenvolve-se a partir do estudo e reabilitação dos Banhos Velhos das Caldas das Taipas, um antigo balneário termal profundamente enraizado na história da vila e no imaginário coletivo da comunidade. Atualmente desativado, este edifício permanece como testemunho de uma longa tradição termal que marcou o território física, social e simbolicamente.

As Caldas das Taipas situam-se entre Braga e Guimarães, atravessadas pelo Rio Ave e caracterizadas pela abundância de recursos hídricos - tanto doces como termais. Desde a antiguidade romana, estes recursos moldaram não apenas a ocupação e a configuração do território, mas também o desenvolvimento de práticas associadas ao lazer, à saúde e ao convívio, conferindo à vila uma vocação balnear reconhecida, que permaneceu ativa ao longo dos séculos, influenciando profundamente a identidade do lugar.

Hoje, os Banhos Velhos persistem como ruína carregada de memória, onde se cruzam camadas históricas, paisagísticas e culturais. O seu abandono não representa apenas a desativação funcional de um edifício, mas a interrupção de um ciclo simbólico, centrado na relação entre a água e a vivência comunitária. Compreender o significado deste património exige, por isso, uma leitura que vá além da sua materialidade, considerando também os valores imateriais que lhe estão associados - rituais, hábitos, atmosferas e modos de apropriação do espaço.

É a partir deste contexto que se estabelece o enquadramento territorial, histórico e cultural da presente investigação.

Objetivos e Motivações

A vontade de intervir nos Banhos Velhos nasce do confronto inquietante com um edifício abandonado, mas profundamente sedutor. O estado de suspensão em que se encontra, aliado à sua presença misteriosa no território, desperta uma atenção imediata. As nascentes ativas, os vestígios da antiga cultura balnear e a relação com a paisagem envolvente revelam um potencial latente, que exige ser compreendido e valorizado. Não se trata apenas de um edifício isolado, mas de um conjunto enraizado num contexto geográfico, histórico e simbólico que reclama uma leitura atenta.

A motivação deste trabalho parte, assim, do reconhecimento da singularidade do lugar e da urgência em resgatar a sua relevância enquanto espaço público, cultural e simbólico. Mais do que preservar uma ruína ou devolver um uso funcional, pretende-se reconectar o edifício ao tecido da vila e à vivência da sua comunidade, reinscrevendo a água, enquanto recurso natural, memória coletiva e elemento estruturador, no quotidiano do território.

O projeto visa reativar o significado dos Banhos Velhos, devolvendo-lhe centralidade e função, não como réplica do passado, mas como continuidade crítica e atualizada. Desenvolve-se, por isso, uma proposta capaz de articular os diferentes elementos - edifício, água termal, paisagem, memória, cultura - e transformá-los num sistema coerente e sensível ao tempo e à escala do lugar. Essa articulação assenta na valorização do património como bem comum, e na arquitetura como mediadora entre permanência e transformação.

Projetar a partir das qualidades existentes constitui, simultaneamente, desafio e compromisso. A intenção não é intervir sobre o lugar, mas a partir dele, propondo uma continuidade, que respeita a sua identidade e amplifica a sua presença. A investigação procura, assim, desenvolver um projeto enraizado, que ressoa no território e em todos os que o percorrem e habitam, e que torna percetível e sensível o valor material e imaterial dos Banhos Velhos.

Recursos

A concretização deste projeto assenta num conjunto de recursos fundamentais, que permitem sustentar a reflexão crítica, consolidar o conhecimento sobre o lugar e suportar o desenvolvimento da proposta.

Entre os mais relevantes destaca-se o desenho de levantamento dos Banhos Velhos, realizado aquando do projeto de intervenção em 2010 (pelos arquitetos Lourenço Mendes, Artur Isac e Paulo Pacheco), que serviu de base rigorosa para o trabalho gráfico e espacial.

São igualmente determinantes o documento de acompanhamento arqueológico desses trabalhos e o *"Esboço histórico-geográfico do aglomerado de Caldas das Taipas"* (n.d.), de António José de Oliveira, que ajudaram a estabelecer a cronologia do sítio e a reconhecer camadas históricas e simbólicas do território.

No âmbito da investigação, a tese de doutoramento "*O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis*"(2008) e a publicação "*A Centuriação do Território de Bracara Augusta*"(2019), ambos de Helena Paula Abreu de Carvalho, pela Universidade do Minho, revelaram-se úteis para compreender os indícios da romanização na região, reforçando o valor ancestral e da presença da água neste lugar.

Por fim, um contributo significativo é dado pelas fotografias antigas partilhadas em plataformas digitais (Taypas Antiga, Caldas das Taipas - Espólio Fotográfico e o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta), que permitem recompor formalmente alguns espaços, responder a dúvidas específicas e, sobretudo, captar com maior profundidade a ambiência de outros tempos.

Metodologia

A metodologia adotada inscreve-se numa abordagem de Investigação Baseada em Projeto, onde a problemática da intervenção no património é explorada na resolução de problemas concretos, respondendo a questões práticas e explorando hipóteses e oportunidades diretamente vinculadas ao caso de estudo, mas expansíveis a situações afins. Ao invés de partir exclusivamente de modelos ou quadros teóricos prévios, a investigação desenvolve-se a partir da realidade concreta do território e do património analisado, consolidando uma posição crítica e fundamentada. Assim, a prática do projeto torna-se, simultaneamente, um meio de investigação e de produção de conhecimento, permitindo uma resposta adequada às especificidades do contexto.

Neste caso, inicia-se com uma fase de reconhecimento do território e do património, que se desdobra em duas vertentes:

- Instrução sobre o caso concreto: levantamento e recensão documental sobre o lugar;
- Instrução teórica: análise de teorias e normativas relevantes para a questão base.

Posto isto, o desenho assume um papel central como instrumento de investigação, interpretação e projeto, a partir dos seus contributos e potencialidades, transversais a todas as fases da investigação, permitindo interpretar espaços, revelar camadas de significado e fundamentar decisões, do esquiço ao levantamento gráfico ou do diagrama à proposta formal. O desenho é, assim, em simultâneo, mediador e propulsor do projeto.

A fotografia é também mobilizada como instrumento gráfico de reconhecimento, análise, interpretação e proposição, a par do desenho. Neste âmbito, adota-se uma abordagem de métodos de investigação visual, traduzindo a observação e análise do território e do património em evidências visuais que alimentam o processo de interpretação e proposta.

Não obstante a estas questões, está a perspetiva interdisciplinar, cruzando principalmente os domínios da arquitetura e da arqueologia, áreas fundamentais para compreender a natureza construída e histórica do património. A geografia é também convocada, especialmente na leitura territorial e na articulação do sítio com o seu contexto mais amplo, reforçando a profundidade da análise e da proposta.

Estrutura da Investigação

O presente trabalho de investigação/projeto organiza-se em dois volumes: o Relatório (**Volume I**), que contextualiza, fundamenta e descreve a proposta, e o Dossier de Projeto (**Volume II**), onde se encontram organizadas sequencialmente todas as pranchas de desenho que revelam o projeto nas suas diferentes escalas e componentes.

O relatório de suporte ao projeto organiza-se em quatro capítulos, cada um abordando uma dimensão essencial ao projeto. A sequência dos capítulos acompanha o desenvolvimento do raciocínio, desde a compreensão do território e da cultura balnear até à formalização da proposta de intervenção, isto é, do geral ao particular.

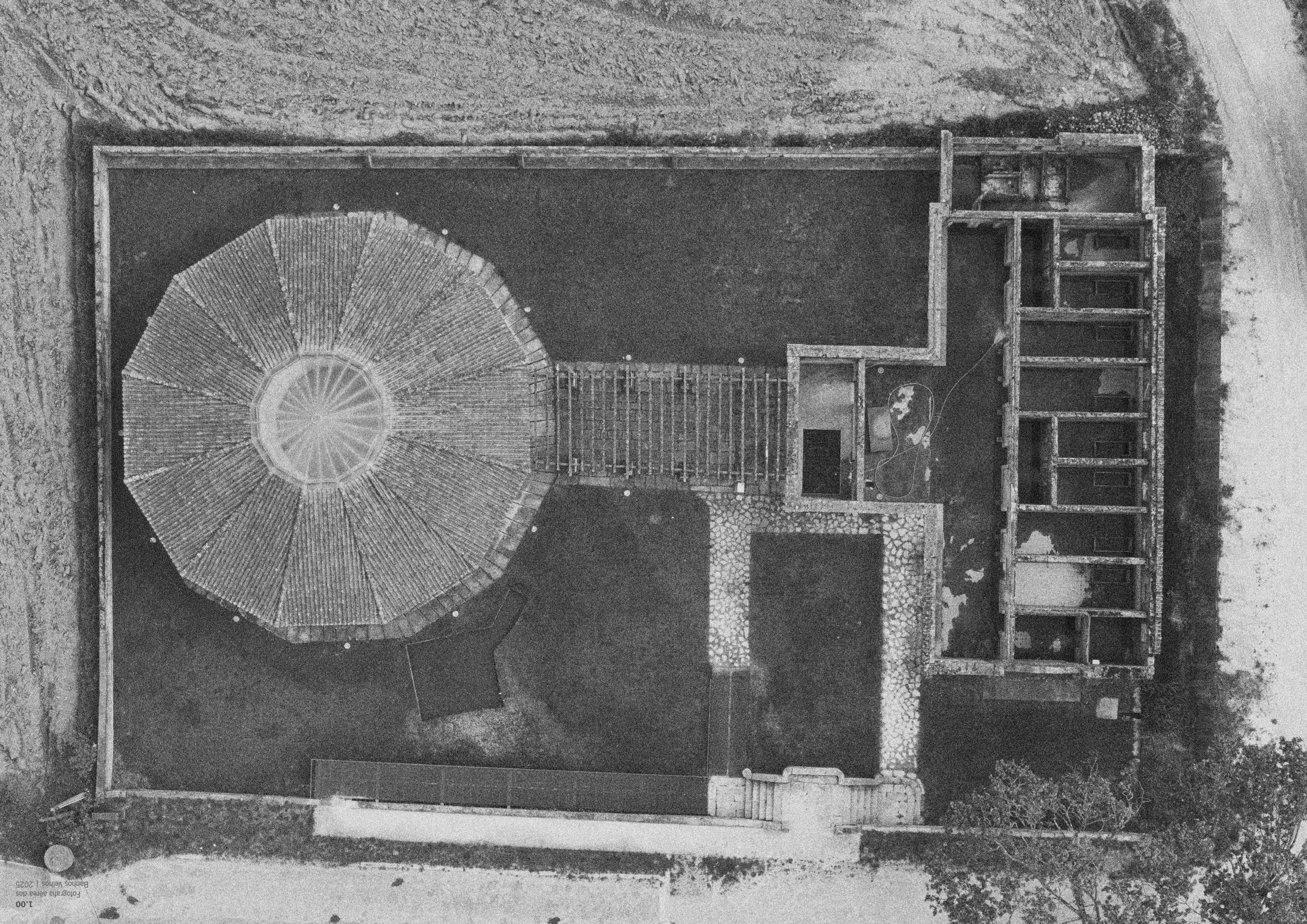
No primeiro capítulo, **O Espírito do Lugar: Água e Paisagem**, explora-se a paisagem e o território, destacando a presença da água como elemento caracterizador e estruturante. O estudo aprofunda a geografia do território, situando Caldas das Taipas no contexto das proximidades, assim como a sua morfologia, marcada pelo rio. Em seguida, passa-se à compreensão da água - doce e termal - como princípio estruturante do desenvolvimento da vila, destacando a sua importância no crescimento urbano e na paisagem. A análise culmina com o entendimento dos valores materiais e imateriais que compõem a ambiência na qual os Banhos Velhos se encontram, realizando-se um levantamento exaustivo tanto da matéria viva e material quanto da dimensão imaterial, que se expressa na experiência sensorial do lugar.

O segundo capítulo, **Termalismo e Cultura Balnear**, faz uma abordagem histórica e cultural, analisando as práticas associadas à água e ao termalismo, procurando um discurso mais transversal do ponto de vista cronológico que permita avaliar e reconhecer, com outra profundidade, o presente para propor o futuro. Fala-se da cultura castreja e a posterior romanização do território, evidenciando a relevância de Caldas das Taipas como Vicus termal associado a Bracara Augusta e à sua rede viária. Em seguida, aborda-se o termalismo enquanto fenómeno cultural e social. Com esta base estabelecida, o capítulo foca-se, posteriormente, na cultura do banho nas Taipas e na sua influência na identidade do lugar. Em complemento, são analisados subtemas como o impacto do termalismo na paisagem e no tecido urbano, vislumbrando a sua presença no território através de registos fotográficos e documentais. Conclui-se com um estudo detalhado dos Banhos Velhos, fundamentado em desenhos, fotografias e outros documentos históricos que permitem compreender a importância deste património termal e as experiências a si associadas.

O terceiro capítulo, **Reinterpretar a Experiência do Banho**, introduz a proposta de intervenção. A abordagem parte dos princípios orientadores, refletindo sobre a dimensão paisagística das Caldas das Taipas e do Rio Ave. O programa proposto é analisado detalhadamente, identificando as valências e novos usos que compõem uma cultura balnear contemporânea. Por fim, o capítulo aprofunda o desenho do espaço, abordando a transição dos Banhos Velhos para os Novos Banhos e explorando a materialidade, as atmosferas e as texturas do espaço que se procuram atingir.

Importa, contudo, sublinhar que o corpo central deste trabalho reside nos desenhos de projeto. É neles que o discurso aqui desenvolvido encontra a sua razão de ser, sendo o projeto o verdadeiro protagonista da investigação. Os desenhos, que se encontram num documento separado, devem ser vistos e interpretados em articulação com este relatório, pois contêm em si mesmos uma expressão sobre o tema. Através deles, expõem-se de forma clara e detalhada as decisões projetuais, as intenções espaciais e as qualidades materiais que se procuram alcançar. Dir-se-ia que os desenhos também comunicam, e comunicam com a densidade e a precisão que só o projeto permite.

Por fim, no quarto capítulo, **Ao Fim do Percurso**, sintetizam-se as ideias fundamentais do trabalho e reflete-se sobre o impacto da proposta no presente, mas também no passado e, sobretudo, no futuro. Avalia-se de que forma a intervenção pode reconfigurar a relação entre o património termal e o território, assim como, as conquistas que se poderão elencar perante a forma como estes foram encarados.



1.00
Fotografia aérea dos
Banhos Velhos | 2025

O Espírito do Lugar: Água e Paisagem 2

Enquadramento Territorial

A Vila de Caldas das Taipas insere-se no Vale do Ave, na região do Minho, num ponto de confluência entre antigos eixos viários importantes que a conecta aos centros urbanos vizinhos[1], o que reforça a sua acessibilidade e relevância territorial. Implantada nas margens do rio Ave, a vila desenvolve-se numa suave planície, onde a presença do rio e dos seus afluentes, juntamente com as nascentes termais, reforçam a importância do seu sistema hídrico.

A paisagem é marcada por um jogo de contrastes topográficos, onde a suavidade e planura em que se instala (a uma altitude de 202m), recortada pelo Rio Ave, se contrapõem às elevações, a nordeste, da Citânia de Briteiros (336m-NE), do Castro de Sabroso (277m-NE), a noroeste, do Castro de Santa Marta das Cortiças (522m-NO), do Santuário do Sameiro (566m-NO), a oeste, do alto da Senhora da Saúde (400m-O) e a sudeste, do Santuário de Nossa Senhora do Carmo da Penha (617m-SE). Estes pontos, além de referências geográficas, carregam um forte valor de marcação territorial, configurando um território onde a relação entre geografia e memória é indissociável.

Mais do que meros recursos físicos, a água e o solo estruturam o caráter do lugar, tecendo uma identidade que se constrói na relação entre a natureza e a ocupação humana. São estes elementos que moldam a vivência do espaço, definem percursos e estabelecem continuidades entre o passado e o presente, tornando a Vila das Taipas um ponto singular na paisagem.

1 Braga 15km - Guimarães 7km - Póvoa de Lanhoso 14km

2.00
Contextualização do
território envolvente

Braga

7500m

Santuário do Sameiro
566m

Citânia de Briteiros
336m

N101

Castro de Santa Marta
das Cortiças
522m

Castro de Sabroso
277m

Sepultura dos
4 Irmãos

1500m

Caldas das
Taipas

Senhora da Saúde
400m

Rio Ave

Banhos Velhos e
Termas Romanas

Ara de
Trajano

Ponte
Romana das
Taipas

N101

Guimarães

Santuário da Penha
617m

N

0m 500m 1000m 1500m

A Presença da Água e a sua Influência no Lugar

A vila das Taipas constrói-se em permanente diálogo com a água. O rio, com o seu curso e margens, molda não apenas a topografia, mas também os usos e os significados do território. As suas águas doces, em conjunto com os afluentes e as nascentes termais, revelam-se como elementos estruturantes, condicionando a ocupação do solo e definindo ritmos e relações de proximidade ao longo do tempo.

No entanto, a água assume uma presença ambivalente: ora como força produtiva e essencial, associada à agricultura, à indústria e ao usufruto quotidiano; ora como força imprevisível e indomável, como as cheias que periodicamente impactam a vila. Esta dualidade, entre presença estruturante e elemento de risco, imprime-se na memória coletiva e na forma construída do território.

Ao longo das margens, a presença da água também impulsionou a criação de espaços de lazer. As suas ribeiras, parques e praias fluviais tornam-se palcos de convivência e expressão comunitária, prolongando a importância simbólica do rio. Neste contexto, o valor das águas ultrapassa um mero sentido de utilidade: é um valor afetivo, histórico e paisagístico, refletido na forma como o território se organiza e na forma como é vivido.

A existência das nascentes termais reforça ainda mais esta presença singular da água nas Taipas. Não são apenas um recurso, mas um marco identitário, o testemunho de uma relação profunda com o território e os seus recursos.



2.01
Estrutura hidrográfica e ocupação urbana

2.02
Extração de areia do
Rio Ave | 1949

2.03
Ponte das Taipas e Lavadouros
públicos | 1915

2.04
Cheia sazonal | 2024

2.05
Cheia sazonal nos
Banhos Velhos | 2024



Valores (I)materiais

Morfologicamente, o território é profundamente condicionado pela presença do Rio Ave e pela abundância dos seus recursos hídricos. Contudo, para além da sua constituição física, o lugar manifesta-se também, através de estímulos sensoriais que contribuem decisivamente para a sua identidade. Estes elementos (alguns tangíveis, outros imateriais) coexistem e moldam a perceção do espaço, influenciando a sua ambiência de forma dinâmica e contínua.

O lugar não se apresenta de forma estática. A sua configuração visual e sensorial altera-se em função de fatores como a luz, o vento ou a presença da água, originando variações ao longo do dia e das estações. Esta realidade tornou-se evidente logo nos primeiros momentos de reconhecimento do território, em que a experiência direta revelava contrastes marcantes: o mesmo cenário podia surgir iluminado por uma luz límpida, ou envolto num nevoeiro denso e húmido. Percebeu-se então que estas mudanças influenciam profundamente a perceção do lugar e a forma como ele se relaciona com o observador. Neste contexto, aproveito para citar as palavras de Ramalho Ortigão em "*Banhos de Caldas e Aguas Mineraes*" em relação à ambiência das Caldas das Taipas: "*Sente-se uma vaga sensação pantheista*".

Estas variações de ambiência foram documentadas através de evidências visuais que justapõem imagens tomadas de um mesmo ponto de vista, com um mesmo enquadramento em momentos distintos. Estes registos (céus limpos ao lado de neblinas matinais, vegetação vibrante contrastando com paisagens iluminadas) tornam visível a mutabilidade do lugar e a diversidade das suas manifestações sensoriais. Essa documentação visual procurou captar a dimensão atmosférica do território, demonstrando que a sua compreensão exige mais do que a leitura da sua matéria física: impõe-se também a consideração dos estímulos que afetam a perceção, como a luz, a temperatura, o som, ou a humidade. Nos Banhos Velhos, estas sensações intensificam-se. O local manifesta uma densidade sensorial acrescida, resultado da conjugação entre as características físicas do edificado e os estímulos do meio envolvente.

Esta interação contínua entre matéria, atmosfera e perceção contribui para a construção de uma ambiência singular, cuja compreensão se revelou essencial à abordagem do projeto, que é informado por esta variabilidade atmosférica e sensorial e se propõe como uma extensão atenta do lugar, observando o território, reconhecendo e reverberando as suas qualidades subtis através da disposição dos seus elementos, da escolha de materiais e da relação que estabelece com os espaços. A presença do som da água corrente, do vento nas árvores ou da ambiência densa da névoa em contraste com o céu limpo é considerada na forma como os espaços se projetam, tendo em conta a visibilidade e exposição que estes têm perante as condições atmosféricas, isto é, por exemplo, em dias de nevoeiro, partes do projeto podem esconder-se nessa névoa, tirando partido do sentido de descoberta do projeto, ou, determinados elementos de projeto poderão ser implantados em espaços de maior ou menor intensidade sonora, luminosa ou odorífera. Assim, considera-se a variabilidade dessas atmosferas como meio de manipulação da perceção dos espaços do projeto. Mais do que impor uma forma e consideração perene do lugar, o projeto acolhe a mutabilidade desse lugar, procurando coexistir e dialogar com esta, talvez, até mesmo na sua imprevisibilidade.







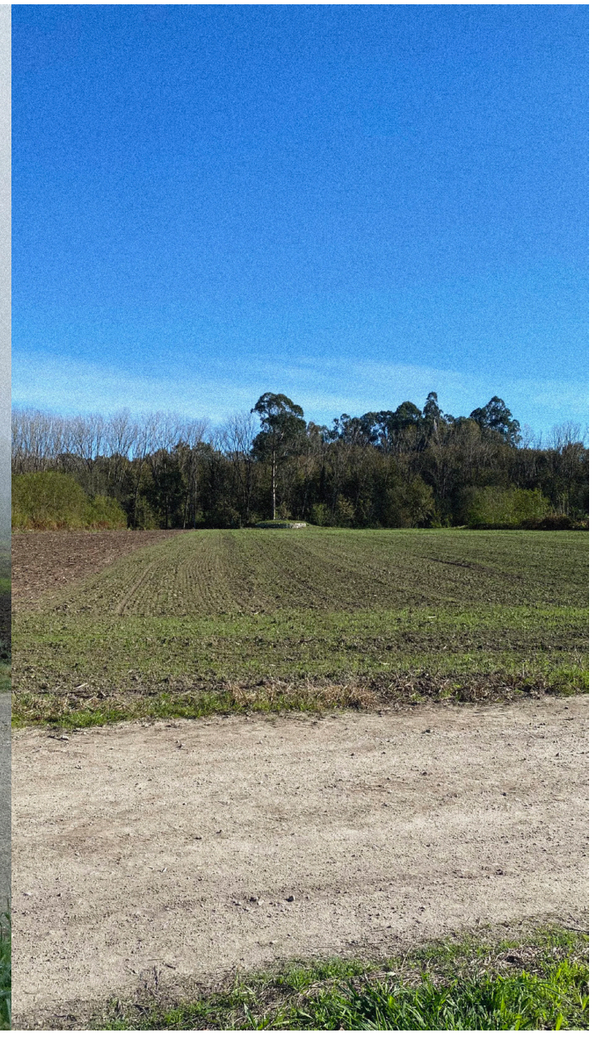
















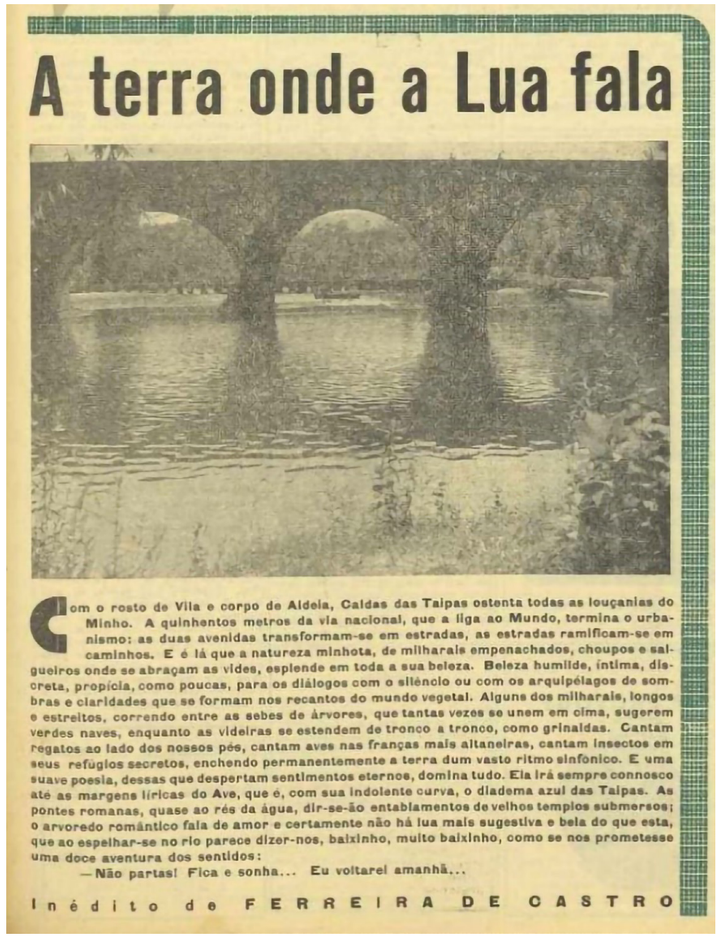






"Com o rosto de Vila e corpo de Aldeia, Caldas das Taipas ostenta todas as louçanias do Minho. A quinhentos metros da via nacional, que a liga ao Mundo, termina o urbanismo: as duas avenidas transformam-se em estradas, as estradas ramificam-se em caminhos. E é lá que a natureza minhota, de milharais empenachados, choupos e salgueiros onde se abraçam as vides, esplende em toda a sua beleza. Beleza humilde, íntima, discreta, propícia, como poucas, para os diálogos com o silêncio ou com os arquipélagos de sombras e claridades que se formam nos recantos do mundo vegetal. Alguns dos milharais, longos e estreitos, correndo entre as sebes de árvores, que tantas vezes se unem em cima, sugerem verdes naves, enquanto as videiras se estendem de tronco a tronco, como grinaldas. Cantam regatos ao lado dos nossos pés, cantam aves nas franças mais altaneiras, cantam insectos em seus refúgios secretos, enchendo permanentemente a terra dum vasto ritmo sinfónico. E uma suave poesia, dessas que despertam sentimentos eternos, domina tudo. Ela irá sempre connosco até às margens líricas do Ave, que é, com sua indolente curva, o diadema azul das Taipas. As pontes romanas, quase ao rés da água, dir-se-ão entablamentos de velhos templos submersos; o arvoredo romântico fala de amor e certamente não há lua mais sugestiva e bela do que esta, que ao espelhar-se no rio parece dizer-nos, baixinho, muito baixinho, como se nos prometesse uma doce aventura dos sentidos: — Não partas! Fica e sonha... Eu voltarei amanhã..."

Ferreira de Castro. (1963). A terra onde a Lua fala. Notícias de Guimarães.



A terra onde a Lua fala

Com o rosto de Vila e corpo de Aldeia, Caldas das Taipas ostenta todas as louçanias do Minho. A quinhentos metros da via nacional, que a liga ao Mundo, termina o urbanismo: as duas avenidas transformam-se em estradas, as estradas ramificam-se em caminhos. E é lá que a natureza minhota, de milharais empenachados, choupos e salgueiros onde se abraçam as vides, esplende em toda a sua beleza. Beleza humilde, íntima, discreta, propícia, como poucas, para os diálogos com o silêncio ou com os arquipélagos de sombras e claridades que se formam nos recantos do mundo vegetal. Alguns dos milharais, longos e estreitos, correndo entre as sebes de árvores, que tantas vezes se unem em cima, sugerem verdes naves, enquanto as videiras se estendem de tronco a tronco, como grinaldas. Cantam regatos ao lado dos nossos pés, cantam aves nas franças mais altaneiras, cantam insectos em seus refúgios secretos, enchendo permanentemente a terra dum vasto ritmo sinfónico. E uma suave poesia, dessas que despertam sentimentos eternos, domina tudo. Ela irá sempre connosco até às margens líricas do Ave, que é, com sua indolente curva, o diadema azul das Taipas. As pontes romanas, quase ao rés da água, dir-se-ão entablamentos de velhos templos submersos; o arvoredo romântico fala de amor e certamente não há lua mais sugestiva e bela do que esta, que ao espelhar-se no rio parece dizer-nos, baixinho, muito baixinho, como se nos prometesse uma doce aventura dos sentidos:

— Não partas! Fica e sonha... Eu voltarei amanhã...

Inédito de FERREIRA DE CASTRO

Paisagem: Entre o Natural e o Urbano

O reconhecimento e interpretação da envolvente bucólica e pitoresca dos Banhos Velhos foi possível através da fotografia e do vídeo, numa tentativa de captar não apenas a imagem, mas também o som. O registo de ciclos e a captação de texturas deste ambiente, tornou-se um meio para perceber, com mais clareza, as transformações que se sentiam - a metamorfose do natural, refletida na mutação das suas texturas e na ciclicidade da paisagem. No entanto, para além da consideração do natural, e situando-se os Banhos Velhos no limiar do tecido urbano, funcionando como uma charneira entre duas realidades, ambas as dimensões devem ser atendidas na análise de suporte ao projeto. Essa condição de transição não poderia ser ignorada, e a documentação desse ambiente urbano, nas suas dinâmicas e texturas, revelou ser igualmente necessária. Afinal, é precisamente no diálogo entre o natural e o construído que os Banhos Velhos revelam a plenitude do seu caracter, não por oposição entre um e outro, mas porque é nessa interseção que a paisagem se revela.

A descrição e documentação do ambiente natural centrou-se na observação da ciclicidade dos seus componentes e partições, sejam eles espaços agrícolas ou ajardinados, além do espaço atmosférico. Nos campos, marcados pelo ciclo de cultivo, o milho crescia lentamente, elevando-se na paisagem até formar um paredão verde, para depois regressar ao raso e iniciar um novo ciclo. A vegetação, florescia e mudava de cor, para depois ser aparada e recomeçar o seu processo. Árvores que num momento se cobriam de flores e frutos, mais tarde perdiam a folhagem, expondo a estrutura dos seus ramos. O nível das águas que, na sua variação, culmina em momentos de cheia e transforma os limites de determinados espaços. A água termal, com diferentes cores e texturas, fruto das bactérias e da sulfurose que a compõe. Cada uma dessas mudanças imprime diferentes texturas ao lugar (do solo, das folhas, dos troncos, da água) documentadas para compreender a organicidade e a constante renovação da paisagem.

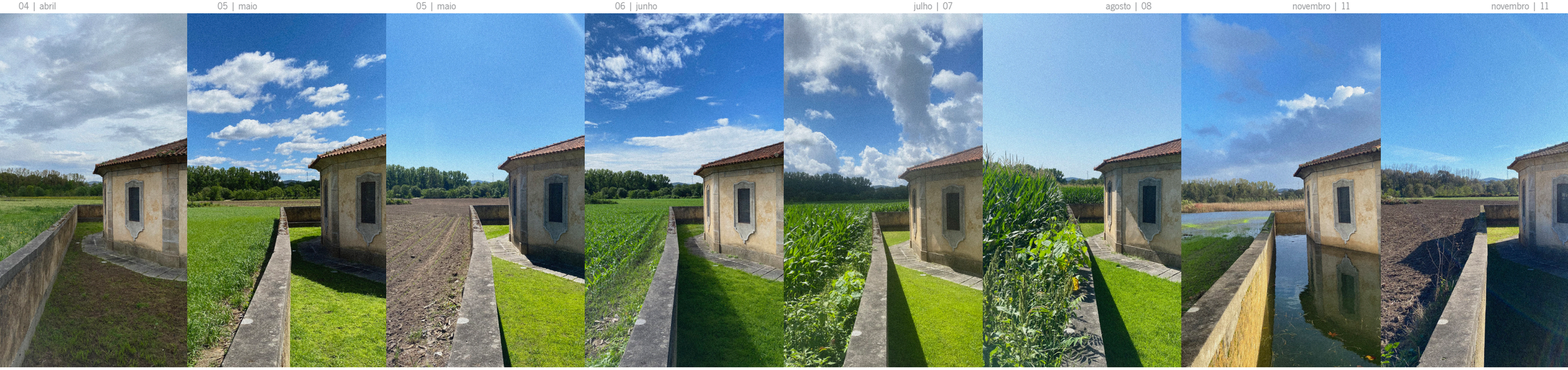
Esta variabilidade informa e alimenta o projeto, onde, por exemplo, a ciclicidade do coberto vegetal tem impacto na qualificação dos espaços, assim como as cheias sazonais, que devem ser mitigadas. Mais do que constrangimentos, estas questões poderão ser encaradas como oportunidades do projeto. - *"The human race built most nobly when limitations were greatest."* - Lloyd Wright, F. (1953). *The Future of Architecture.*

Quanto à documentação do ambiente urbano, esta incidiu sobre as dinâmicas do espaço, no modo como se apresenta em diferentes tempos ou contextos. A perceção dos espaços perante a sua utilização ou, inclusive, o no seu "vazio", conferem ao lugar diferentes ambientes e perspetivas. Aqui, mais do que transformação, o que se verifica é um pulsar, uma variação de intensidade que o torna ora sereno, ora movimentado, em resposta à presença humana. Neste contexto, acaba por ser representada a matéria construída de um território profundamente humanizado, onde as texturas do solo e das superfícies construídas (das pedras que marcam os caminhos, das paredes que delimitam os espaços, das fachadas) revelam a matéria desse tecido urbano, relevante à instrução do projeto.

Desta coexistência entre o natural e o urbano, nasce uma paisagem simbiótica. Não são elementos isolados, mas sim camadas que se influenciam, compondo um território onde as suas características se constroem na oscilação entre estas duas realidades.

2.18
Evidência visual | 12
Registo da ciclicidade
das plantações | Natural

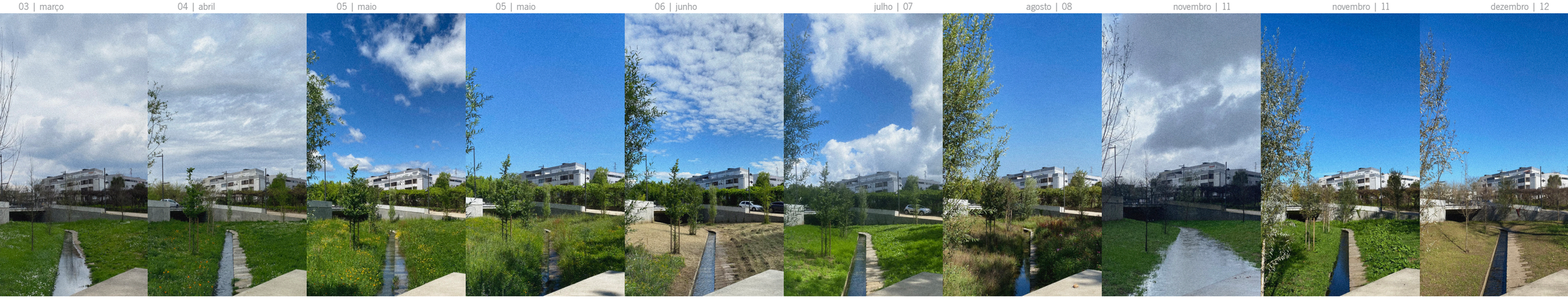
04 | abril
05 | maio
05 | maio
06 | junho
julho | 07
agosto | 08
novembro | 11
novembro | 11



2.19
Evidência visual | 13
Registo da ciclicidade
das plantações | Natural



2.20
Evidência visual | 14
Registo da ciclicidade do coberto vegetal | Natural



2.21
Evidência visual | 15
Registo da ciclicidade
Ortofotomapa | Natural



02 | 2024
06 | 2021



04 | 2023
07 | 2016



05 | 2019
07 | 2020



05 | 2013
08 | 2010



06 | 2010
09 | 2017



06 | 2018
10 | 2022





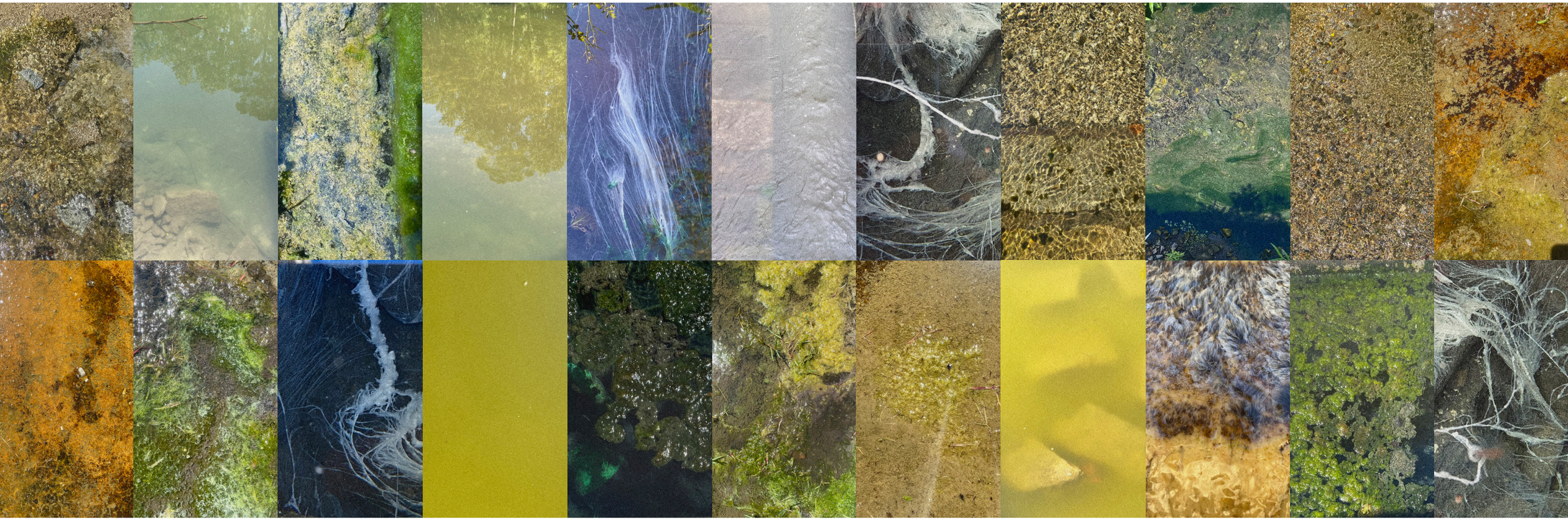








2.22
Evidência visual | 16
Texturas | Água | Natural



2.23
Evidência visual | 17
Texturas | Vegetação | Natural



2.24
Evidência visual | 18
Árvores | Natural



2.25
Evidência visual | 19
Textura | Troncos | Natural



2.26
Evidência visual | 20
Textura | Paredes | Natural



2.27
Evidência visual | 21
Texturas | Chão | Natural



2.28
Evidência visual | 22
Fachadas | Urbano



















2.29
Evidência visual | 23
Texturas | Chão | Urbano



2.30
Evidência visual | 24
Ambiência noturna | Urbano



2.31
Evidência visual | 25
Ambiência diurna | Urbano



Termalismo e Cultura Balnear

3

Práticas Ancestrais: dos Castros a Roma

O território das Caldas das Taipas, abrigado por encostas montanhosas e favorecido por condições naturais aprazíveis, acolheu desde tempos remotos comunidades que nele encontraram refúgio e sustento. Entre elas, destacam-se os povoados da cultura castreja, dos quais a Citânia de Briteiros[2] se ergue como a mais notável referência. O espólio arqueológico aí encontrado é particularmente expressivo:

"O espólio é bastante rico e composto por produções indígenas e bastante material romano, o que prova uma continuidade de ocupação do sítio, pelo menos até finais do Século I d.C." - Carvalho, H. P. A. de. (2008, p.253). *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis.*

Entre os vestígios castrejos, destaca-se a presença de estruturas associadas ao ritual do banho. Estes espaços, compostos por antecâmaras, salas quentes e zonas de purificação, demonstram que o banho possuía uma função simbólica e ritual, relacionada com a purificação do corpo e do espírito.

No entanto, a romanização terá motivado, ao longo do tempo, a transição das populações das encostas (castros) para os vales, para lugares como o das Caldas das Taipas. A fertilidade do solo, sustentada pela presença do Rio Ave, terá sido um fator determinante para essa fixação.

"Um outro dado que merece reflexão é a proximidade do local relativamente à Citânia de Briteiros (Carvalho, 2008,vol.II, ID 3084101), proximidade que poderá ajudar a compreender as mudanças operadas no primeiro século d.C. nesta região." - Carvalho, H. P. A. de. (2019, p.39-40). *A centuriação do território de Bracara Augusta.*

3.00
Planta da Citânia de Briteiros



3.01
Câmara do Balneário Castrejo



2 Séc. II a.c. – Séc. I d.c.

3.02
Vista panorâmica da Citânia de Briteiros
Direcção nordeste-sudoeste



No que se pode reportar, a cultura de banhos é, claramente, anterior a Roma. No entanto, só com a chegada dos romanos e a consequente ocupação do território é que se pode falar numa exploração efetiva das águas termais. Foi neste período que terá sido construído um balneário termal nas Caldas das Taipas, do qual restam atualmente vestígios arqueológicos, silenciosos testemunhos de uma atividade que moldou o lugar. Antes de mais, importa reconhecer as Caldas das Taipas como um Vicus[3] viário e termal, que, pela sua localização estratégica junto à via Bracara Augusta – Emerita Augusta, por Tongobriga, e pela existência das águas termais, terá naturalmente congregado um núcleo habitacional considerável.

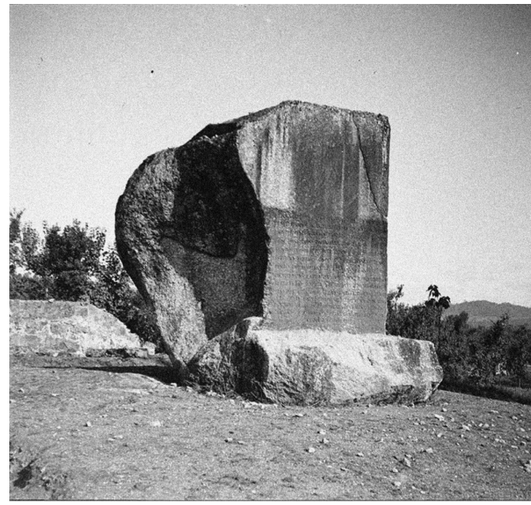
"Aqui foi encontrada uma importante inscrição honorífica dedicada ao Imperador Trajano (CIL II, 4796=5560), datada do ano 103, gravada num penedo,(...) Muito embora os vestígios de qualquer estabelecimento termal romano pareçam ter desaparecido, talvez pela construção posterior de um outro, a natureza da inscrição referida não deixa dúvidas quanto à importância do local como aglomerado habitacional, pelo menos na época de Trajano." - Carvalho, H. P. A. de. (2019, p.39). *A centuriação do território de Bracara Augusta.*

Deste Vicus conhecem-se, com maior ou menor certeza, as ruínas do balneário romano, a inscrição honorífica dedicada ao imperador Trajano, gravada num penedo e datada de 103 d.C., a ponte romana, e algumas notícias dispersas sobre achados e ruínas identificados informalmente em obras de construção e reabilitação. Embora não seja possível aferir a real dimensão do povoado, é inegável que a presença romana nas Caldas das Taipas deverá exceder, em importância, aquilo que atualmente se conhece.

"A importância desta inscrição, o carácter medicinal das águas existentes no local ainda hoje aproveitadas, a descoberta de numerosos achados romanos nas imediações e ainda a localização do sítio junto à via Bracara Augusta - Emerita Augusta, sugerem a existência, neste local, de um povoado romano de certa importância, eventualmente com funções termais, à semelhança do que acontece nas Caldas de Vizela." - Carvalho, H. P. A. de. (2008, p.41). *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis.*

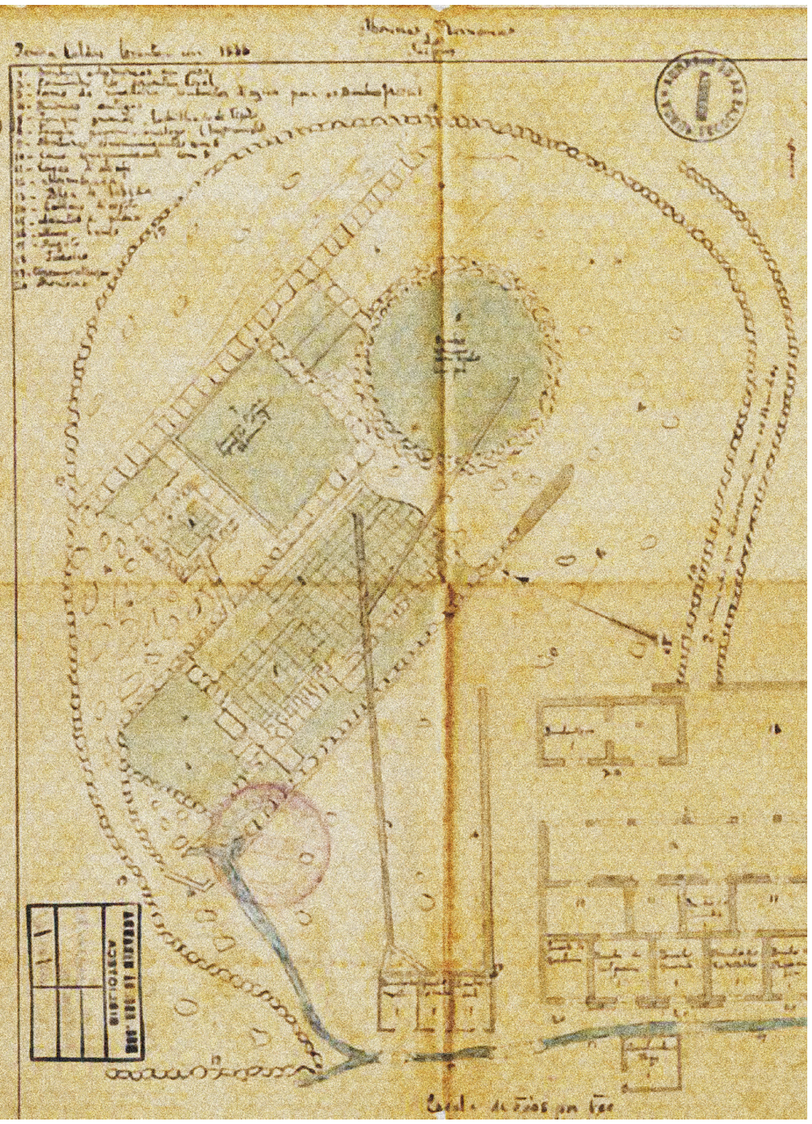
3 Vicus - (plural, vici) Tipo de povoado ou bairro da organização territorial romana, geralmente associado a zonas rurais, a aglomerados urbanos secundários ou a núcleos residenciais fora dos limites formais da cidade ou do acampamento militar.

3.03
Ara de Trajano | 1919

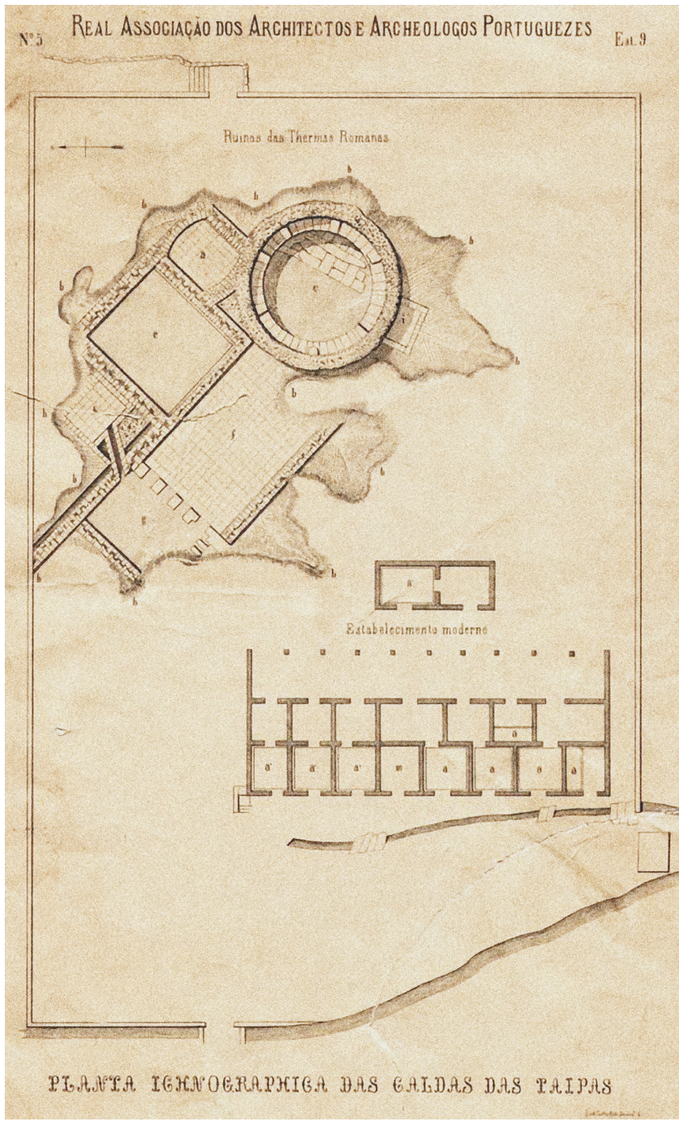


3.04
Ponte Romana das Taipas | 1979





3.05
Levantamento desenhado do
Balneário Romano
Pereira Caldas | 1844



3.06
Levantamento desenhado do
Balneário Romano
Real Associação dos Architectos e
Archeologos Portuguezes

A Leitura da Presença Romana

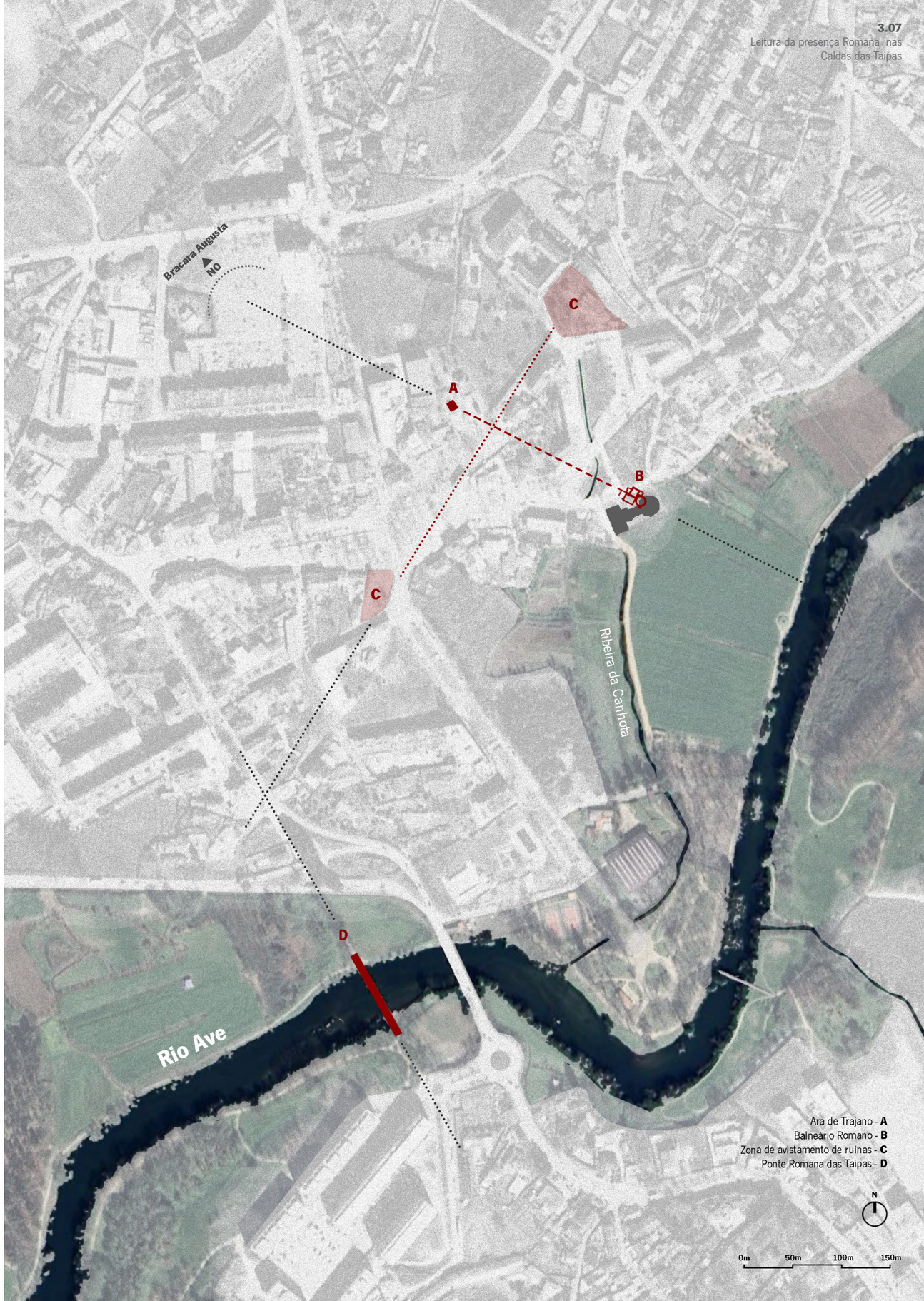
Reconhecendo a presença de povoados castrejos nas encostas e a posterior deslocação das populações para o vale, na consequência da romanização do território, tendo como centro Bracara Augusta a estruturar uma rede de vicus viários e termais, iniciou-se uma leitura da presença de Roma nas Caldas das Taipas. Esta investigação despoletou uma especulação que relaciona os vestígios romanos identificados, ou cuja presença se admite, através de eixos e orientações de possível valor ao reconhecimento do lugar e, fundamentação do projeto.

Destaca-se, em primeiro lugar, a leitura de alinhamento entre a Ara de Trajano e os vestígios do balneário termal romano, que, embora hipotético, se apresenta como uma possibilidade coerente com as práticas de ordenação romana do território. Por outro lado, o relato de ruínas em determinadas zonas, aquando de intervenções, sugere um outro alinhamento, quase perpendicular ao primeiro. A articulação destes alinhamentos permite evocar lógicas de organização ortogonal materializadas no cardo e decumanus, e pela estrutura de centuriação do território (analisada por Helena Carvalho em *"A centuriação do território de Bracara Augusta"*).

O desenho das relações hipotizadas evidencia a importância destes vestígios e alinhamentos, que, apesar do grau incerteza, contribuem para a evidenciação da presença romana no lugar, uma presença que deixou marcas subtis, mas persistentes, que ressoam em lógicas do projeto delineado.

A relevância destes alinhamentos transcende, assim, a mera leitura histórica ou arqueológica, influenciando diretamente o desenvolvimento do projeto. A intervenção toma-os como orientações significativas, integrando-os na definição espacial e formal da proposta, o que lhe confere uma ancoragem territorial mais profunda, mesmo que se encontre para além dos limites físicos da área de intervenção.

3.07
Leitura da presença Romana nas Caldas das Taipas



O Termalismo como Fenómeno Cultural e Social

O termalismo, enraizado em práticas ancestrais, afirma-se como um fenómeno simultaneamente cultural e social, transversal a diferentes tempos e geografias. A água termal não é apenas um recurso medicinal: é uma entidade viva, dotada de poder terapêutico e simbólico.

O ritual do banho termal transcende o ato físico da imersão. Reúne, purifica, cura e convida à reflexão. A sua essência reside na capacidade de despertar a consciência do corpo e da experiência sensitiva, num primeiro plano individual, para depois possibilitar encontros e experiências partilhadas que ultrapassam o cuidado pessoal.

Roma legou-nos a mais grandiosa expressão de práticas termais. Construindo milhares de complexos termais por todo o Império, os romanos concebiam as termas como espaços essenciais à sociedade, locais de higiene, de lazer, mas acima de tudo de encontro, debate e decisão. A vida política e social florescia nesses ambientes, muitas vezes, mais intensamente do que em fóruns ou assembleias. Essa centralidade refletia-se na arquitetura, na articulação dos espaços construídos e na regulação do acesso por classes e género.

Ao longo da história, o termalismo conheceu fases de maior ou menor expressão, mas nunca se perdeu a convicção no seu poder de saúde e agregação da comunidade. No que diz respeito ao contexto específico a que o projeto procura intervir, é importante abordar os séculos XVIII a XX, onde, numa primeira instância, a vertente terapêutica se tornou dominante, numa procura constante pelo alívio físico e pela recuperação da saúde, mas, posteriormente, passaram a gravitar em torno das estâncias termais outros valores culturais e sociais, como eventos musicais, jantares, reuniões sociais, jogos e casinos. Uma série de programas que ampliam o significado destes espaços para além da medicina e expressam a valorização do lazer e turismo.

"Comquanto geralmente menos concorridas que Vizella, as Caldas das Taipas oferecem grande animação durante a estação balnearia, que começa no fim de maio e acaba no fim de outubro.

Ha um hotel a preços modicos, perto dos banhos, e muitas casas mobiladas para alugar." - Ramalho Ortigão. (1875, p.33). *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes.*

Na contemporaneidade, o termalismo tende a valorizar o lazer e o bem-estar, procurando expressar-se de formas renovadas. Em muitos casos, contudo, persiste o fascínio por modelos herdados da tradição romana, organizados em torno de circuitos térmicos, variações de temperatura, ritmos e sequências espaciais. Este retorno demonstra a vitalidade de um legado que permanece vivo e operativo.

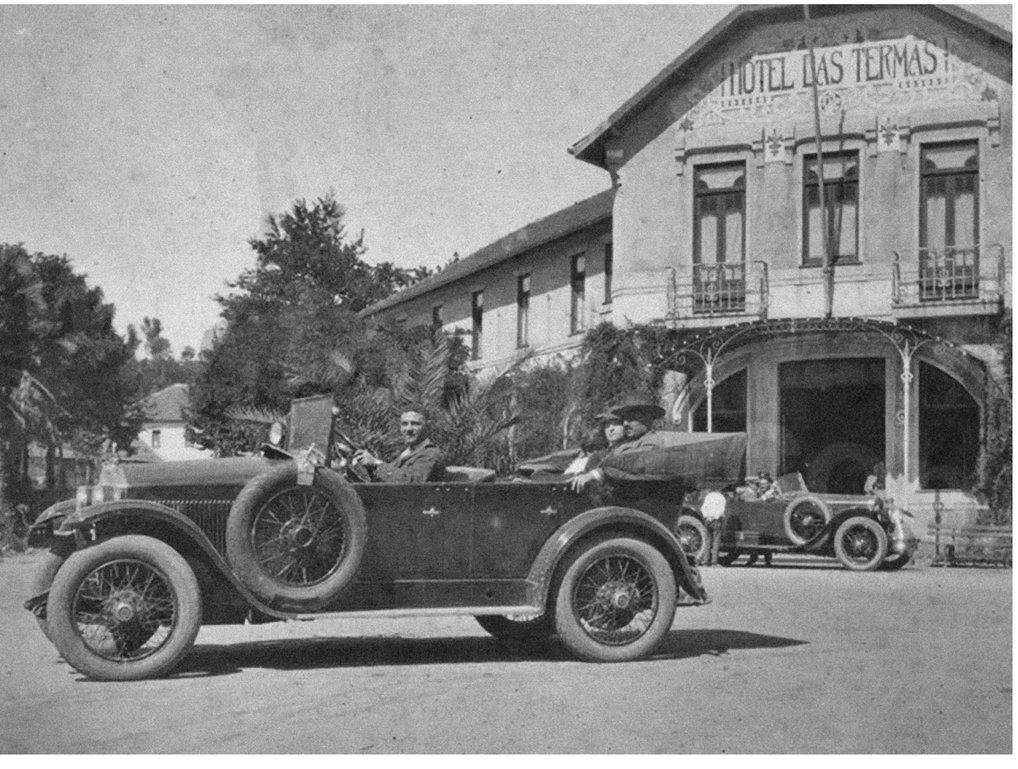
Como fenómeno atemporal, o termalismo revela-se pela sua capacidade de tocar simultaneamente o plano físico, o sensível e o social. Interpela os corpos e os lugares com rara intensidade, transpondo épocas e geografias. A água termal emerge, assim, como elo, energia e cultura viva da humanidade.



3.08
Ambiente dos banhos no séc.XIX em Aix-les-Bains



3.09
Ambiente dos banhos no séc.XIX em Aix-les-Bains



3.10
Ambiente junto ao Hotel
das Termas | 1925



3.11
Jantar comemorativo junto
aos Banhos Velhos | 1922



HOTEL DAS TERMAS

ESTABELECIMENTO TERMAL

ESTÂNCIA TERMAL DAS TAIPAS

A 7 QUILÓMETROS DE GUIMARÃES, A 14 DE BRAGA E A 54 DO PÔRTO

As melhores águas do País para tratamento das doenças de pele e de seguro êxito no tratamento das afecções dos aparelhos respiratório, digestivo e génito-urinário; reumatismo, sífilis, artritismo e diabetes.

Excelente estância de cura, repouso, vilegiatura e turismo, no coração do Minho, com lindos e variadíssimos passeios: Monumentos, cidades, vilas, centros notáveis de actividade; citânias de Sabroso e Briteiros.

Serviço de automóveis. Carreiras diárias de auto-carros para Pôrto, Braga e Guimarães. Serviços postais, telegráficos e telefónicos.

Correspondência:

Empreza Termal das Taipas — TAIPAS
TELEFONE — Rêdes de Braga, 7322

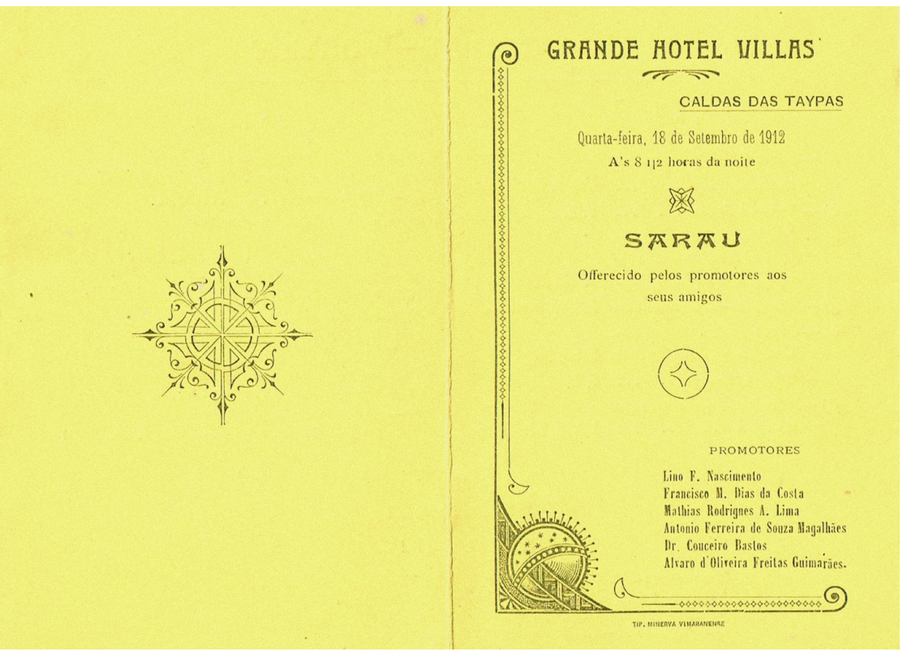
ESTABELECIMENTO TERMAL — As melhores instalações hidroterápicas para duche, imersão, inalações, pulverizações, e irrigações, etc. Desinfecção pelo vapor a 180º. Tratamentos anti-sifilíticos.

Instalações especiais para tratamento das doenças das senhoras.

HOTEL DAS TERMAS — Edificado segundo as leis do turismo. Recomendado pela Sociedade de Propaganda de Portugal. Instalações modernas e confortáveis, reünindo todas as condições de higiene e comodidade para os seus hóspedes. Magnificos salões para jogos e reüniões; parque para diversões e passeios; iluminação eléctrica; garage; ténis.

Excelente tratamento com e sem dieta; regimes alimentares. Ligação directa com o balneário.

3.12
Promoção da Estância Termal das Taipas



GRANDE HOTEL VILLAS

CALDAS DAS TAYPAS

Quarta-feira, 18 de Setembro de 1912

A's 8 1|2 horas da noite

SARAU

Offerecido pelos promotores aos seus amigos

PROMOTORES

Lino F. Nascimento
Francisco M. Dias da Costa
Mathias Rodrigues A. Lima
Antonio Ferreira de Souza Magalhães
Dr. Conceiro Bastos
Alvaro d'Oliveira Freitas Guimarães.

TIP. MINERVA VIMARANENSE

3.13
Programação do Grande Hotel Villas

3.14
Ilustração presente em *"Banhos de Caldas e Aguas Mineraes"*



Secc. Phot.-Heliog

COITADINHAS DAS QUE FICARAM NA CIDADE... COITADINHAS!

A Cultura do Banho nas Caldas das Taipas e a Construção da Identidade do Lugar

Nas Caldas das Taipas, a água é uma força estruturante que se converteu, ao longo do tempo, numa prática viva: o banho. O termalismo aqui enraizado complementa-se, naturalmente, com as praias fluviais e, mais tarde, com as piscinas, criando um tecido coeso onde a água se afirma como um pretexto para o encontro da comunidade, para o usufruto público, para o lazer, a atividade ao ar livre e o cuidado terapêutico, assim como, proporciona toda uma conexão com o ambiente natural que se faz sentir.

Esta cultura do banho não é um acessório, mas um fundamento. Sustenta e compõe a identidade das Caldas das Taipas, assumindo-se como razão de ser e memória coletiva, num gesto que liga o corpo ao território, sazonal ou permanentemente.

A vivência destes espaços intensifica-se também segundo uma certa ciclicidade. As praias fluviais e as piscinas, intensamente usadas nos meses de calor, traduzem a expressão mais sazonal da cultura do banho. Já os espaços termais, cuja prática se encontra geralmente associada a edifícios construídos, beneficiam de uma maior proteção face às variações climáticas. A temperatura das águas, que ronda os 30 a 32 °C, e o facto de se desenvolverem em ambientes controlados, permitem um uso regular ao longo do ano, alheio à ciclicidade das estações. Este duplo regime de uso (sazonal e contínuo) reforça ainda mais o papel central da água na vivência quotidiana e simbólica do lugar.

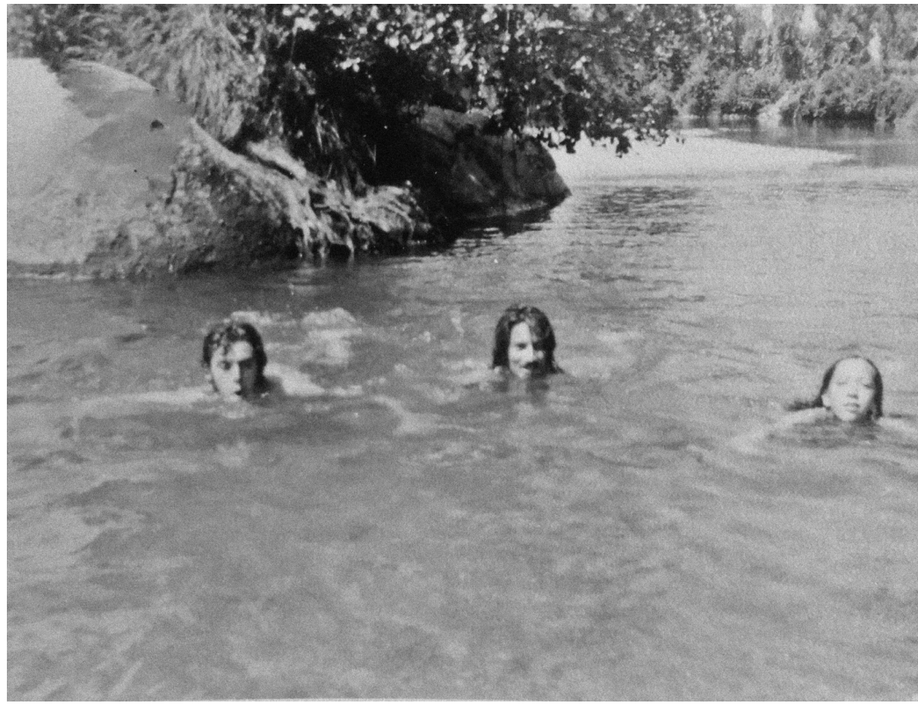
A água, mais do que um recurso, é pertença.

3.15
Praia Fluvial das Taypas





3.16
Praia Fluvial das Taypas | 1973



3.17
Praia Fluvial das Taypas | 1973



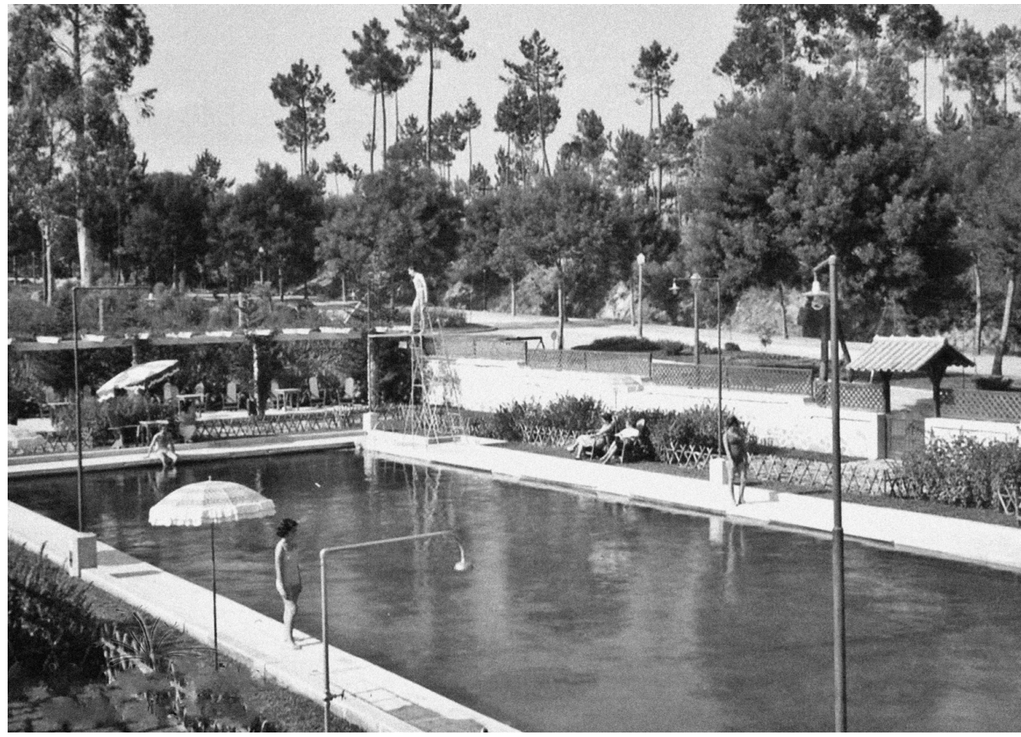
3.18
Praia Fluvial das Taypas



3.19
Praia Fluvial das Taypas



3.20
Piscinas das Taipas | 1963



3.21
Piscinas das Taipas

3.22
Praia Fluvial das Taypas



A Água como Molde da Paisagem e do Tecido Urbano

O impacto da água na paisagem e tecido urbano das Caldas das Taipas, é percetível e presente.

Na paisagem, a criação de praias fluviais e parques de lazer foi determinante, dando forma a espaços de encontro e repouso. Em torno destes, surgiram infraestruturas complementares como ringues de patinagem, parques de campismo, campos de ténis, piscinas públicas e restaurantes, que ajudaram a estruturar a malha urbana.

Por sua vez, o termalismo fez nascer edifícios dedicados à água e ao tratamento, como as termas (Banhos Velhos e Banhos Novos), as Buvettes e os Grandes Hotéis. Estes elementos, inscritos no território, são reflexo direto de uma prática que moldou definitivamente o espaço. A sua presença contribuiu de forma decisiva, direta e indiretamente, para o desenvolvimento progressivo do centro cívico das Taipas, área profundamente marcada pela atividade termal. O crescimento do termalismo potenciou a construção de habitação adjacente, bem como de serviços complementares de saúde, segurança, economia e cultura, que surgiram em resposta à afluência e dinamismo que este fenómeno gerava. Estes objetos termais são, assim, fundamentais na configuração do tecido urbano, sobretudo no centro cívico, influenciando os ambientes, a morfologia e o carácter dos espaços, que se desenharam em torno desta cultura da água e do lazer.

O impacto da cultura do banho no desenho da paisagem e na evolução do tecido urbano é, assim, evidente e fundamental para compreender a identidade e o desenvolvimento do lugar

3.23
Referência dos espaços e construções mais relevantes que compunham o tecido urbano das Caldas das Taipas.



1



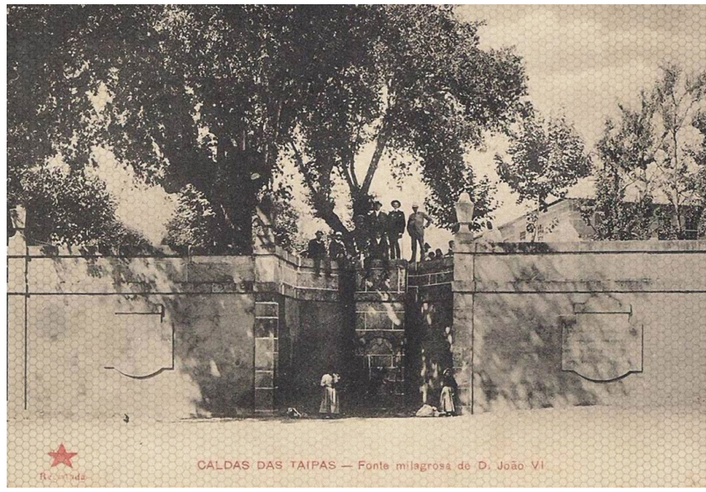
3.24
Banhos Velhos | 1900

2



3.25
Grande Hotel Villas | 1914

3



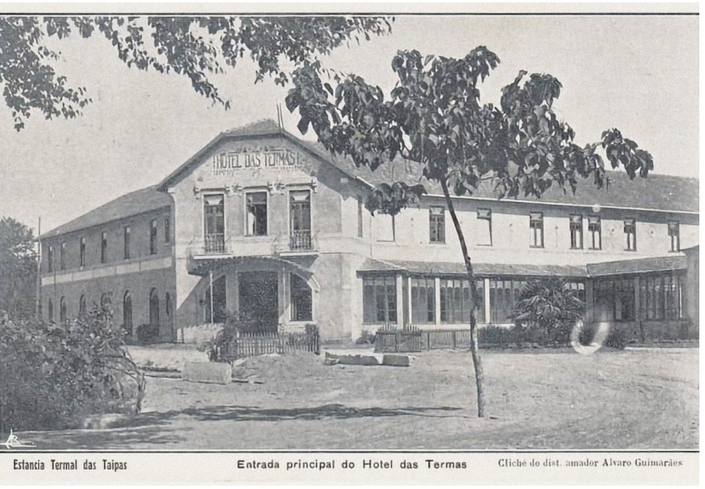
3.26
Fonte D.João VI

4



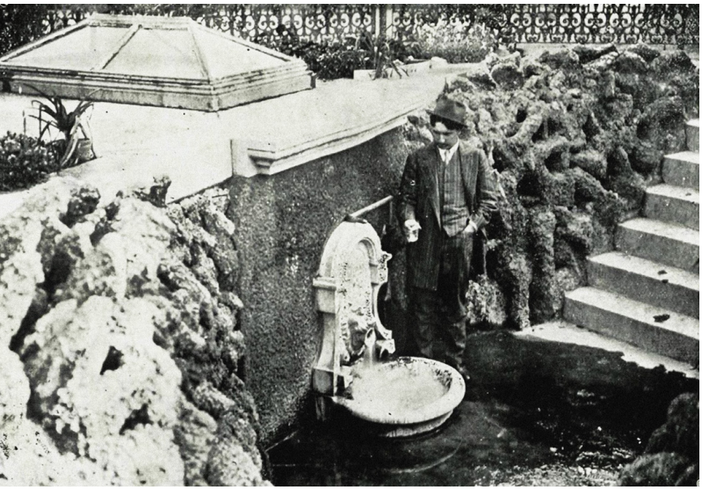
3.27
Banhos Novos | Thermas | 1915

5



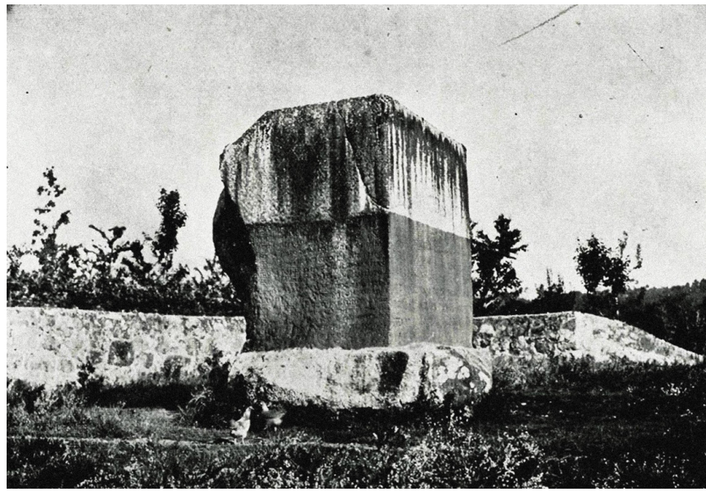
3.28
Hotel das Termas | 1917

6



3.29
Fonte do Leão | 1912

7



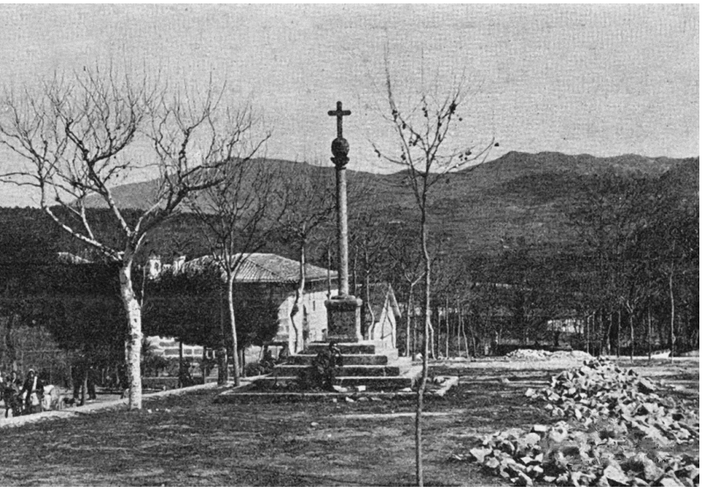
3.30
Ara de Trajano | 1912

8



3.31
Igreja Matriz das Taipas | 1915

9



3.32
Cruzeiro

10



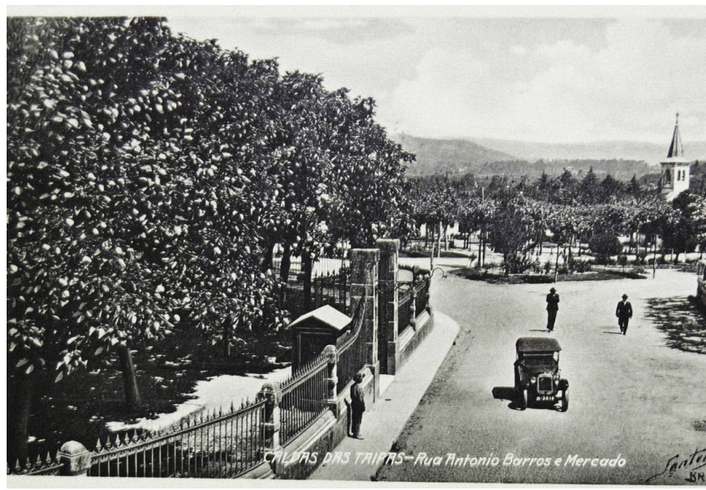
3.33
Posto Médico

11



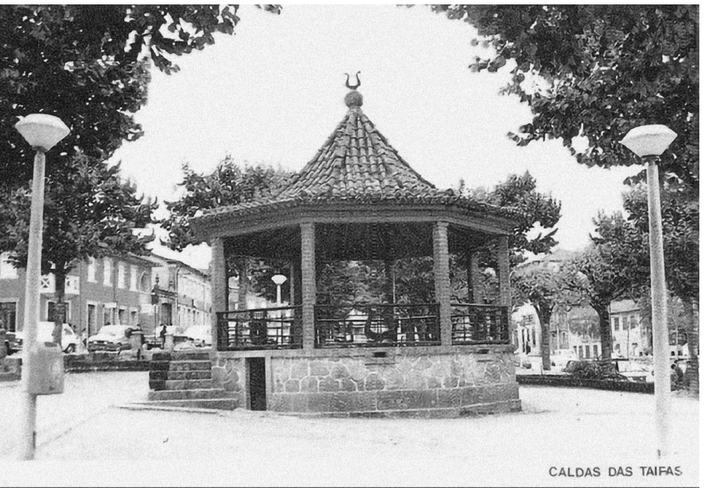
3.34
Feira das Taipas | 1906

12



3.35
Mercado das Taipas | 1934

13



3.36
Coreto

14



3.37
Grande Hotel das Taypas | 1937

15



3.38
Chafariz | 1906

16



3.39
Capela de Santo António | 1912

17



3.40
Tabacaria

18



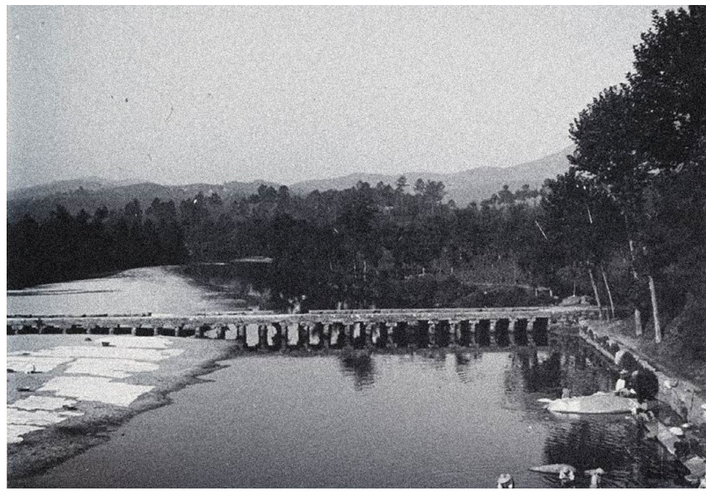
3.41
Hotel Braga | 1916

19



3.42
Bombeiros | 1976

20



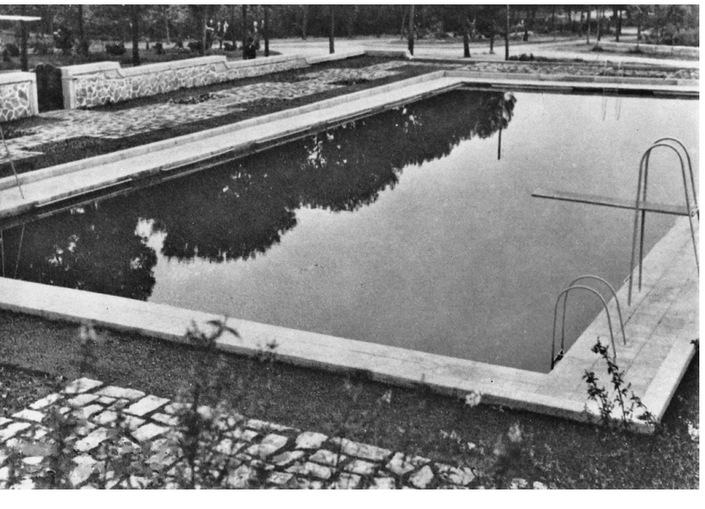
3.43
Ponte Romana das Taipas | 1919

21



3.44
Ponte dos Três Arcos | 1920

22



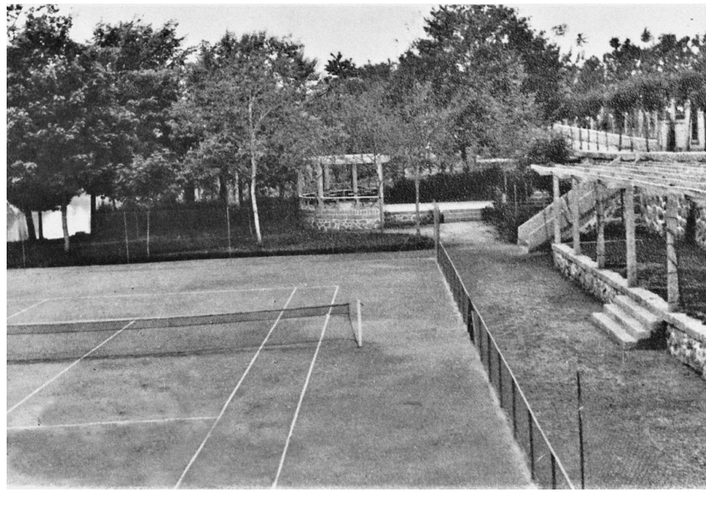
3.45
Piscinas das Taipas

23



3.46
Alameda

24



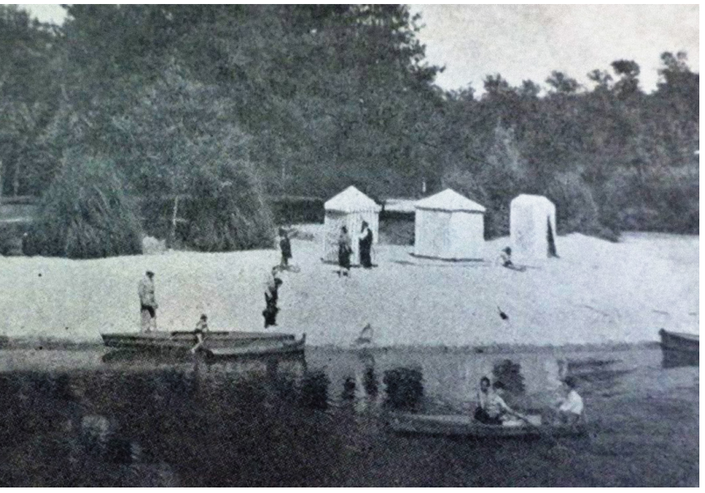
3.47
Campo de Tenis | 1950

25



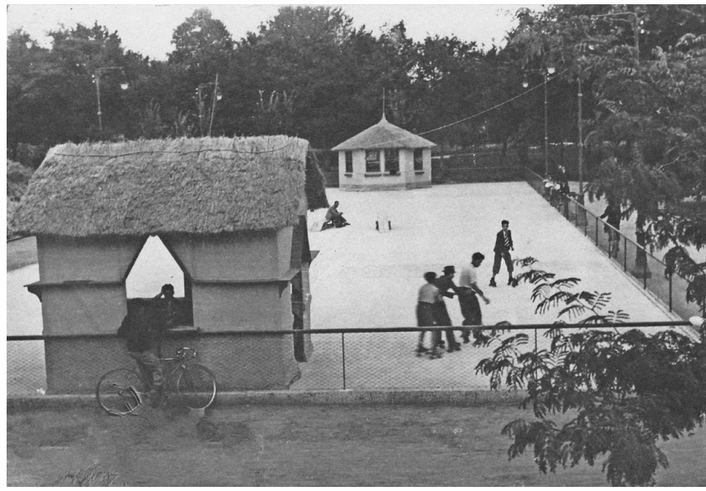
3.48
Parque das Taipas | 1960

26



3.49
Praia Fluvial das Taipas | 1948

27



3.50
Ringue de Patinagem

28

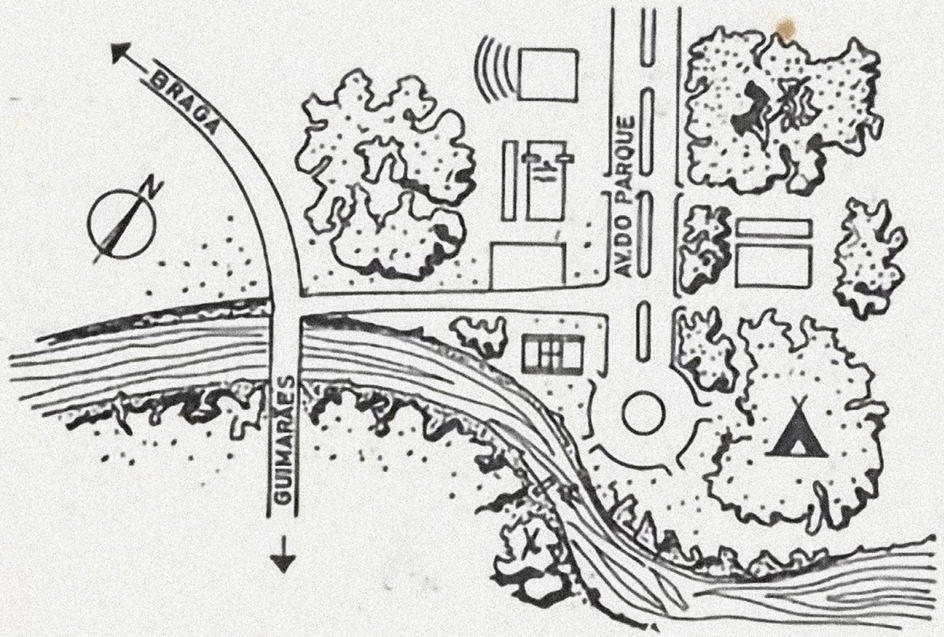


3.51
Parque de Campismo

3.52
Promoção do Parque de Campismo das Taipas | 1964

003 — CALDAS DAS TAIPAS

TAIPAS



- 220

TAX

- 5$00

- 300 m

- 100 m

- grátis

- 47274

- 5$00

- 5$00

- 300 m

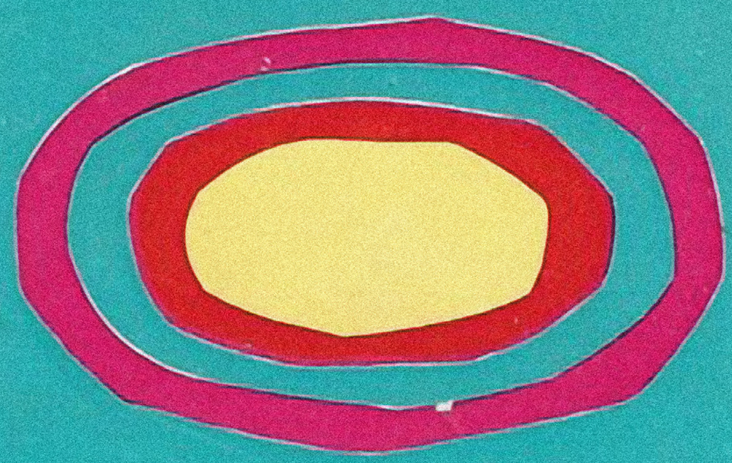
- grátis

Aberto — Ouvert — Opened — Geöffnet: 1/6 — 10/10

Posto de Abastecimento Shell

roteiro

CAMPISTA





camping guide

Os Banhos Velhos e a Memória dos Espaços Termais

Os Banhos Velhos (primeiro edifício termal das Caldas das Taipas), tal como os Banhos Novos (Edifício termal posterior aos Banhos Velhos) ou os espaços a eles associados, merecem especial atenção pela relevância que assumem na estrutura e identidade do lugar. A sua história é indissociável do desenvolvimento das Caldas das Taipas e é a partir deles que se consolida uma memória termal densa e singular. Por isso, importa abordar sinteticamente o desenrolar desta história, com especial foco nos Banhos Velhos, âncora da cultura do banho no território.

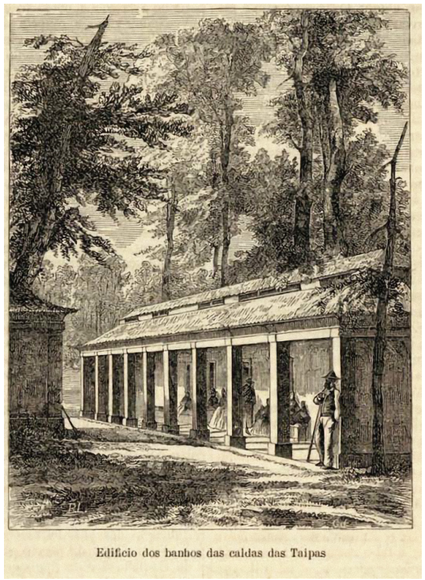
Após o período romano, o balneário termal viria a cair no esquecimento e desaparecer, assim como grande parte da presença romana nas Caldas das Taipas. Apenas em meados do século **XVIII** se registam novas interações com as águas termais. Entre **1753** e **1779**, o boticário carmelita Frei Cristóvão dos Reis[4], assinalou as propriedades terapêuticas das águas, iniciando-se uma exploração rudimentar, com poços escavados na terra e cobertos com restos vegetais, substituídos mais tarde por cabanas de madeira, ainda precárias. *"... na distancia de légua e meia, com pouca diferença, da cidade de Braga, Junto ao Rio-Ave, ao lado esquerdo da estrada, que vai para Guimarães, perto de um pequeno ribeiro do Lugar do Couto. Freguesia de Caldellas, estão cinco mananciais de agua quente branda, bastante sulfúrea, que pode remediar a muitos enfermos, se houver curiosidade de fazer tanques cubertos, que em todas as estações do tempo se podem nellas tomar banhos; por estarem em sítio aprazível, e entre as duas famosas Povoações de Braga e Guimarães." - Reis, Frei Christovão Dos. (1779). Reflexões experimentaes methodico-botanicas : muito uteis, e necessarias para os professores de medicina, e enfermos...* .Em **1818**, a crescente procura levou a Câmara Municipal de Guimarães a promover obras de embelezamento do terreiro e a construção de uma fonte pública, bem como o encanamento das águas termais para o seu devido aproveitamento.

Em **1843**, foi concluída a construção do primeiro balneário termal, composto por uma galeria de distribuição aberta, a partir da qual se acediam a celas individuais, marcando o início de um complexo progressivamente expandido. Durante estas obras, foram descobertas as antigas termas romanas, até então desconhecidas, conduzindo à sua exposição na quase totalidade e levantamento desenhado por Pereira Caldas[5], que viria a publicar a *Noticia Topographica das Caldas das Taipas*, em **1854**.

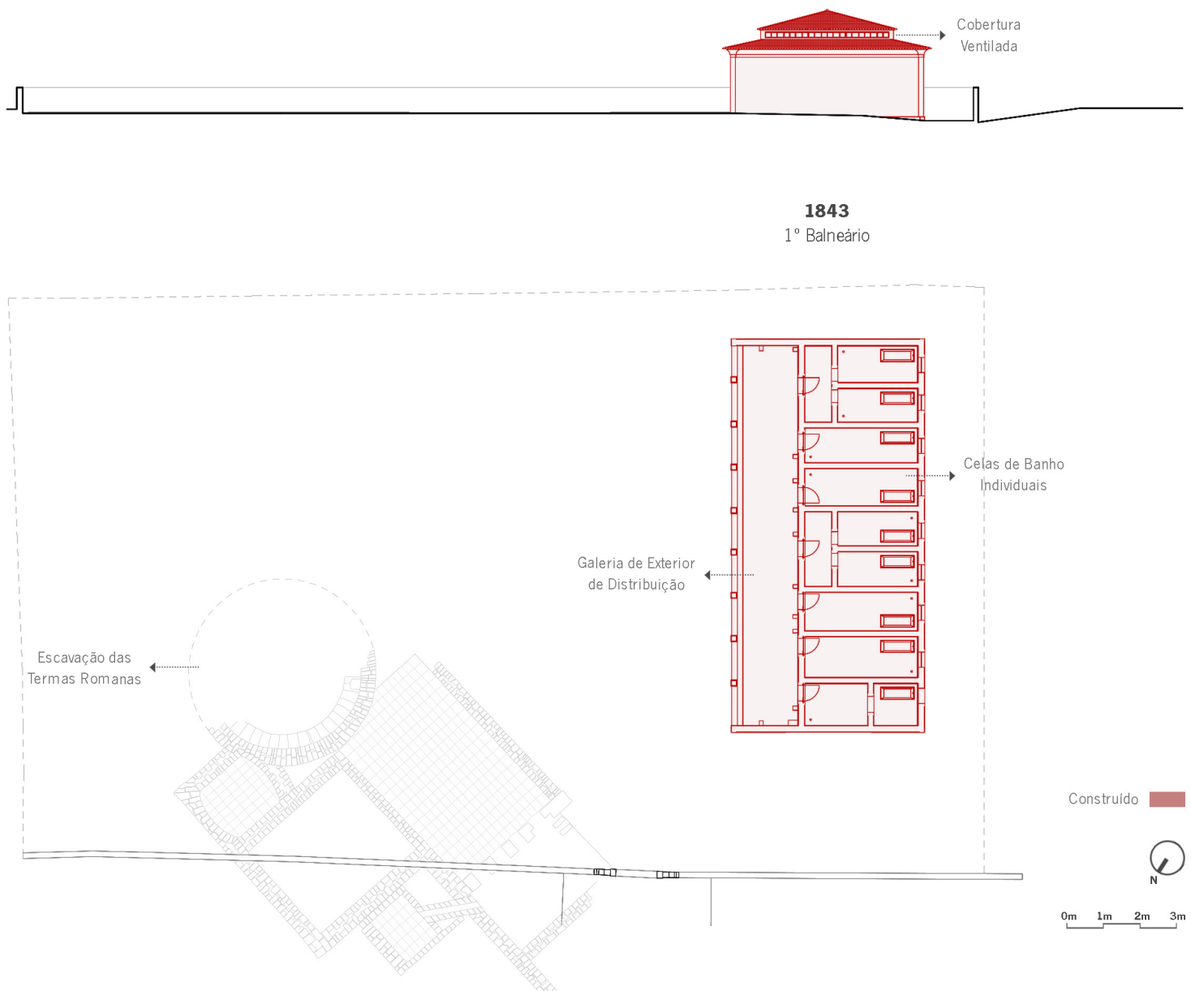
Até **1867**, é erguido um segundo balneário, mais pequeno, com um tanque para aproveitamento comunitário e em **1875** inaugura-se o terceiro, de tipologia dodecagonal, construído parcialmente sobre as ruínas romanas soterradas, passando a ser o corpo de primeira classe do complexo. A sua distribuição era feita a partir de duas alas simétricas que conduziam a um espaço de orientação central, a partir do qual se acediam às dez celas termais construídas. Estes três balneários constituem os chamados Banhos Velhos.

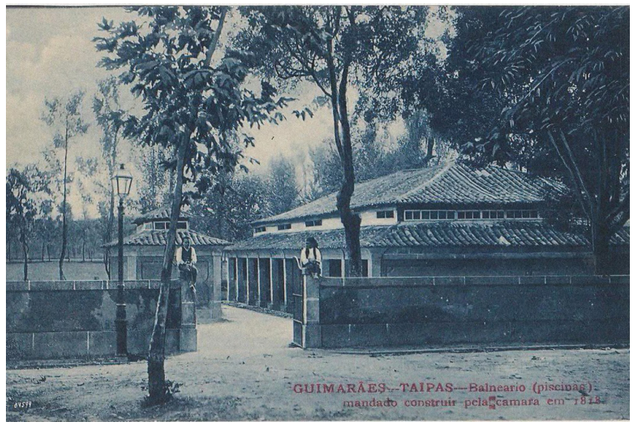
4 Frei Cristóvão dos Reis - Farmacêutico-Botânico e Administrador da botica do Convento de Nossa Senhora do Carmo.
5 José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Professor e Investigador Português (1818 – 1903)

3.53
1º Balneário dos Banhos Velhos



3.54
Recomposição formal do Banhos Velhos
| 1

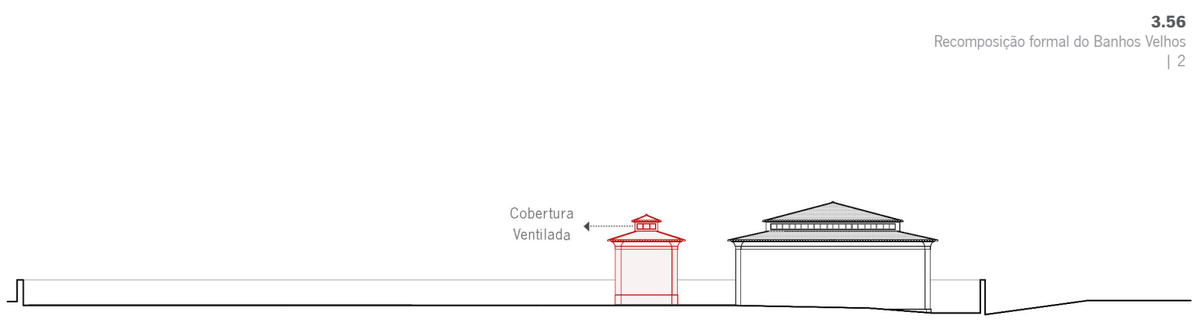




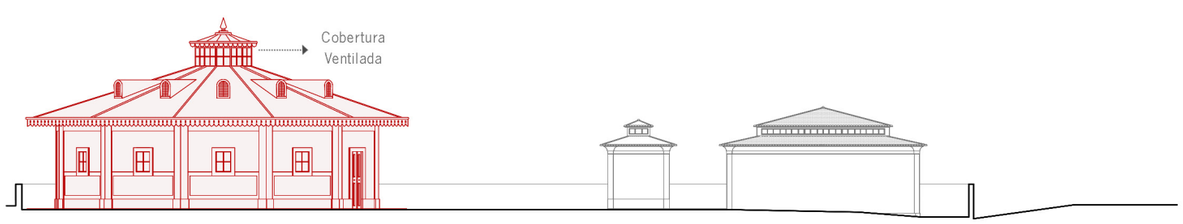
3.55
Primeiros dois Balneários
do Conjunto



3.57
Balneário Dodecagonal | 1875

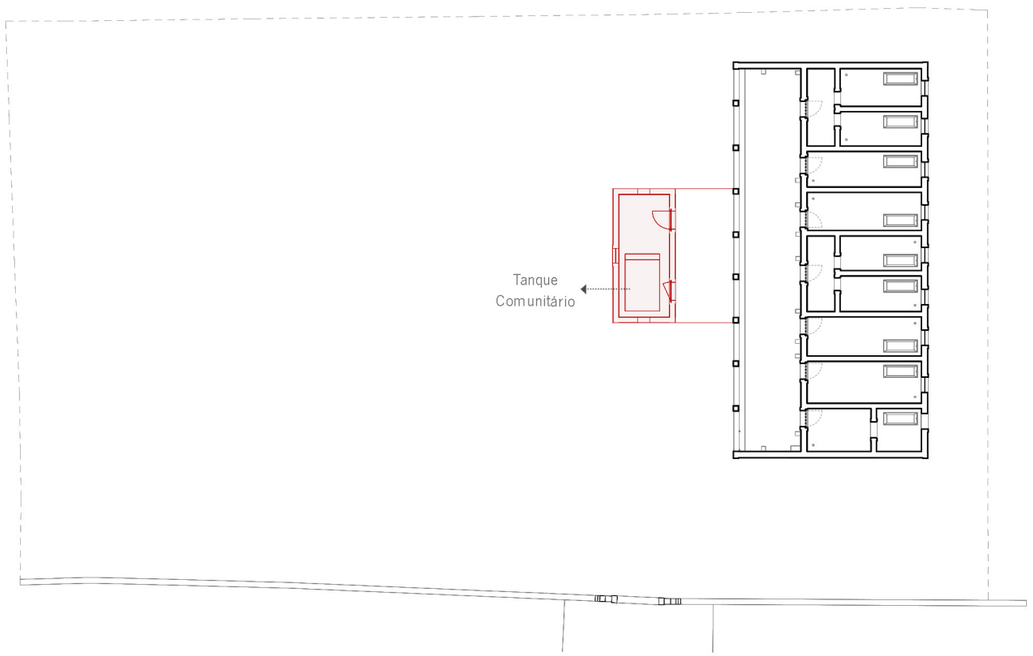


3.56
Recomposição formal do Banhos Velhos
| 2

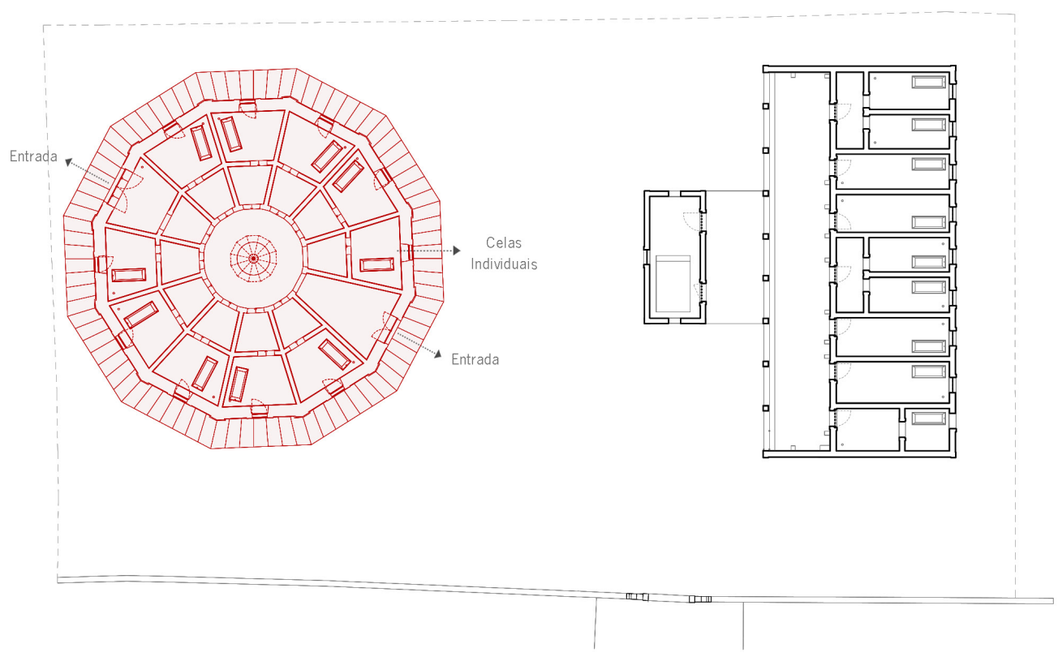


3.58
Recomposição formal do Banhos Velhos
| 3

1844 - 1867
2º Balneário



1875
3º Balneário



Construído

N

0m 1m 2m 3m



3.60
Fonte do Leão



3.59
Banhos Novos | Thermas | 1912

Entre **1906** e **1910**, foram edificados os Banhos Novos, a cerca de 100 metros dos anteriores, com uma orientação diferente, assumindo-se como novo espaço de primeira classe, enquanto os Banhos Velhos serviam a segunda e terceira, o que revela uma hierarquização e elitização do acesso a estes estabelecimentos. Aquando desta intervenção, foram relatados avistamentos de ruínas, das quais se supõe serem romanas. Este novo balneário, de fachada simétrica e dominado por um corpo mais elevado central e duas alas laterias, surge por iniciativa da Empreza Thermal das Taypas (**1906**). Contemporaneamente, foi, também, inaugurada a fonte do leão (**1907)**. Assim, respondia-se à crescente procura pelas águas termais das Caldas das Taipas, enquadrando o complexo nas tendências e programas mais atuais do termalismo.

Até **1939**, os Banhos Velhos sofreram várias alterações, com o objetivo de unificar a leitura do edifício, modificando compartimentos, vãos e coberturas.

Em **1977**, por decisão da Direção-Geral de Saúde, os balneários foram encerrados devido à inquinação das águas, resultante da precariedade do saneamento básico, da industrialização e da atividade agropecuária.

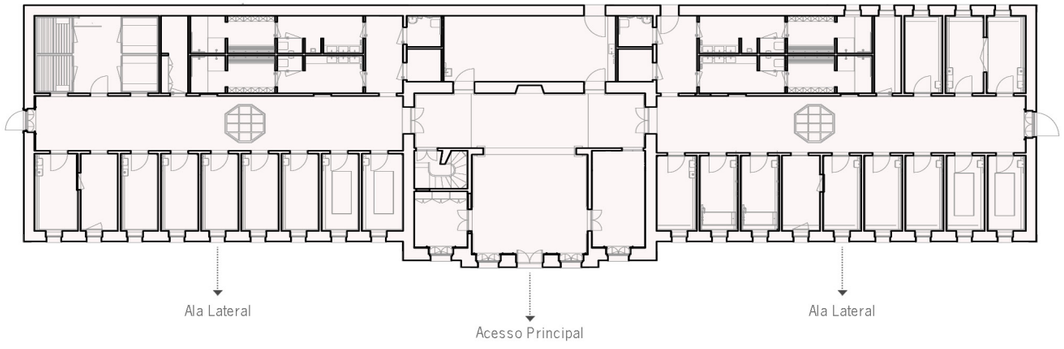
Posto isto, devido à persistência e vontade da Empreza Thermal das Taypas, procedeu-se à requalificação e tratamento das águas, para que pudessem continuar a operar. No entanto, reconhecendo o valor deste património termal, em **1984**, as termas passaram para gestão municipal e foi fundada a cooperativa Taipas-Turitermas. Os esforços concentraram-se na reabertura dos Banhos novos, o que aconteceu em **1996** e continuam em funcionamento até hoje.

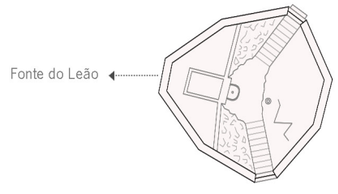
Os Banhos Velhos, provavelmente por falta de verbas, não chegaram a ser reabertos e caíram na ruína. Em **2010**, procederam-se obras de restauro, que consistiram em grande parte na recuperação da cobertura do volume dodecagonal, no desenho de algumas peças pelo exterior como rampas de acesso e na limpeza e renovação de rebocos, sem reativação funcional, encarando o edifício como uma ruína musealizada. Aquando destas obras, foram realizados trabalhos arqueológicos, deixando documentada parte da ruína romana soterrada. Apesar de os Banhos Velhos, hoje, serem utilizados pontualmente para eventos culturais, permanecem à margem, numa progressiva decadência.

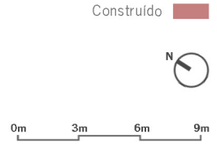
3.61
Planta e Alçado principal dos Banhos Novos

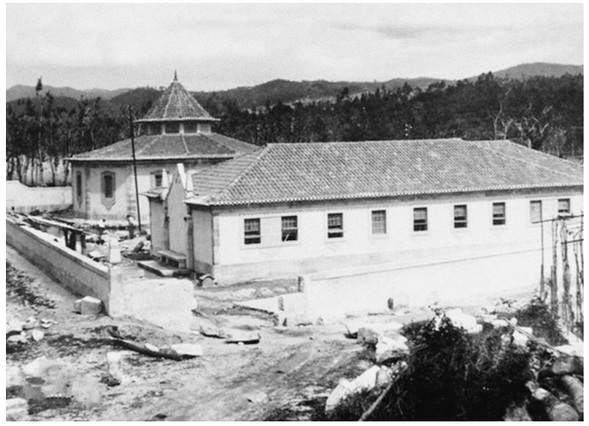


1906 - 1910
Banhos Novos | Thermas





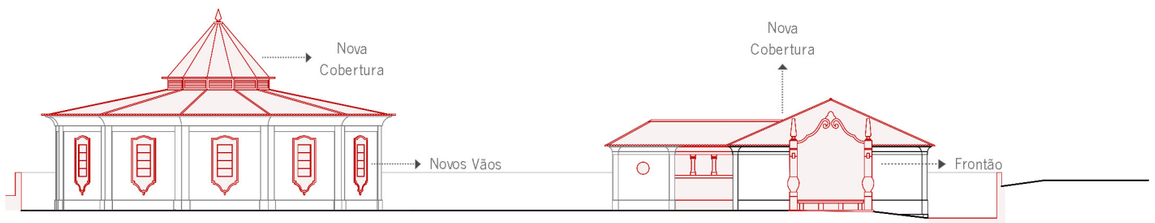




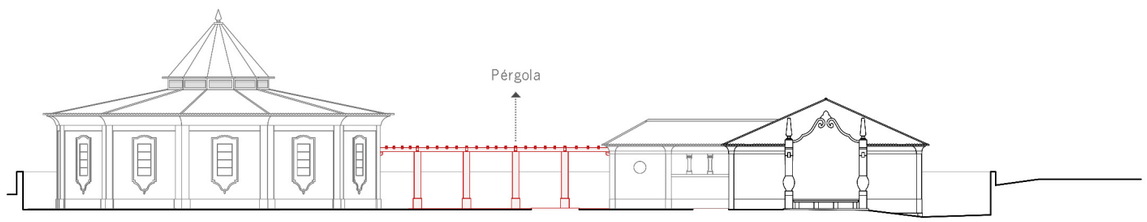
3.62
1ª Alteração aos Banhos Velhos



3.64
2ª Alteração aos Banhos Velhos

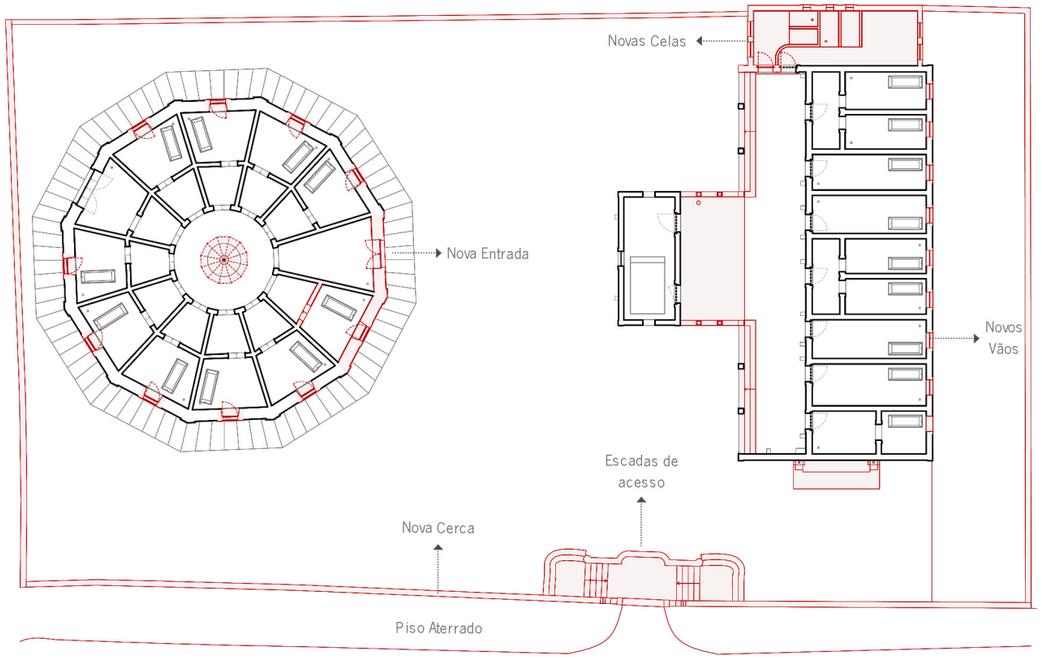


3.63
Recomposição formal do Banhos Velhos
| 4

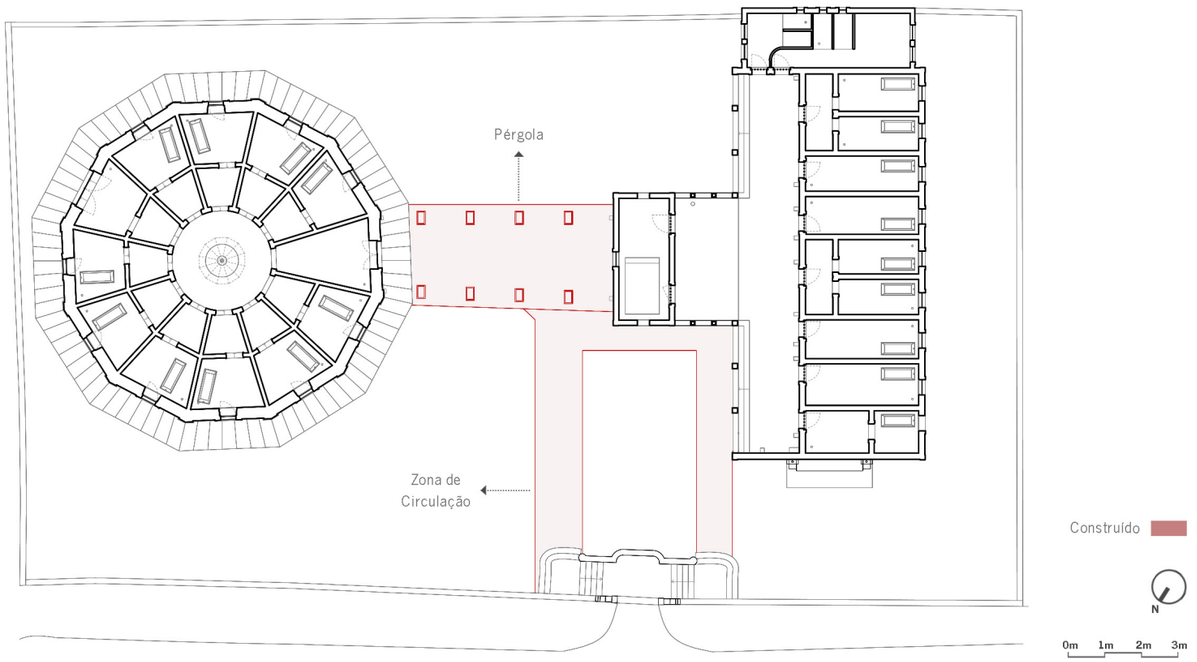


3.65
Recomposição formal do Banhos Velhos
| 5

1939
1ª Fase de alteração aos Balneários



1939
2ª Fase de alteração aos Balneários



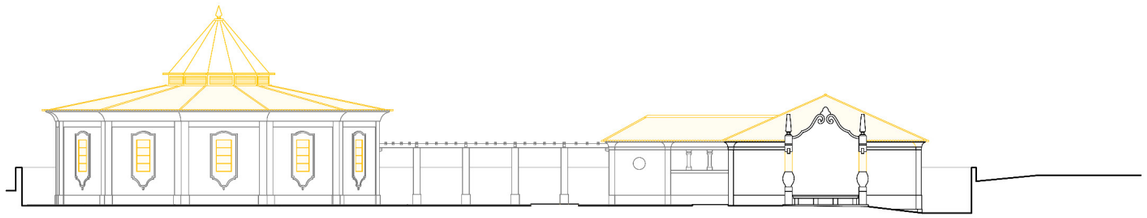


3.66
Banhos Velhos em Ruína | 2009

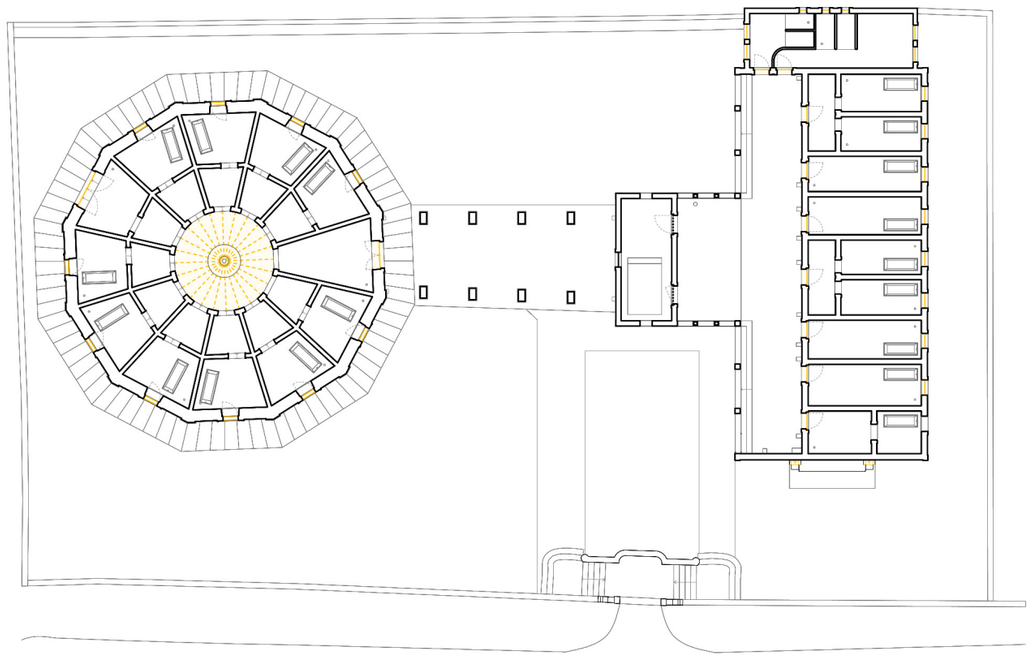
3.68
Intervenção de Restauro
nos Banhos Velhos | 2010



3.67
Recomposição formal do Banhos Velhos
| 6

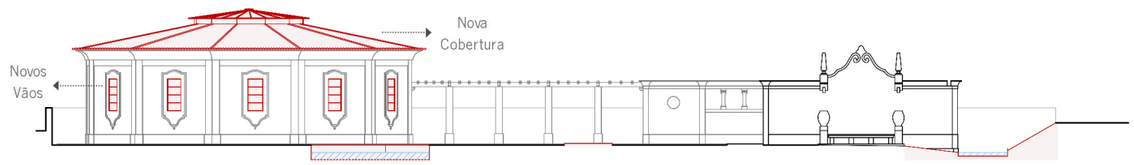


1977 - 2010
Elementos Arruinados



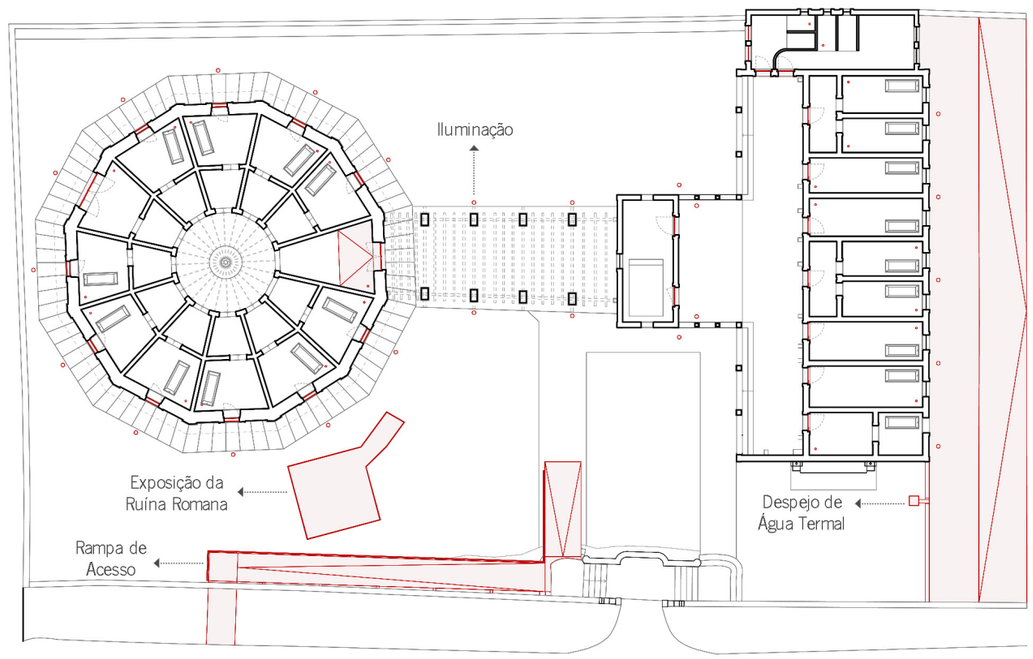
Destruído

3.69
Recomposição formal do Banhos Velhos
| 7



Exposição da
Ruína Romana

2010
Intervenção de Restauro



Construído

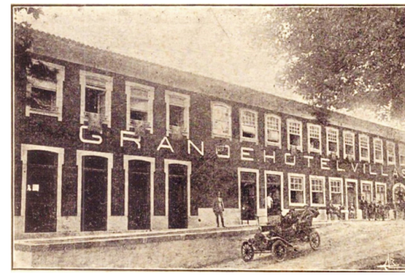
N

0m 1m 2m 3m

Estas estâncias termais tiveram um impacto decisivo no desenvolvimento urbano das Taipas, impulsionando, no século XIX e inícios do século XX, a construção de **quatro hotéis**: Grande Hotel Villas, Grande Hotel Braga, Grande Hotel das Taypas e Hotel das Thermas. Equipamentos que comprovam a relevância do termalismo e emergência de novos hábitos sociais, nomeadamente no que se refere ao cuidado com o corpo. É precisamente através do espólio fotográfico reunido que se consegue evocar a vivência intensa e o prestígio que estes espaços promoveram.

Os Banhos Velhos não são apenas ruína. são memória viva. São a origem e o símbolo maior da cultura do banho nas Taipas, e a sua presença, ainda que discreta, continua a ressoar na paisagem e no imaginário de quem reconhece na água termal a essência do lugar.

3.70
Grande Hotel Villas



3.71
Grande Hotel Braga | 1900





3.72
Grande Hotel das Taypas | 1937



3.73
Hotel das Termas | 1959






HOTEL DAS TERMAS







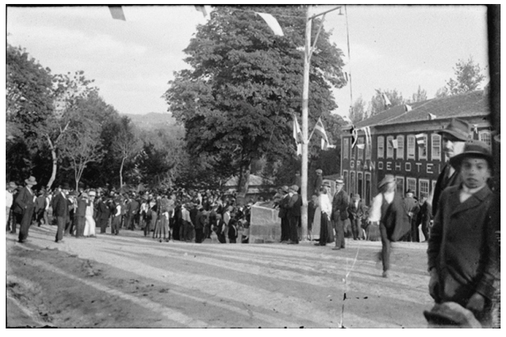





LAS






GRANDE HOTEL




THERMAS



Idade do Bronze — a.c. | d.c. — 2025

Idade do Ferro

Povoado da Citânia de Briteiros



Séc. I

Bracara Augusta - Capital da provincia da Galécia

Séc. I

Via Bracara Augusta - Emérita Augusta, por Tongogriga

Deslocação dos habitantes da Citânia de Briteiros para os vales

Miliário de Trajano São Martinho de Sande

Ara de Trajano



Ponte Romana das Taipas



Séc. XVI

Construção da Capela de Santo António



1692 - 95

Reconstrução da Capela de Santo António

1747

Realização das primeiras análises das águas termais

Novos programas médicos e novo entendimento de arquitetura balnear

Refundação hospitalar e valorização das águas termais

1753 - 79

Primeiros poços e barracas de madeira registados para exploração das águas termais

1753

Reconhecimento e aconselhamento do uso das águas termais das Taipas para usos medicinais por parte de **Frei Cristóvão dos Reis**

1842

Definida a feira mensal



1818

Primeiras obras de embelezamento do terreiro, construção de fonte pública termal, encanamento das águas e **primeiras construções balneares**

1844 - 54

Descoberta a quase totalidade das **ruinas do balneário termal romano**

1843

Construção do **primeiro balneário dos Banhos Velhos**



2ª metade Séc. XIX

Construção do **Grande Hotel Villas**



1854

Notícia topográfica de Caldas das Taipas por **Pereira Caldas**



1863 - 67

Construção do **segundo balneário dos Banhos Velhos**



1867

Novas captações de água

Análise das águas termais das Taipas por Agostinho Lourenço que constam no catálogo para a *"Exposition Universelle de Paris"*

Ponte dos Três Arcos



1891

Construção do cemitério das Taipas

1874

Construção do **terceiro balneário dos Banhos Velhos - Dodecágono**



1910 - 15

Construção da Igreja Matriz de São Tomé de Caldelas



1915 - 23

Construção do **Hotel das Thermas**



1916

Ampliação do Grande Hotel Villas

1906 - 10

Fundação da **Empreza Thermal das Taypas**

Construção dos **Banhos Novos - Thermas**



Supostos vestigio Romanos encontrados aquando das obras dos Banhos Novos

Construção da **Fonte do Leão**



1911 - 12

Construção do Mercado da Vila



1915

Quatro Grandes Hotéis em funcionamento:

Grande Hotel Villas

Grande Hotel Braga

Grande Hotel das Taypas

Hotel das Thermas

1917

Demolição da Capela de Santo António

Década de 30 do Séc. XX

Encerramento dos Grande Hotéis Braga e Taypas

1938

Construção do Ringue de Patinagem



1939

Obras de remodelação nos Banhos Velhos



1940

Elevação das Caldas das Taipas a Vila

1948

Construção do Parque Infantil e dos Campos de Ténis



1950

Construção das Piscinas Públicas



Expansão industrial das Cutelarias

1977

Início do abandono dos Banhos Velhos

Encerramento dos estabelecimentos termais por ordem da DGS devido as águas inquinadas



Década de 90 do Séc. XX

Abandono do Grande Hotel Villas

1984

Recuperação das termas para a gestão municipal e respetiva criação da **Cooperativa Taipas-Turitermas**

1996

Reabertura dos Banhos Novos - Thermas remodelados

2004

Ampliação do Hotel das Thermas

2005

Abertura do **Spa Termal** nos Banhos Novos

2010

Criação do **programa cultural** dos Banhos Velhos



Trabalhos arqueológicos no balneário romano aquando da intervenção

Obras de restauro nos Banhos velhos

2015

Abertura da **Clínica Médica de Saúde** junto aos Banhos Novos

Resgatar a Experiência do Banho 4

Os Banhos Velhos

Os Banhos Velhos que me atraem,
Num sussurro da água, doce e gentil.
Na sua voz, uma memória esvai,
Revela a alma de um lugar subtil.

Há algo que vive, mas jaz esquecido,
Uma essência que nunca deixou de ser.
Desperta a vontade de dar-lhe sentido,
De desenhar a água e os Banhos a renascer.

Um projeto íntegro e sereno,
Com uma clara razão de existir,
Uma obra que fale em tom pequeno,
Que se deixe apenas fluir.

O lugar que me guie atento,
Que mostre o seu significado.
Usar o terreno como o meu alento,
Num traçar muito delicado.

Nessas premissas, surgirão
As mais diversas formas de interpretar,
O futuro, o presente e o passado,
Refletindo o espírito do lugar.

Ele que fale; eu vou escutar,
Vou deixar-me persuadir.
Cada pedra, cada som, cada detalhe,
Um projeto do lugar para se sentir.

Do autor, Francisco Mendes Ribeiro.



Princípios Orientadores da Intervenção: Caldas das Taipas e Rio Ave, da Paisagem ao Banho Termal

Os Banhos Velhos, mais do que um edifício, configura-se como um verdadeiro palimpsesto de componentes físicos, simbólicos, sociais e culturais, que aguardam não apenas reabilitação, mas sobretudo reconhecimento enquanto matriz identitária.

Todavia, a definição do projeto exigiu uma leitura que transcendesse o objeto arquitetónico isolado. Considerou-se essencial adotar uma estratégia que partisse da macroescala e microescala, que não são apenas espaciais, mas também temporais, devido aos antecedentes históricos sociais e culturais. Esta abordagem alargada permitiu construir uma visão ajustada à escala e à complexidade da intervenção, revelando relações estruturantes entre a orografia, a presença do Rio Ave, a cultura do termalismo e a configuração urbana das Taipas. Só a partir dessa compreensão territorial foi possível descer progressivamente à escala do edifício, do espaço e, por fim, do corpo. "*A explicação de um projecto de arquitectura pode, nalguns casos, estar obrigada a deter-se mais na contextualização que nas opções e decisões.*" Valentim, N. (2021, p.200), in: Mendes Ribeiro, J. (2021). *O Desenho como Mediação. As Termas Romanas de São Pedro do Sul, por João Mendes Ribeiro.*

Este movimento gradual de aproximação permitiu reconhecer que o projeto não emerge apenas de uma intenção formal, mas de uma resposta - consciente e inconsciente - a todo o processo de observação, documentação e interpretação prévias do ambiente urbano e rural. A tentativa de replicar ou reinterpretar determinadas ambiências existentes no lugar, mesmo nas suas expressões mais subtis, tornou-se estruturante: os odores e sons característicos da água e do campo, as espécies vegetais que definem o carácter do coberto vegetal ao longo do ano, as variações cromáticas e atmosféricas que moldam a perceção do espaço. Estes elementos sensoriais e imateriais influenciaram diretamente a forma de pensar o projeto, determinando como se organiza, se atravessa e se vive a arquitetura.

Paralelamente, a análise histórica realizada - tanto da cultura do banho como da evolução dos próprios Banhos Velhos - constituiu um suporte fundamental para a intervenção. Esta consciência não é mera referência, mas uma ferramenta ativa de projeto, implicando decisões que procuram reinscrever valores, práticas e significados que estruturaram o lugar ao longo do tempo. O banho, entendido como gesto primitivo, ritual e social, não só organizou a vida da vila, como dotou o tecido urbano de dinâmicas, hábitos e significados que ainda ecoam. Qualquer proposta que aqui surja tem de reconhecer essa herança: a água e o banho como matriz conceptual e operativa. Ignorar esta essência é quebrar um elo fundamental com a identidade do lugar.

Neste contexto, compreendeu-se que projetar não significa apenas preservar uma memória, mas prolongá-la no tempo. Mais do que conservar o existente, a proposta ambiciona construir novo património - isto é, gerar significado, capaz de atualizar e projetar a herança termal. Trata-se, portanto, de um gesto de continuidade cultural: reinscrever o ato do banho na paisagem e no quotidiano, conciliando passado e futuro, identidade e experiência, social e cultural.

Contudo, foi através de um detalhe inesperado que o projeto encontrou a sua chave: a identificação de perdas sistemáticas de água termal nos Banhos Velhos. Água que se escoa silenciosamente, infiltrando os espaços, sendo constantemente bombeada e descartada na Ribeira da Canhota, sem proveito, sem presença e sem propósito, o que se transformou numa oportunidade de projeto: recuperar as águas termais; reativar os Banhos Velhos, reencontrando e reinterpretando o uso para o qual foram construídos; e restituir a sua dimensão cívica, convocando uma lógica de convivência pública e social próxima do modus romano.

Neste quadro, a água afirma-se como espinha dorsal e princípio organizador da intervenção. Ela estrutura o plano, orienta os percursos, define as atmosferas e reconfigura a relação entre edifício, corpo e paisagem. A água deixa de ser apenas matéria natural ou recurso funcional e torna-se agente espacial, simbólico e cultural: é o alento do projeto.









A constatação das perdas sistemáticas de água termal nos Banhos Velhos orginou a criação de um canal de água termal que recolhesse a água proveniente dos respetivos pontos de fuga e a conduzisse até ao Rio Ave, no sentido de proceder ao seu aproveitamento.

Esta solução finspira-se e apoia-se no canal recentemente projetado na Ribeira da Canhota, no âmbito do projeto de requalificação do centro cívico das Taipas, desenvolvido pelo Centro de Estudos da Escola de Arquitetura, Artes e Design da Universidade do Minho e coordenado por Juan, Marta Labastida (2016). Essa referência tornou evidente e clara a possibilidade de adotar e projetar a partir de um percurso de água organizador e condutor de uma ideia mais ampla, futura.

A solução do canal termal constitui-se como eixo estruturante da intervenção, potenciando a implantação e organização de equipamentos e elementos relacionados com o uso da água termal. A água, conduzida, é simultaneamente disponibilizada para uso público, reforçando a função social e cívica do espaço. Nesse sentido, propõe-se a instalação de um tanque termal exterior de acesso livre, destinado à comunidade, como expressão direta da intenção de "recuperar o uso" e consolidar o seu valor identitário. Esta nova estrutura organiza-se de forma aberta e inclusiva, afastando-se dos modelos oitocentistas que refletiam hierarquias com separações e exclusões sociais.

Nos Banhos Velhos, a intervenção centra-se na reorganização e renovação dos espaços interiores, redesenhando as celas termais e, pelo exterior, recuperar a leitura dos três volumes independentes que compõem o conjunto. A intenção da proposta é restituir ao conjunto arquitectónico uma leitura integral, permitindo a reativação e uso dos seus espaços numa lógica de continuidade na estratégia mais ampla.

A intervenção integra a ruína romana, atualmente soterrada, tornando-a visível e interpretável, valorizada, sendo parte integrante da narrativa do lugar, detendo a intervenção por parte da arqueologia um papel fundamental no seu reconhecimento. Ao torná-la legível, passa a contribuir para a evidenciação dos estratos temporais presentes na conformação deste lugar, atestando a antiguidade da relação com a água.

Em torno do canal, projetam-se dispositivos complementares, fragmentos que evocam e interpretam a cultura termal, integrando-os formal e funcionalmente no presente: duches e balneários de apoio, *buvettes*, fontes de despejo e lava-pés. Estes elementos, além da sua função, possuem uma intenção formal, organizativa, lúdica e simbólica, evocando ora a lógica de composição dos jardins da Roma antiga, com peças e esculturas que os pontuavam, ora os dispositivos do termalismo dos séculos XIX e XX, responsáveis pela animação e conotação do ambiente do lugar. São peças com valor próprio, que reforçam a ambiência do lugar.

Complementarmente, propõe-se a criação de um miradouro, uma elevação na paisagem que convoca a presença, o contraponto e relação visual com a Ara de Trajano, assumindo-se como gesto simbólico e de contemplação, ajudando a estabelecer eixos visuais e, de alguma forma, remeter ao *cardo* e ao *decumanus* enunciados aquando da análise histórica do território, aspeto que contribui para colocar em diálogo as marcas de tempos distintos.

Ao longo do percurso, são integrados espaços naturais e vegetais, como bosquetes, e pequenos espaços arborizados, que proporcionam sombra, pausas e contemplação, reforçando a dimensão ritual e sensorial associada ao banho. A intervenção prevê também uma ponte pedonal sobre o Rio Ave, assegurando a continuidade do percurso termal e a sua ligação à margem oposta, enunciando e sugerindo um futuro.

Em síntese, o programa desenvolvido organiza-se em torno dos seguintes elementos:

- Canal de água termal, eixo estruturante da intervenção.
- Tanque termal exterior de uso público, livre.
- Reativação do uso dos Banhos Velhos.
- Exposição e valorização da ruína romana.
- Ponte pedonal sobre o Rio Ave.
- *Ghat* para banhos no Rio Ave.
- Miradouro celebrativo do conjunto termal.
- Dispositivos complementares / Fragmentos: balneários de apoio ao tanque, bosquetes e espaços de ócio e peças associadas ao canal (lava-pés, *buvettes*, fontes de despejo).



4.02
Canal da Ribeira da Canhota



4.03
Fonte Termal do Leão - *Buvette*



4.04
Banhos Velhos - Frontão



4.05
Balneário Termal Romano - Ruínas

Entre a Água e o Território: De Banhos Velhos a Novos Banhos

"Projectar a partir do existente constitui um desafio para a prática profissional, provavelmente, mais complexo do que construir de raiz e, por essa razão, constitui um estímulo para novas experiências e reflexões sobre a investigação baseada na prática do projecto em arquitetura, nomeadamente, no que respeita à reabilitação e restauro de edifícios." Mendes Ribeiro, J. (2021, p.22). O Desenho como Mediação. As Termas Romanas de São Pedro do Sul, por João Mendes Ribeiro.

A macroescala temporal e espacial do território evidencia a posição singular dos Banhos Velhos entre duas realidades complementares: por um lado, a malha urbana consolidada das Taipas; por outro, a paisagem ribeirinha do Rio Ave, com a sua vocação e utilização. Entre estas duas dimensões, os Banhos Velhos assumem-se como ponto de transição e charneira, mediando a passagem entre o tecido construído à cota alta e a topografia, mais aberta e fluida dos campos, à cota baixa. Esta condição ambivalente tornou-se uma chave de leitura do lugar, revelando que qualquer intervenção deveria compreender simultaneamente a lógica urbanística e a lógica paisagística, explorando as tensões e potencialidades geradas entre ambas.

No contexto urbanístico, a aproximação ao Rio Ave surge como movimento natural da própria malha das Taipas. A estrutura urbana tende a orientar-se nessa direção, mas interrompe-se precisamente no limite dos Banhos Velhos, onde uma extensa faixa de parcelas agrícolas ocupa a margem norte do rio. Estas parcelas, organizadas perpendicularmente ao Ave, constituem um tecido fundiário, com forte presença geométrica e visual, marcando a paisagem de forma rítmica e laminada. No entanto, esta mesma configuração cria uma barreira física e perceptiva, impedindo que a malha urbana complete a sua aproximação ao rio. A Vila insinua a direção ao rio, mas não o alcança: fica suspensa, contida por esta estrutura agrícola que, apesar de fazer parte da identidade do lugar, age como descontinuidade, mais urbanística que paisagística.

Esta constatação transformou-se numa orientação do projeto. Em vez de evitar a matriz agrícola, entendeu-se que a estratégia mais capaz seria intervir a partir dela, ocupando uma dessas parcelas existentes para estabelecer um atravessamento entre a urbanidade e a ruralidade. A estratégia passa por assumir a natureza da parcela e a sua componente vegetal e natural como predominante, por identidade, integração e inserção no todo. Toma-se em consideração a seleção de espécies vegetais, em particular as arbóreas, como elemento determinante na conotação e caracterização da atmosfera pretendida. Desta forma, o percurso proposto inscreve-se no desenho do território, aproveitando a profundidade visual dos campos e a riqueza atmosférica das variações do coberto vegetal ao longo do ano. A intervenção passa assim a dialogar com a paisagem agrícola, em vez de a contornar, utilizando-a como protagonista.

Partindo desta nova conexão com a margem do Rio Ave, propõe-se a criação de um miradouro celebrativo do conjunto termal que, implantado à cota inferior, estabelece um contraponto com a Ara de Trajano à cota superior e gera um eixo visual entre o passado romano e o presente termal. Esta relação entre cotas sugere a leitura axial do território, na medida em que a orientação do miradouro coincide com o alinhamento entre as termas romanas soterradas e a Ara de Trajano, conferindo referência e coerência espacial à decisão de ocupar a parcela agrícola nessa direção.

A ligação à margem sul do Rio Ave, ainda que essencial, não poderia ser entendida como ponto final do percurso. Para garantir a continuidade desta nova narrativa territorial, tornou-se necessário ultrapassar o próprio rio, evitando que este se tornasse uma nova barreira. A proposta de uma ponte pedonal sobre o Ave permite prolongar o percurso termal para a margem sul, abrindo possibilidades de expansão futura e reforçando a coesão do território em continuidade com outras pontes existentes a sul, junto ao Parque e à Praia Fluvial das Taipas, ampliando possibilidades e qualidades de fruição pública das margens do Rio Ave. Do ponto de vista funcional, esta travessia responde ainda à ausência de ligações próximas entre margens, oferecendo um novo eixo de mobilidade suave e reforçando a atratividade dos usos propostos.

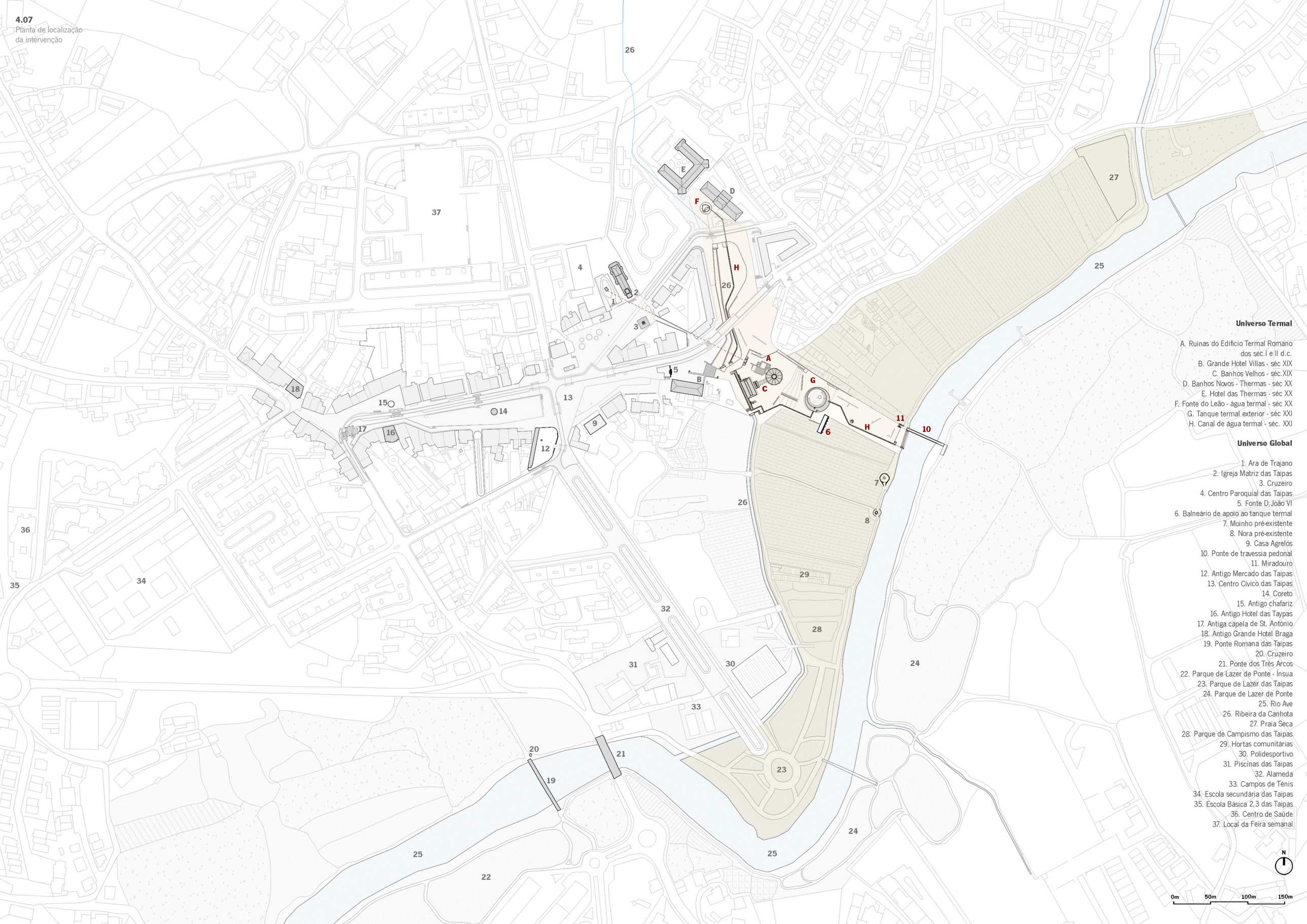
É precisamente neste contexto territorial que se consolida o tema central do projeto: o canal de água termal. A partir da identificação dos excedentes de água, este canal surge como linha orientadora e espinha dorsal da intervenção, encontrando agora o espaço e o percurso ideais para se materializar. Implantado ao longo do atravessamento agrícola, o canal unifica todas as partes do projeto (Banhos Velhos, tanque termal exterior, dispositivos complementares, miradouro, ponte), que se juntam ao *Taipas Termal* , funcionando como raiz e estrutura organizadora de múltiplas escalas. Para além de resolver tecnicamente a recuperação das águas, o canal torna-se dispositivo espacial e paisagístico: aglutina o projeto, constrói continuidade e permite materializar as ambiências sensoriais que se pretendia recuperar - o som, o odor, a materialidade, o percurso, em suma, a experiência da água no território.

Deste modo, o território e a água passam a tornar-se matéria ativa de projeto, orientando a projeção dos elementos que, a partir desta leitura, constroem a experiência espacial da intervenção e consolidam uma nova relação entre água, lugar e comunidade.

4.06
Eixo visual e estrutura física da intervenção



4.07
Planta de localização
da intervenção

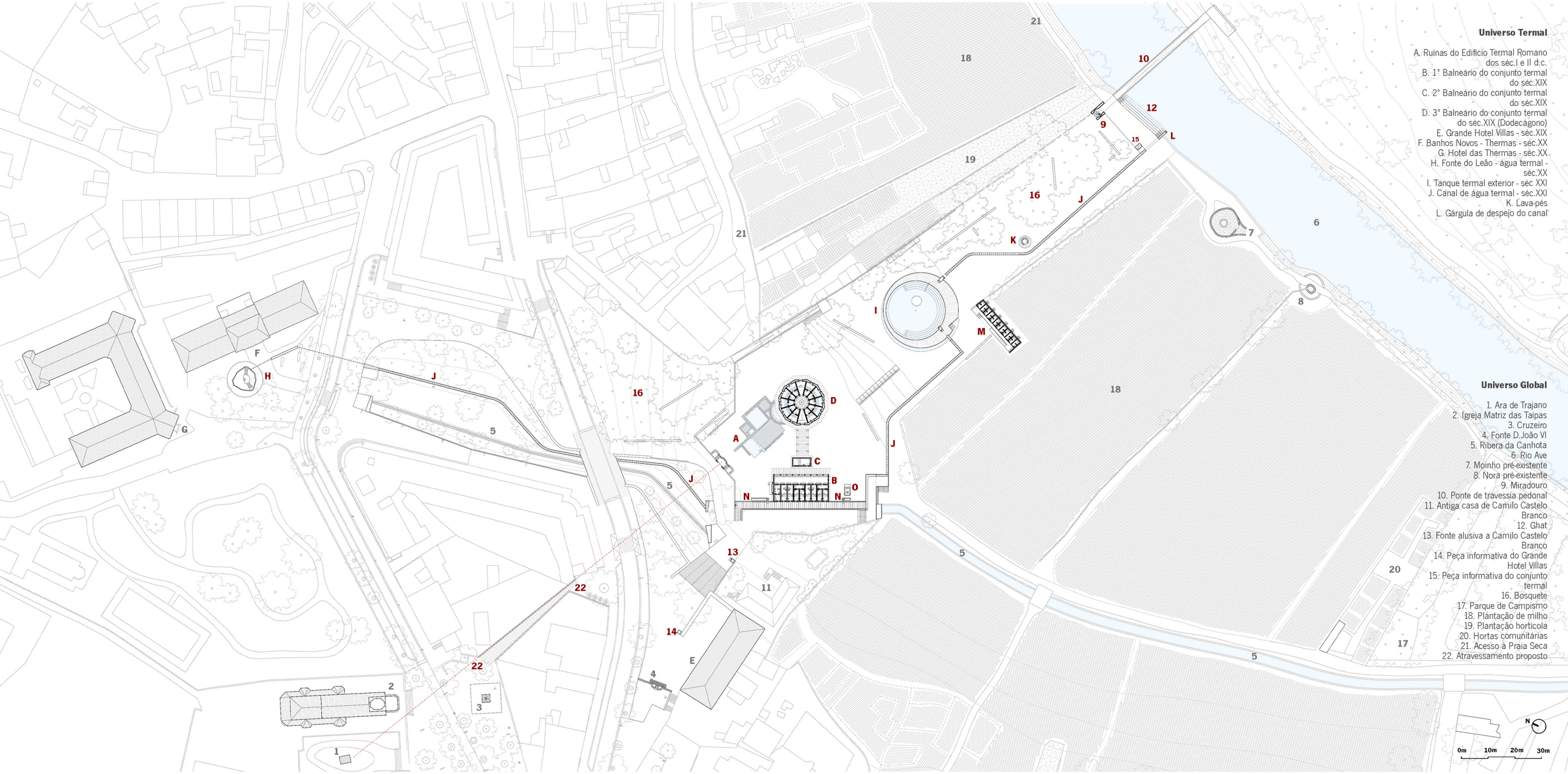




Banhos Velhos - **A**
Banhos Novos / Thermas - **B**
Fonte Termal do Leão - **C**
Canal da Ribeira da Canhota - **D**
Moinho e Nora - **E**

N

0m 10m 20m 30m


Universo Termal
A. Ruínas do Edifício Termal Romano dos séc.I e II d.c.
B. 1º Balneário do conjunto termal do séc.XIX
C. 2º Balneário do conjunto termal do séc.XIX
D. 3º Balneário do conjunto termal do séc.XIX (Dodecágono)
E. Grande Hotel Villas - séc.XIX
F. Banhos Novos - Thermas - séc.XX
G. Hotel das Thermas - séc.XX
H. Fonte do Leão - água termal - séc.XX
I. Tanque termal exterior - séc XXI
J. Canal de água termal - séc.XXI
K. Lava-pés
L. Gárgula de despejo do canal
Universo Global
1. Ara de Trajano
2. Igreja Matriz das Taipas
3. Cruzeiro
4. Fonte D.João VI
5. Ribera da Canhota
6. Rio Ave
7. Moinho pré-existente
8. Nora pré-existente
9. Miradouro
10. Ponte de travessia pedonal
11. Antiga casa de Camilo Castelo Branco
12. Ghat
13. Fonte alusiva a Camilo Castelo Branco
14. Peça informativa do Grande Hotel Villas
15. Peça informativa do conjunto termal
16. Bosquete
17. Parque de Campismo
18. Plantação de milho
19. Plantação horticola
20. Hortas comunitárias
21. Acesso à Praia Seca
22. Atravessamento proposto
N
0m 10m 20m 30m

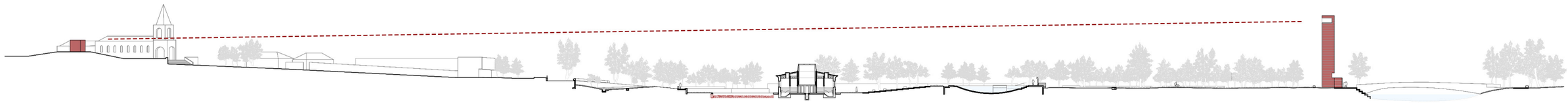
4.10
Banhos Velhos - envolvente
Transição para a urbanidade

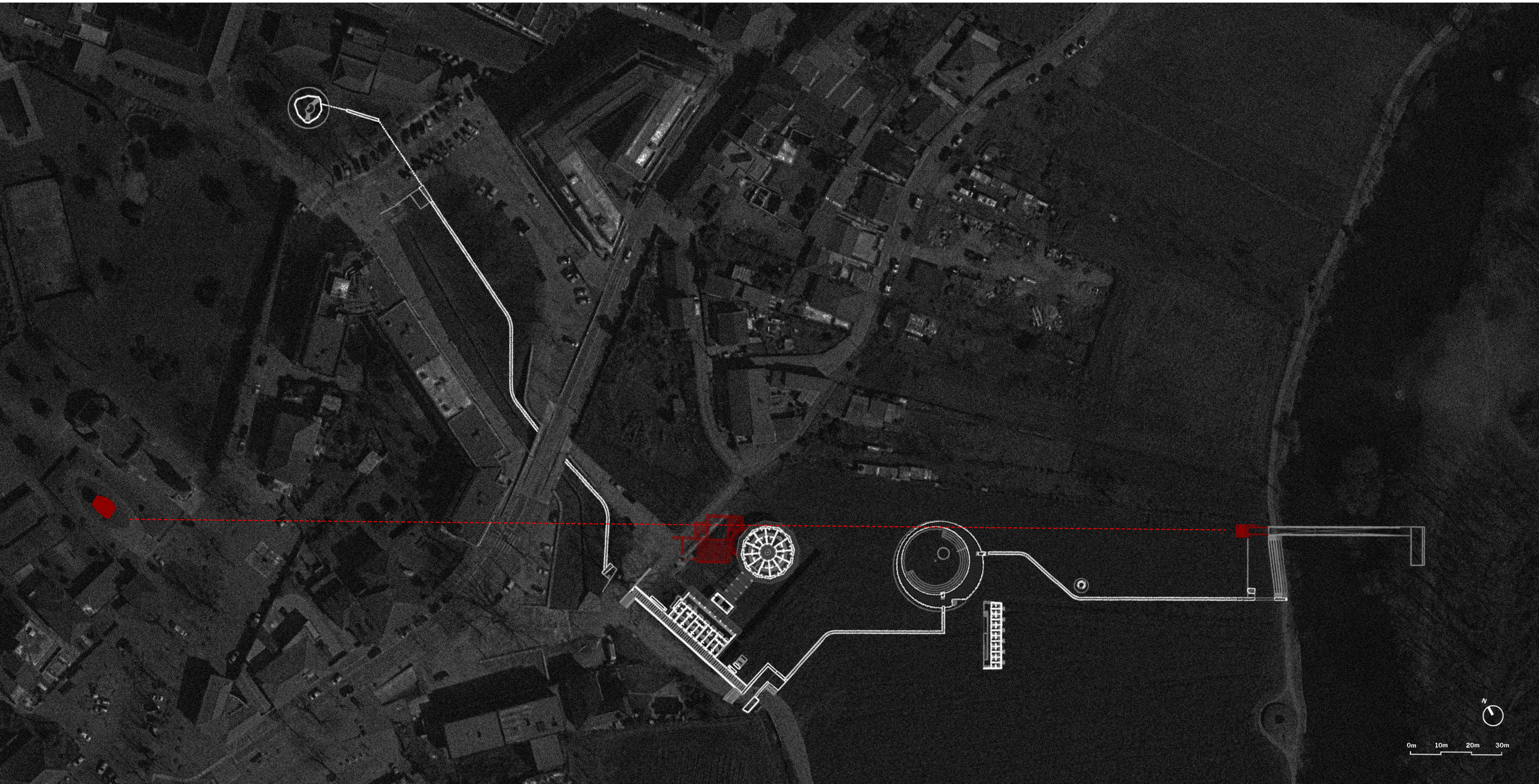


4.11
Banhos Velhos - envolvente
Transição para a ruralidade



4.12
Planta e perfil do eixo visual Ara de Trajano - Miradouro do Rio Ave







4.13
Perspetiva aérea
da intervenção

Canal de água termal

O canal define-se como a linha orientadora da intervenção, assumindo como principal função a recolha dos excedentes de água termal (nomeadamente da Fonte do Leão e de três nascentes junto aos Banhos Velhos), conduzindo-os até ao tanque termal exterior, antes do despejo no Rio Ave. Para além da dimensão hidráulica, o canal organiza e estrutura todo o projeto: orienta percursos, define atmosferas e articula os diferentes elementos da intervenção, tornando-se o gesto que literalmente desenha a presença da água.

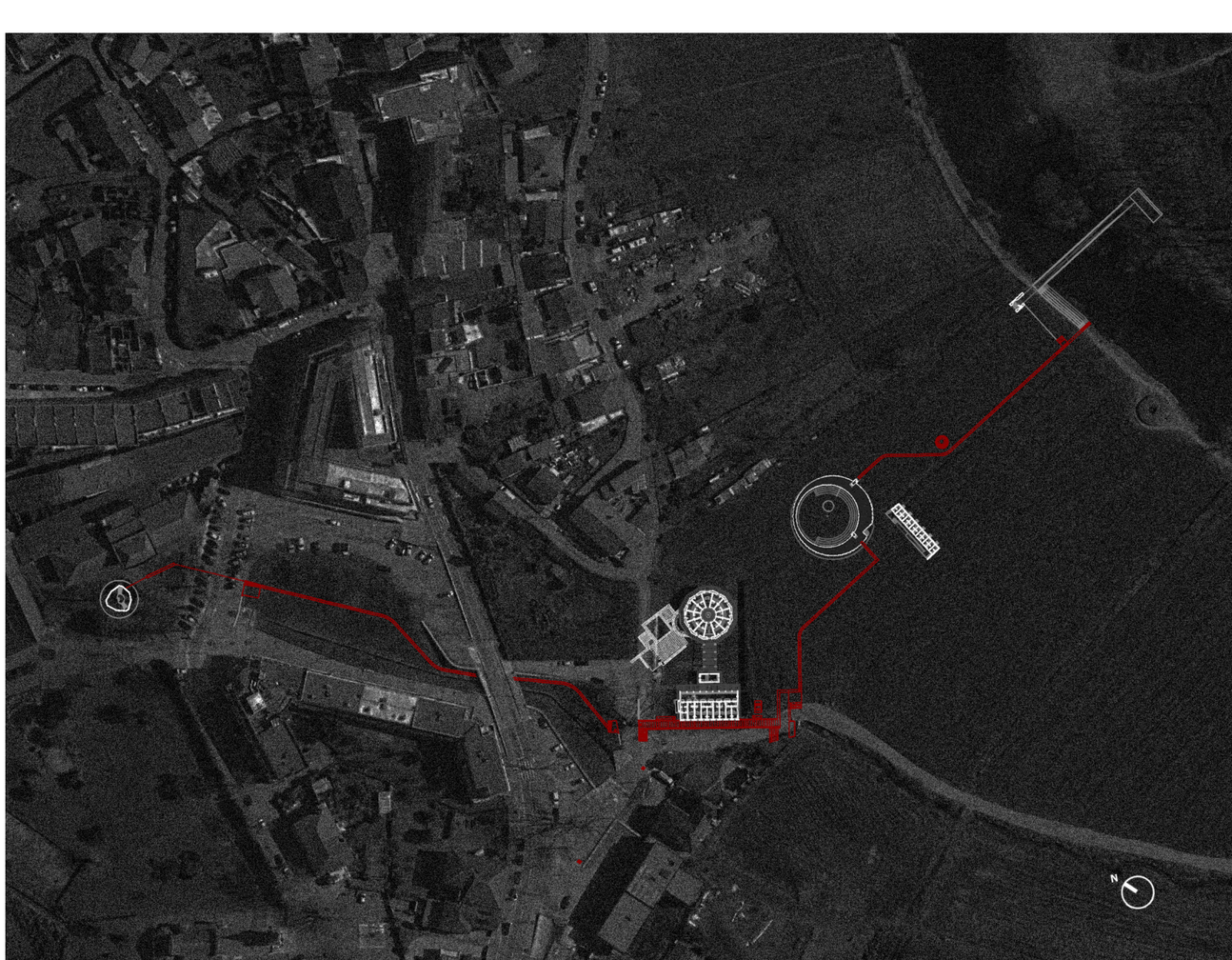
A sua existência introduz uma componente sensorial intencional que enriquece a experiência de quem percorre o lugar. A água alterna entre visibilidade e ocultação; o som do seu correr varia em intensidade; e o odor surge de forma pontual, criando uma sequência de perceções que liga o espaço ao corpo e ao ambiente. Assim, a presença da água constrói uma narrativa contínua entre matéria, arquitetura e paisagem.

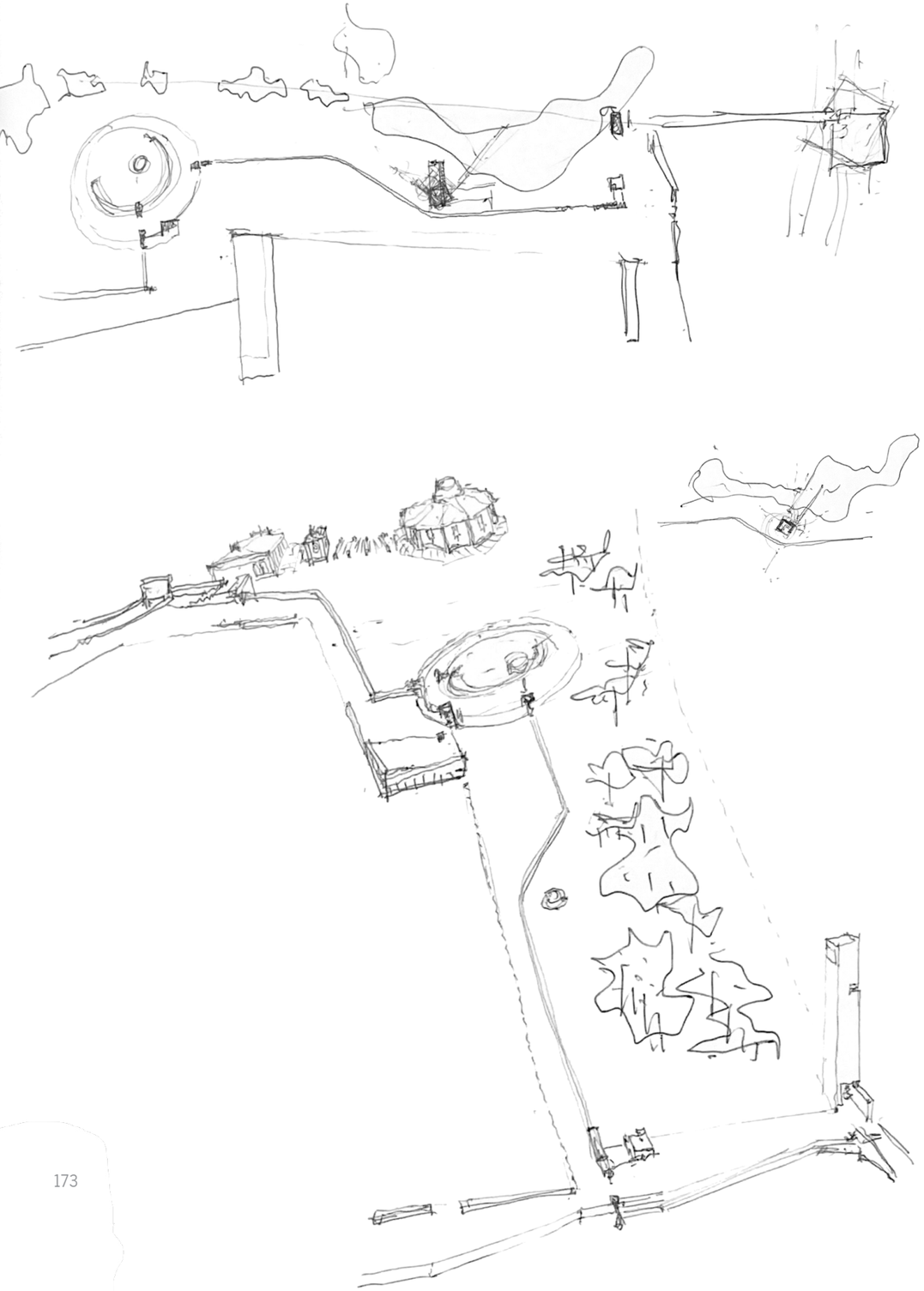
O traçado do canal não é arbitrário. Resulta de uma leitura atenta do território e da identificação de orientações fundadoras que conferem coerência espacial ao conjunto. Desenvolve-se a partir de dois alinhamentos principais: o da implantação dos Banhos Velhos e o eixo que liga os vestígios das termas romanas soterradas à Ara de Trajano. Estes dois vetores definem uma matriz que orienta o desenho do canal e, consequentemente, organiza os espaços que o envolvem.

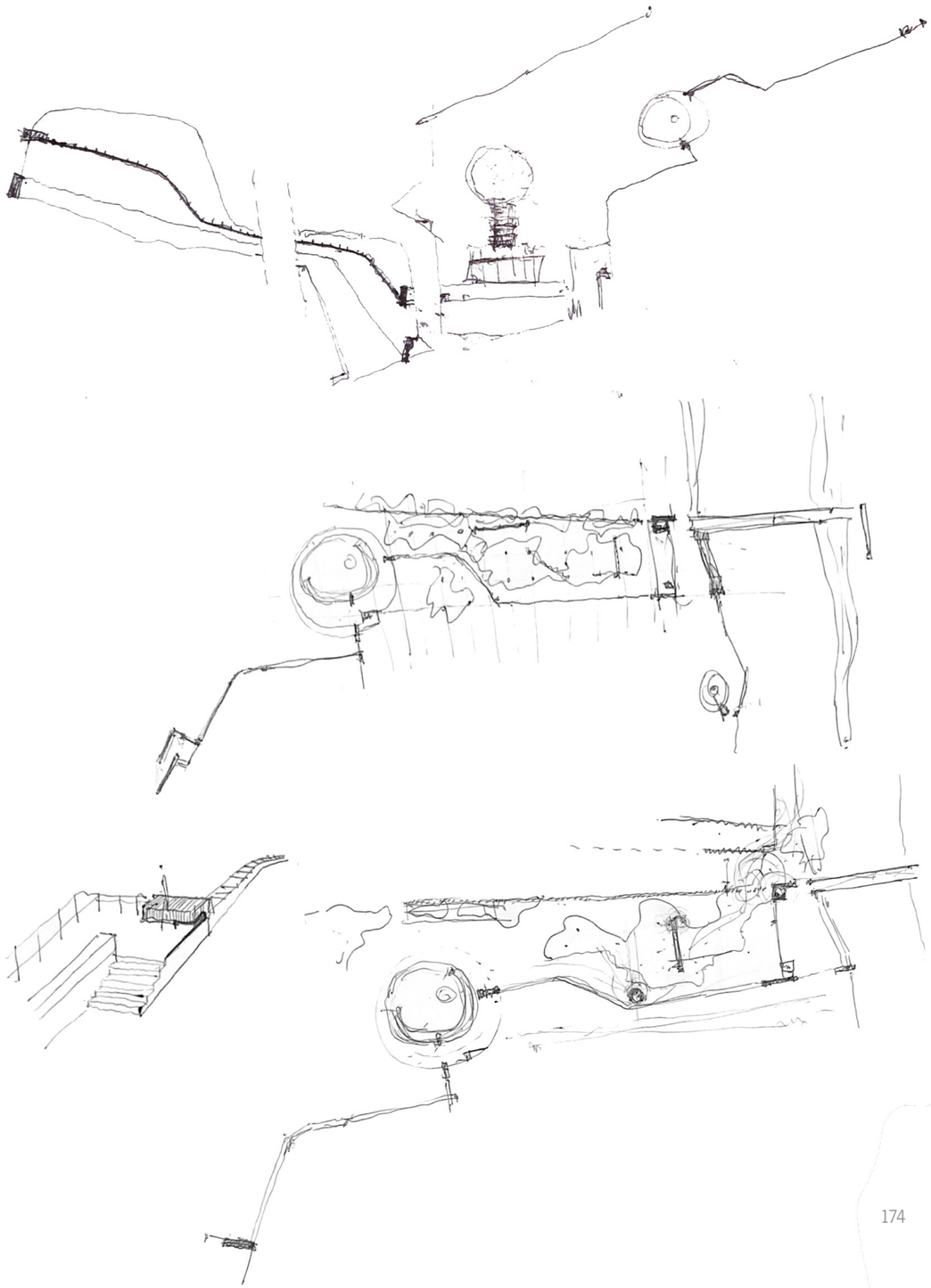
Paralelamente, adotou-se a métrica do passo simples romano (0,74 m), que estabelece um ritmo e uma lógica construtiva à intervenção - princípio que se estende também a outros elementos do conjunto.

O canal funciona integralmente por gravidade, garantindo o percurso contínuo da água termal desde as nascentes até ao tanque exterior. Contudo, junto aos Banhos Velhos, a proximidade entre a cota do rio e a do edifício exigiu a introdução de um sistema hidráulico de elevação, evitando escavações profundas ou alterações topográficas que pudessem aumentar o risco de cheias. Esta solução preserva a integridade e a amplitude natural do lugar.

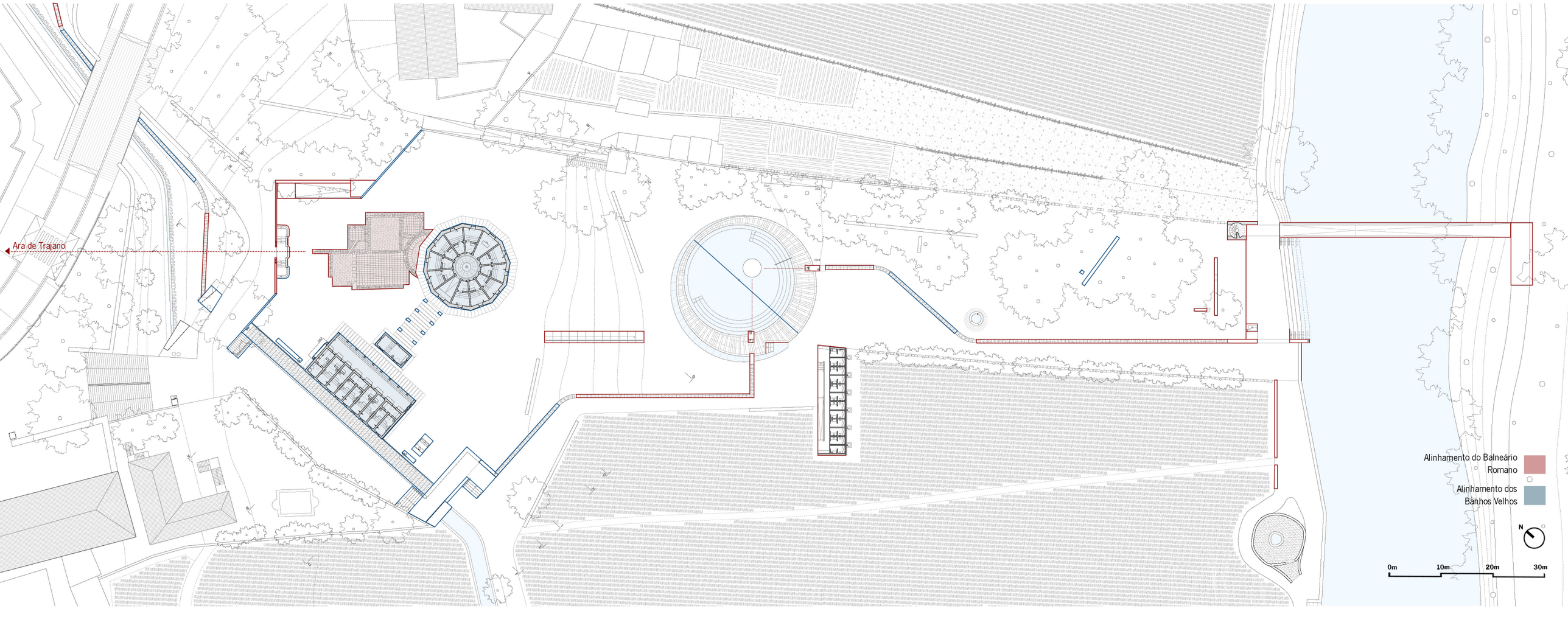
Simultaneamente, o canal atua como barreira de contenção face às cheias sazonais, permitindo a utilização dos espaços mesmo durante esses períodos. Admitiu-se, porém, a possibilidade de episódios excecionais que ultrapassem essa cota, tornando o espaço temporariamente inoperativo. Ainda assim, o conjunto foi concebido com a robustez necessária para resistir a tais ocorrências, limitando-se a operações de limpeza e manutenção após cada evento. Tanto o canal como o tanque termal integram esse sistema de contenção, relacionando-se com o terreno através de pequenas modelações de baixa intervenção topográfica, preservando a escala e a continuidade da paisagem. A decisão de conter apenas as cheias sazonais nasce de uma leitura realista da dinâmica local: tentar dominar também as excecionais implicaria soluções de grande impacto, como cortinas de retenção e contenção intrusivas, que contrariariam a intenção de integração paisagística e a relação franca com o rio. Além disso, a implementação das bacias de retenção previstas na intervenção do centro cívico contribuirá para reduzir significativamente o efeito desses episódios extremos. (desenho nº 1, 2, 3, e 4).

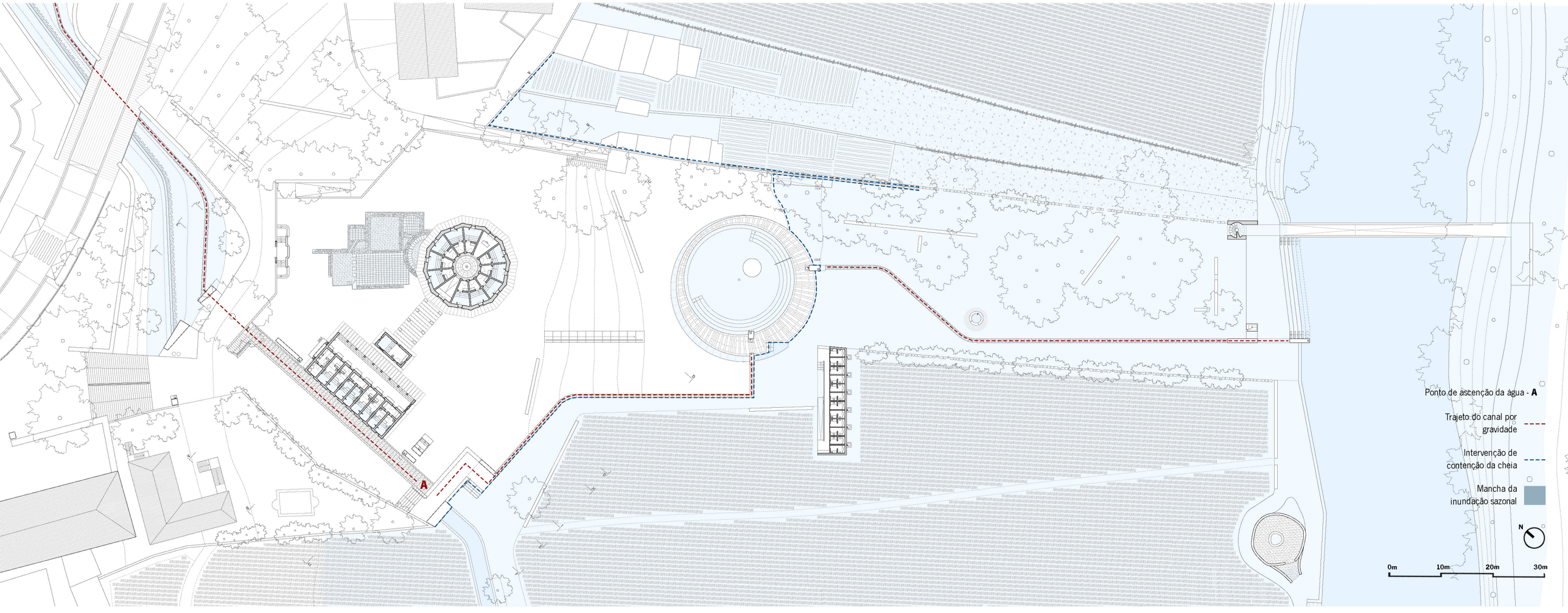




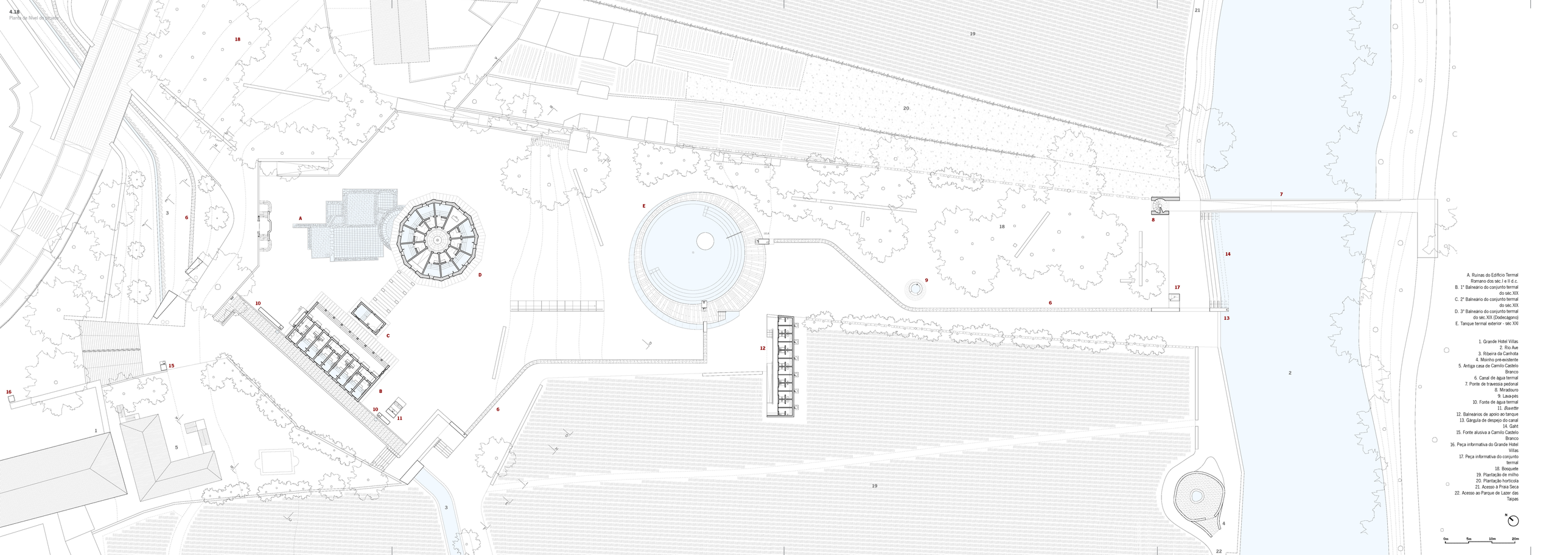


4.16
Esquema de alinhamentos
do canal de água termal




A
Ponto de ascenção da água - A
Trajeto do canal por gravidade
Intervenção de contenção da cheia
Mancha da inundação sazonal
N
0m
10m
20m
30m

4.18
Planta de Nível do Terreno



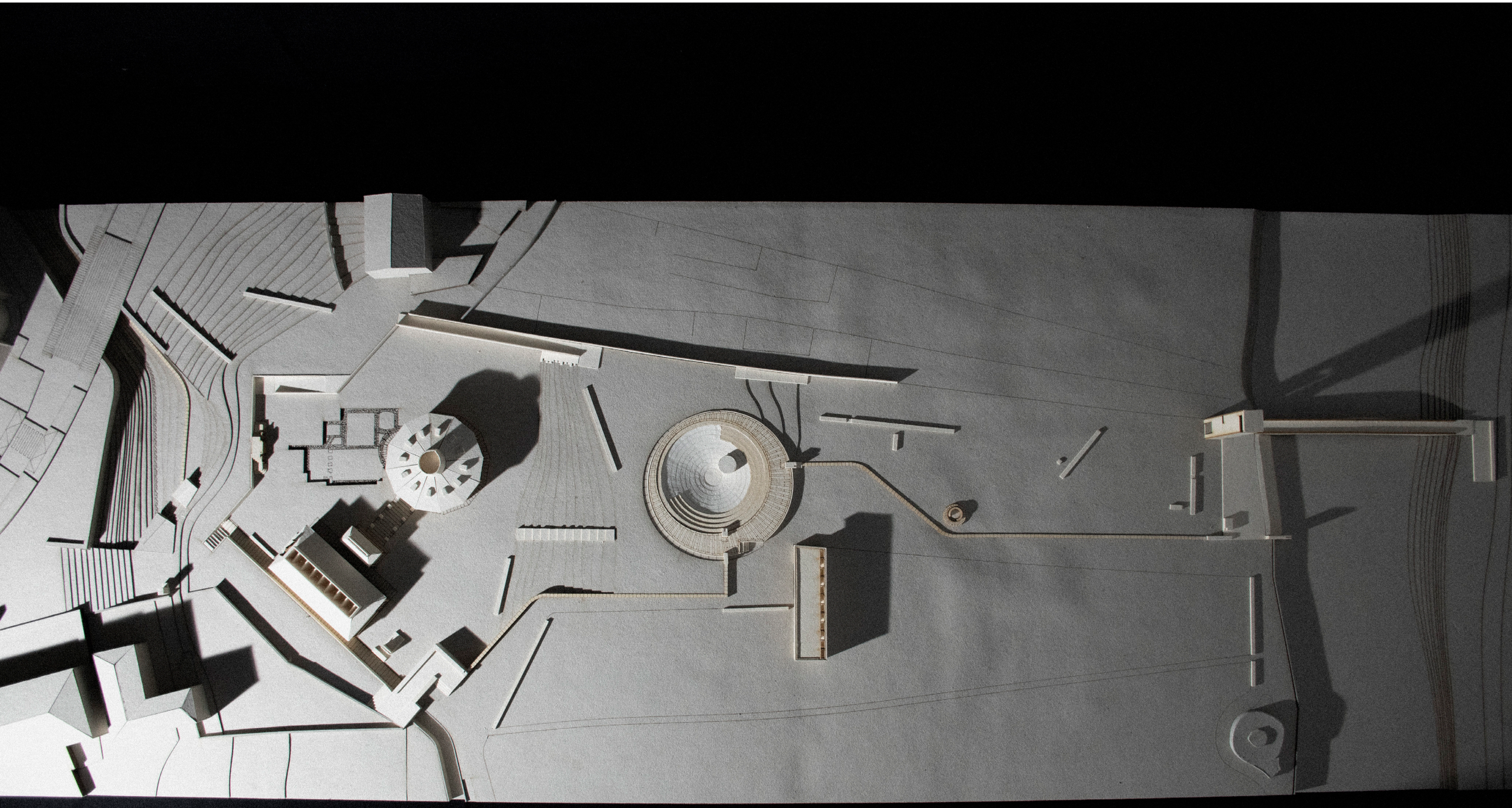
A. Ruinas do Edifício Termal Romano dos séc. I e II d.c.
B. 1º Balneário do conjunto termal do séc.XIX
C. 2º Balneário do conjunto termal do séc.XIX
D. 3º Balneário do conjunto termal do séc. XIX (Dodecagono)
E. Tanque termal exterior - séc XXI

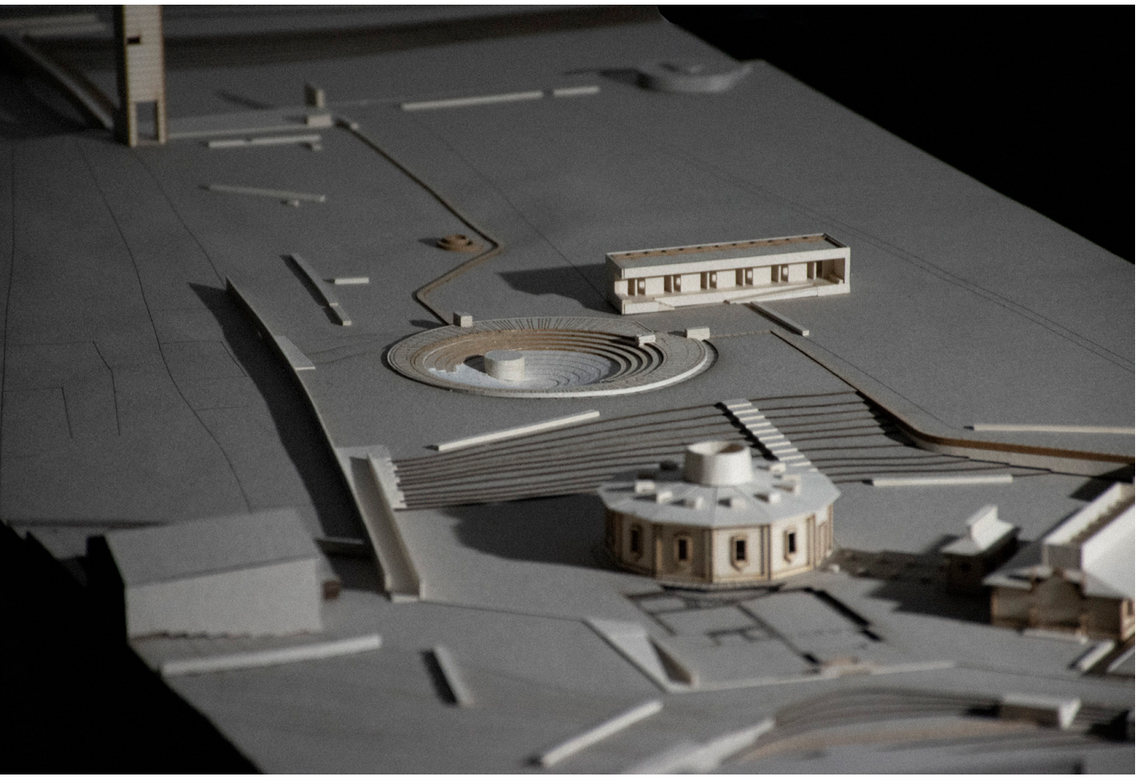
1. Grande Hotel Villas
2. Rio Ave
3. Ribeira da Canhota
4. Moinho pré-existente
5. Antiga casa de Camilo Castelo Branco
6. Canal de água termal
7. Ponte de travessia pedonal
8. Miradouro
9. Lava-pés
10. Fonte de água termal
11. *Biverthe*
12. Balneários de apoio ao tanque
13. Gárgula de despejo do canal
14. Galtt
15. Fonte alusiva a Camilo Castelo Branco
16. Peça informativa do Grande Hotel Villas
17. Peça informativa do conjunto termal
18. Bosquete
19. Plantação de milho
20. Plantação hortícola
21. Acesso a Praia Seca
22. Acesso ao Parque de Lazer das Taipas

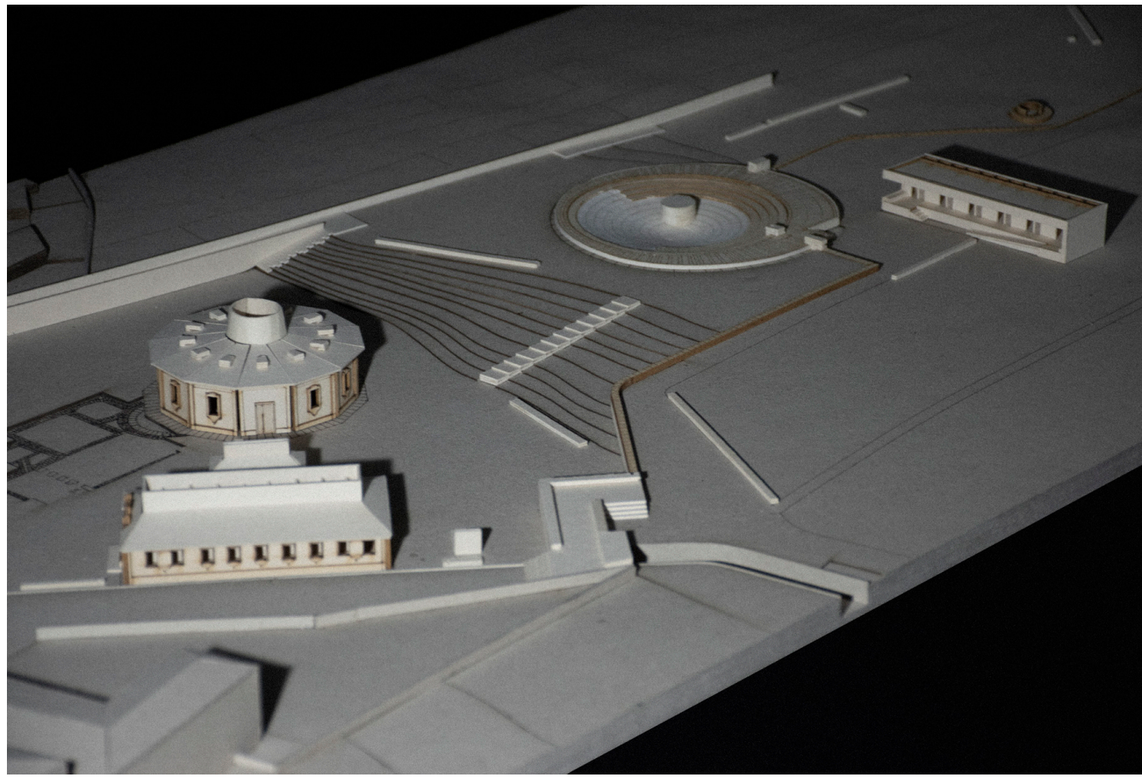
N

0m 5m 10m 20m

4.19
Maqueta | Canal de água termal

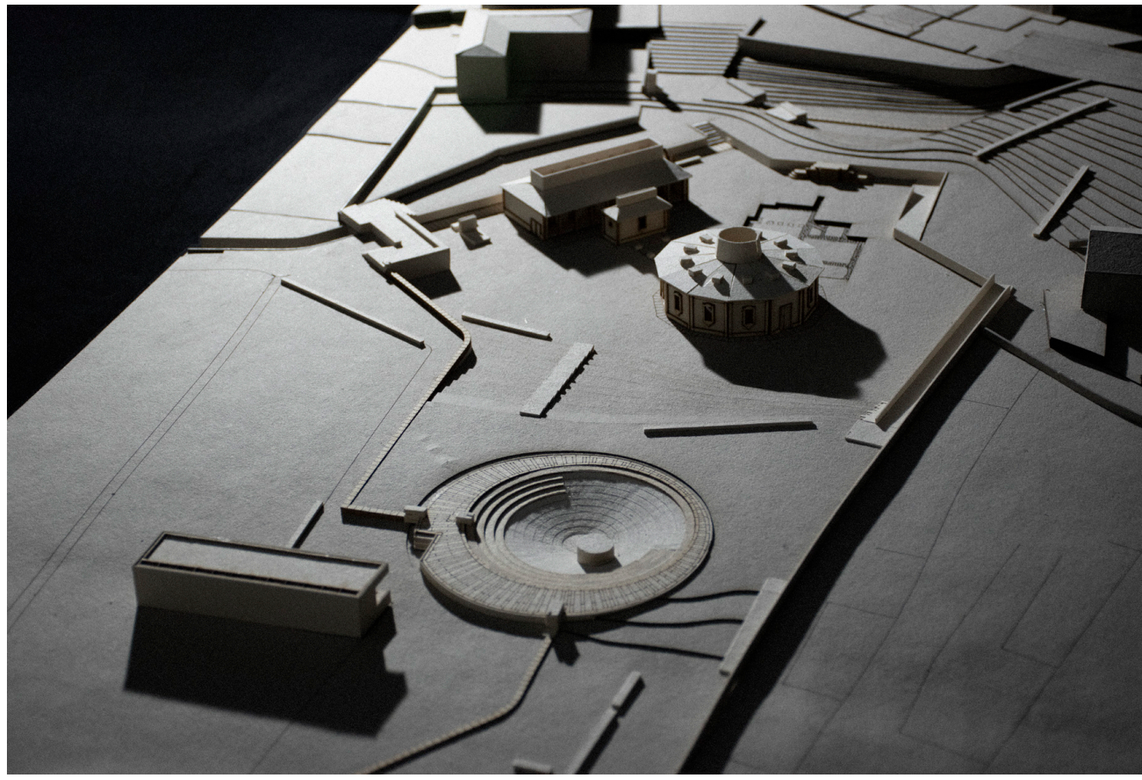






4.21
Maqueta | Canal de água termal







4.22
Perspetiva aérea
da intervenção

Banhos Velhos - Intervenção

A intervenção nos Banhos Velhos assenta num processo profundo de leitura histórica, tipológica, construtiva, simbólica, patrimonial, cultural e social deste conjunto termal. O projeto desenvolveu-se a partir de uma metodologia que combinou documentação arqueológica e histórica, registos fotográficos e observação direta, procurando compreender as sucessivas transformações físicas e funcionais do edifício. Essa leitura minuciosa permitiu distinguir as camadas sobrepostas à estrutura original e, a partir delas, definir uma estratégia de intervenção que restitui clareza e coerência formal e funcional, sem apagar a complexidade temporal e a qualidade espacial do lugar.

O diagnóstico revelou avançado estado de degradação e adulteração dos imóveis. Os dois primeiros balneários (1843 e 1867) encontravam-se sem cobertura, expondo pavimentos e paredes à ação direta das intempéries. Apenas o terceiro (1875), de planta dodecagonal, mantinha cobertura. Portas e janelas apresentavam-se como vestígios irregulares ou adaptações sucessivas (nuns casos alteradas, noutros suprimidas), comprometendo a leitura coerente das fachadas. As várias intervenções realizadas ao longo do tempo procuraram unificar os volumes, mas acabaram por retirar legibilidade compositiva e organizativa, também histórica e arqueológica. Assim, a proposta parte da necessidade de restituir a leitura original dos Banhos Velhos, entendidos como um conjunto de balneários independentes social e funcionalmente, reconstruindo a sua coerência formal e espacial, devolvendo-lhes a identidade de cada corpo.

A recuperação dessa autonomia implicou um exercício de descodificação e reinterpretação do existente. Com base em documentação histórica e fotográfica, foi possível identificar as principais fases de transformação. O primeiro passo consistiu na remoção do corpo a nascente, anexo ao primeiro balneário, uma adição tardia que comprometia a leitura do conjunto. Durante essa operação, nas portas de transição entre volumes, preservaram-se as suas molduras, deixando visíveis as marcas do tempo e das sucessivas transformações. Também a pérgula que unia o segundo e o terceiro balneário foi eliminada, mantendo-se as bases dos pilares, agora reinterpretadas como bancos. Este gesto não procurou apagar o passado, mas evidenciá-lo, permitindo que os volumes recuperem autonomia, sem perder as suas cicatrizes. A intervenção acrescenta, assim, uma nova camada temporal que reconhece e incorpora o percurso histórico do lugar.

O estudo formal revelou episódios subtis, como a assimetria da porta principal do balneário dodecagonal. Inicialmente tida por erro construtivo, descobriu-se que se tratava de uma alteração intencional, inacabada, que procurava alinhar o acesso com os outros volumes. A intervenção repôs o eixo entre portas, restabelecendo a coerência geométrica e completando esse gesto interrompido.



Esta correção exemplifica a abordagem do projeto: uma leitura sensível que reconhece nas imperfeições a expressão viva da história. Alterações em janelas, molduras e muros foram tratadas como vestígios de mutações sucessivas, integradas no novo desenho como parte do seu contínuo processo de transformação.

A escala e presença do conjunto foram reconstituídas sobretudo através da reconstrução das coberturas. Verificou-se que os balneários possuíam originalmente lanternins que lhes conferiam uma volumetria expressiva, mais evidente na paisagem. A sua eliminação ao longo dos anos empobreceu o conjunto, pelo que a intervenção os reinterpretou como elementos essenciais. Inspirados nos originais, os novos lanternins seguem uma lógica construtiva contemporânea, assegurando iluminação e ventilação natural, e restituindo aos Banhos Velhos a expressividade que lhes era própria, também de pontuação e afirmação na paisagem.

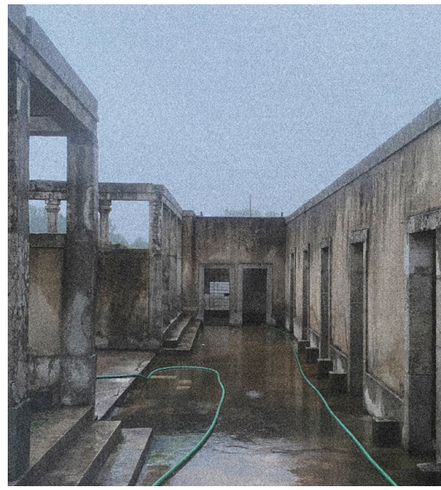
No interior, as antigas banheiras individuais foram substituídas por tanques escavados no solo, mais adequados à prática termal contemporânea. Esta alteração traduz uma mudança conceptual: o banho deixa de ser exclusivamente um ato terapêutico e torna-se uma experiência de relaxamento muscular e mental, em contacto direto com a água e a pedra. O espaço adquire assim uma dimensão imersiva de estimulação e exploração sensorial.

A relação entre os imóveis e o seu enquadramento foi igualmente repensada. Antes encerrado por muros, o conjunto foi libertado, restabelecendo uma ligação fluida com o parque e o rio. A escada de acesso foi reposicionada, articulando-se com o novo percurso que integra, agora, as ruínas romanas. A atenção à topografia e à acessibilidade permitiu criar percursos suaves, incluindo para pessoas com mobilidade reduzida. Estas decisões reforçam a presença do conjunto na paisagem e restituem a continuidade entre arquitetura, percurso e natureza.

Do ponto de vista construtivo, o projeto reinterpretou sistemas e materiais tradicionais com soluções atuais de maior durabilidade e eficiência. Os novos lanternins, embora inspirados nos construtivamente tradicionais, em madeira, exprimem-se através de uma linguagem contemporânea, sem equívocos históricos ou outros, com geometrias puras. Assim, a intervenção afirma-se como mais uma camada histórica, que prolonga o património sem o replicar, promovendo uma convivência entre o antigo e o novo.

A organização funcional resultou da leitura das especificidades de cada volume. Mantiveram-se as funções termais, mas introduziram-se espaços complementares. O primeiro balneário (1843) acolhe as áreas técnicas e sanitárias; o segundo mantém-se exclusivamente termal; e o balneário dodecagonal, pela sua escala e centralidade, passou a receber o espaço de receção e de acolhimento, marcado pelo maior lanternim que acentua a luz, através da sua verticalidade e materialidade.

Em síntese, a intervenção nos Banhos Velhos é um exercício de reinterpretação rigorosa e consciente da memória arquitetónica do lugar. Cada decisão - do realinhamento de uma porta à reconstrução das coberturas - resulta de uma escuta atenta sobre o que o conjunto arquitectónico foi e pode voltar a ser. Mais do que restaurar, o projeto propõe continuidade temporal, espacial e material: harmoniza o novo com o preexistente, preserva as marcas do tempo e devolve ao conjunto a sua presença simbólica e funcional, mantendo vivo o espírito do lugar. (desenhos nº 5 – 9 e 12 – 15).



4.24
1º Balneário dos Banhos Velhos



4.25
2º Balneário dos Banhos Velhos



4.26
Cela termal do Dodecágono

No que diz respeito ao estudo do projeto dos Banhos Velhos, a intervenção nas Termas Romanas de São Pedro do Sul (2017–2019), de João Mendes Ribeiro, assumiu-se como uma referência direta e revelou-se particularmente significativa pela proximidade temática entre ambas as obras. Trata-se de uma intervenção sobre uma ruína termal de origem romana, cuja acumulação cultural, histórica e simbólica exigiu uma postura disciplinada, capaz de recompor o edifício sem o negar. O projeto parte do essencial, recuperando a espacialidade do existente através de construções leves, justapostas à ruína, devolvendo a experiência sensível e legível dos espaços interiores e deixando clara a distinção entre o herdado e o acrescentado. Paralelamente, reativam-se os circuitos hídricos, restituindo a lógica funcional do conjunto.

Embora no caso das Termas Romanas de São Pedro do Sul não se tenha regressado ao uso termal, o projeto estabelece múltiplos cruzamentos com os Banhos Velhos: a ruína, a memória, a água, a paisagem, a cultura termal enquanto herança e a sua potencialidade. João Mendes Ribeiro descreve esta intervenção como "... mais uma camada do palimpsesto, que dá continuidade à sua história sem, no entanto, se privar de um valor poético próprio" Mendes Ribeiro, J. (2021). *O Desenho como Mediação. As Termas Romanas de São Pedro do Sul, por João Mendes Ribeiro.* Também nos Banhos Velhos, essa ideia de continuidade, através da diferença, está presente: a intervenção constrói-se como uma nova camada sobre o tempo, reconhecendo o passado sem o replicar, e afirmando, tal como em São Pedro do Sul, um valor poético próprio na relação entre o antigo e o novo.



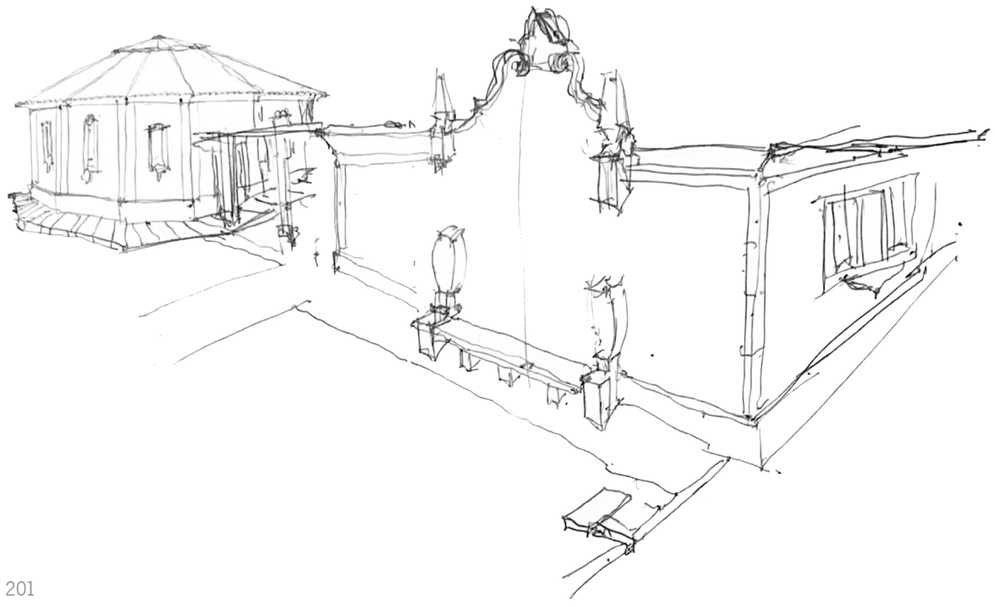
4.28
Banhos Velhos - situação atual

4.29
Banhos Velhos - envolvente



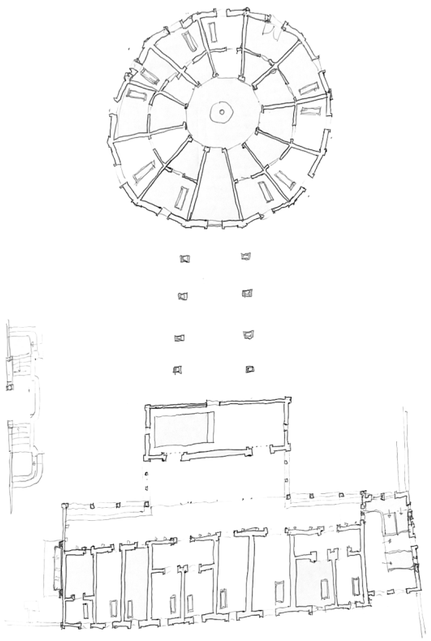
4.30
Banhos Velhos - envolvente

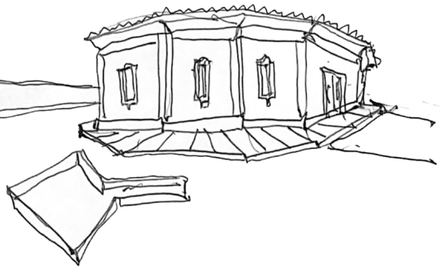


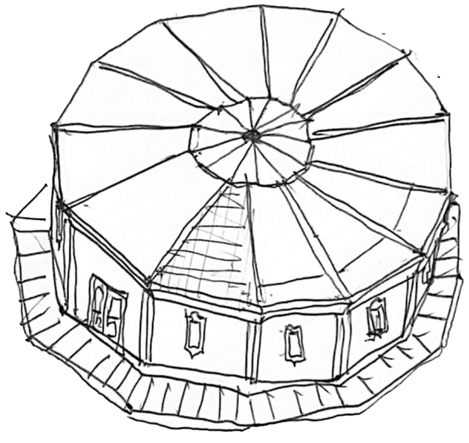


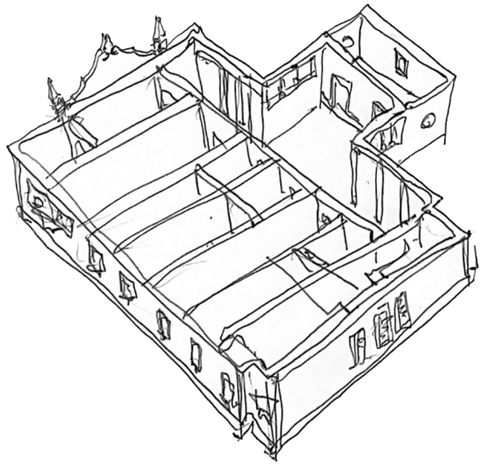


4.32
Esquissos de observação
Banhos Velhos

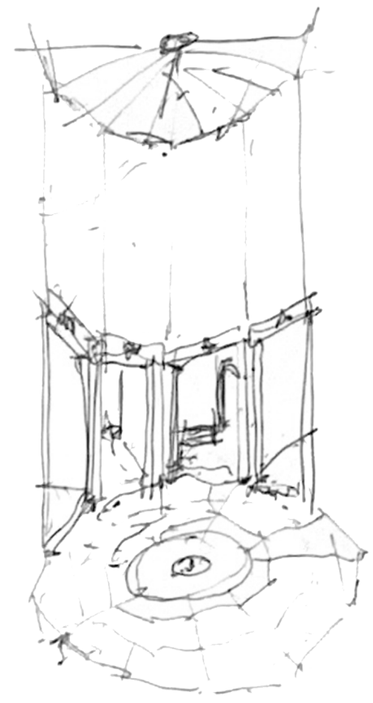








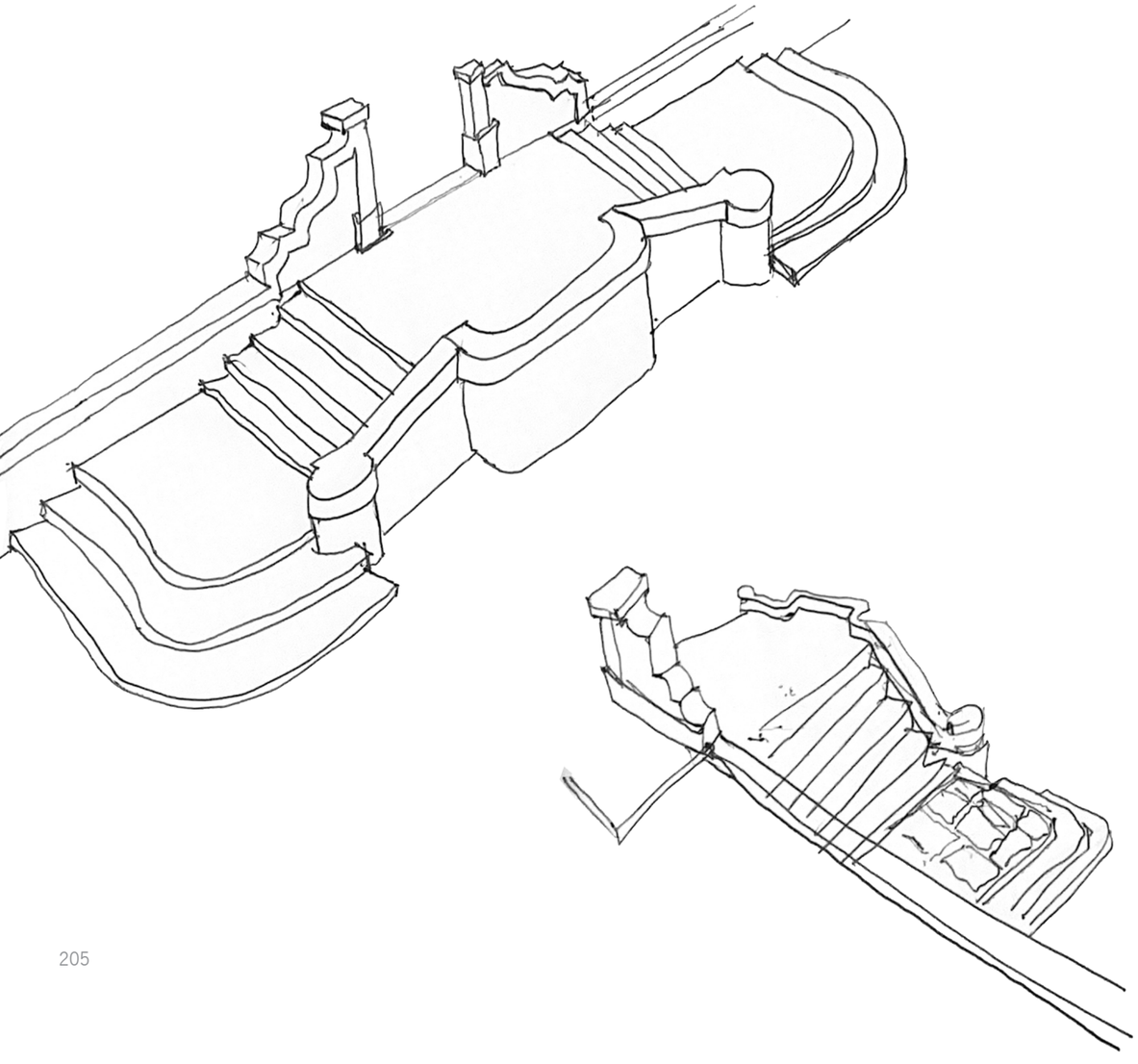
4.33
Esquissos de observação
Banhos Velhos



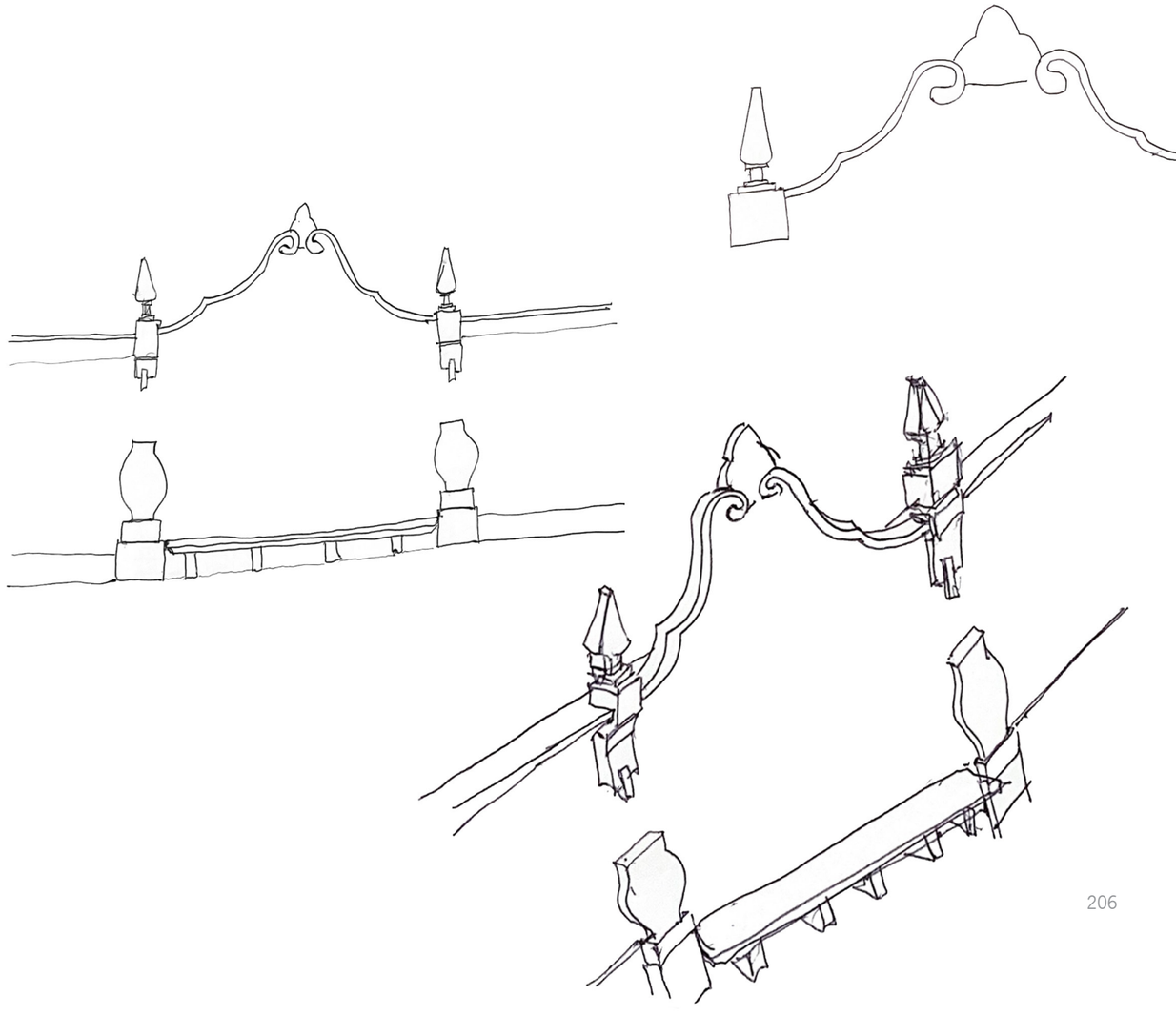




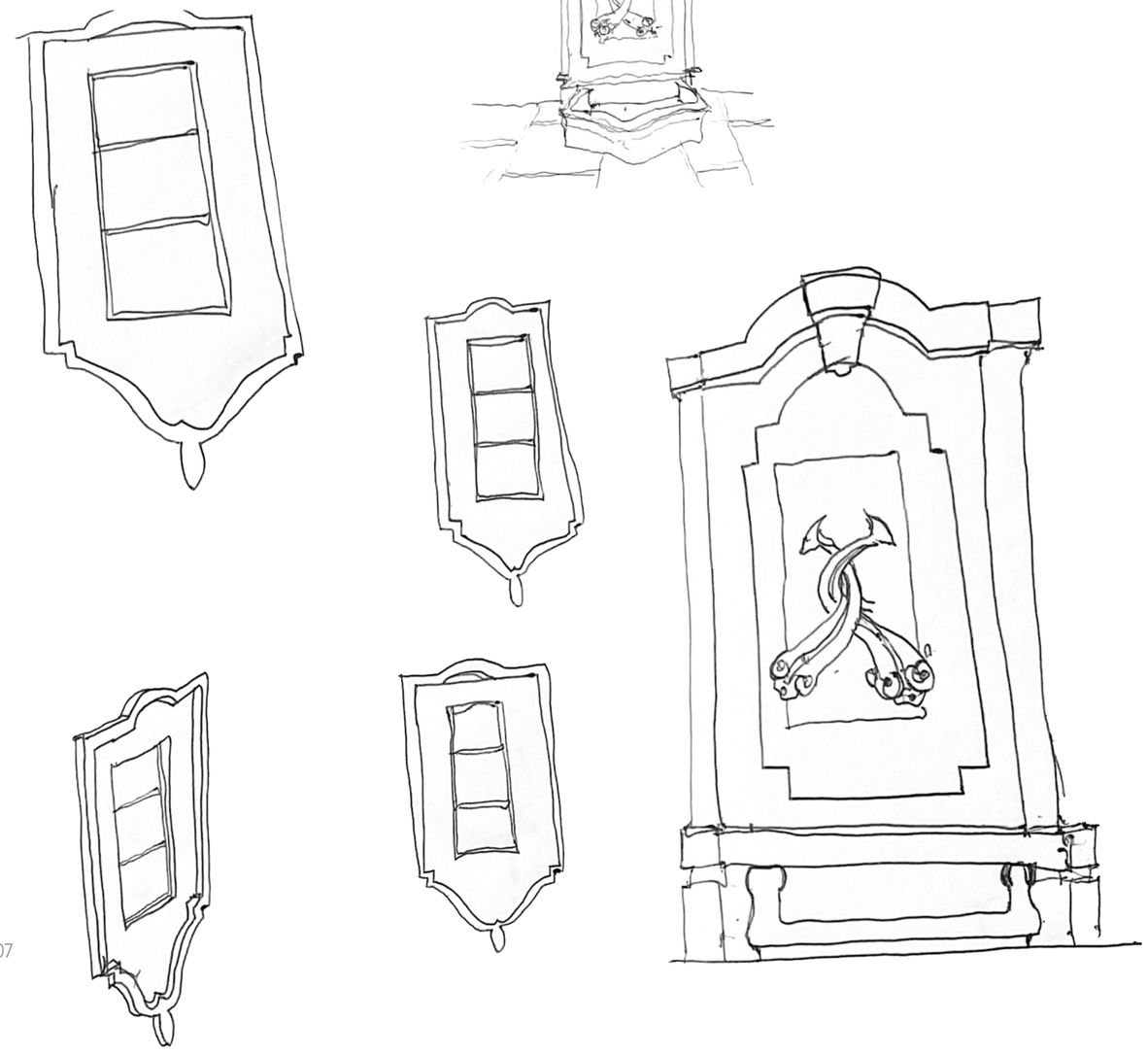
4.34
Esquissos de observação
Escadas de acesso aos Banhos Velhos



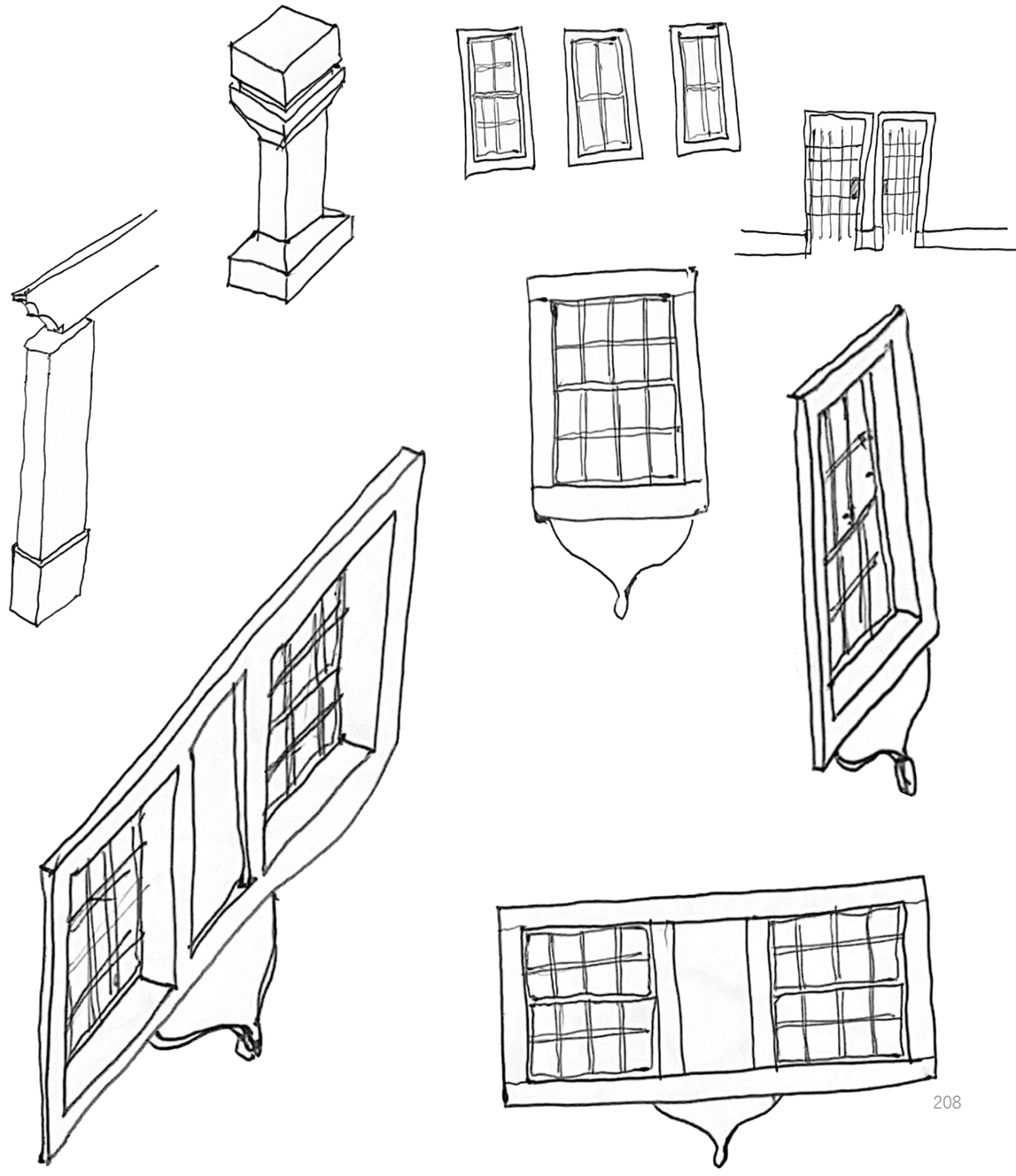
4.35
Esquissos de observação
Frontão dos Banhos Velhos



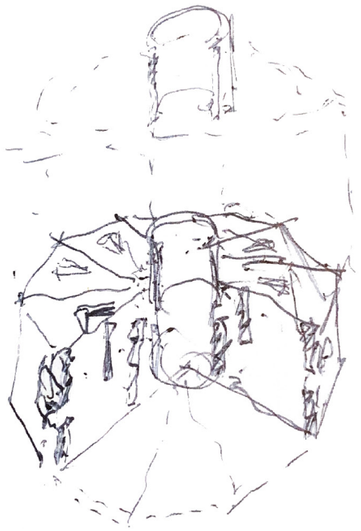
4.36
Esquissos de observação
Vãos do Dodecágono e Fonte D.João VI

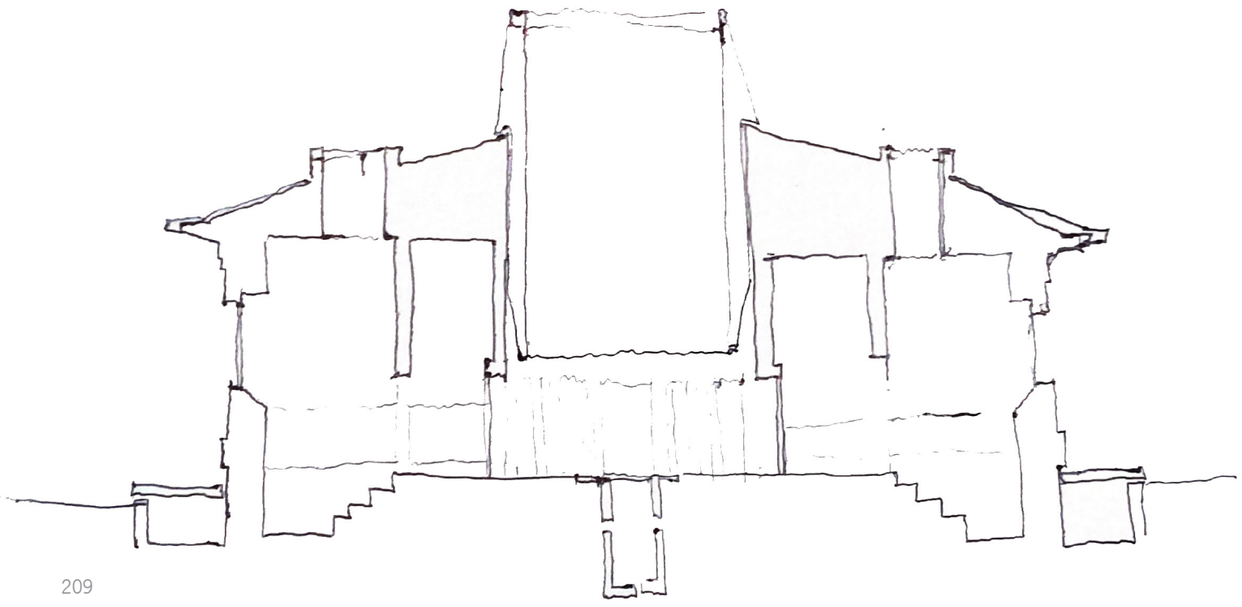


4.37
Esquissos de observação
Colunas e vãos do 1°Balneário Banhos Velhos



4.38
Esquissos de projeto
Axonometria e Secção





4.39
Esquissos de projeto
Perfis e Perspetivas

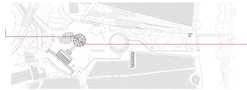


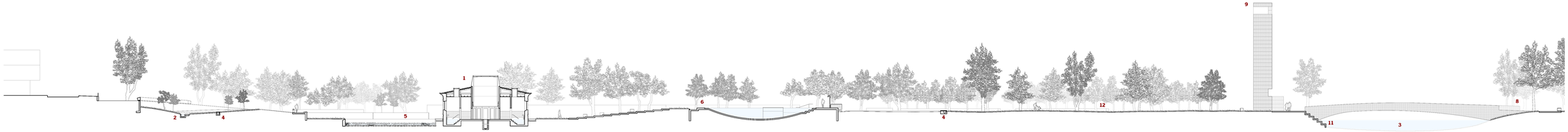






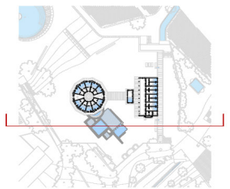
4.40
Perfil Longitudinal

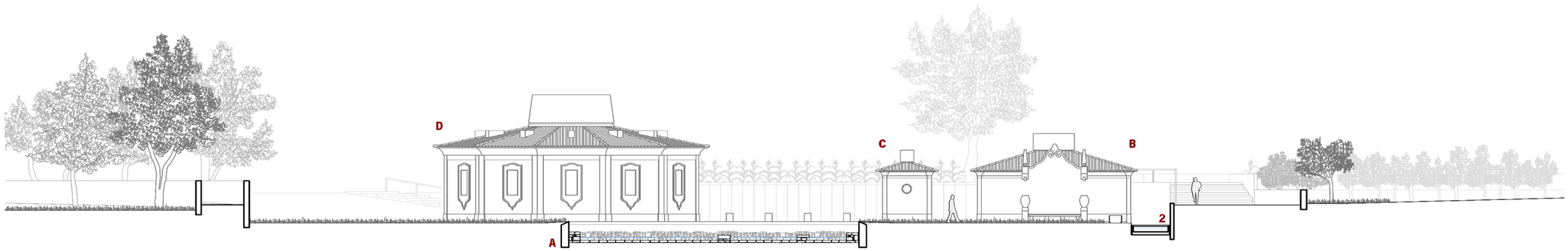




1. Banhos Velhos
2. Ribeira da Canhota
3. Rio Ave
4. Canal de Água Termal
5. Ruínas do Balneário Romano
6. Tanque Termal Exterior
7. Balneários de apoio ao tanque
8. Ponte de travessia pedonal
9. Miradouro
10. Gárgula de despejo do canal
11. Galé
12. Bosquete
13. Plantação de milho

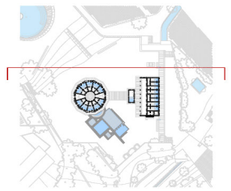
0m 5m 10m 20m

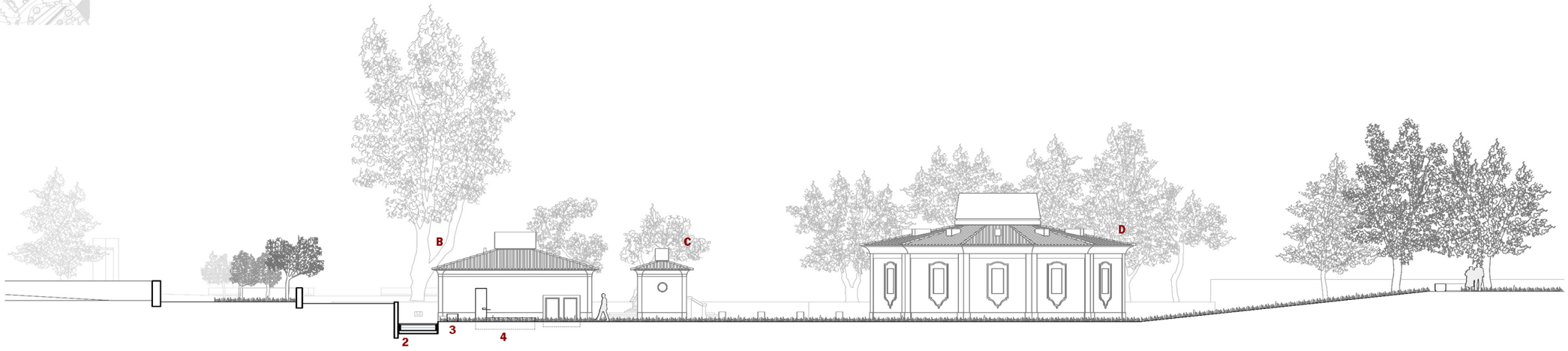


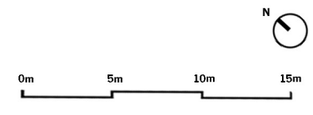


A. Ruínas do edifício termal romano dos séc.I e II d.c.
B. 1° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
C. 2° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
D. 3° Balneário do conjunto termal do séc.XIX (Dodecágono)

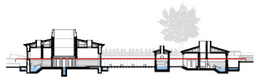
1. Ribeira da Canhota
2. Canal de água termal
3. Fonte de água termal
4. *Buvette*
5. Balneários de apoio ao tanque
6. Gárgula de despejo do canal





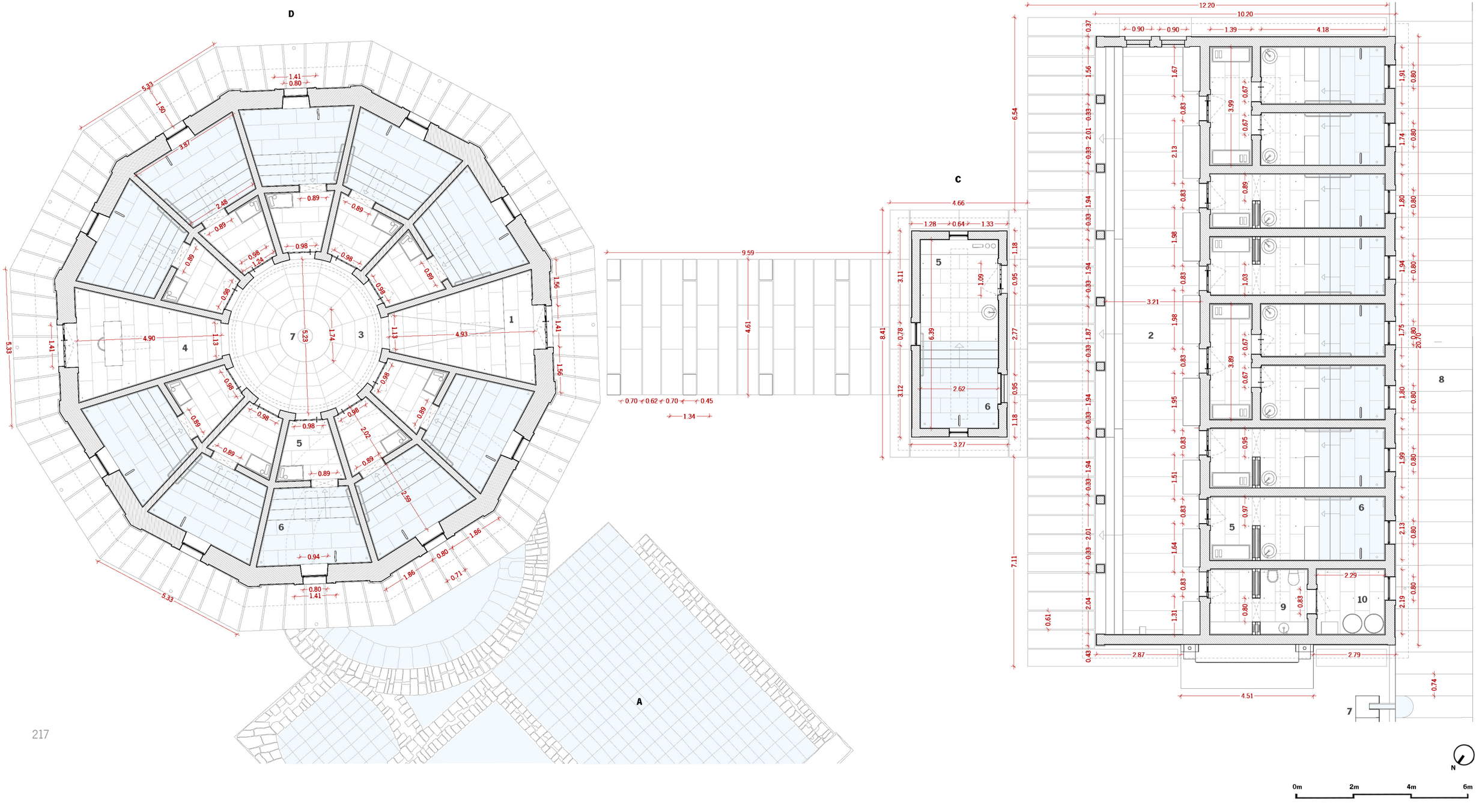


4.42
Planta da intervenção
nos Banhos Velhos



A. Ruínas do edifício termal romano dos séc.I e II d.c.
B. 1° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
C. 2° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
D. 3° Balneário do conjunto termal do séc.XIX (Dodecágono)

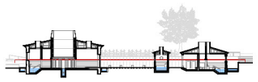
1. Entrada no Dodecágono
2. Átrio
3. Espaço de distribuição
4. Espaço de acolhimento
5. Vestiário
6. Espaço de banho termal
7. Fonte de água termal
8. Canal de água termal
9. Casa de banho - WC
10. Espaço técnico de instalações



4.43
Planta de Vermelhos e Amarelos

A construir

A demolir



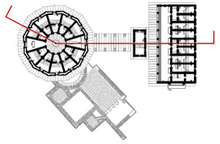
N

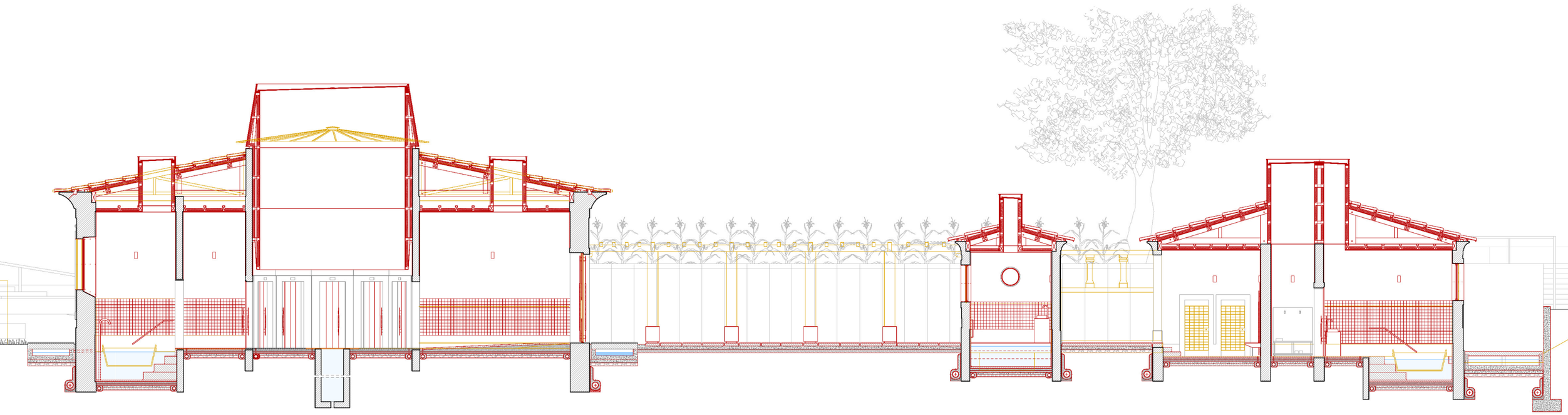
0m 2m 4m 6m

4.44
Secção de Vermelhos e Amarelos

A construir

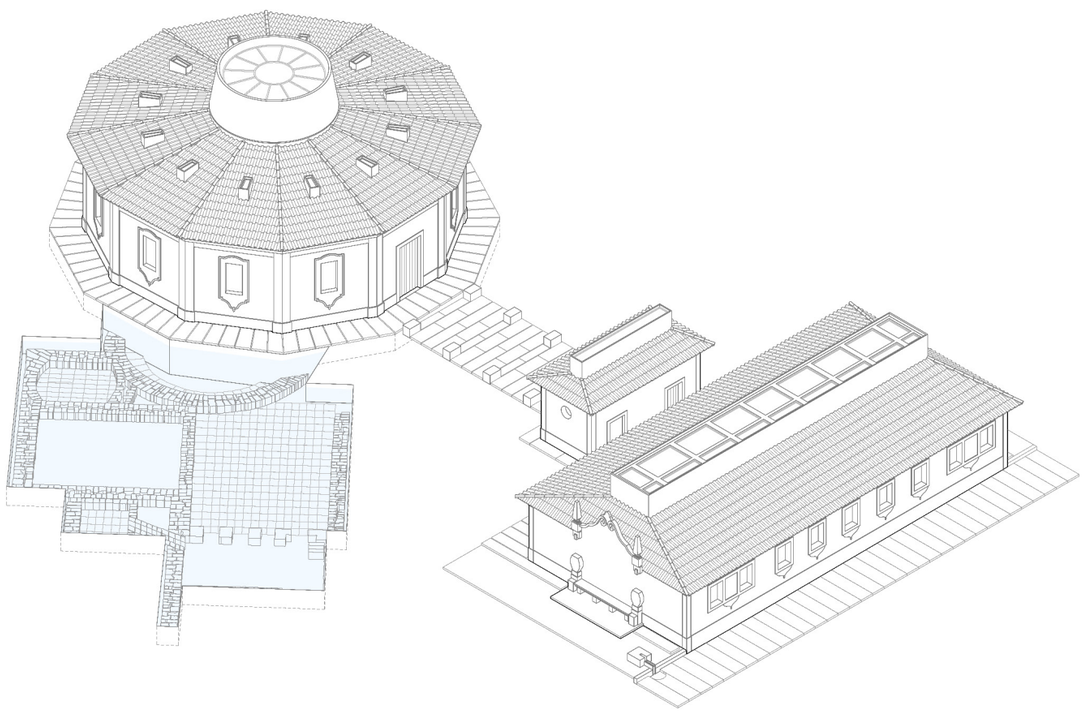
A demolir



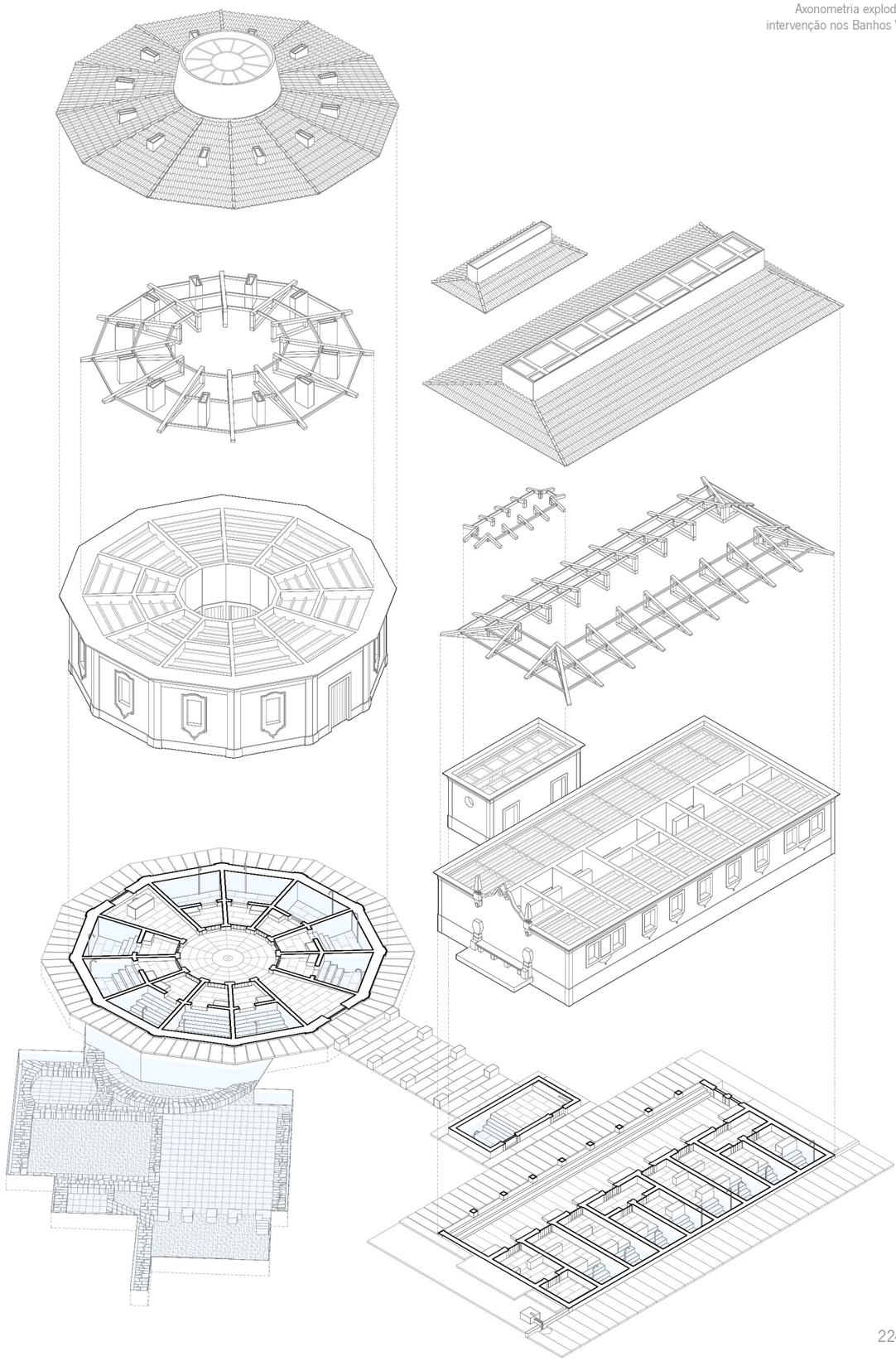


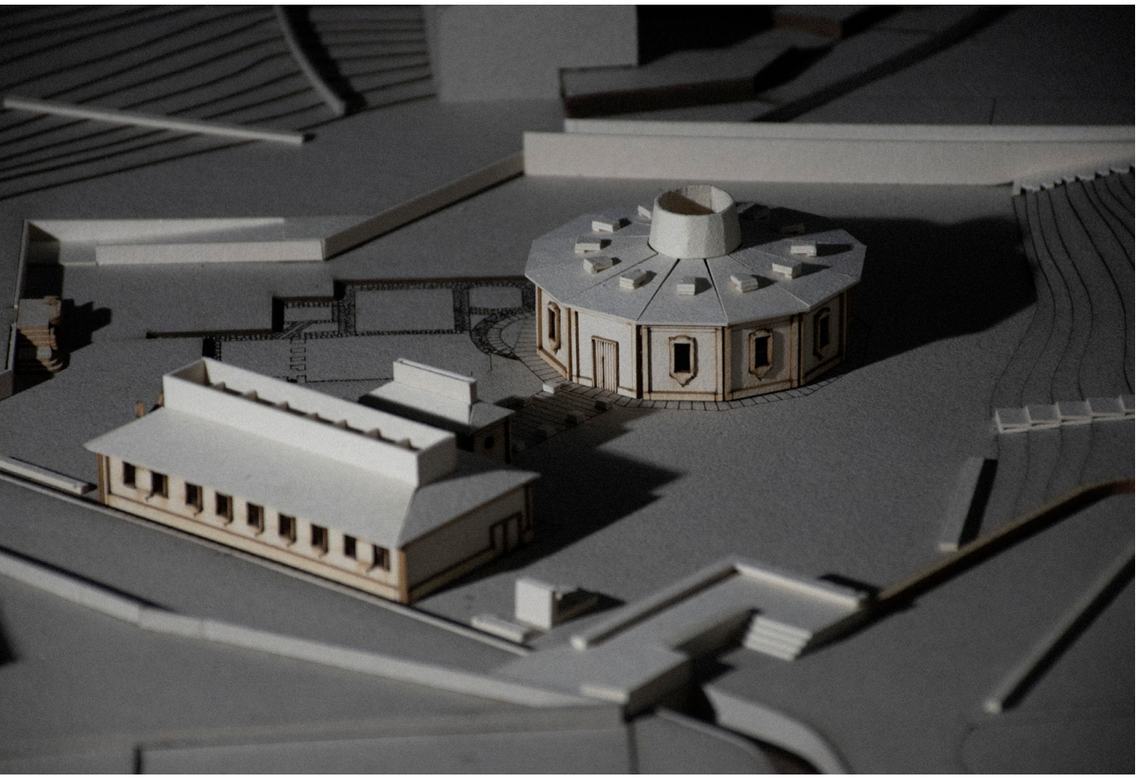
0m 2m 4m 6m

4.45
Axonometria da intervenção
nos Banhos Velhos

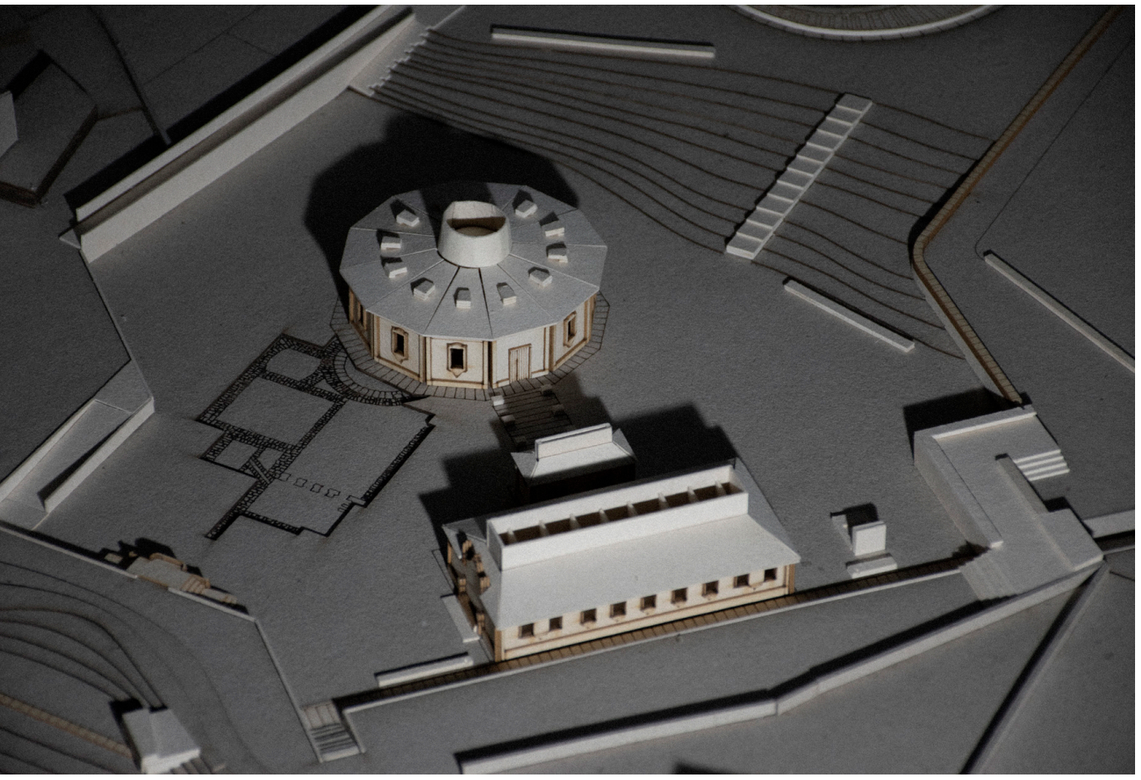


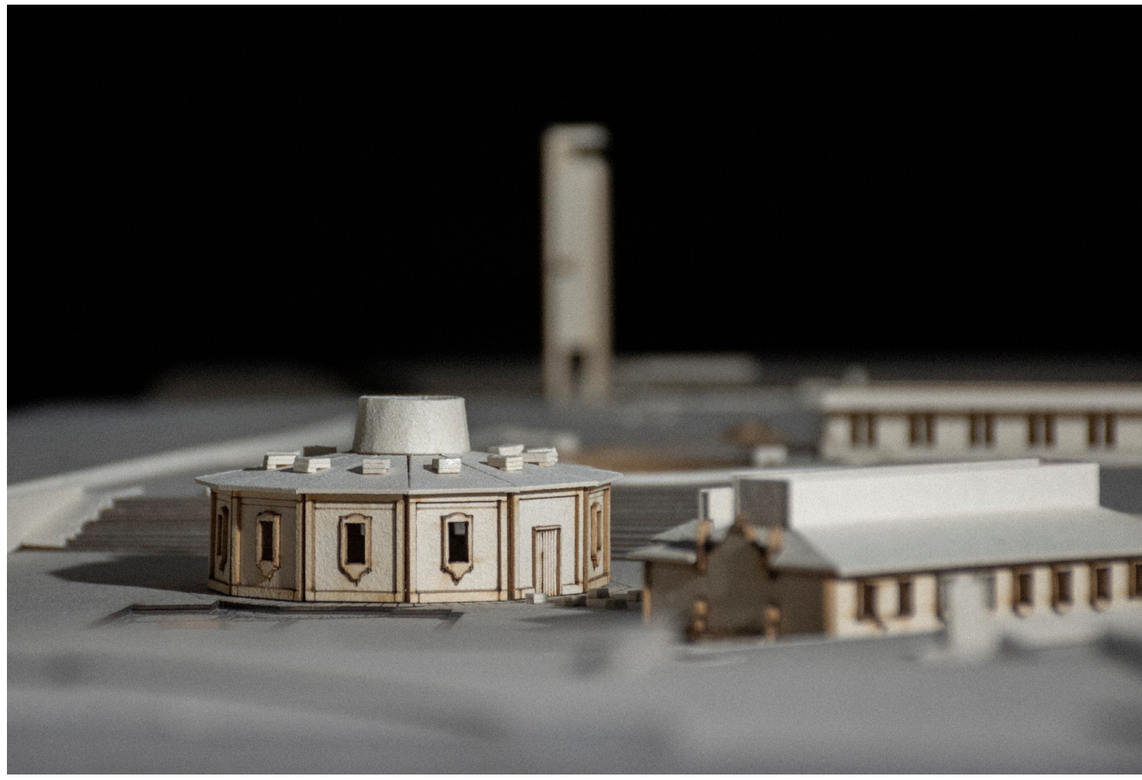
4.46
Axonometria explodida da
intervenção nos Banhos Velhos

















4.50
Perspetiva exterior
dos Banhos Velhos

4.51
Imagem interior
2° Balneário dos Banhos Velhos



4.52
Imagem interior
Cela termal do Dodecágono



4.53
Localização - Tanque termal exterior

Tanque termal exterior

Integrado no percurso do canal, o tanque termal exterior assume-se como o ponto de atração e animação pública e coletiva, alternativo aos Banhos Velhos, mais individualista. É aqui que a água termal se torna experiência, gesto e celebração. Mais do que um elemento formal ou funcional na intervenção, o tanque constitui um espaço de encontro, de comunhão e participação comum, onde a presença da água adquire uma dimensão simultaneamente histórica e simbólica. Propõe-se como lugar aberto, de livre acesso e uso coletivo, reativando a antiga relação entre corpo, paisagem e água, e devolvendo à vila o ritual termal como prática quotidiana.

A sua implantação define-se como ponto de equilíbrio entre o Rio Ave e os Banhos Velhos, situando-se num plano intermédio que o torna elo entre duas águas de natureza distinta - a corrente do rio e as nascentes termais. Essa posição de charneira confere-lhe um papel articulador na leitura do território: o tanque é simultaneamente peça de mediação e de convergência, ponto de pausa e de encontro.

A relação com o canal - espinha dorsal do projeto - é direta e essencial. O tanque integra-se no seu percurso, permitindo que a água o atravesse, o preencha e dele saia, num ciclo contínuo que reforça a ideia de fluxo e de unidade. O som da água, ao entrar e ao sair do tanque, em diálogo com o silêncio do campo, constitui um elemento sensorial determinante: marca o ritmo do lugar, convida à permanência e transforma o tanque num corpo vivo dentro da paisagem.

O desenho parte de um sistema de circunferências descentradas, evocando as geometrias das preexistências - o Dodecágono dos Banhos Velhos, a Fonte do Leão, a nora e o antigo moinho agrícola. Esta geometria reforça a ideia de centralidade e reunião, criando uma ambiência e experiência de comunhão. A escolha da forma circular remete ainda para referências históricas, nomeadamente o frigidarium das *Termas del Foro*, em Pompeia, e o das *Termas Romanas de Bath*, ambos exemplos de espacialidade concebida como lugar de encontro



visual e físico, onde os corpos se dispõem face a face em igualdade.

O projeto toma como referência a obra *Your Glacial Expectations* de *Günther Vogt*, cuja dimensão poética se revelou inspiradora. Nesse trabalho, também a geometria pura, em contraste com a natureza, integra e espelha o céu, a paisagem e o observador, criando uma relação de contemplação entre o corpo e o ambiente. O tanque termal retoma essa ideia: o espelho de água reflete o lugar, devolvendo-o a quem o habita e tornando a experiência do banho também um gesto de olhar e reconhecimento.

O desenho do tanque foi pensado para acolher diferentes tipos de uso e intensidades de relação com a água. O fundo, projetado em calota de esfera, acentua a ideia de imersão e deslize contínuo, reforçando a sensação de profundidade no centro. A conformação resultante permite múltiplas formas de ocupação: zonas mais profundas destinadas à natação; áreas intermédias para flutuar ou repousar; e degraus contínuos que funcionam como assentos. Ao centro, uma pequena ilha circular, alinhada com a entrada e a saída do canal, atua como ponto de apoio ao nadador.

O tanque foi desenhado de forma inclusiva, garantindo acessibilidade plena a pessoas com mobilidade reduzida. O lava-pés, elemento técnico de transição, foi estrategicamente posicionado para resultar numa tangencial com o tanque, permitindo nesse ponto, a passagem direta de uma cadeira de rodas, assegurando o acesso sem barreiras, encontrando depois, um corrimão que auxilia a entrada na água, facilitando a imersão segura. Perifericamente, uma rampa suave e intervalada estabelece a ligação direta desde o percurso pedonal até ao espaço do tanque, permitindo a fruição integral do lugar

Em torno do tanque, integram-se dispositivos complementares que garantem a sua funcionalidade e conforto: chuveiros exteriores, o lava-pés, corrimões, calhas de drenagem de transbordo discretamente embutidas no pavimento e as peças de entrada e saída da água, que asseguram a circulação e a renovação do caudal. Estes elementos técnicos, cuidadosamente desenhados, procuram equilíbrio entre afirmação funcional e integração formal.

O dimensionamento obedece à métrica do passo simples romano (0,74 m), definindo diâmetros, patamares, profundidades e estereotomias segundo múltiplos dessa unidade. Este princípio confere harmonia ao conjunto e inscreve o tanque na mesma lógica construtiva que orientou todo o projeto.

A materialidade foi pensada em diálogo íntimo com o corpo e com a luz. O fundo e as molduras alternam entre superfícies bujardadas e rugosas, que estimulam o tato, e as polidas e brilhantes, que refletem a luminosidade e a vibração da água. O uso do mármore lioz e do betão com inertes do mesmo mármore, pigmentado para se aproximar da sua tonalidade, garante continuidade cromática com a restante intervenção.

Mais do que um equipamento, o tanque termal é uma peça para a comunidade - um espaço democrático de partilha e reencontro. O som, a luz, o odor, a matéria e a presença da água convergem para criar um lugar ativo, onde o corpo é simultaneamente convidado e protagonista, e onde o gesto do banho reencontra o seu significado mais profundo: o de reconectar o homem com o território e com o tempo. (desenho nº 10 e 16).



4.54
Your Glacial Expectations
Günther Vogt



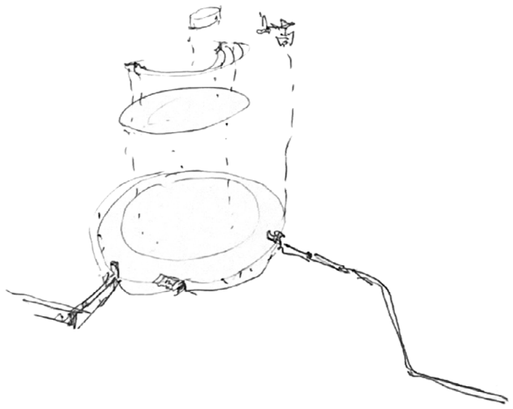
4.55
Termas Romanas de Bath, Frigidarium

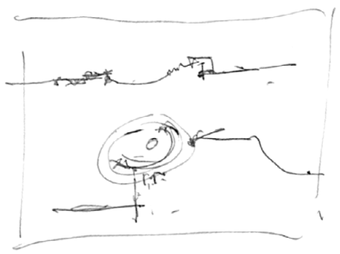


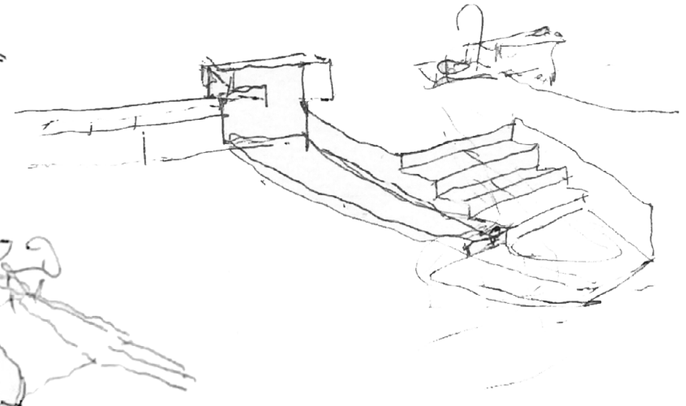
4.56
Termas Del Foro, Frigidarium

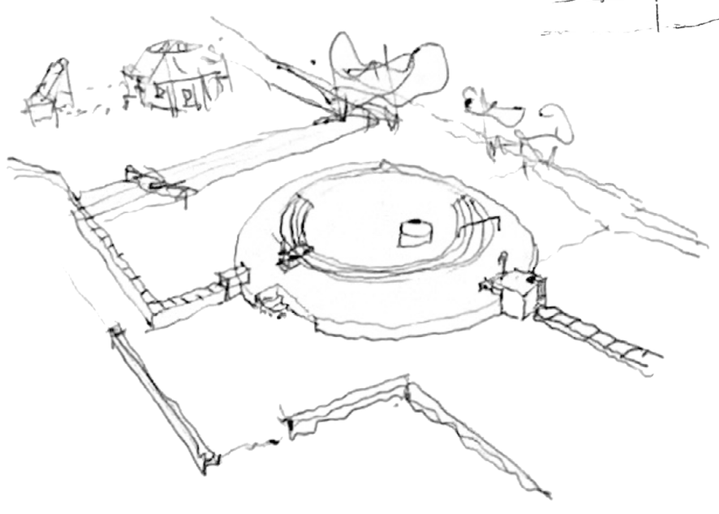
4.57
Esquissos de projeto
Tanque termal exterior

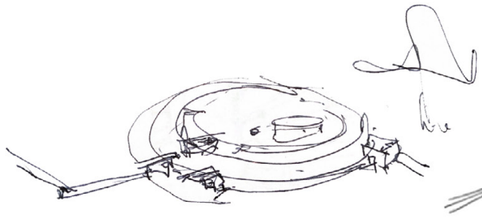




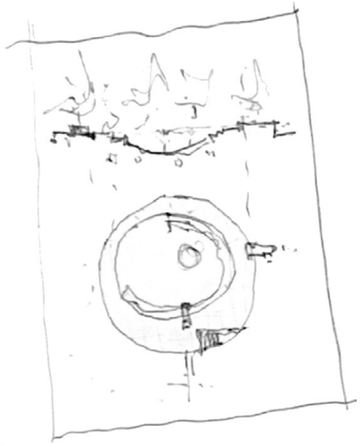


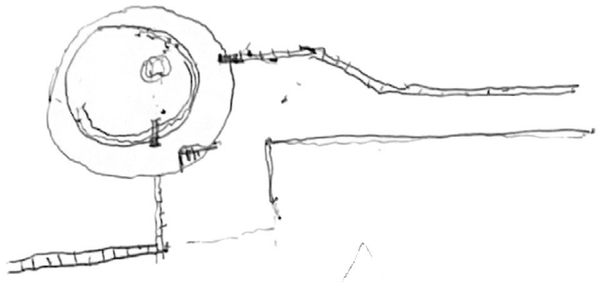


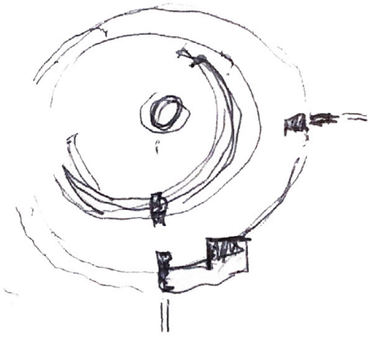




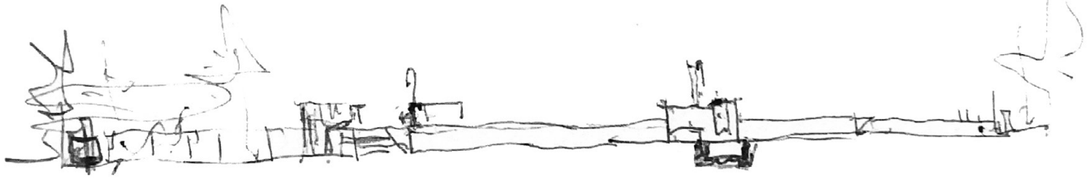




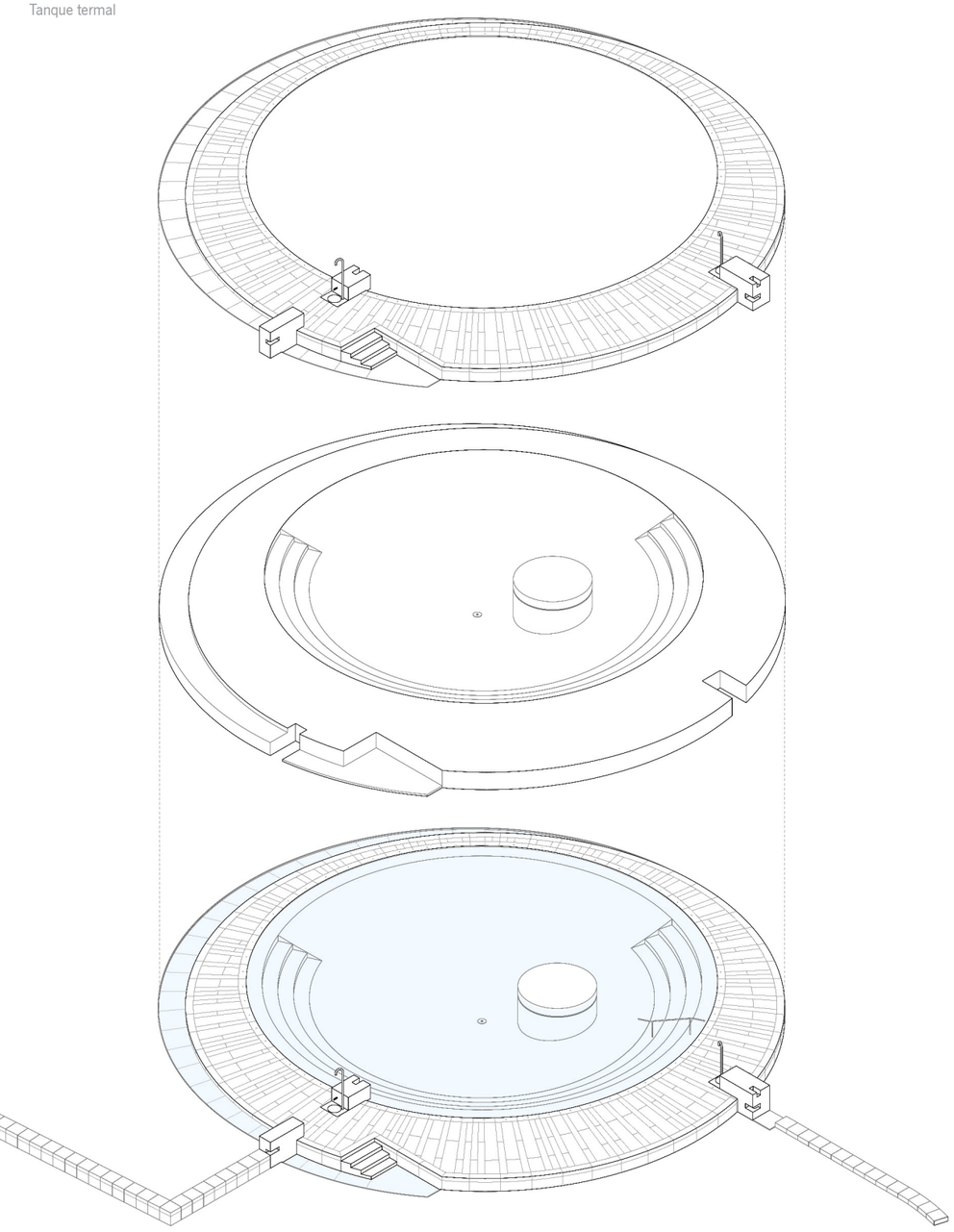




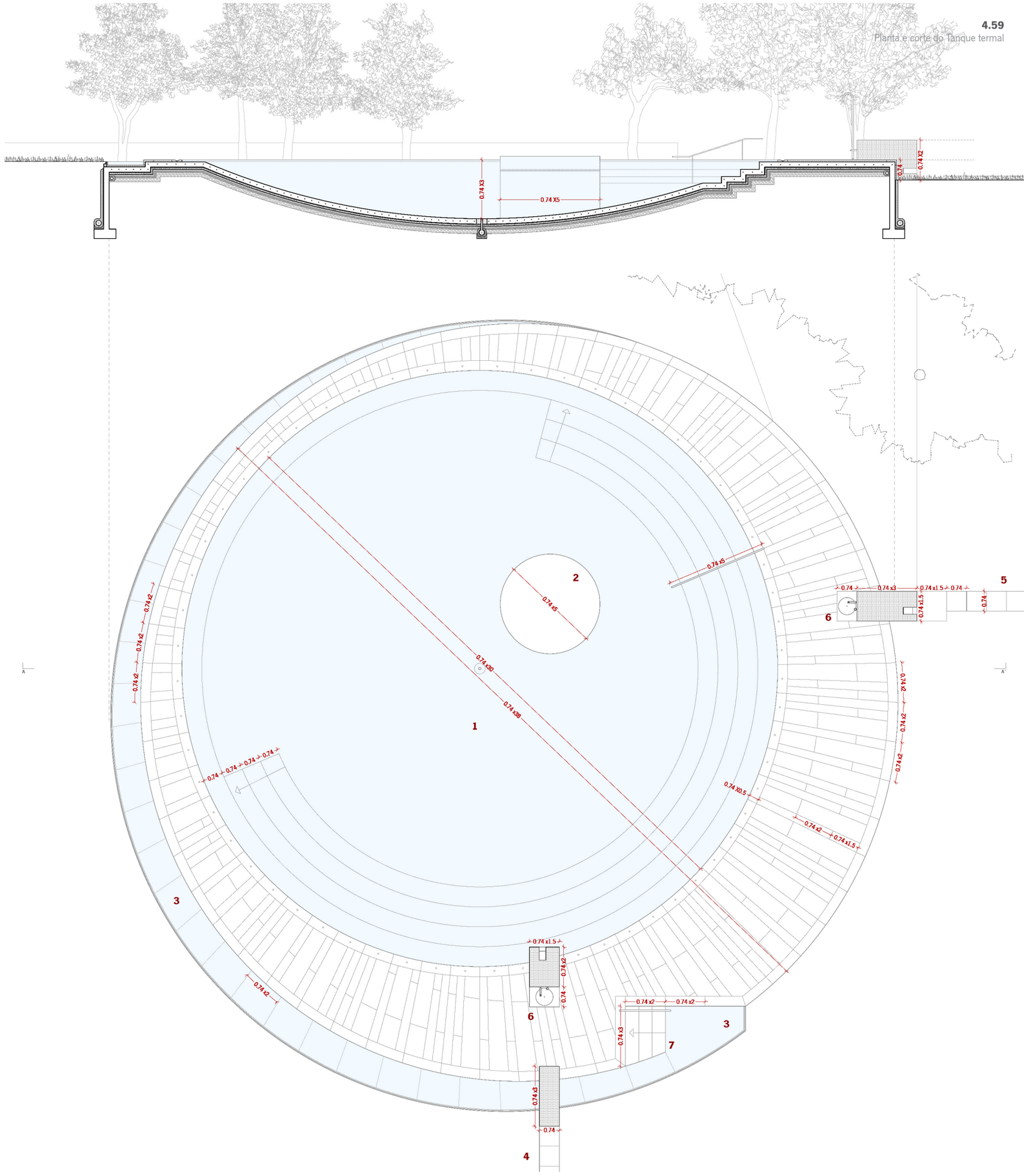




4.58
Axonometria explodida do
Tanque termal



4.59
Planta e corte do Tanque termal

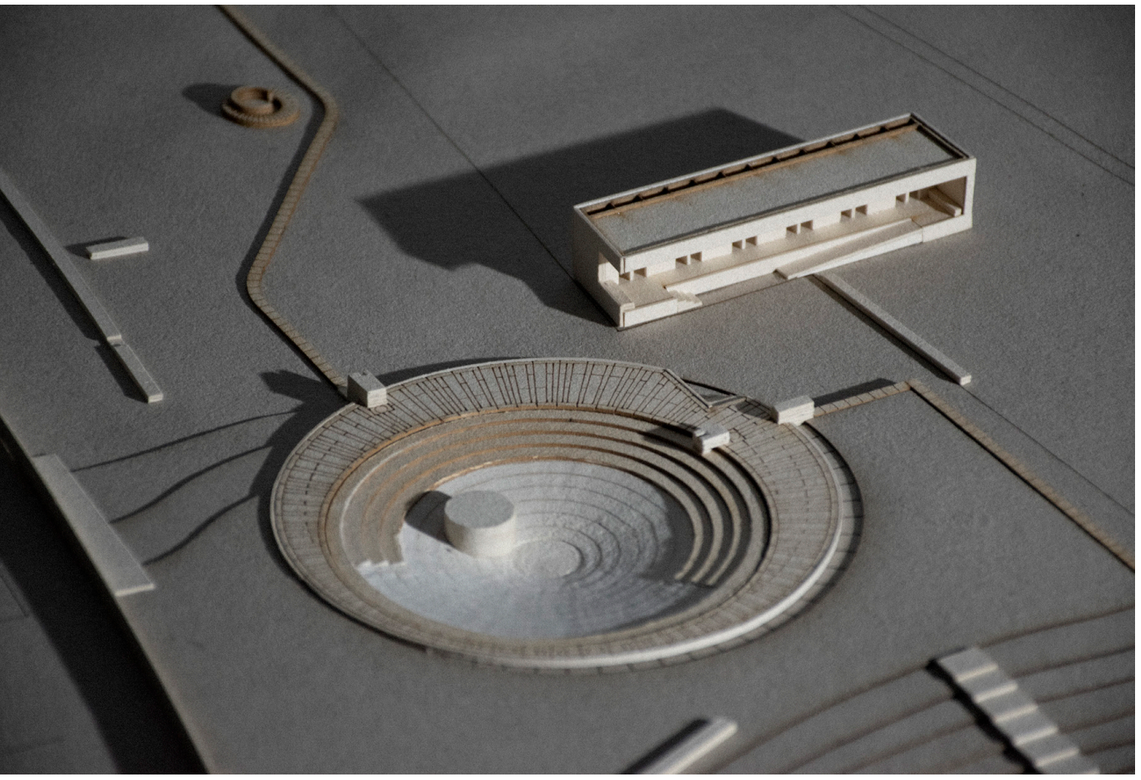


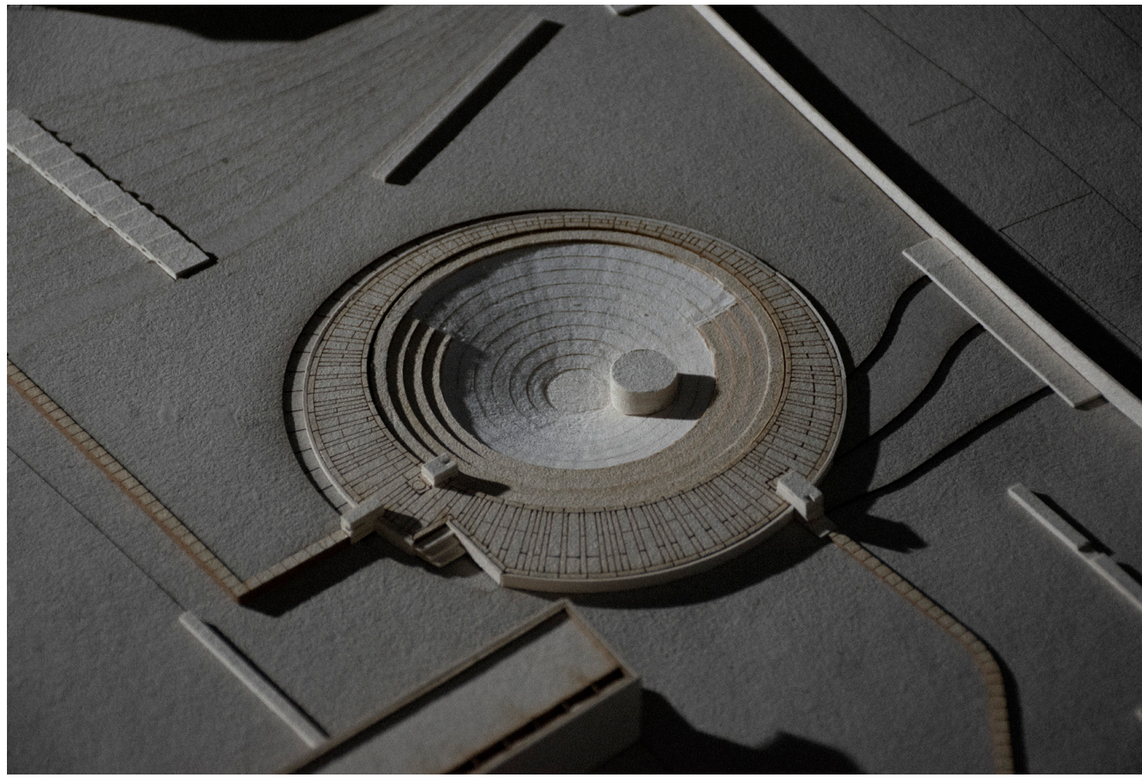
1. Tanque de água termal
2. Peça de apoio - Ilha
3. Lava-pés
4. Canal de abastecimento de água termal
5. Canal de escoamento de água termal
6. Chuveiro
7. Escada de acesso

0.74m Medida do Passo simples Romano

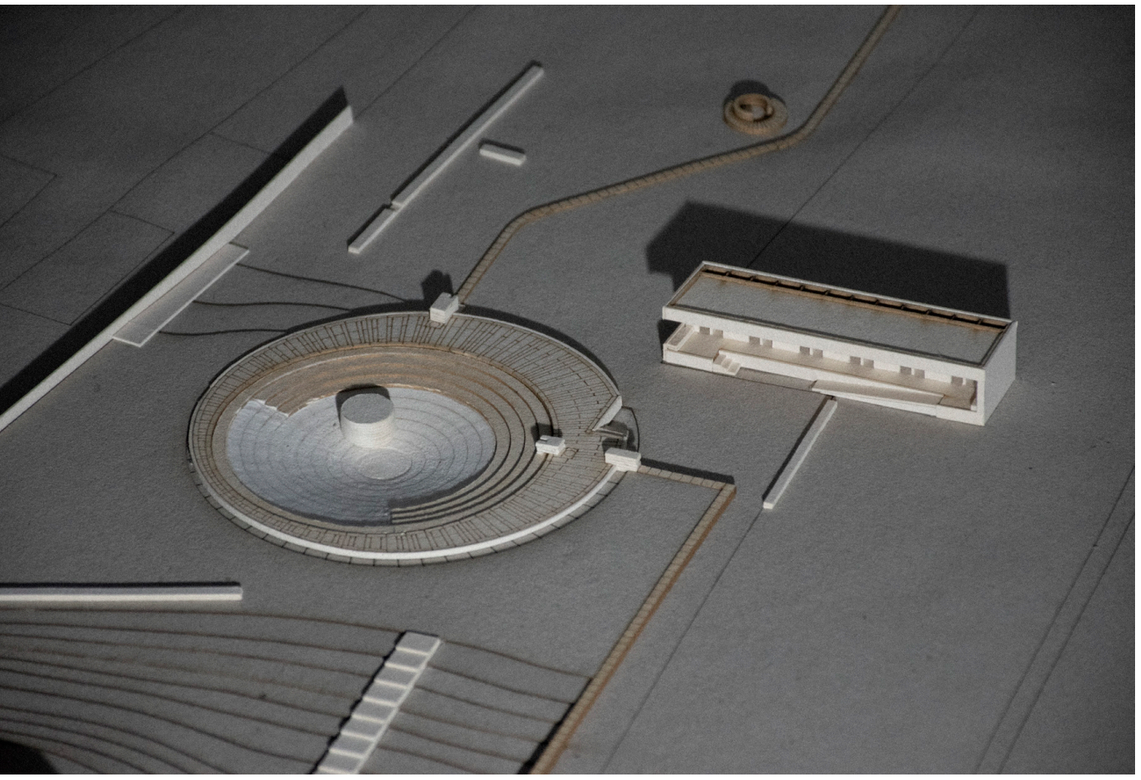
N

0m 1.5m 3m 4.5m





4.61
Maqueta | Tanque termal exterior







4.62
Perspetiva exterior
Tanque termal

Balneário de apoio ao Tanque termal

Associado ao tanque termal exterior, propõe-se a construção de um balneário de apoio, cuja conceção decorre da necessidade de dotar o conjunto de um espaço que assegure conforto, funcionalidade e condições adequadas à prática do banho. A sua presença nasce como consequência natural da lógica de funcionamento do sistema termal: o balneário serve o tanque, complementa-o e aperfeiçoa as condições de uso, contribuindo para a experiência sensorial e coletiva do espaço. Discreto e contido, assume-se como extensão direta do tanque - um corpo de serviço que acolhe, prepara e apoia o ritual do banho.

A implantação do balneário resulta de uma leitura cuidada da marcação fundiária dos campos que estruturam a paisagem ribeirinha. Entre as sucessivas faixas agrícolas dispostas perpendicularmente ao Rio Ave, identificou-se uma dessas marcações que, em determinado ponto, se desviava subtilmente, quebrando o seu alinhamento para acompanhar o do rio. Foi precisamente essa exceção discreta, mas expressiva, que deu origem à implantação do novo balneário. A sua posição no terreno não é, portanto, aleatória: nasce dessa inflexão e prolonga-a, assumindo-se agora paralela ao Rio Ave, como continuidade e acentuação desse desenho singular do lugar.

O edifício foi ligeiramente elevado, situando-se à mesma cota do tanque e do canal termal, de modo a prevenir os efeitos das cheias sazonais. Essa elevação permitiu definir um embasamento de identificação e fundação do equipamento, no contacto como o solo, do qual se desdobram uma escada e uma rampa de acesso que asseguram a entrada na galeria de distribuição. Esta circulação, concebida como espaço de transição, distribui o acesso aos duches e instalações sanitárias, garantindo também acessibilidade plena a pessoas com mobilidade reduzida.

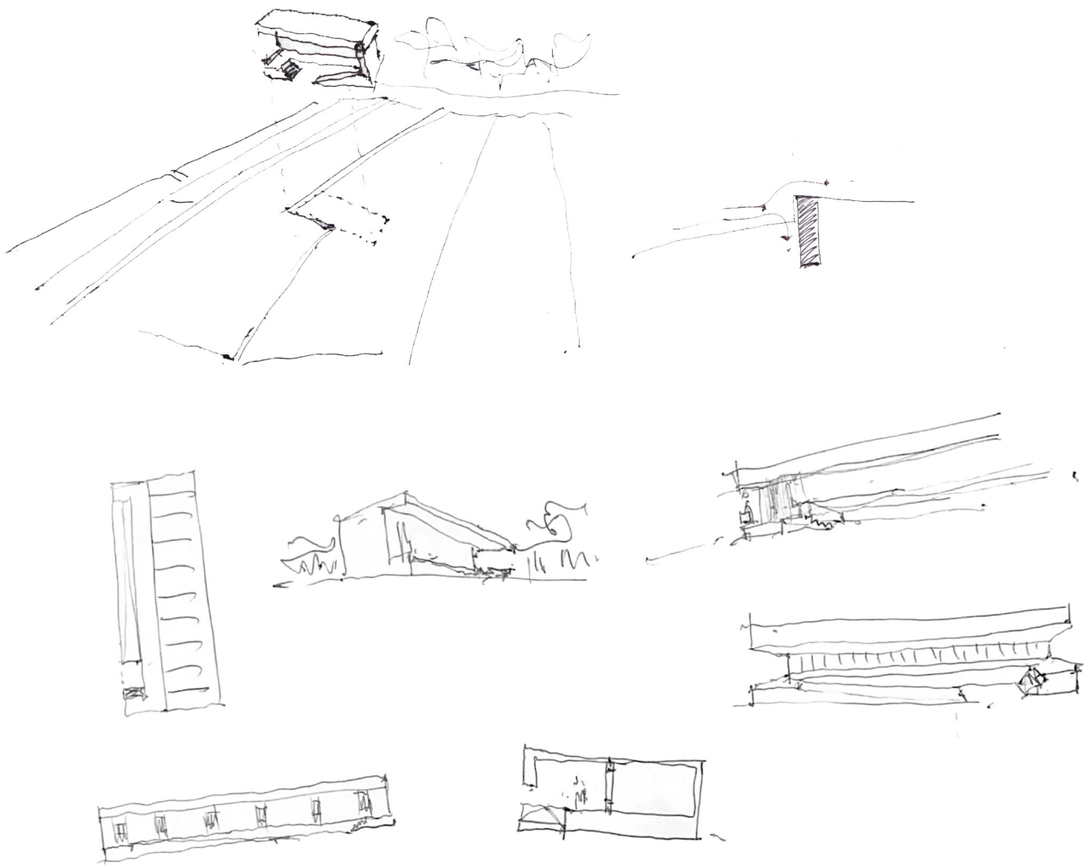
No interior, a iluminação natural é obtida através de uma clarabóia, evocando a iluminação zenital característica das celas termais dos Banhos Velhos. Esta solução estabelece uma continuidade atmosférica entre o antigo e o novo, transportando para o balneário contemporâneo a mesma qualidade de luz que marca as celas termais. A claridade filtrada e o contraste entre sombra e brilho reforçam o caráter íntimo e contemplativo associado ao ritual do banho.

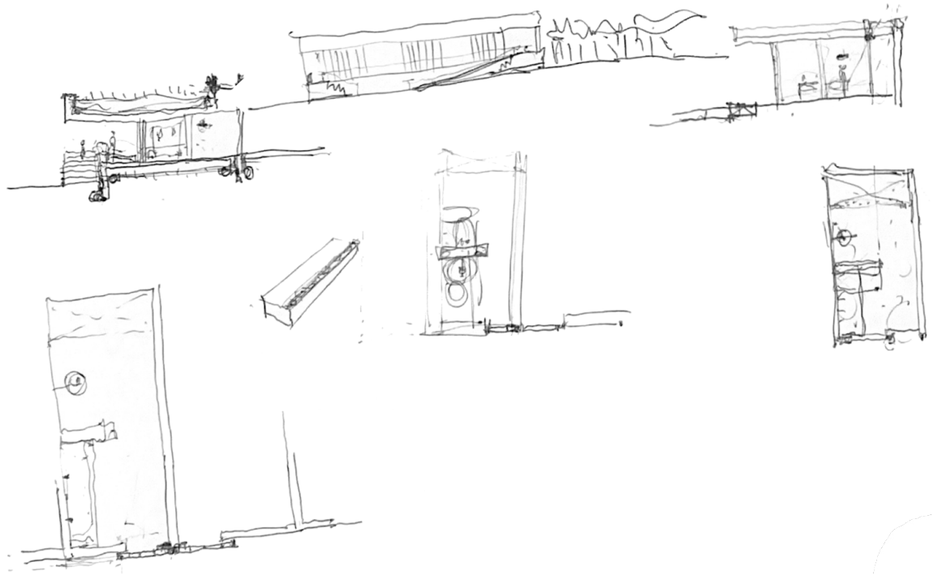
No alçado nascente, foram integrados duches exteriores que reforçam a relação entre o espaço construído e a paisagem envolvente, dissolvendo os limites entre interior e exterior. (desenho n° 2, 3 e 4).



4.63
Localização - Balneário de apoio
ao Tanque termal exterior

4.64
Esquissos de projeto
Balneário de apoio ao Tanque termal



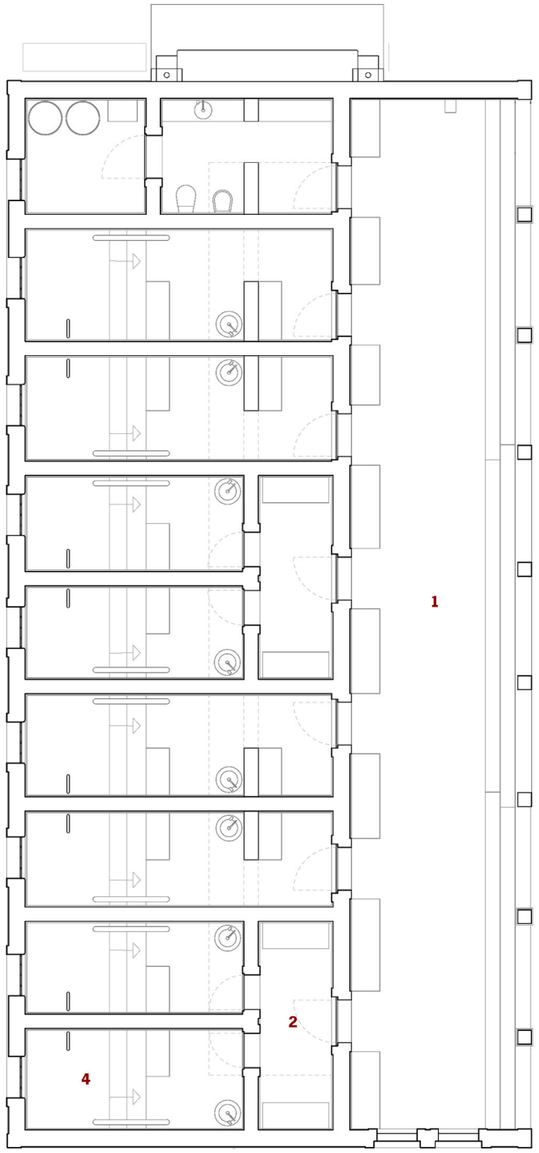


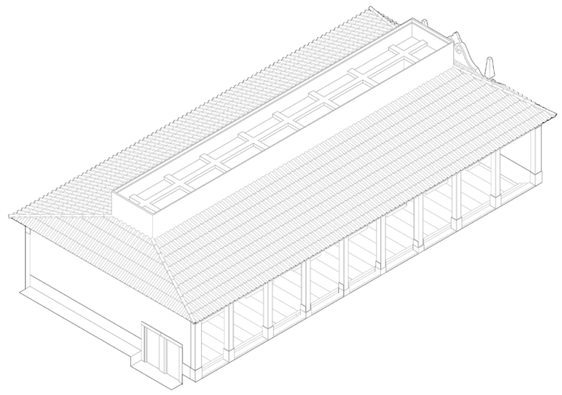
4.65
Esquema da implantação do balneário de apoio ao tanque termal a partir da observação das marcações fundiárias



4.66
Planta e axonometria do 1º balneário
dos Banhos Velhos

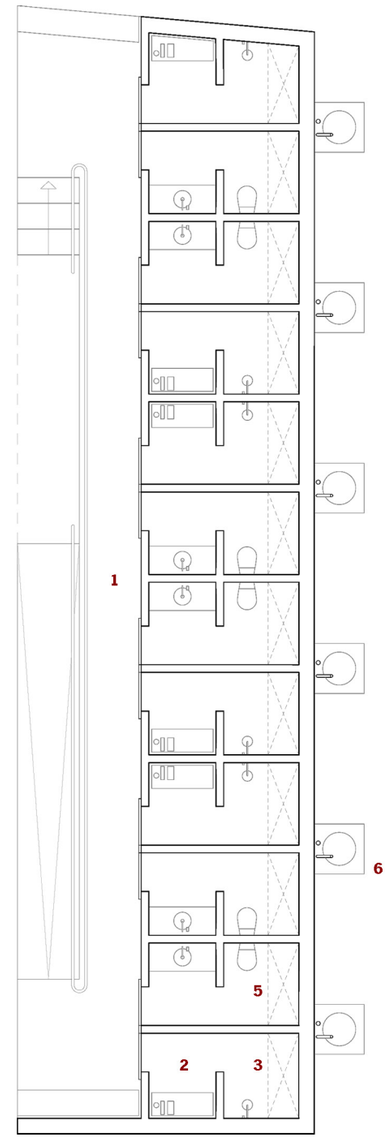
A
1º Balneário dos Banhos Velhos





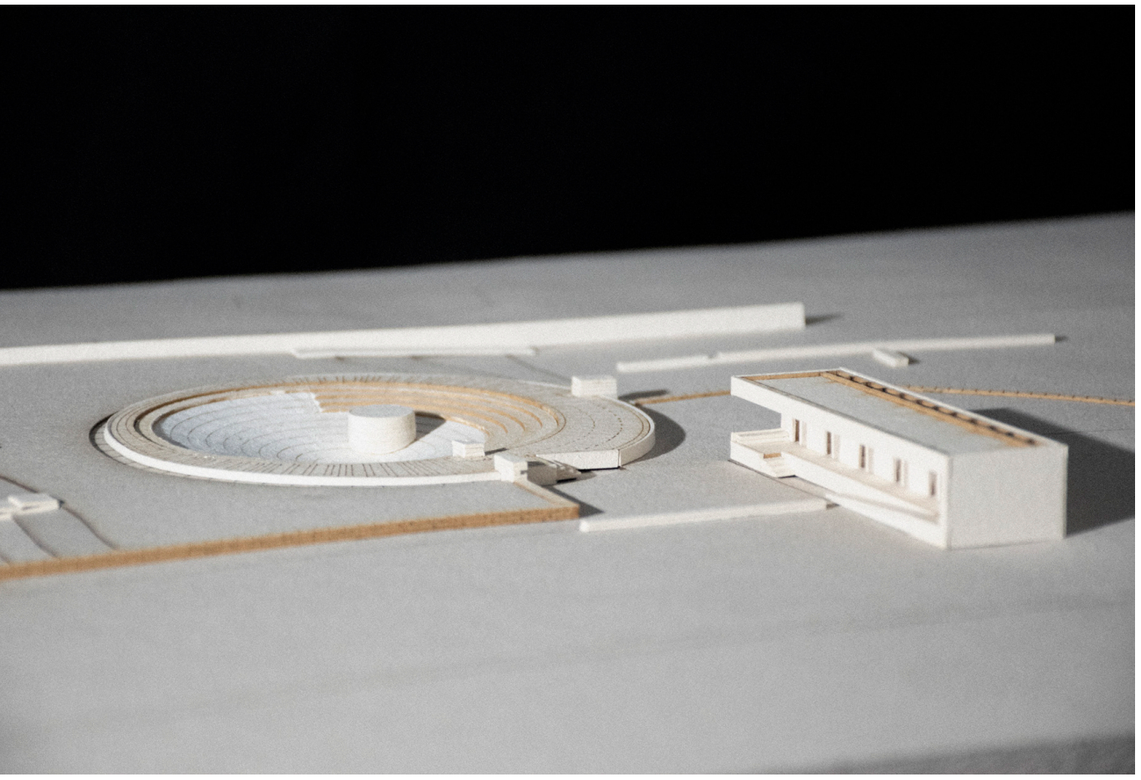
4.67
Planta e axonometria do balneário
de apoio ao Tanque termal

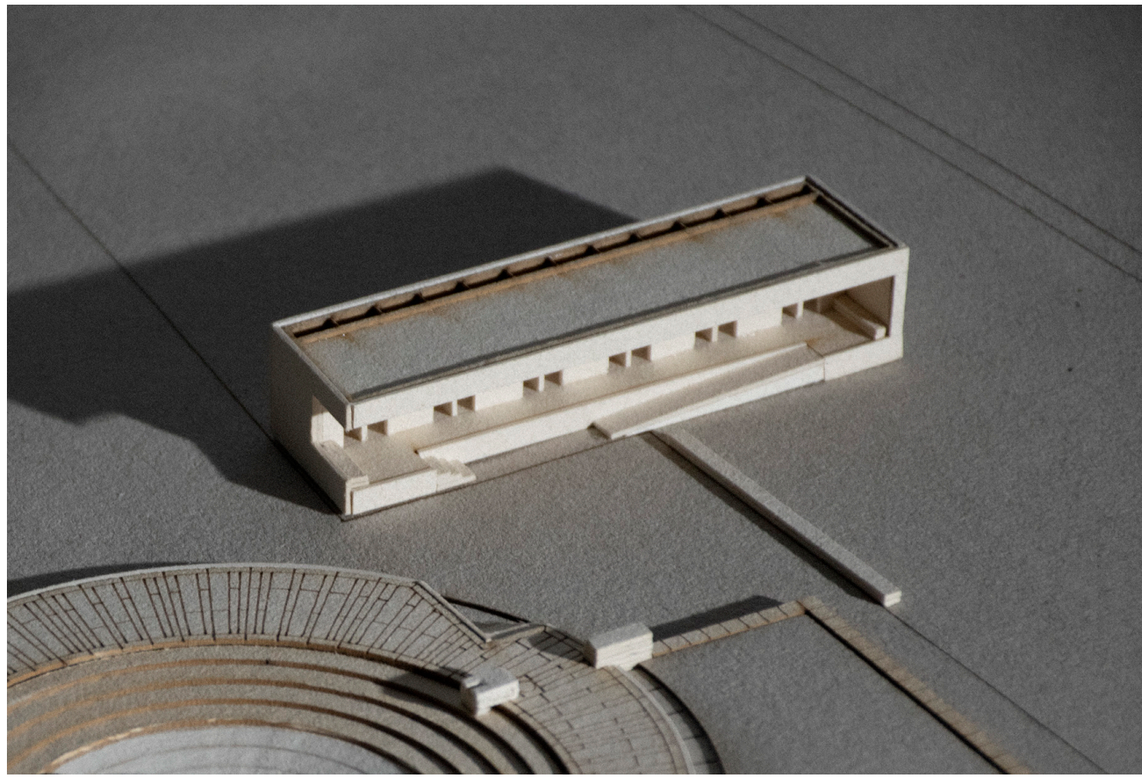
B
Balneário de apoio ao Tanque termal



1. Galeria exterior de acesso
2. Vestíbulo
3. Duche
4. Cela termal
5. Casa de banho
6. Duche exterior

0m 1m 2m 3m







4.69
Perspetiva exterior
Galeria de acesso do
Balneário de apoio
ao Tanque termal

Ponte pedonal

A ponte pedonal integra o percurso termal, assegurando a ligação do conjunto à margem oposta do Rio Ave. A sua presença responde, em simultâneo, a uma necessidade prática (a inexistência de atravessamentos próximos) e a uma ambição territorial: prolongar a intervenção para além dos seus limites, reforçando a sua continuidade, a sua expansão e vocação territorial, associando-se aos parques e praias fluviais das Taipas. Afirma-se como gesto de continuidade e de abertura, projetando a intervenção para o território envolvente. Ao alcançar a outra margem, deixa a página da intervenção em aberto, num gesto de consideração pelo futuro, funcionando como pista para a valorização e organização da outra margem e como convite à continuidade da narrativa da intervenção.

Implantada em alinhamento com o miradouro, estabelece uma perspetiva orientada que o enquadra na relação com o fundo da paisagem. É nesse ponto, em contacto direto com a ponte, que se propõe a integração de um *Ghat* - estrutura arquitetónica de caráter ritual, composta por degraus, associada à aproximação do corpo com a água - como forma de reforçar o significado do banho no Rio Ave. Este elemento acrescenta um novo ponto de contacto físico e simbólico com a água, ampliando a experiência da intervenção e conferindo um lugar de permanência e fruição junto ao leito do rio.

Inspirada na morfologia das pontes romanas, como a *Ponte Romana da Catribana* em Sintra, o seu arco não é simétrico nem mimético, mas evocativa. Trata-se de uma alusão discreta à herança romana, sem procurar uma reprodução literal. O vão e a escala da nova ponte diferem dos exemplares históricos, mas preservam o espírito construtivo que lhes está associado.

A métrica do passo simples romano (0,74 m) volta a ser a unidade base de composição e modulação, regulando tanto o comprimento como a largura da ponte e assegurando coerência com os restantes elementos do projeto. (desenho n° 1, 2, 3 e 4).

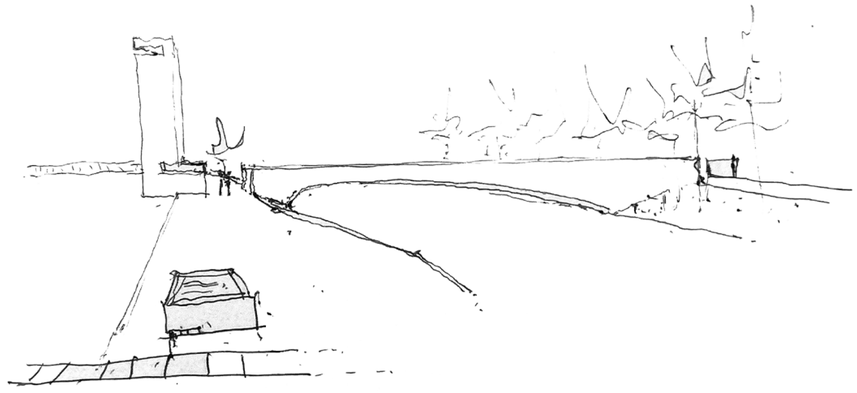


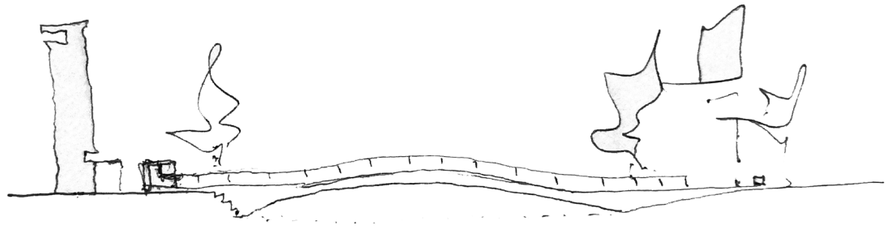


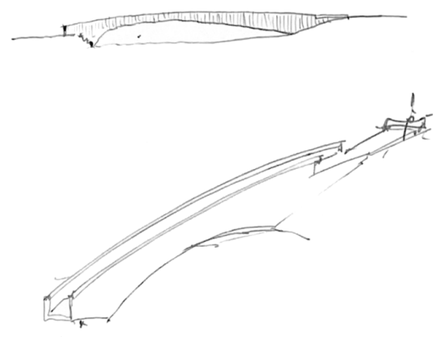
4.71
Ponte Romana
da Catribana

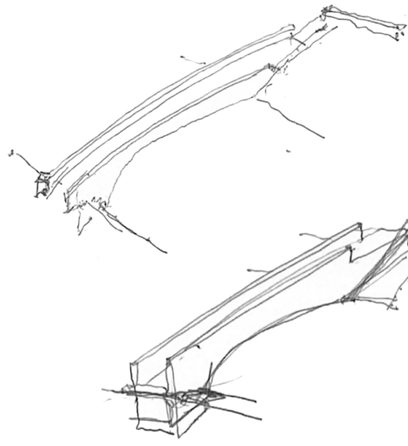


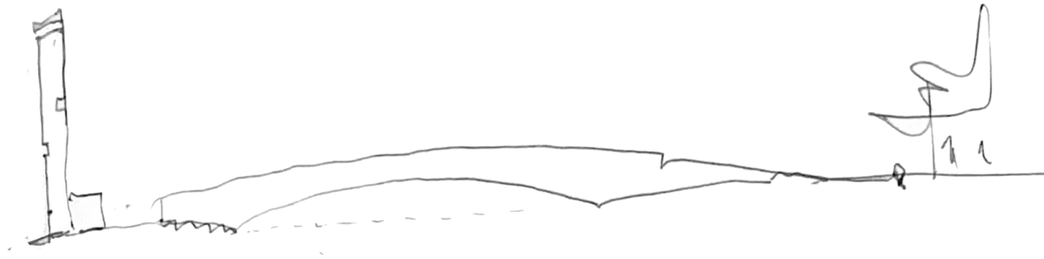
4.72
Ponte Romana
da Catribana



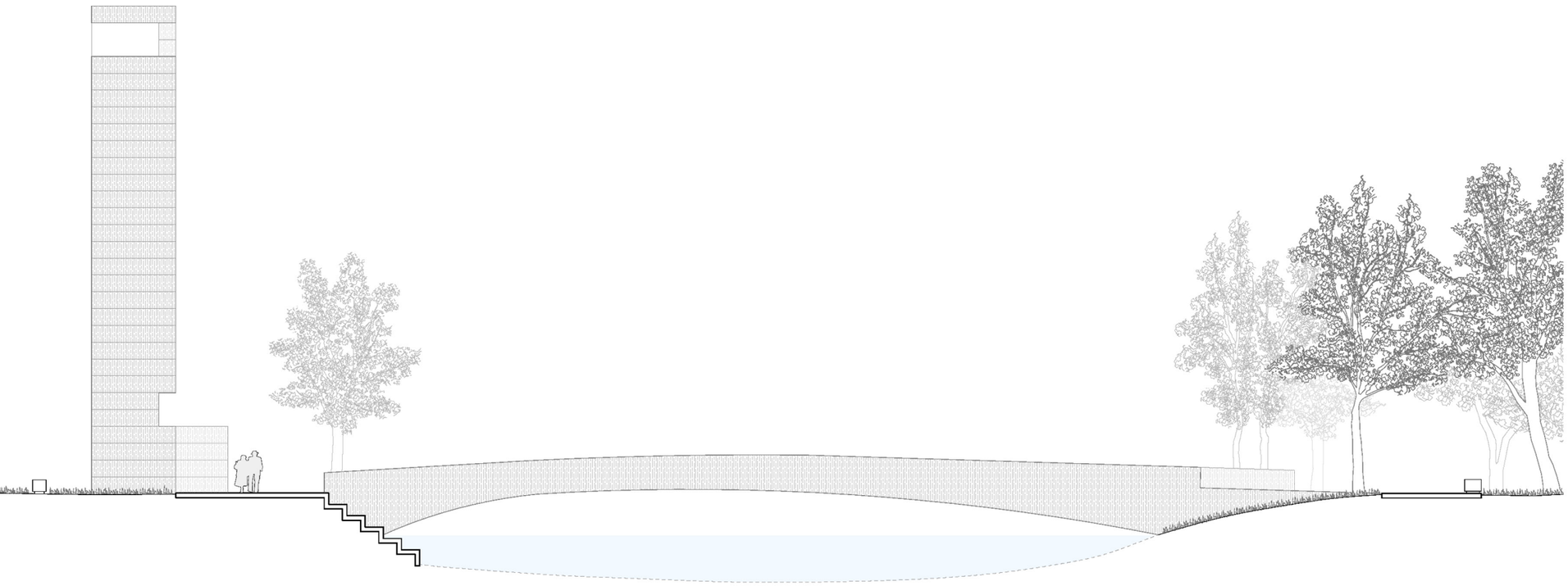






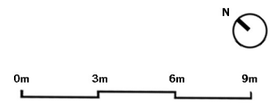


4.74
Planta e corte da ponte pedonal

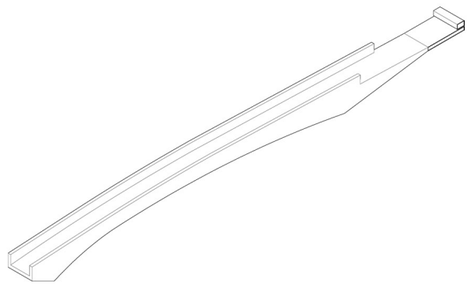


1. Ponte pedonal
2. Miradouro
3. Canal de água termal
4. Peça informativa do conjunto termal
5. Gárgula de despejo da água termal
6. Ghatt

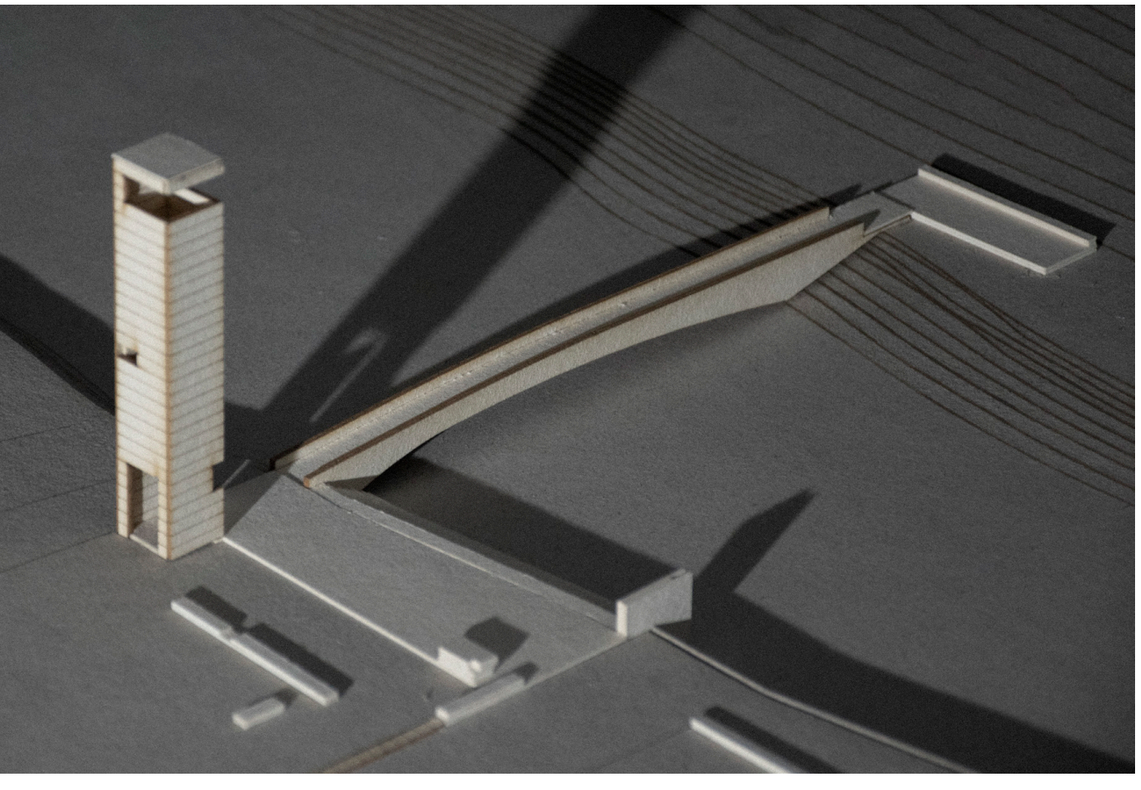
Medida do Passo simples Romano 0.74m

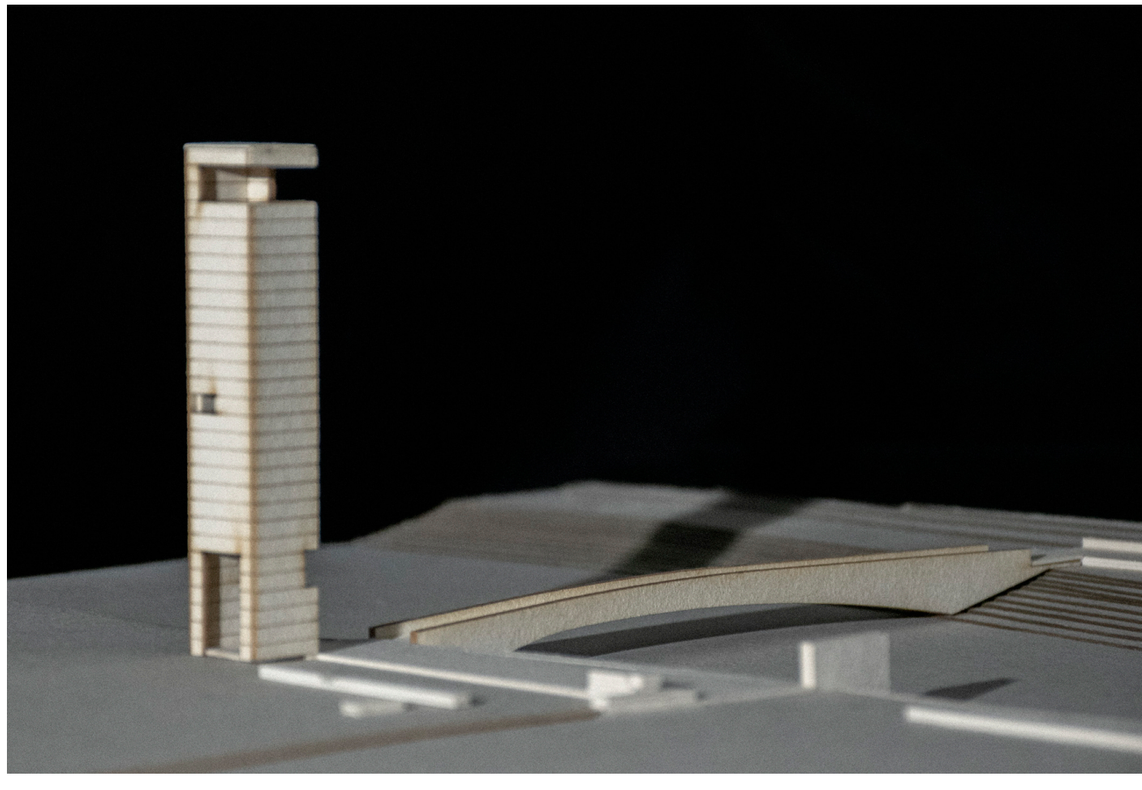


4.75
Axonometria da ponte pedonal



4.76
Maqueta | Ponte pedonal e Ghat





Dispositivos complementares / Fragmentos

Ao longo da intervenção, foi projetado um sistema de pontos e linhas dispersos que sustenta os diferentes usos em presença e que enfatiza a experiência espacial e temporal pelo parque termal e natural. Estes dispositivos são pequenas arquiteturas que convidam à utilização, à observação, à informação ou à pausa, proporcionando diferentes formas de relação com o lugar e com a água.

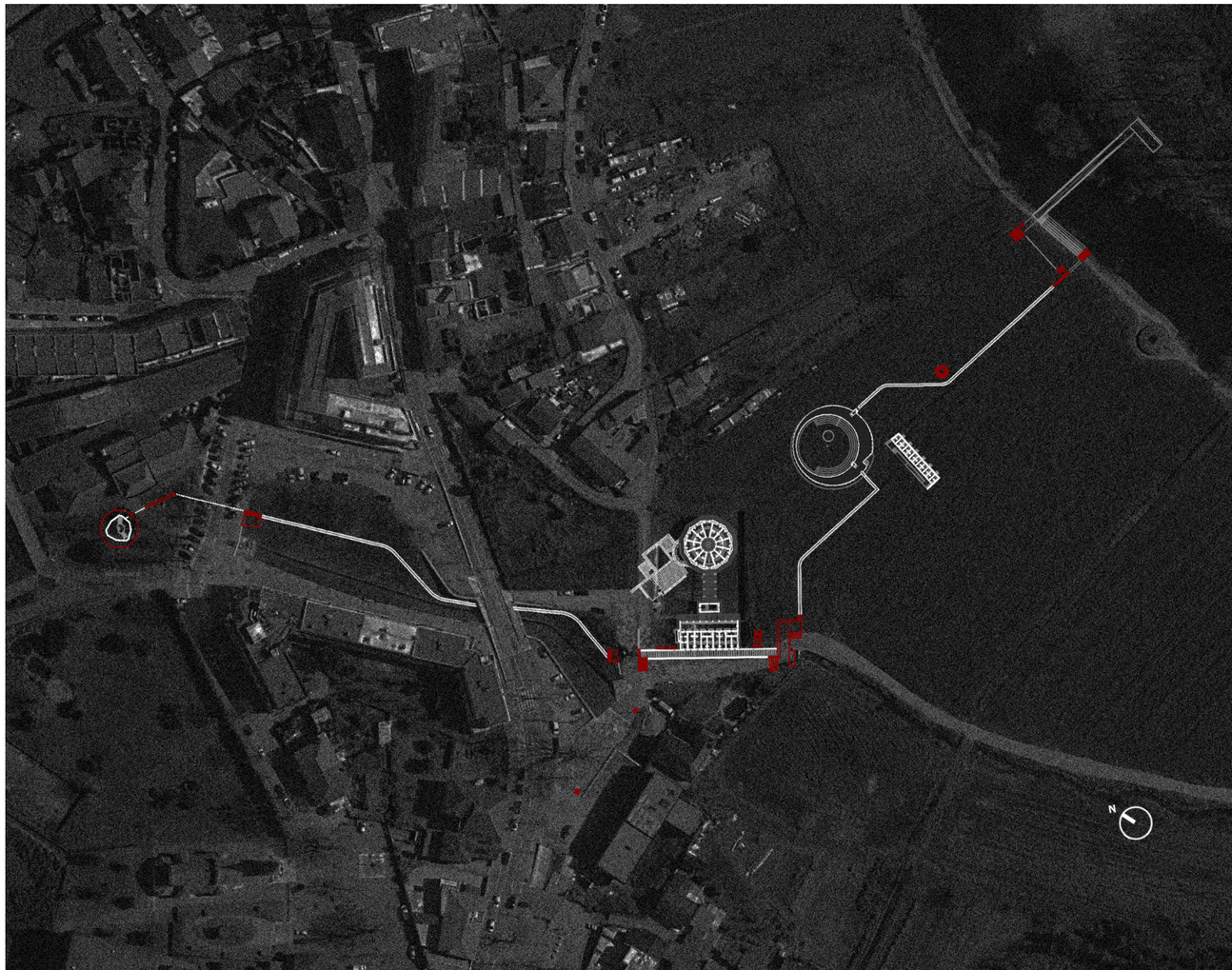
Neste sentido, estabelece-se uma referência às *"Follies"* do *Parc de la Villette* (1987, Bernard Tschumi), onde pequenas arquiteturas distribuídas no território que, embora formalmente autónomas, constituem um sistema organizador e simbólico do espaço.

A escala e a relevância destes fragmentos variam intencionalmente. Uns apresentam-se mínimos, quase fundidos no terreno; outros afirmam-se como pontos de referência e celebração. Entre eles, encontram-se dispositivos de água como fontes, *Buvettes*, lava-pés e pequenas nascentes termais, que evocam o universo do termalismo oitocentista e a própria história dos Banhos Velhos. Há também dispositivos informativos que asseguram a leitura do conjunto e do território: descrevem, orientam e contextualizam, estabelecendo pontes entre a arquitetura e a memória. Alguns remetem ainda para temas paralelos como o antigo Grande Hotel Villas ou a localização da casa onde viveu Camilo Castelo Branco, ampliando o alcance cultural e histórico da intervenção.

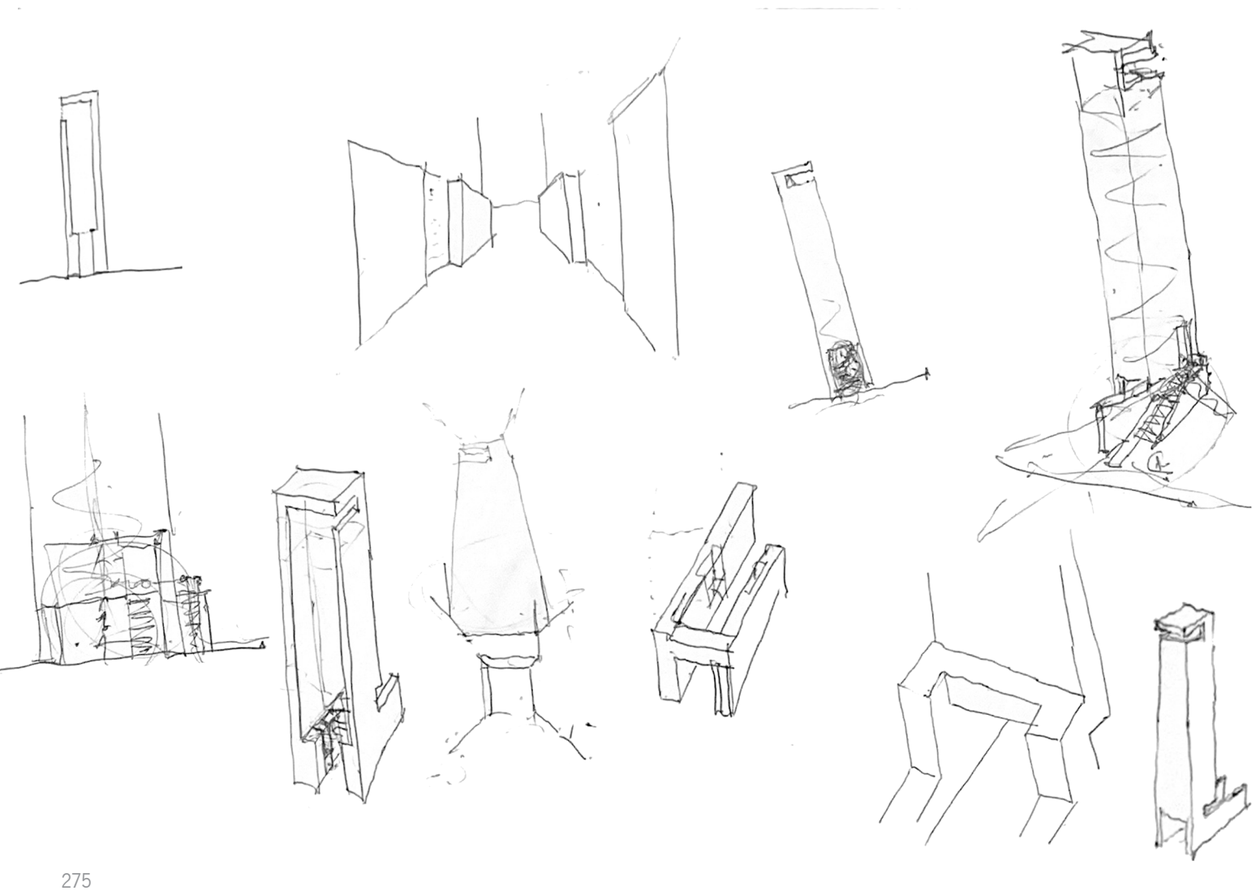
Entre estes dispositivos, destaca-se o miradouro, peça simbólica e celebrativa do sistema termal, associado espacialmente à ponte e ao ghat. Concebido como um contraponto contemporâneo à Ara de Trajano, ergue-se como um monólito de betão armado poroso - uma "pedra contemporânea" que observa e é observada. O seu posicionamento garante a visão direta entre ambos, estabelecendo um eixo simbólico que liga o passado romano à nova proposta termal. Tal como a Ara de Trajano celebrava a construção das redes viárias do império, este novo objeto celebra o percurso da água, da arquitetura e da memória, consagrando o conjunto termal como herança viva. Implantado no Vale do Ave, o miradouro atua também como elemento de pontuação e visualização da paisagem, revelando a escala territorial do projeto e permitindo compreender a forma como este se inscreve e dialoga com o território.

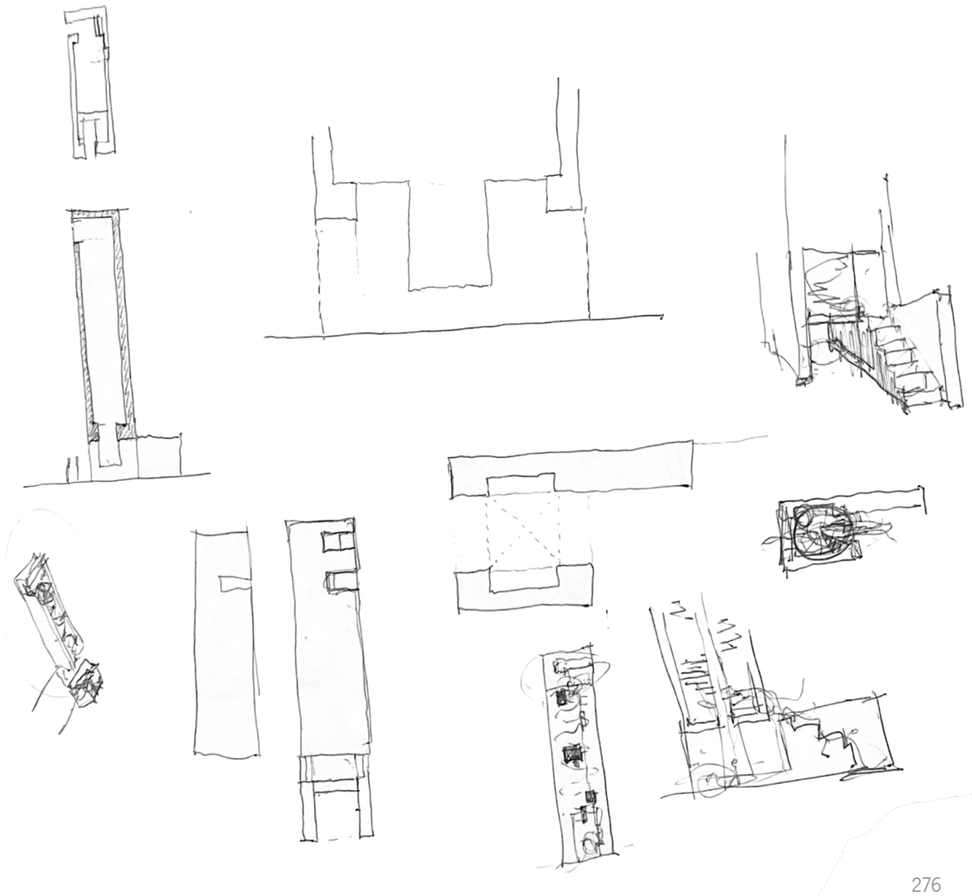
De certo modo, o tanque termal, o balneário de apoio e a ponte poderiam igualmente ser entendidos como fragmentos, na medida em que pontuam o percurso e articulam o conjunto. No entanto, a sua escala, função e relevância conferem-lhes outra natureza: são peças estruturantes, indispensáveis à definição do sistema termal e à coerência espacial da intervenção. Os dispositivos complementares, pelo contrário, prolongam e enriquecem essa estrutura, acrescentando-lhe camadas de leitura, sensações e significados.

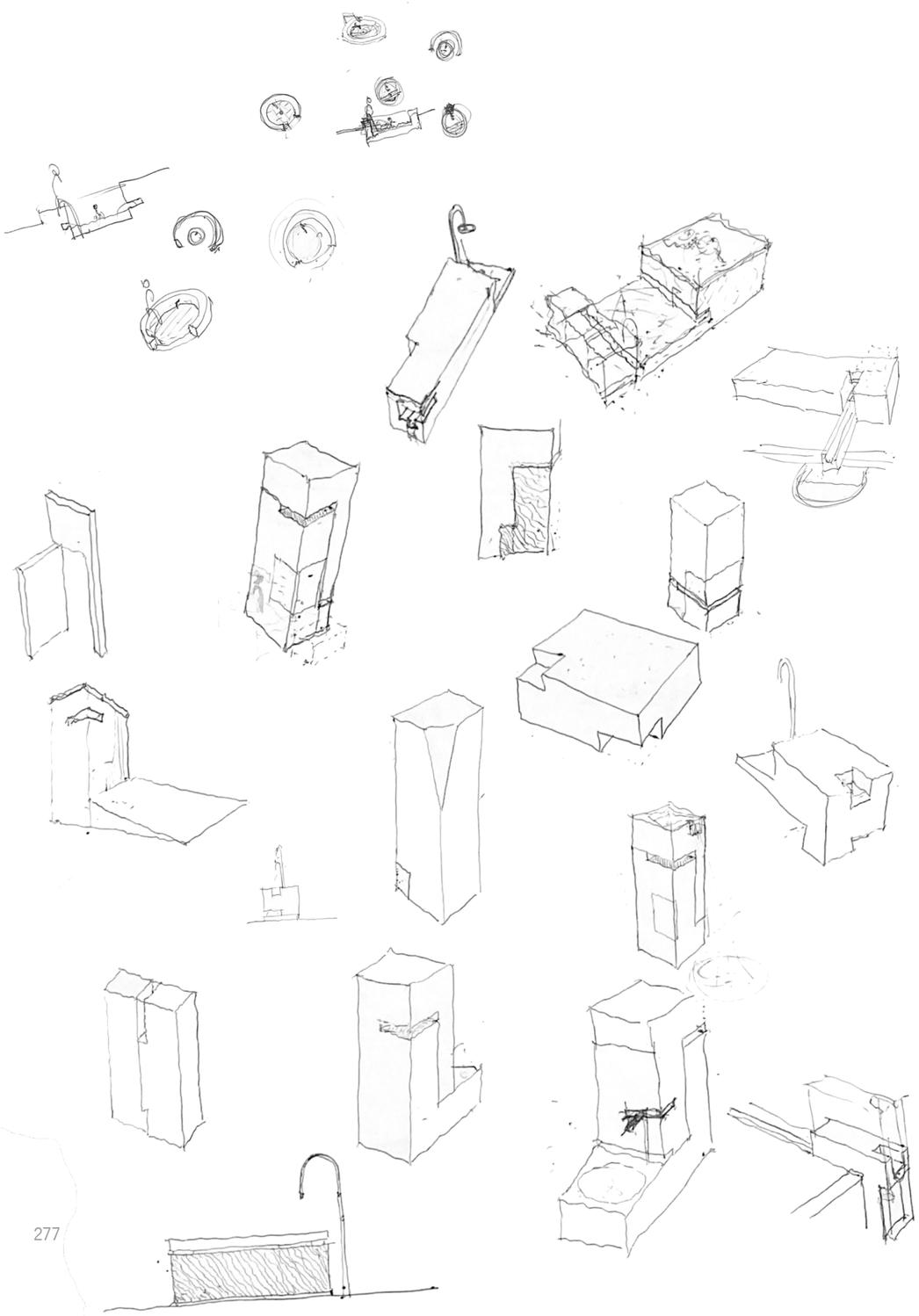
Umas e outras são regidas por um mesmo dicionário formal e, portanto, constituem um sistema de continuidade: presenças que interligam as diferentes escalas do projeto. (desenho nº 3, 4 e 11).

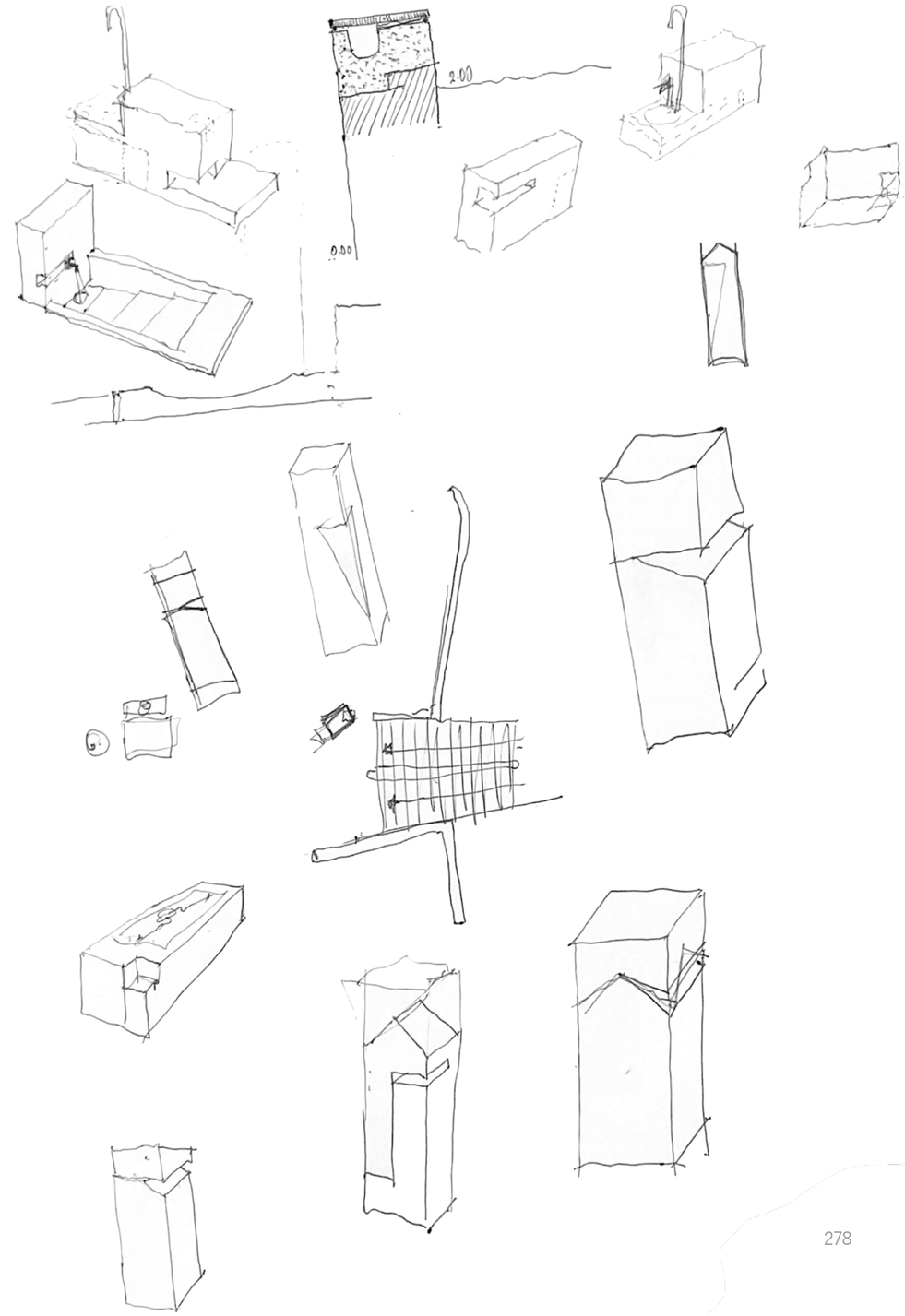


4.78
Esquissos de projeto
Miradouro



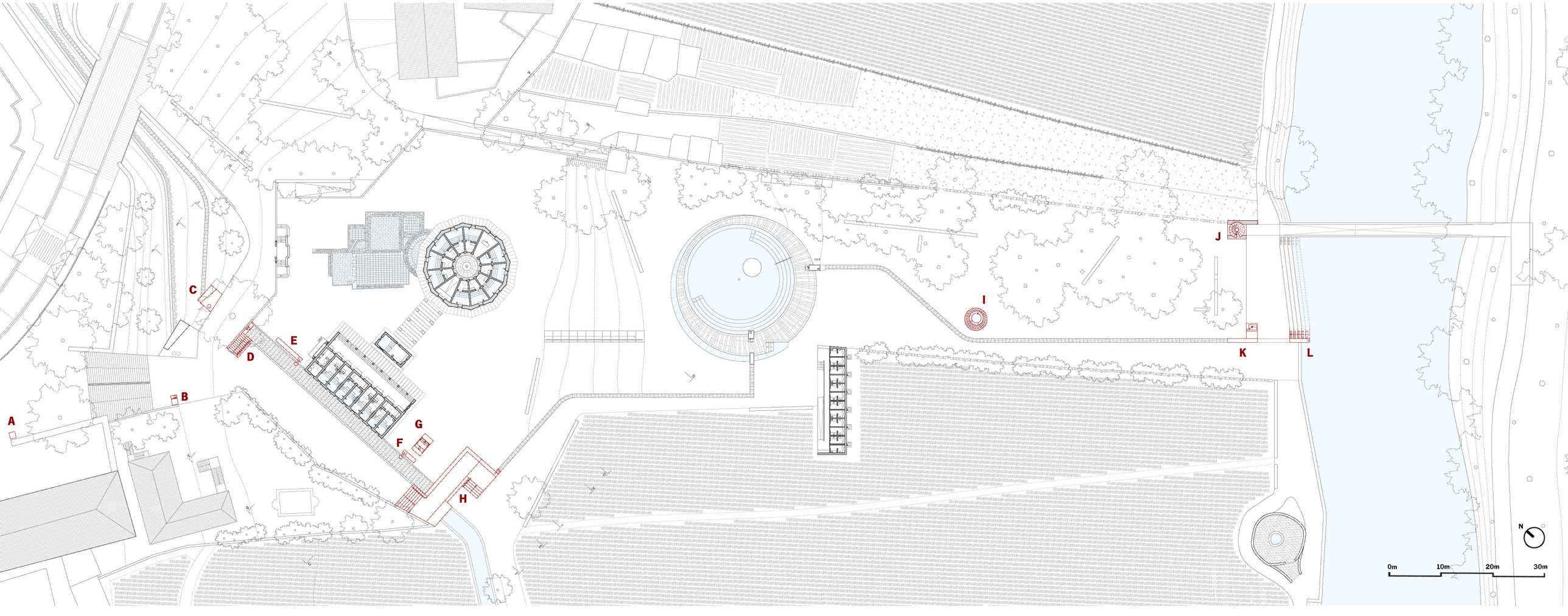





2.00
0.00

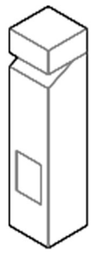
4.80
Planta de Localização dos
dispositivos complementares

Peça informativa do Grande Hotel Villas - A
Fonte alusiva a Camilo Castelo Branco - B
Corpo de receção da água do canal termal - C
Escadas e Gárgula de despejo da água termal - D
Fonte de água termal - E
Fonte de água termal - F
Buvette - G
Corpo de contenção das cheias - H
Lava-pés - I
Miradouro celebrativo do conjunto termal - J
Peça informativa do conjunto termal - K
Gárgula de despejo da água termal - L

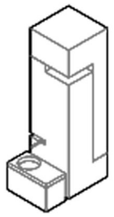


4.81
Dispositivos complementares do conjunto termal

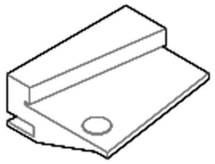
Peça informativa do Grande Hotel Villas - A
Fonte alusiva a Camilo Castelo Branco - B
Corpo de receção da água do canal termal - C
Escadas e Gárgula de despejo da água termal - D
Fonte de água termal - E
Fonte de água termal - F
Buvette - G
Corpo de contenção das cheias - H
Lava-pés - I
Miradouro celebrativo do conjunto termal - J
Peça informativa do conjunto termal - K
Gárgula de despejo da água termal - L



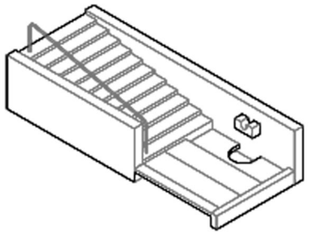
A



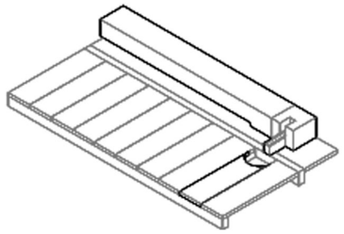
B



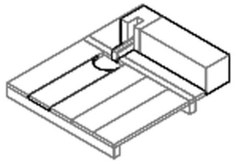
C



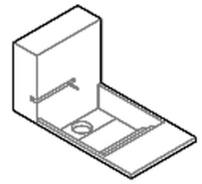
D



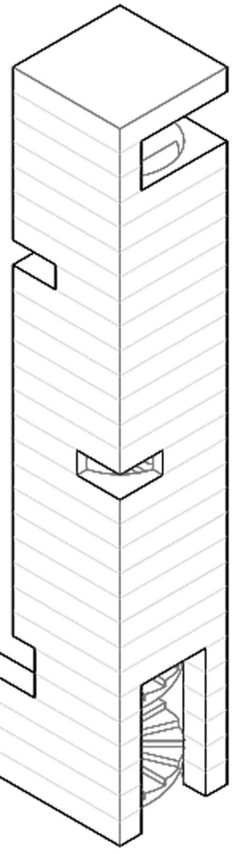
E



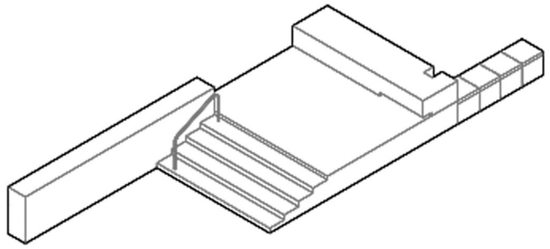
F



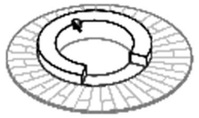
G



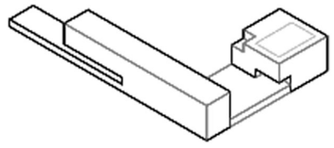
J



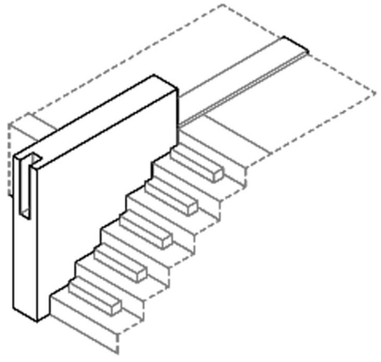
H



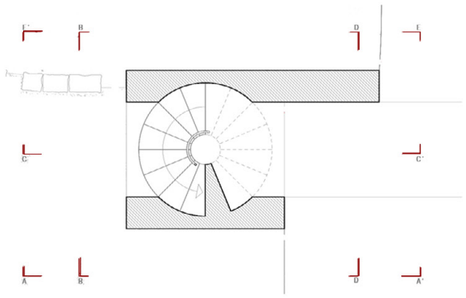
I

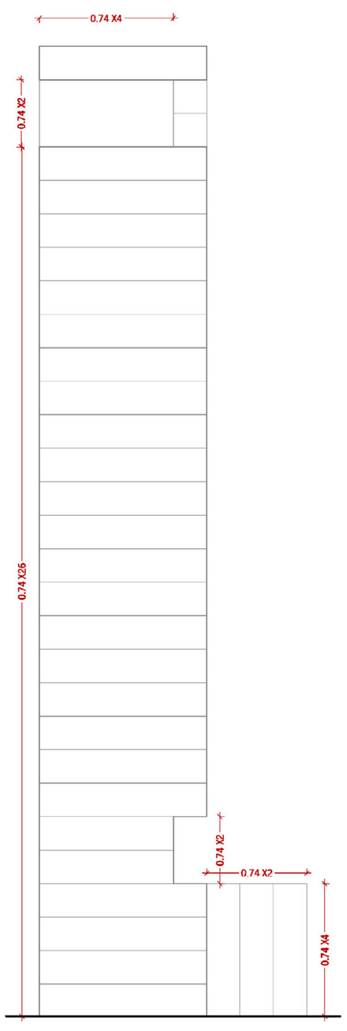


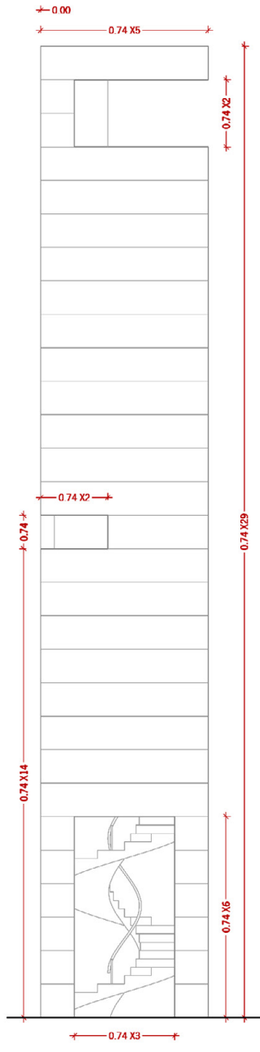
K

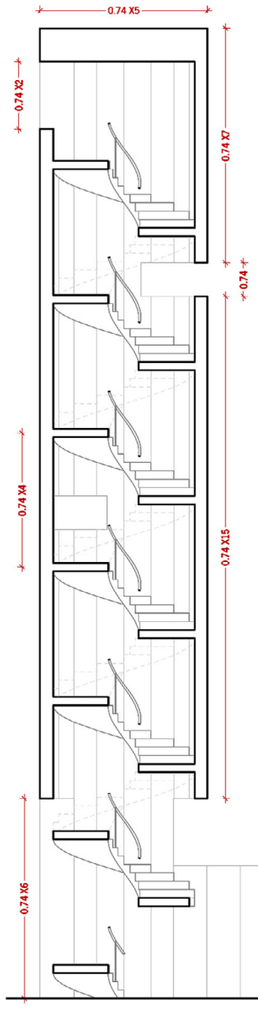


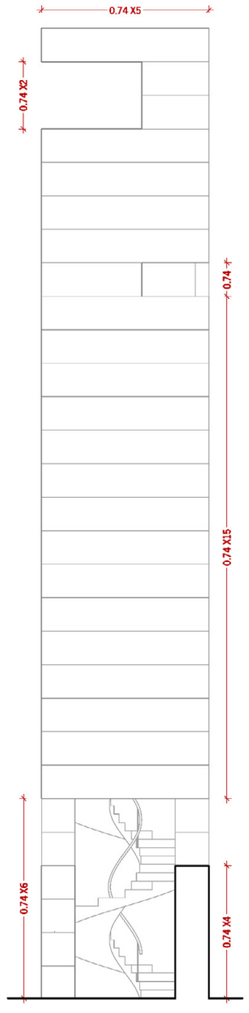
L

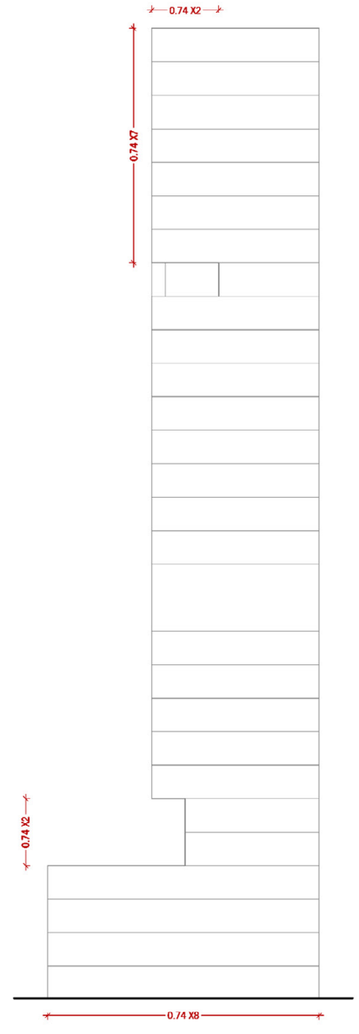

A
B
C
D
E
F


0.74 X4
0.74 X2
0.74 X26
0.74 X2
0.74 X2
0.74 X4


0.00
0.74 X5
0.74 X2
0.74 X2
0.74
0.74 X29
0.74 X14
0.74 X6
0.74 X3

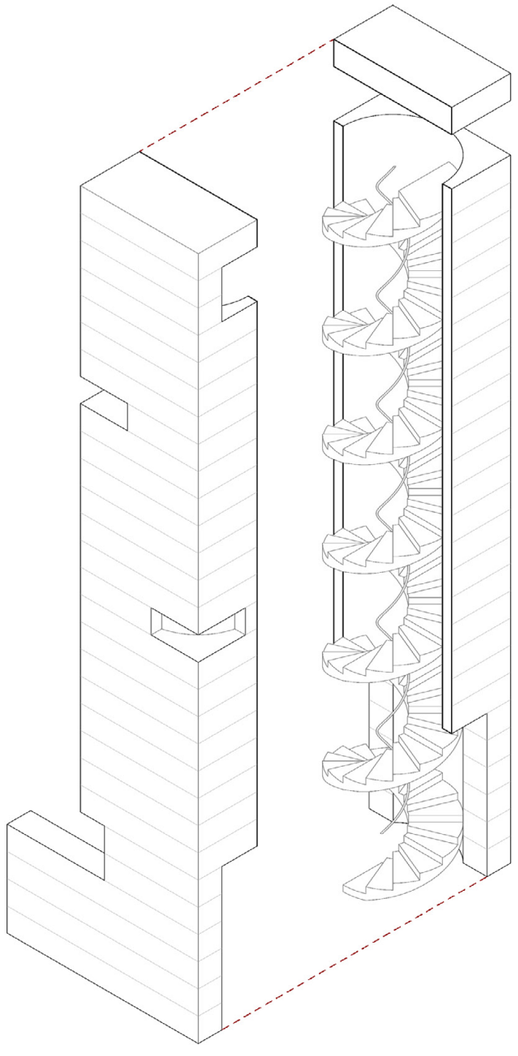

0.74 X5
0.74 X2
0.74 X7
0.74
0.74 X4
0.74 X15
0.74 X6


0.74 X5
0.74 X2
0.74
0.74 X15
0.74 X6
0.74 X4

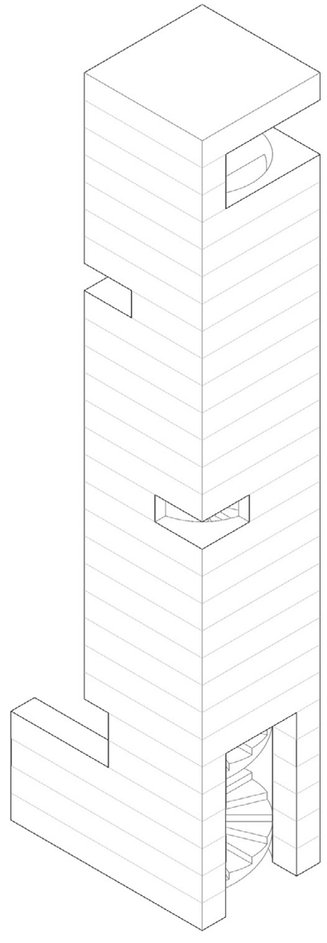

0.74 X2
0.74 X7
0.74 X2
0.74 X8

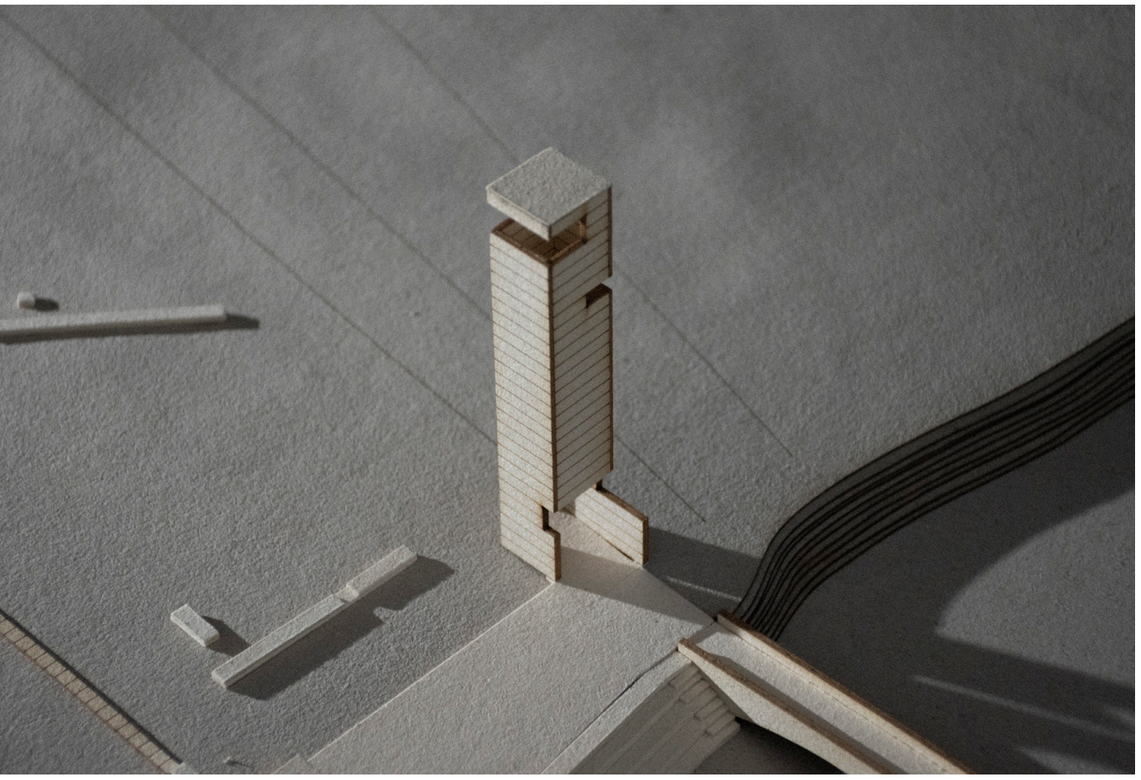
0m 1m 2m 3m

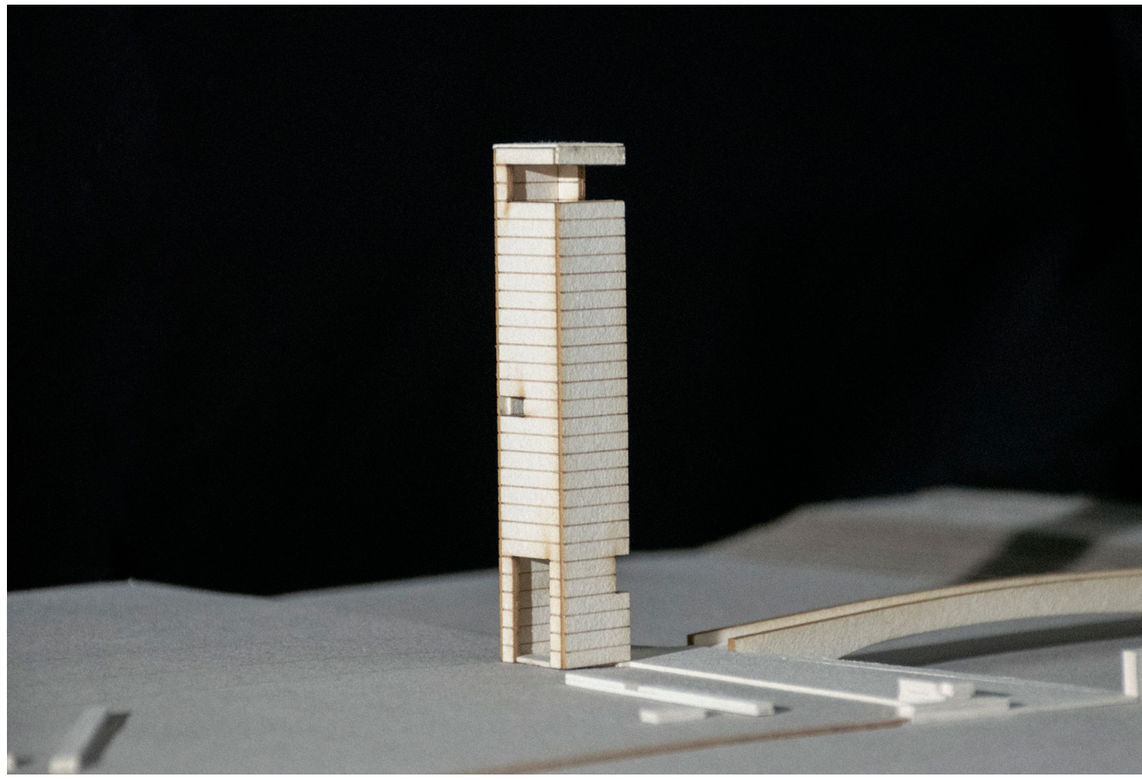
4.83
Axonometria explodida do Miradouro



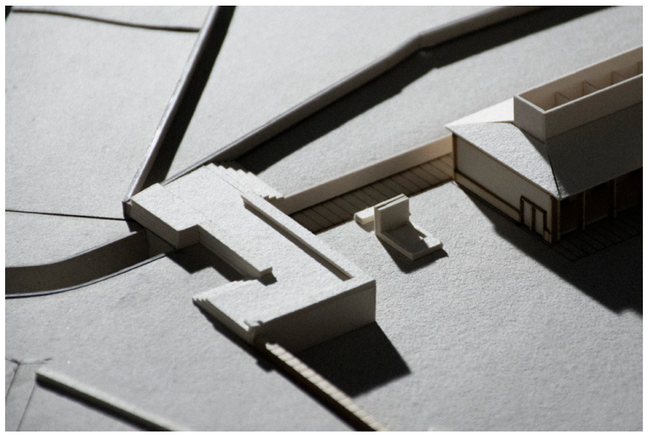
4.84
Axonometria do Miradouro

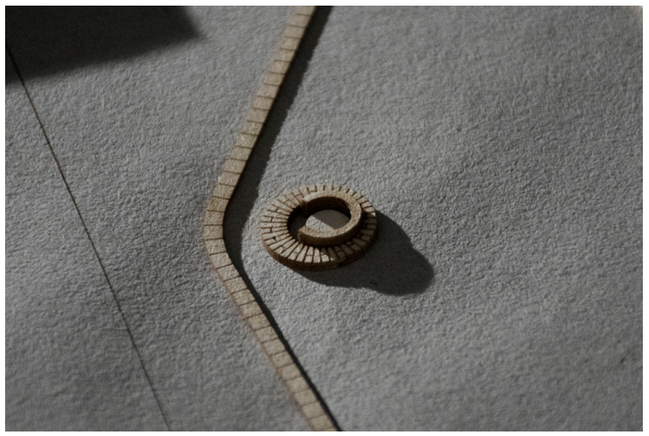


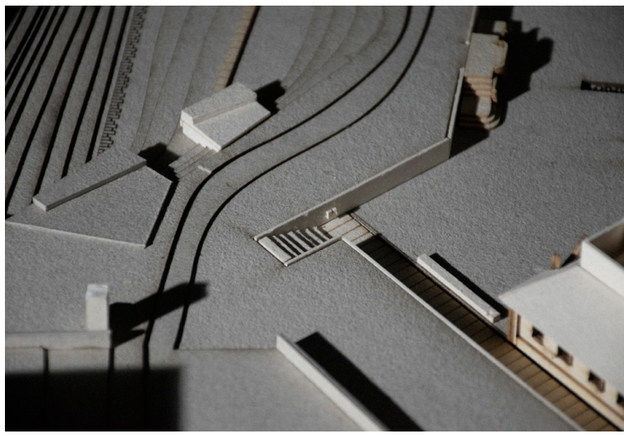












Tectónica: A Matéria como Expressão do Conhecimento

A materialização da intervenção nos Banhos Velhos constitui a continuação direta do processo de desenho e reflexão que sustenta o projeto. Cada decisão construtiva resulta da análise da preexistência e do seu estado de conservação, procurando compatibilizar os imóveis com as exigências contemporâneas de uso, conforto e preservação. A téctonica é, neste contexto, entendida como o momento em que o conhecimento se traduz em matéria, articulando prática, técnica e consciência patrimonial e cultural.

O ponto de partida foi o diagnóstico do estado de conservação do conjunto. Dois balneários encontravam-se sem cobertura e o balneário dodecagonal, ainda que parcialmente recuperado em 2010, apresentava sinais de degradação e adulteração significativa. A ausência de caixilharias e a deterioração dos revestimentos agravavam a vulnerabilidade do edifício, acentuando o seu caráter inacabado e devoluto. A intervenção, portanto, exige uma ação reativa: restaurar a integridade e qualidade construtiva e, em paralelo, adaptar o edifício às exigências técnicas atuais.

A leitura sistemática dos elementos existentes (pedra, madeira e ferro; paramentos, pavimentos, coberturas e vãos; transições, articulações, e entalhes) complementada pela análise de documentação histórica e registos fotográficos, permitiu compreender a lógica estrutural e material das construções. Essa observação orientou o desenvolvimento de soluções compatíveis, evitando tanto a reprodução mimética como a rutura técnica. Em vez de impor sistemas alheios à natureza dos edifícios, privilegiaram-se métodos de intervenção reversíveis, capazes de garantir estabilidade e desempenho, sem comprometer a integridade das alvenarias. Foram, assim, no existente, excluídas soluções estruturalmente intrusivas, como lajes em betão armado contínuo, optando-se por sistemas leves e de montagem controlada.

Em complemento, a introdução de infraestruturas contemporâneas como sistemas de drenagem, ventilação, instalações elétricas e térmicas, revelam-se essenciais à preservação e ao bom funcionamento do edifício, sendo cuidadosamente localizadas e alojadas de acordo com os critérios ditados pelo desenho da estrutura e da arquitetura.

A escolha dos materiais seguiu uma lógica de continuidade e coerência construtiva. Sempre que possível, recorreram-se a materiais idênticos ou análogos aos existentes, procurando compatibilizar comportamento e envelhecimento. Nos casos em que se introduziram materiais contemporâneos, como o aço com patina bronze, a sua presença foi assumida com clareza, sem intenção de dissimular a diferença temporal. Essa coexistência controlada entre o antigo e o novo reforça a autenticidade da intervenção e contribui para a sua leitura crítica.

A execução do projeto implica a articulação entre diferentes áreas de especialidade e ofícios construtivos. A intervenção envolve pedreiros, carpinteiros, serralheiros e técnicos especializados em restauro, num processo interdisciplinar que exige coordenação rigorosa entre o desenho técnico, a experimentação em obra e o conhecimento empírico dos materiais. Esta interação entre disciplinas é determinante para garantir a precisão e a coerência construtiva da intervenção, confirmando a importância da dimensão colaborativa do ato de construir.

Pavimentos

A intervenção nos pavimentos partiu da necessidade de garantir a salubridade, a durabilidade e a coerência material do conjunto.

O estado de conservação do imóveis é particularmente delicado: em dois balneários, a ausência de cobertura tinha provocado a deterioração acentuada dos pavimentos. Esta condição exigiu uma revisão integral dos sistemas de drenagem, impermeabilização e ventilação dos pavimentos.

No exterior, optou-se por pavimentos em granito, assegurando a continuidade material com os elementos pétreos do passado como as colunas, cornijas, molduras de vãos e soleiras. A textura bujardada do granito garante um acabamento rugoso e antiderrapante, adequado aos espaços de circulação e transição entre os Banhos Velhos e a envolvente.

No interior, a opção recaiu sobre o mármore lioz, material associado à tradição termal e frequentemente presente em edifícios desta natureza. A sua tonalidade clara e a superfície polida introduzem uma atmosfera de luminosidade, nobreza e delicadeza, em contraste com a rudeza do exterior. Este contraste material - entre o granito exterior, mais duro e resistente, e o mármore interior, mais sensível e brilhante - traduz a diferença de natureza entre o espaço público e o espaço íntimo, entre o lugar do percurso e o lugar da imersão.

As banheiras individuais, já degradadas e desatualizadas, foram substituídas por tanques escavados no solo, o que implicou uma redefinição e modelação de imersão do utente. Foram introduzidas camadas de impermeabilização, regularização e isolamento térmico, garantindo a estanquidade e conforto das novas áreas de banho. Paralelamente, foi implementado um sistema de ventilação periférica nos três corpos, permitindo combater os efeitos da humidade ascendente por capilaridade e assegurando a preservação e manutenção das próprias paredes.

A estereotomia dos pavimentos foi cuidadosamente desenhada para responder às proporções e à escala de cada espaço. No exterior, as juntas das lajetas de granito seguem uma métrica mais espaçada, sublinhando o caráter estrutural e resistente da pedra. No interior, a disposição das peças de mármore assume uma estereotomia mais humanizada, modeladora e reguladora de espaço. (desenho nº 17).

Paredes

A intervenção nas paredes assentou no respeito pelos paramentos existentes, procurando preservar a autenticidade das superfícies e a leitura das diferentes camadas históricas.

Mais uma vez, a ausência de coberturas em grande parte do conjunto (nomeadamente nos dois primeiros balneários, os de 1843 e 1867) contribui para a degradação significativa dos rebocos e alvenarias, exigindo uma ação de consolidação e proteção que respeite a sua condição material.

No exterior, evitou-se qualquer revestimento ou pintura adicional que pudesse uniformizar ou dissimular a materialidade existente. Os elementos de granito (cunhais, cornijas, ou rodapés) foram pontualmente reparados e os rebocos foram substituídos por se encontrarem danificados. Optou-se pela aplicação de uma camada incolor de hidrofugante, garantindo a proteção contra a humidade, sem alterar a textura nem o tom da solução. Esta opção permitiu conservar a aparência das fachadas, assegurando simultaneamente a durabilidade e a estabilidade das superfícies.

No interior, a intervenção assumiu um caráter mais transformador, orientado pela atmosfera pretendida para os espaços termais, e pela atualização, quer espacial quer infraestrutural. Os revestimentos foram redesenhados com base nas camadas preexistentes, recriando a sequência característica das celas termais: rodapés, faixas de azulejo e reboco superior pintado. Esta composição, aplicada de forma contínua e faceada, respeita a lógica de estratificação encontrada e reinterpreta-a com materiais e proporções atualizadas. Os rodapés em mármore lioz, dão continuidade ao pavimento e os azulejos, de dimensões próximas aos originais, substituem os existentes, muito degradados ou ausentes, contribuindo para o equilíbrio cromático e luminoso do espaço.

Foram igualmente introduzidas novas paredes interiores, concebidas como elementos de delimitação e apoio funcional, também necessárias à introdução das infraestruturas. Estas paredes criam pequenas antecâmaras destinadas à preparação para o banho, reinterpretando uma solução que existia em algumas das celas (em todas as celas do Dodecágono e algumas do balneário de 1843) e que foi agora uniformizada. A sua construção recorre a estruturas leves em perfis tubulares de aço revestido com painéis em aço, com patina bronze, que se destacam visualmente do existente. A intenção foi afirmar a presença do novo de forma clara, permitindo reconhecer de imediato o que foi acrescentado.

Nas paredes em contacto com o exterior, a opção de não introduzir isolamento térmico deveu-se à própria natureza das construções e ao seu funcionamento. A temperatura interna é regulada pela presença constante da água quente e pela compartimentação dos espaços, tornando desnecessárias soluções adicionais que, além de redundantes, comprometeriam a leitura das cantarias e a expressão das molduras de vãos. (desenho nº 17).

Coberturas

As coberturas dos Banhos Velhos foram objeto de uma intervenção profunda, uma vez que constituíam uma das componentes mais degradadas do conjunto. Dois dos balneários encontravam-se totalmente sem cobertura, enquanto o balneário dodecagonal conservava uma cobertura reconstruída na intervenção de 2010, embora com soluções parciais e pouco adequadas à leitura global do edifício.

A reconstrução das coberturas partiu, assim, da necessidade de restituir a escala e a identidade dos Banhos Velhos, entendidos como um conjunto de balneários independentes. Essa autonomia formal, perdida com as intervenções posteriores, foi restabelecida através de uma recomposição volumétrica cuidada, que devolve a escala perdida e a clareza da sua composição inicial. As coberturas tornaram-se peças fundamentais nesta redefinição, ao mesmo tempo estruturais e simbólicas, pois a sua presença restitui ao edifício a sua expressão e unidade.

Foi fundamental o recurso à documentação histórica e fotográfica para compreender a configuração das coberturas originais e, em particular, a presença dos coruchéus, elementos que coroavam os volumes termais e lhes conferiam um perfil próprio. A intervenção propôs a sua reinterpretação contemporânea, mantendo o sentido funcional das originais, mas atualizando os materiais e a linguagem construtiva.

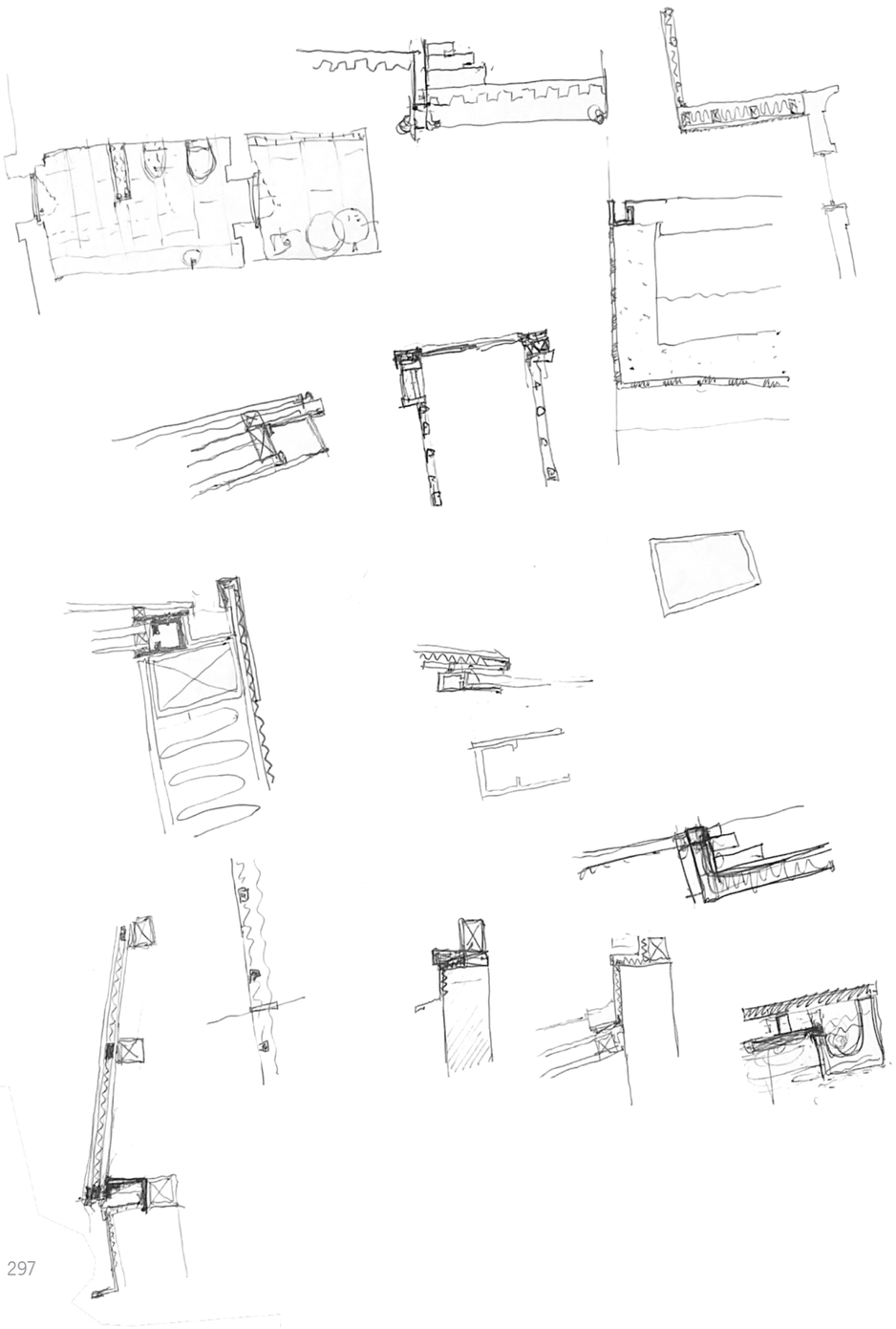
A estrutura das coberturas foi projetada em madeira, segundo sistemas tradicionais de asnas e travamentos, apoiados sobre as alvenarias de pedra. Sobre esta estrutura principal, introduziram-se subestruturas de suporte às telhas de aba e canudo, aos isolamentos térmicos, e aos tetos. Este trabalho de carpintaria de grande precisão confere à construção a autenticidade estrutural e tectónica que lhe é própria.

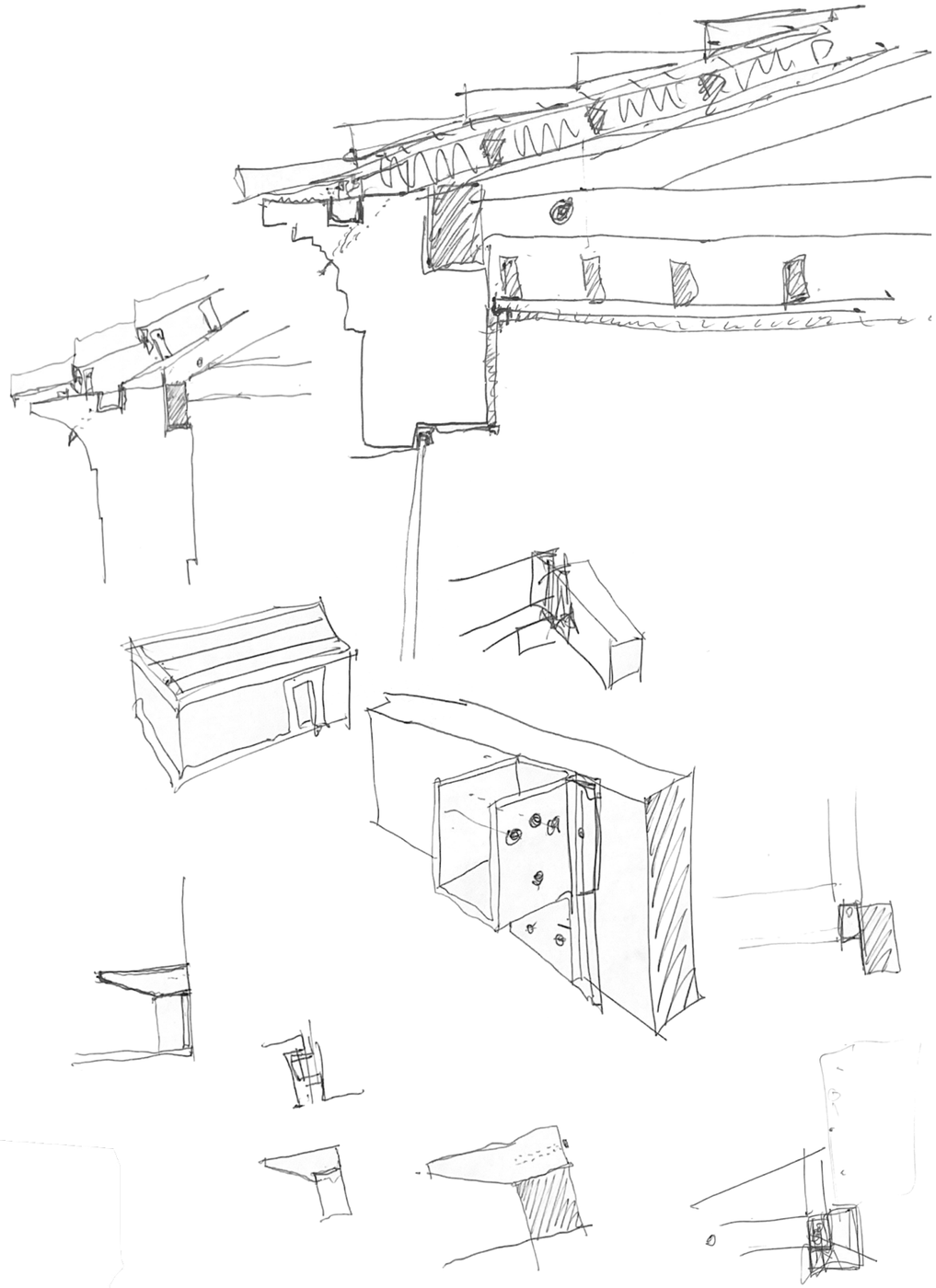
Os lanternins assumem um papel central na intervenção. Mais do que simples elementos de cobertura, são peças de transição entre o antigo e o novo, restituindo à arquitetura a verticalidade, a luz e a escala que a caracterizavam originalmente. A sua introdução devolve aos Banhos Velhos a volumetria e expressividade perdidas, ao mesmo tempo que garante ventilação e iluminação natural - funções essenciais à salubridade e conforto dos espaços termais.

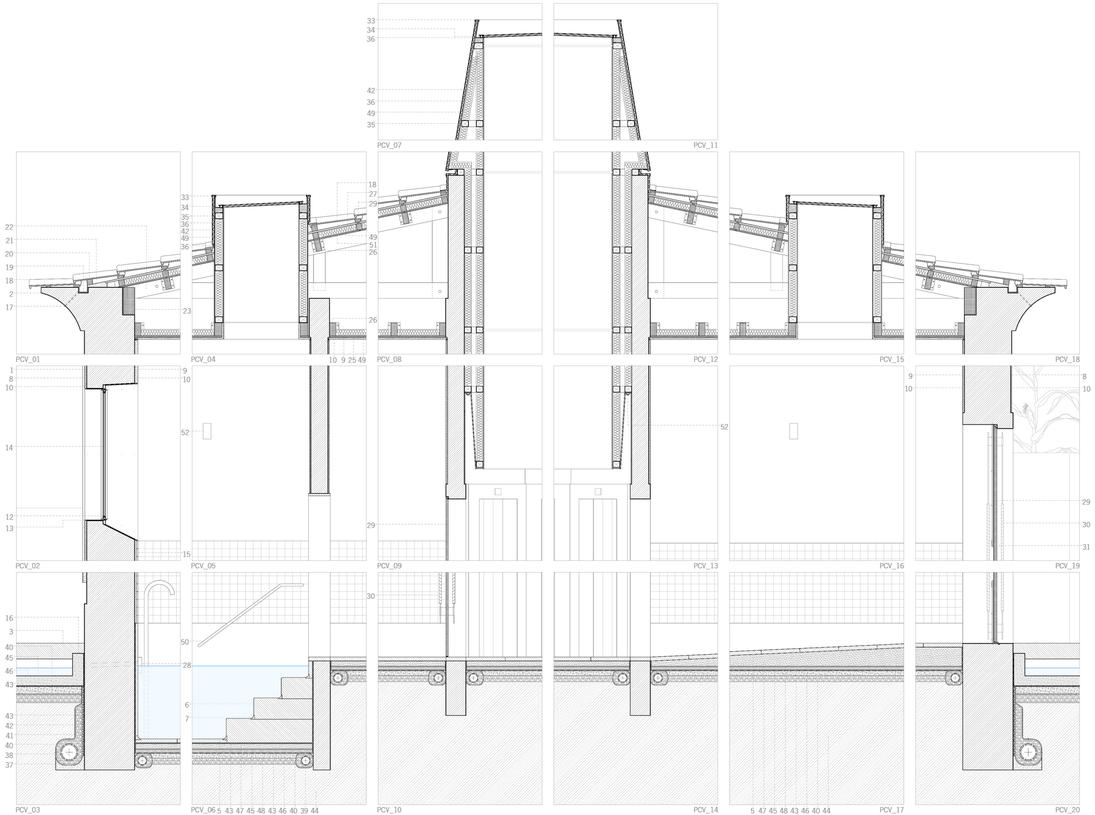
Do ponto de vista construtivo, os lanternins foram desenhados em estrutura metálica leve, composta por perfis tubulares de aço, revestidos por painéis do mesmo material, com patina bronze, à semelhança da solução descrita para as paredes interiores. Este sistema, distingue-se claramente da estrutura em madeira das coberturas, estabelecendo um diálogo entre ambas. A patina bronze, em contacto com a luz zenital, gera reflexos e brilhos que procuram criar atmosferas intrínsecas ao ambiente termal. Pelo exterior, o material responde à incidência solar com tonalidades quentes e cintilantes, afirmando a contemporaneidade da intervenção sem romper com a identidade do conjunto.

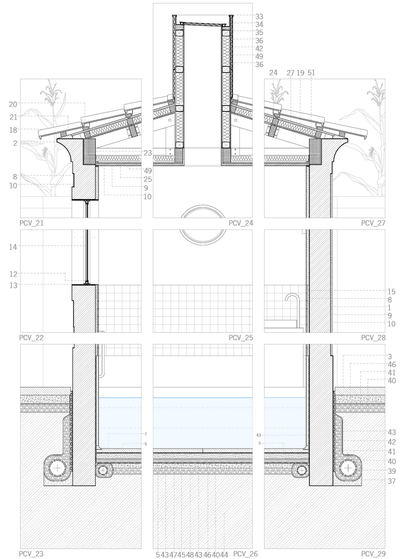
Assim, a reconstrução das coberturas e a introdução dos lanternins contribuem profundamente para a expressão tectónica da intervenção. (desenho nº 17).

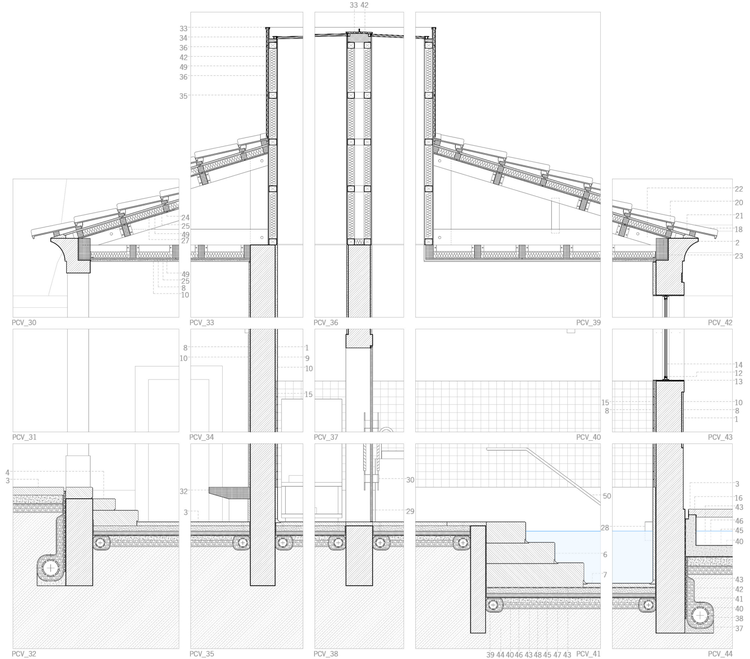
4.87
Esquissos de projeto
Sistemas construtivos











1. Alvenaria de granito existente
2. Beiral de granito
3. Lajeta de granito
4. Bloco de granito
5. Lajeta de mármore lioz
6. Bloco de mármore lioz
7. Rodapé de mármore lioz
8. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado
9. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado e acabamento estanhado
10. Camada de hidrofugante incolor
11. Moldura de vão em cimento
12. Caixilho em aço com patina bronze
13. Guarnição em aço com patina bronze
14. Vidro duplo refletor temperado e laminado [9+12+6mm]
15. Revestimento cerâmico - azulejo 10x10cm
16. Betão armado
17. Tubo de drenagem
18. Telha de aba e canudo
19. Caleira
20. Ripas de suporte em pvc
21. Calço em granito
22. Asna de madeira de riga velha
23. Frechal em madeira de riga velha
24. Ripa de madeira de riga velha
25. Tabuado de madeira de riga velha
26. Estrutura de madeira de riga velha
27. Subtelha impermeabilizante
28. Trop-plein
29. Porta de madeira de riga velha
30. Puxador em aço com patina bronze e revestimento de couro
31. Fechadura cremone em aço com patina bronze
32. Banco em madeira de riga velha
33. Rufo em zinco
34. Claraboia ventilada
35. Estrutura metálica - perfis shs
36. Painel em aço com patina bronze
37. Camada de embasamento
38. Manilha de betão perfurado (drenagem)
39. Manilha de betão perfurado (ventilação periférica)
40. Camada de gravilha
41. Manta de geotêxtil
42. Membrana drenante
43. Membrana impermeabilizante
44. Solo natural
45. Filme de polietileno
46. Camada de areia
47. Camada de regularização
48. Poliestireno extrudido (isolamento térmico)
49. Lã mineral (isolamento térmico)
50. Corrimão em aço com patina bronze
51. Painel de contraplacado marítimo de bétula
52. Iluminação

0m 0.5m 1m 1.5m

Vãos - Portas

Nos Banhos Velhos, o conjunto das portas apresenta-se profundamente descaracterizado. As portas haviam-se perdido, e as existentes resultam da intervenção de 2010: umas em madeira, na entrada do balneário dodecagonal, outras em gradil metálico, nos restantes vãos. Esta situação evidencia uma ausência de unidade material e formal, com soluções que não dialogam entre si, nem com a expressão arquitetónica da construção. A leitura global do conjunto fica, assim, comprometida, carecendo de uma reinterpretação que restabelecesse, mais uma vez, coerência e sentido construtivo.

A intervenção procede, assim, ao redesenho integral do conjunto das portas, segundo uma lógica de família tipológica e construtiva, adaptada às especificidades de cada espaço. O desenho procurou garantir a continuidade material e sensorial entre o antigo e o novo, mas sem recorrer à mera reprodução formal. Todas as portas foram implantadas nos entalhes originais das molduras de pedra, respeitando a métrica e proporção dos vãos preexistentes, num gesto de precisão construtiva que assegura compatibilidade e reversibilidade.

As novas portas são compostas por tabuados de madeira de riga velha, desenhados de modo a definir ritmos verticais através das juntas, que reforçam a leitura da sua construção. As juntas e assemblagens foram estudadas com detalhe, garantindo uma transição clara entre o tabuado, o aro de madeira e os elementos de fecho. Na base das portas foram integradas pingadeiras, que asseguram o correto escoamento das águas e rematam visualmente o fundo das folhas, nos vãos de transição entre interior e exterior.

A superfície da madeira recebeu uma velatura de óleo de nogueira, conferindo-lhe uma tonalidade quente e profunda, próxima do tom bronzeado dos elementos metálicos como as dobradiças, fechos e puxadores. Esta correspondência cromática estabelece uma relação subtil e coerente com o restante conjunto, onde o aço com patina bronze se afirma como material distintivo da intervenção contemporânea.

Os puxadores assumem um papel de particular relevância. Desenhados como uma família coerente, variam apenas na escala e proporção, consoante a tipologia da porta. São compostos por um varão de aço revestido a couro, evocando o toque e a experiência tátil, e reforçando a ligação física entre o utilizador e a matéria.

A pormenorização cuidada, mais desenhada e elaborada, com diferentes planos, ora iluminados ora sombreados, acompanha a erudição e composição da arquitetura dos Banhos Velhos, simultaneamente atenta ao passado e às exigências funcionais e contemporâneas. (desenho nº 20, 21 e 22).

Vãos - Janelas

As janelas apresentam um estado de conservação desigual e, na maioria dos casos, de acentuada degradação. Grande parte dos caixilhos havia-se perdido, restando apenas alguns elementos residuais e outros substituídos na intervenção de 2010 (no dodecágono), desqualificados, constituídos por estruturas metálicas com rede, concebidas para ventilação e proteção. Estas soluções descaracterizam o edifício e acentuam a fragmentação visual do conjunto, tornando necessária, novamente, uma intervenção que restitua coerência formal e material.

Perante esta condição, o projeto procura uniformizar a linguagem dos vãos, desenhando um novo conjunto de caixilharias de expressão simultaneamente elaborada e depurada. A proposta evita a mimetização dos modelos encontrados, assim como dos que foram observados na documentação fotográfica, optando por uma solução contemporânea, eficaz construtiva e formalmente, coerente com as portas já descritas.

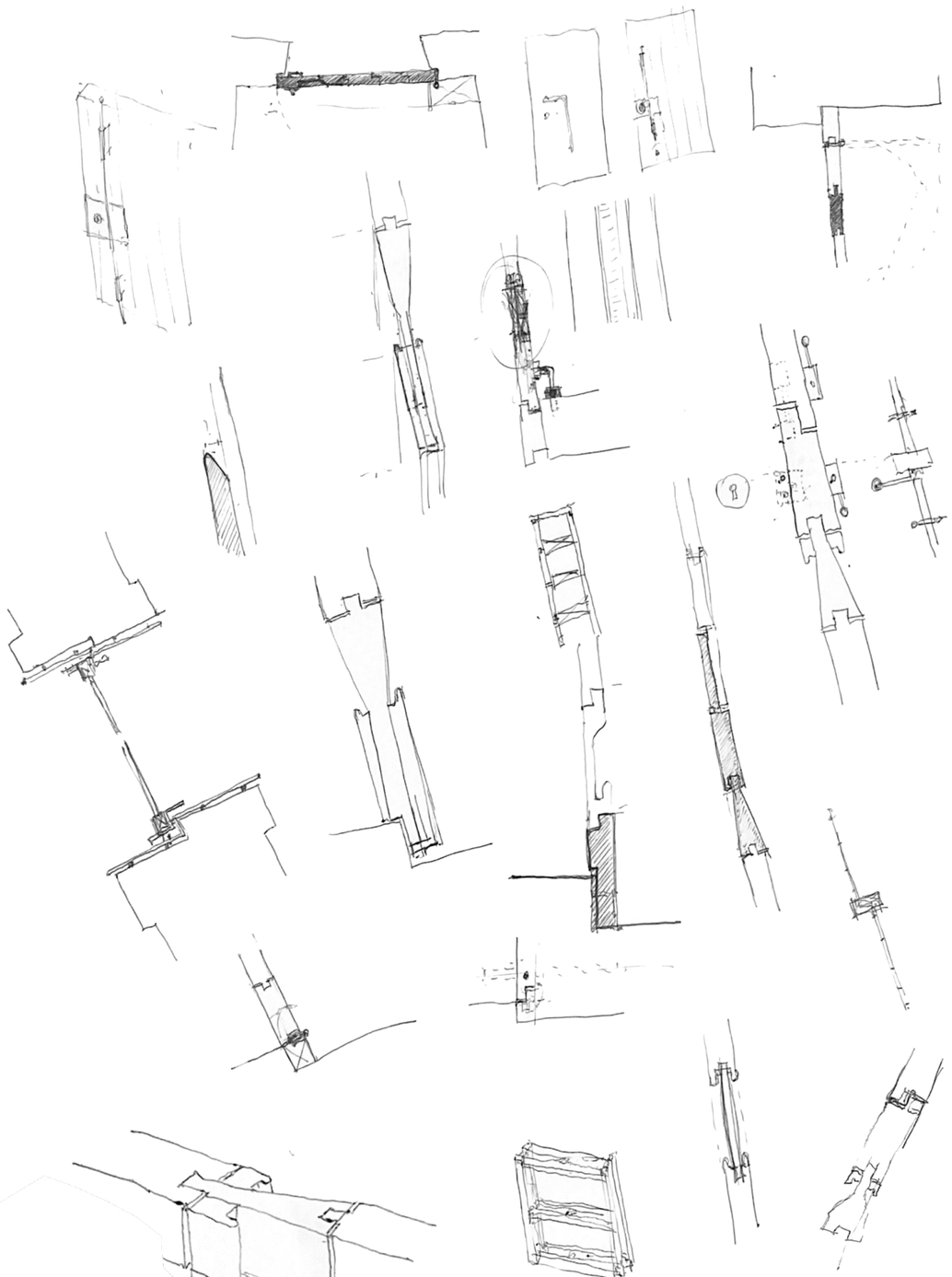
As novas janelas, executadas em aço, com patina bronze, asseguram a continuidade material e cromática com outros elementos, nomeadamente os lanternins. O aço, pela sua resistência e pela precisão que permite no detalhe, tornou-se o material ideal para o desenho de perfis esbeltos, guarnições finas e pingadeiras integradas, reduzindo o impacto visual sobre as molduras de pedra preexistentes.

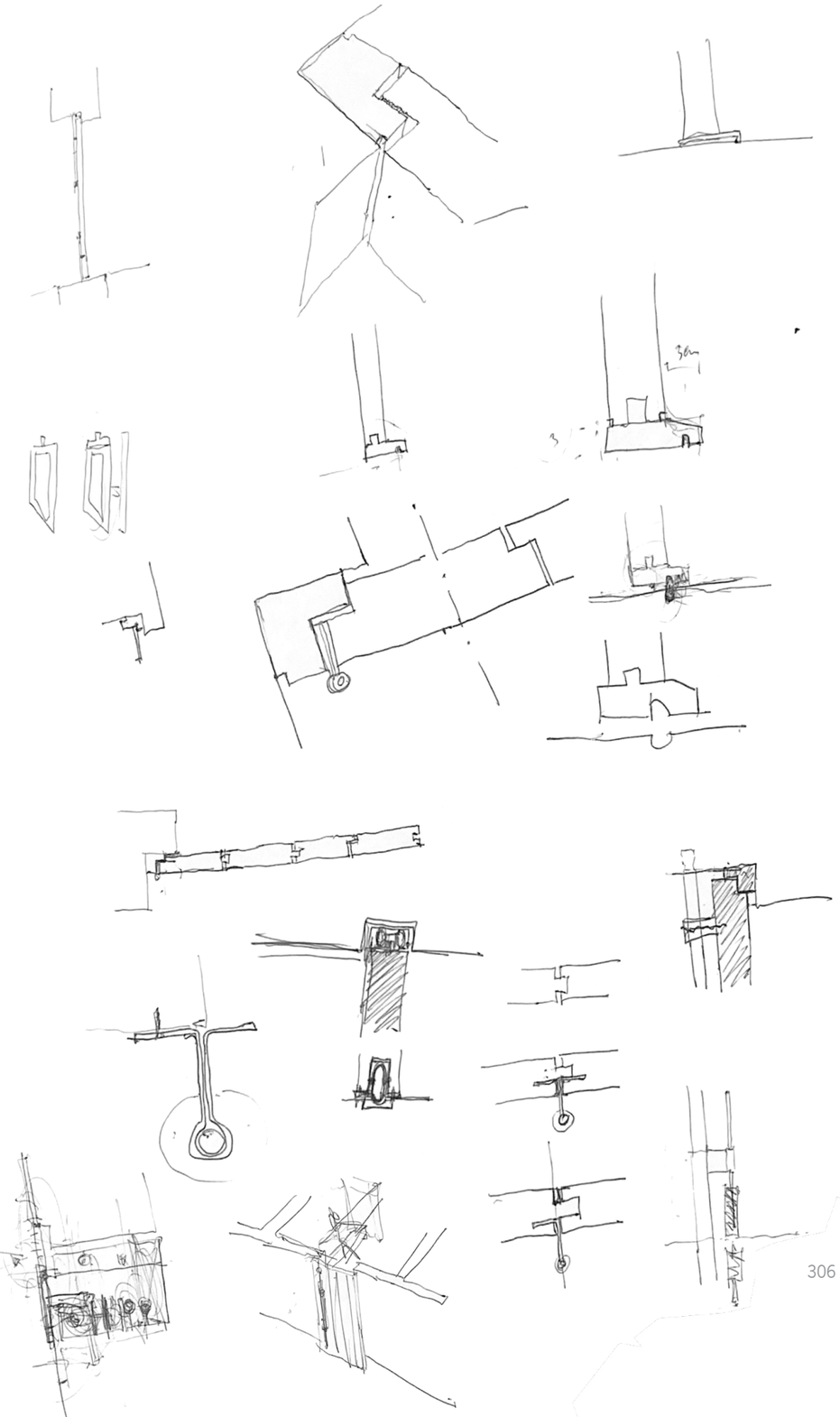
Todos os caixilhos foram inseridos nos entalhes das molduras, respeitando a sua profundidade e geometria. Foram concebidos como elementos fixos com ventilações embutidas, assegurando a ventilação natural, o controlo de condensação e estanqueidade. O sistema construtivo adotado baseia-se na lógica de pré-aro, aro e bite de fixação, permitindo montagem e desmontagem manual para eventuais operações de reparação ou substituição de vidro - um princípio de reversibilidade e manutenção consciente.

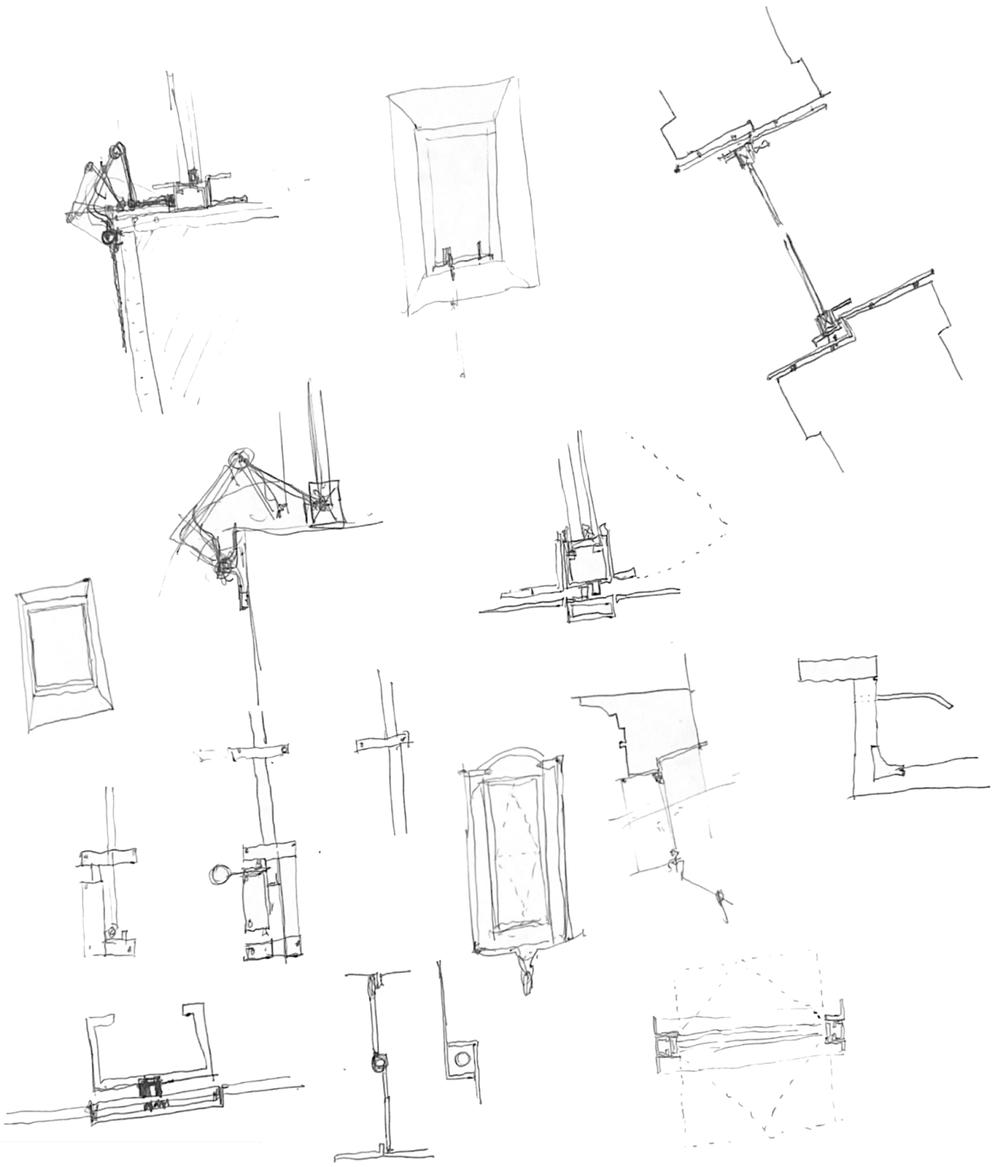
O desenho das juntas e das fixações foi estudado, definindo um ritmo pontuado que se apresenta como marca de rigor e de escala. As guarnições prolongam-se subtilmente sobre o aro, criando diferenças de profundidade e superfícies de reflexão, que ampliam a perceção da luz no interior das celas termais.

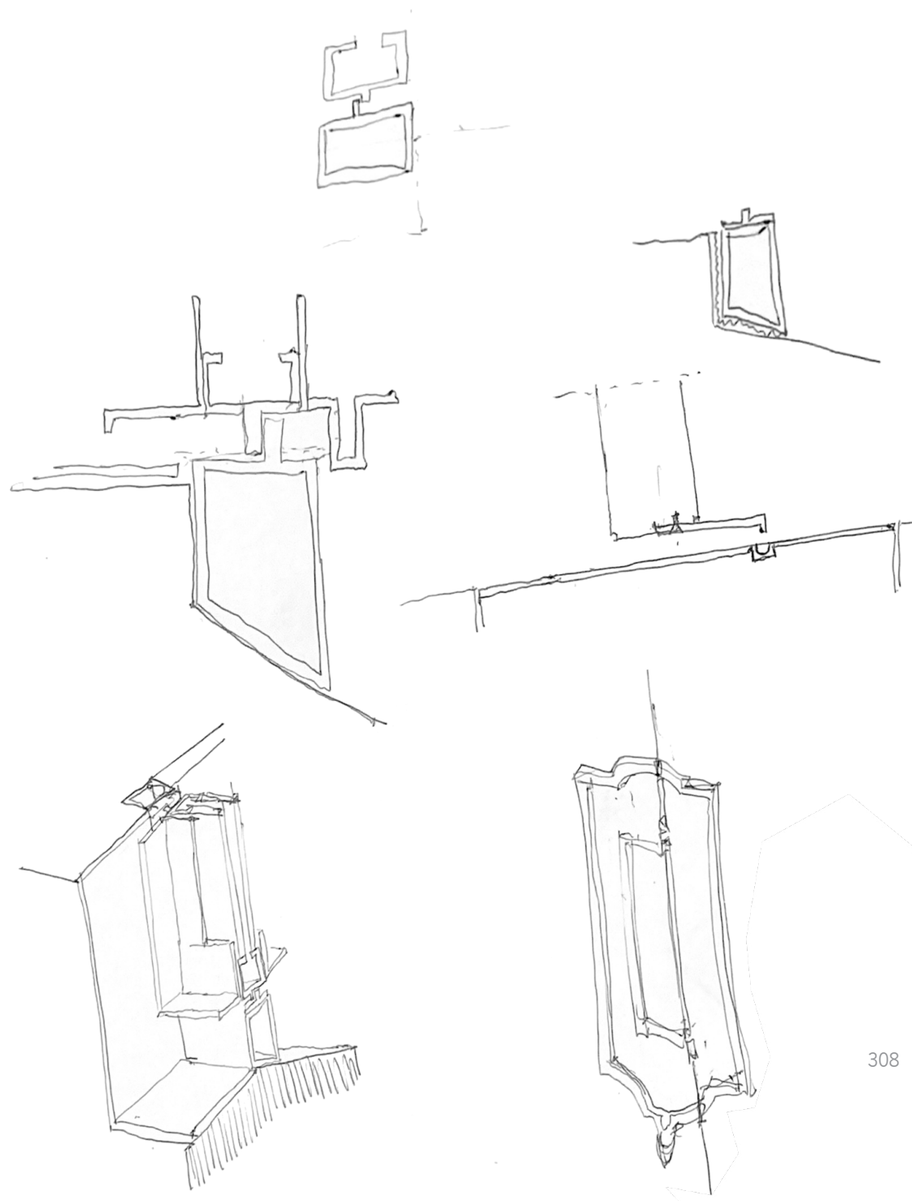
Tal como nas portas, a materialidade dos caixilhos contribui para a dimensão sensorial e imersiva do espaço termal, reforçando a continuidade visual e tátil do conjunto. (desenho nº 18 e 19).

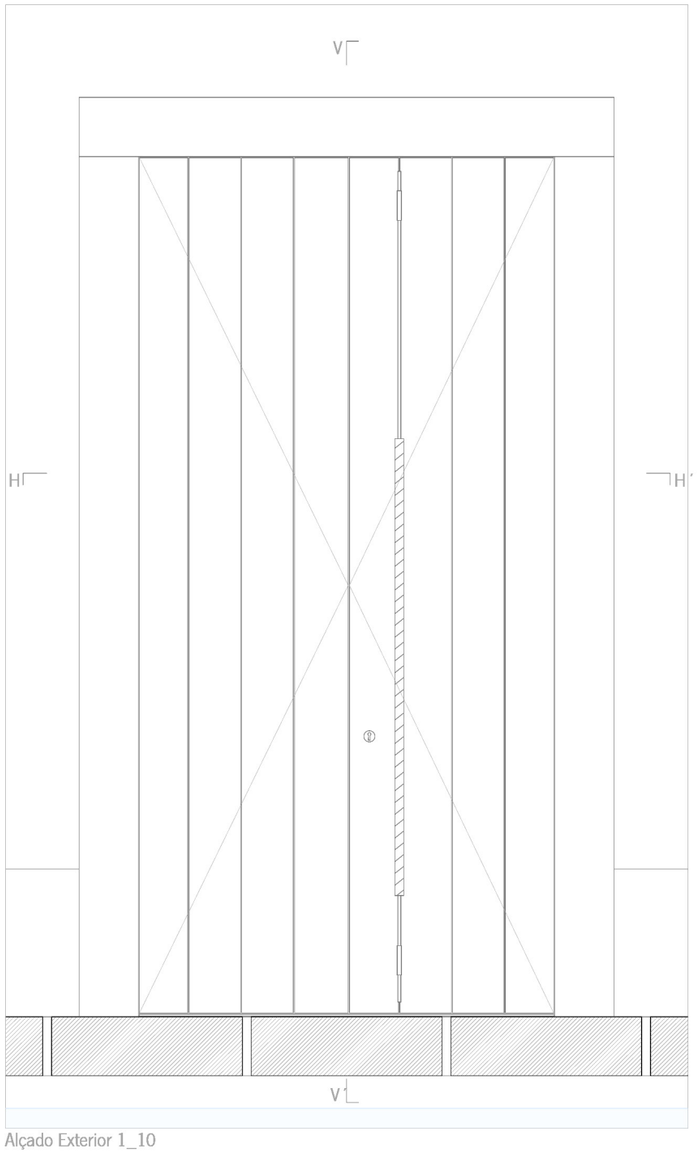
4.89
Esquissos de projeto
Vãos - portas e janelas



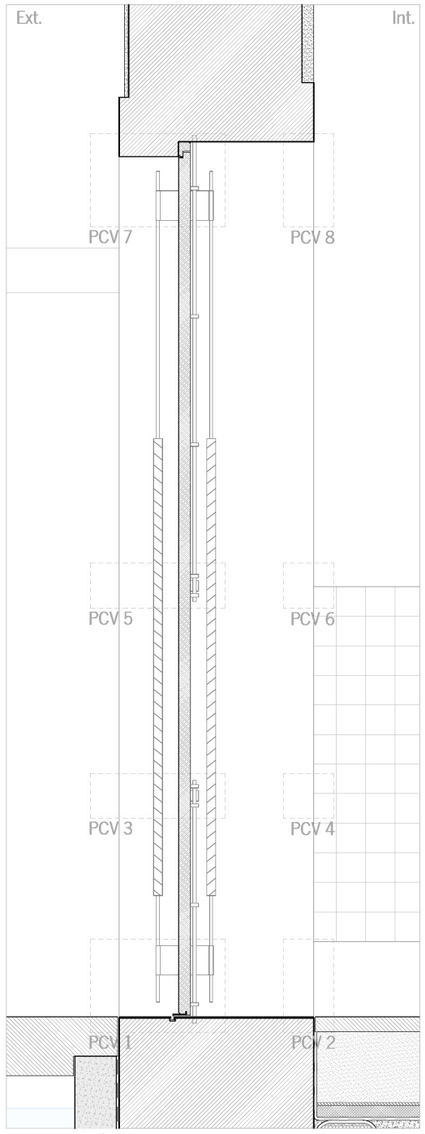




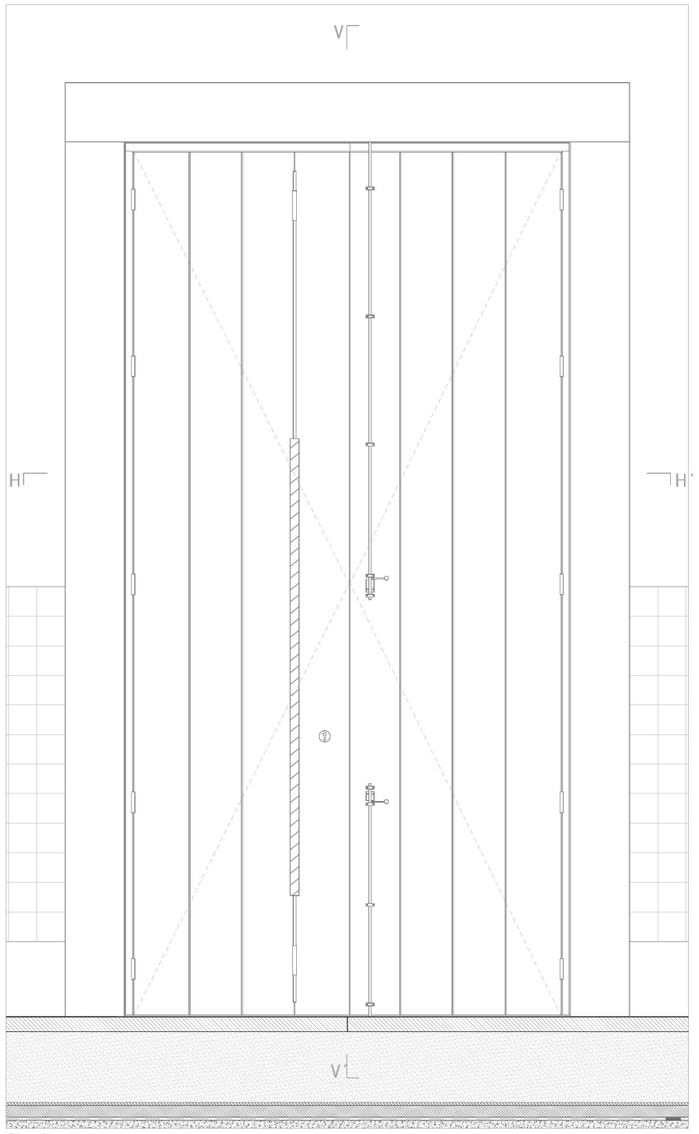




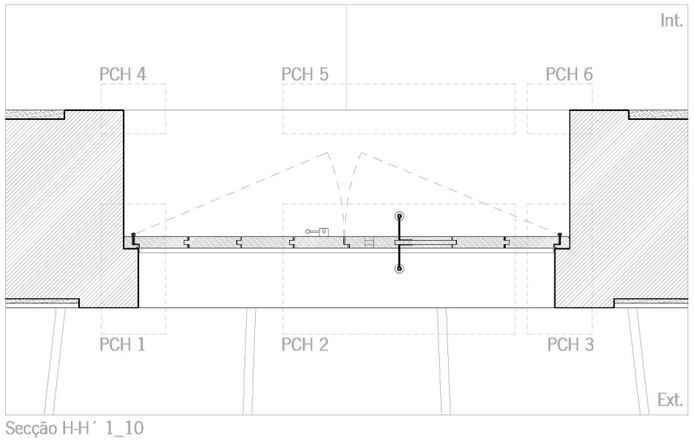
Alçado Exterior 1_10



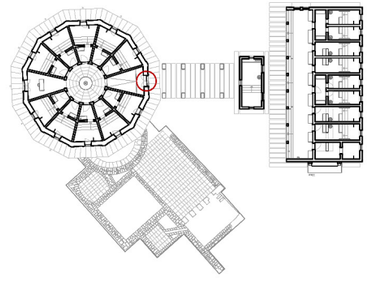
Secção V-V´ 1_10

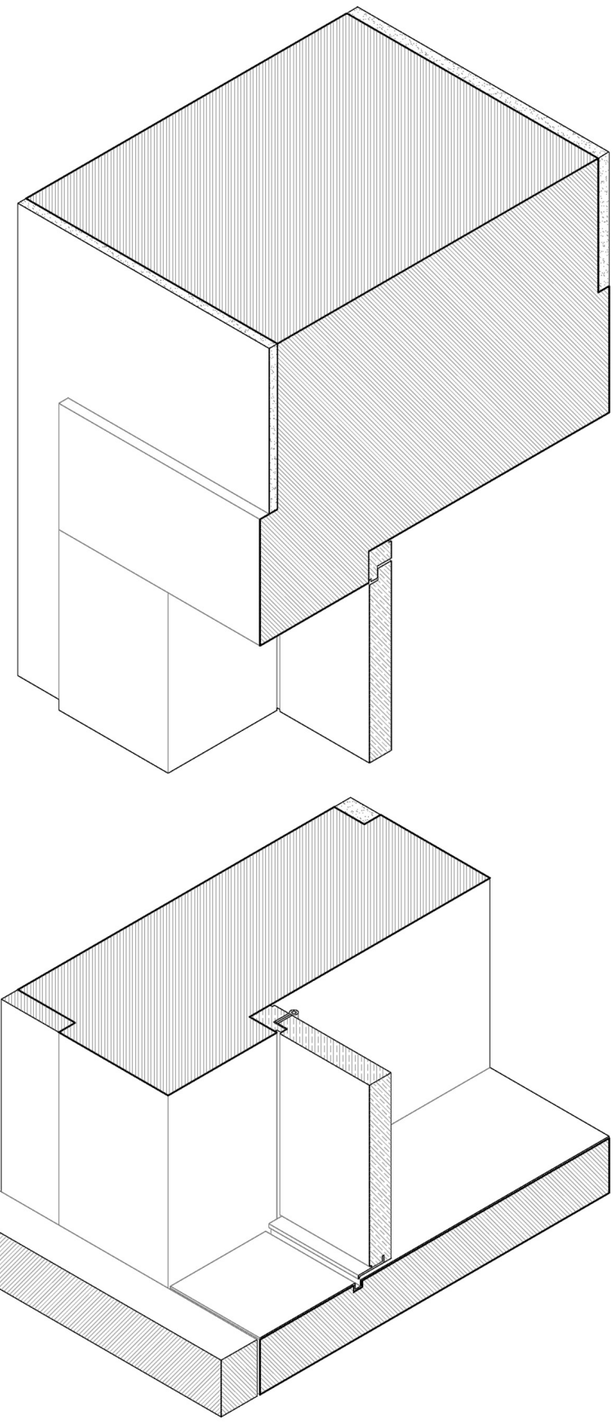


Alçado Interior

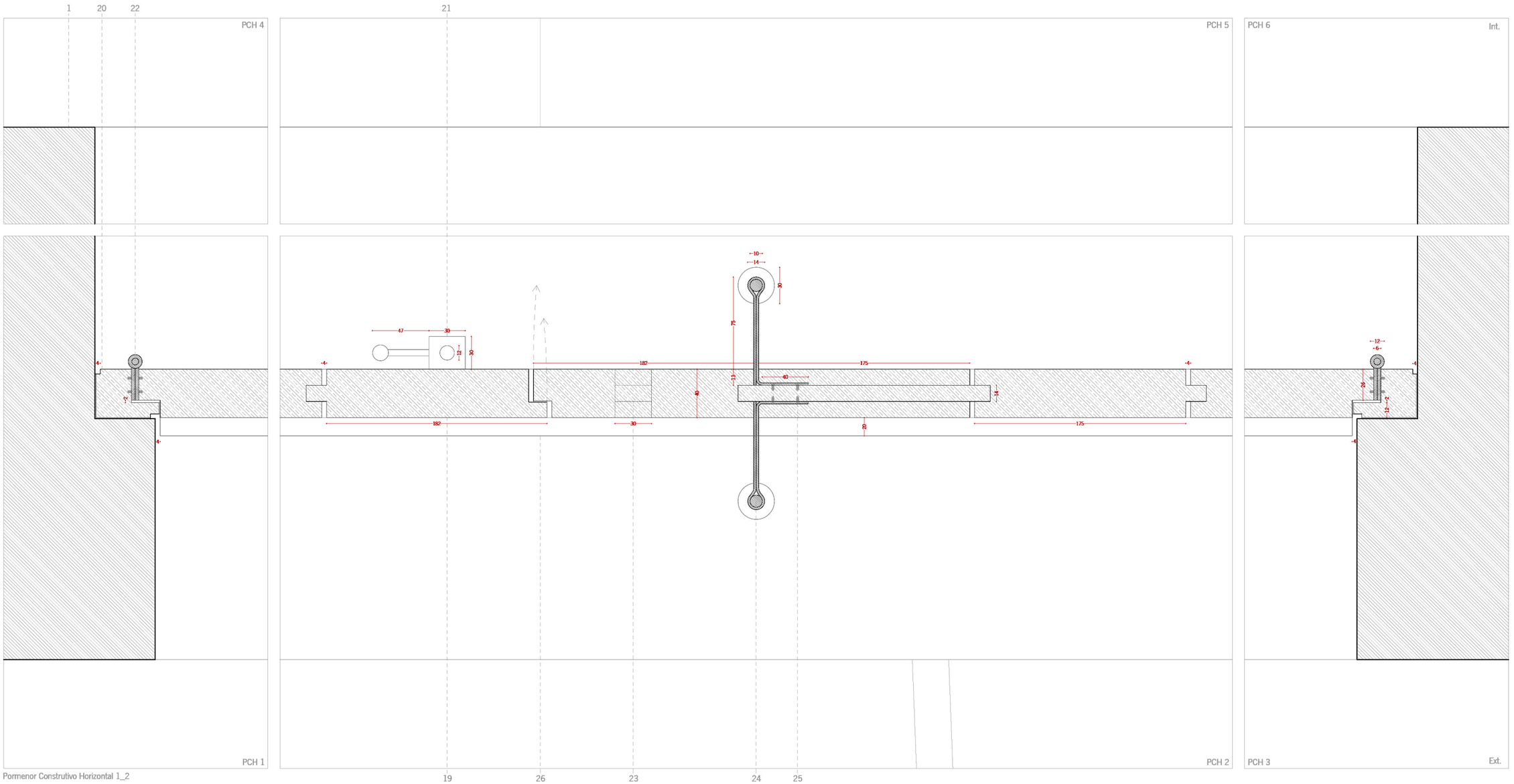


Secção H-H´ 1_10



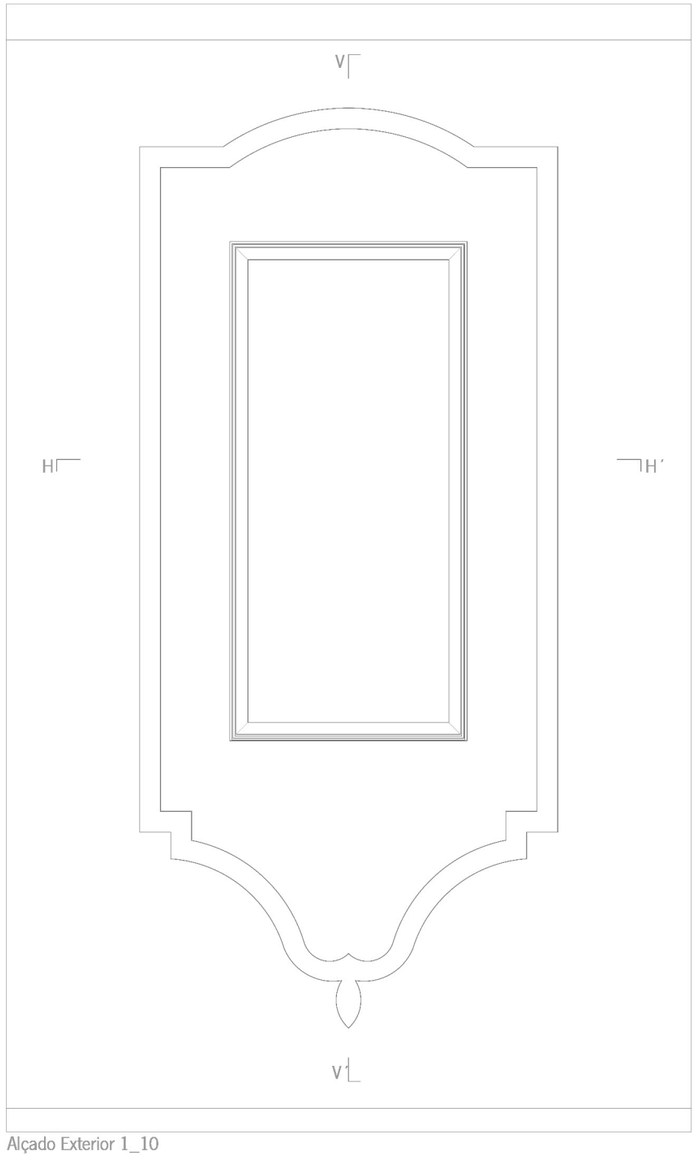


0cm 25cm 50cm 75cm

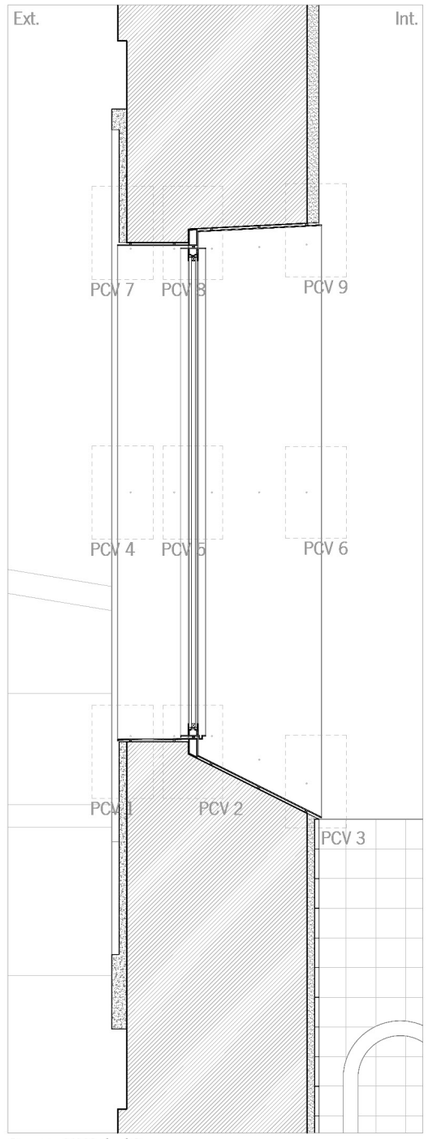


Pormenor Construtivo Horizontal 1_2

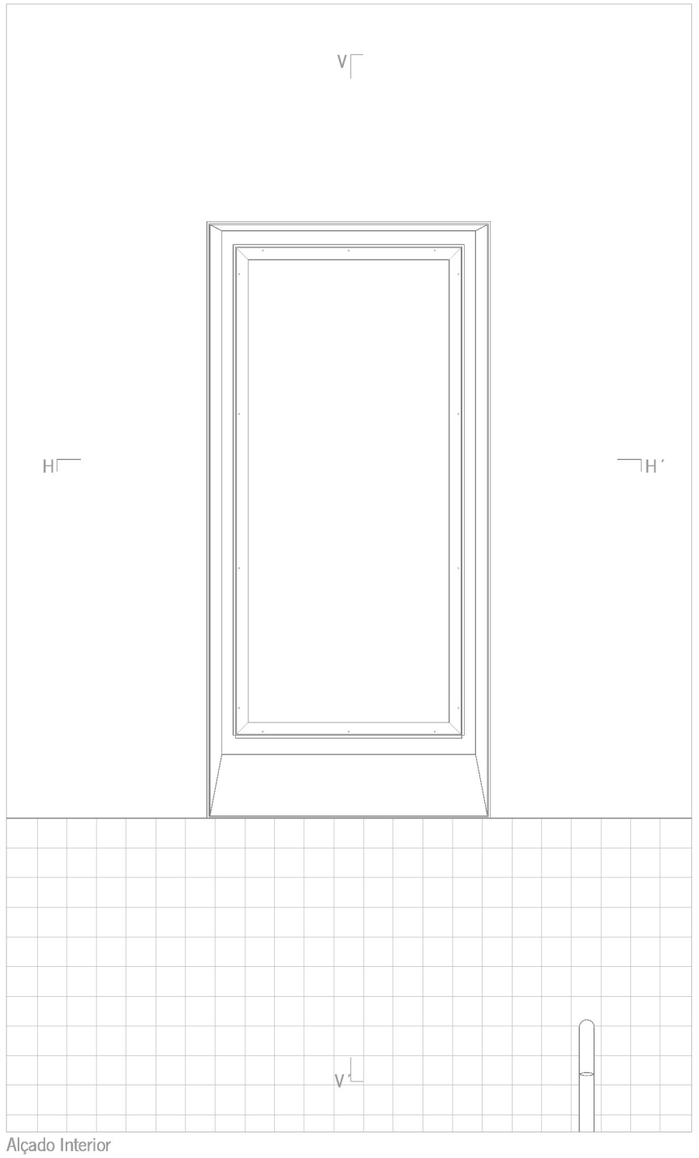
1. Alvenaria de granito existente
2. Lajeta de granito
3. Lajeta de mármore lioz
4. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado
5. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado e acabamento estanhado
6. Camada de hidrofugante incolor
7. Moldura do vão em cimento
8. Caixilho em aço com patina bronze
9. Pré aro do caixilho em aço com patina bronze
10. Bite em aço com patina bronze
11. Calha de ressoados em aço com patina bronze com tubo de drenagem
12. Guarnição em aço com patina bronze
13. Vidro duplo refletor temperado e laminado [9+12+6mm]
14. Revestimento cerâmico - azulejo 10x10cm
15. Calço de borracha
16. Fixação de parafuso
17. Parafuso Umbraco
18. Parafuso Philiphs
19. Tabuado em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
20. Batente em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
21. Fechadura cremone em aço com patina bronze
22. Dobradiça de esferas em aço com patina bronze
23. Fechadura de chave em aço com patina bronze
24. Puxador em aço com patina bronze e revestimento de couro
25. Fixação do puxador em aço com patina bronze
26. Pingadeira em aço com patina bronze
27. Calha de drenagem em aço com patina bronze
28. Base em aço com patina bronze



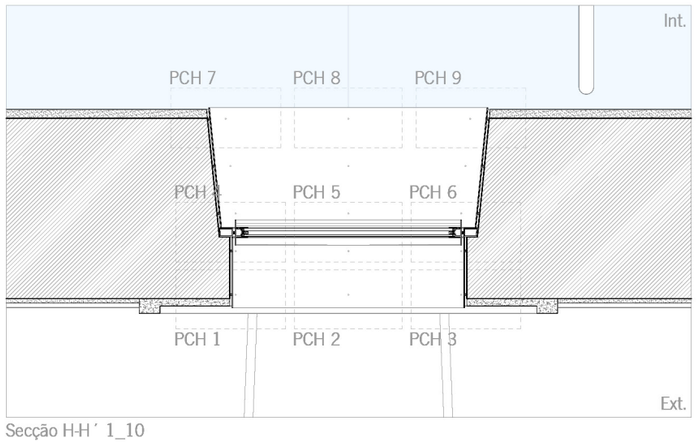
Alçado Exterior 1_10



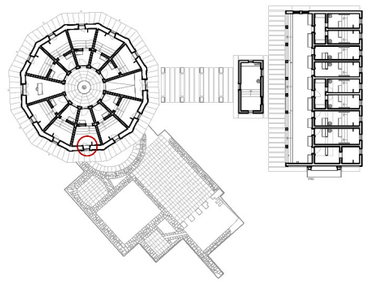
Secção V-V´ 1_10

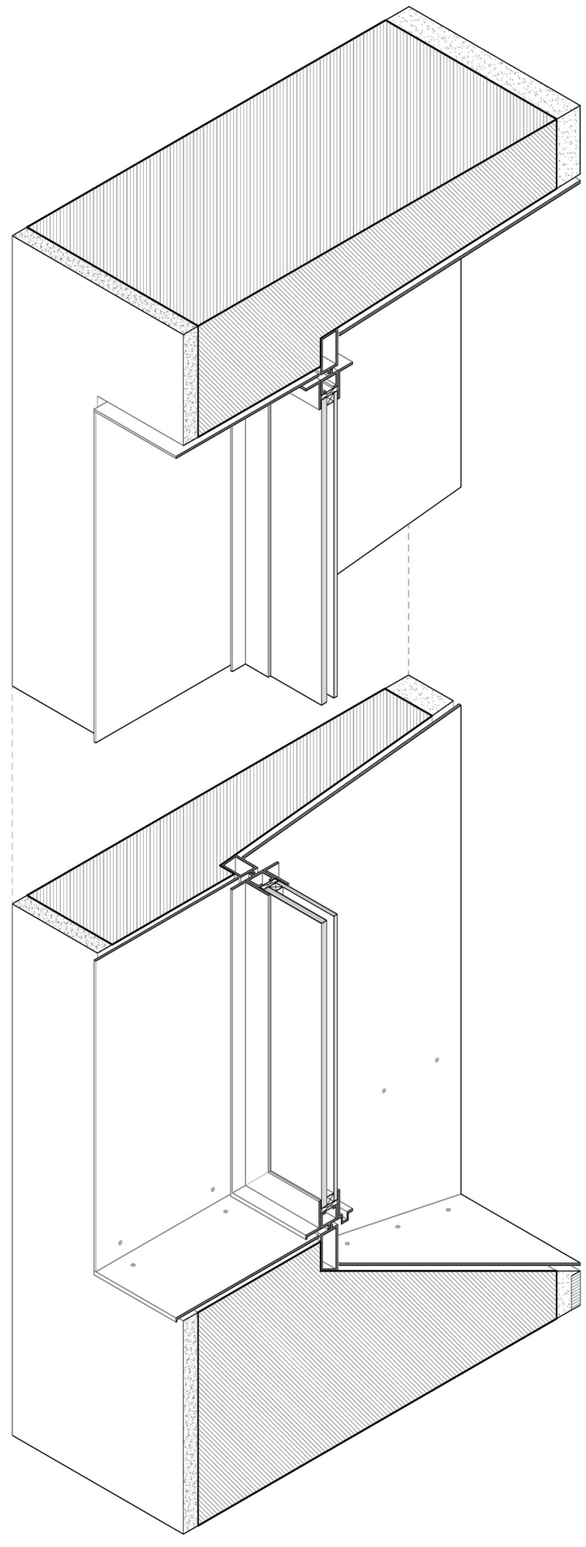


Alçado Interior

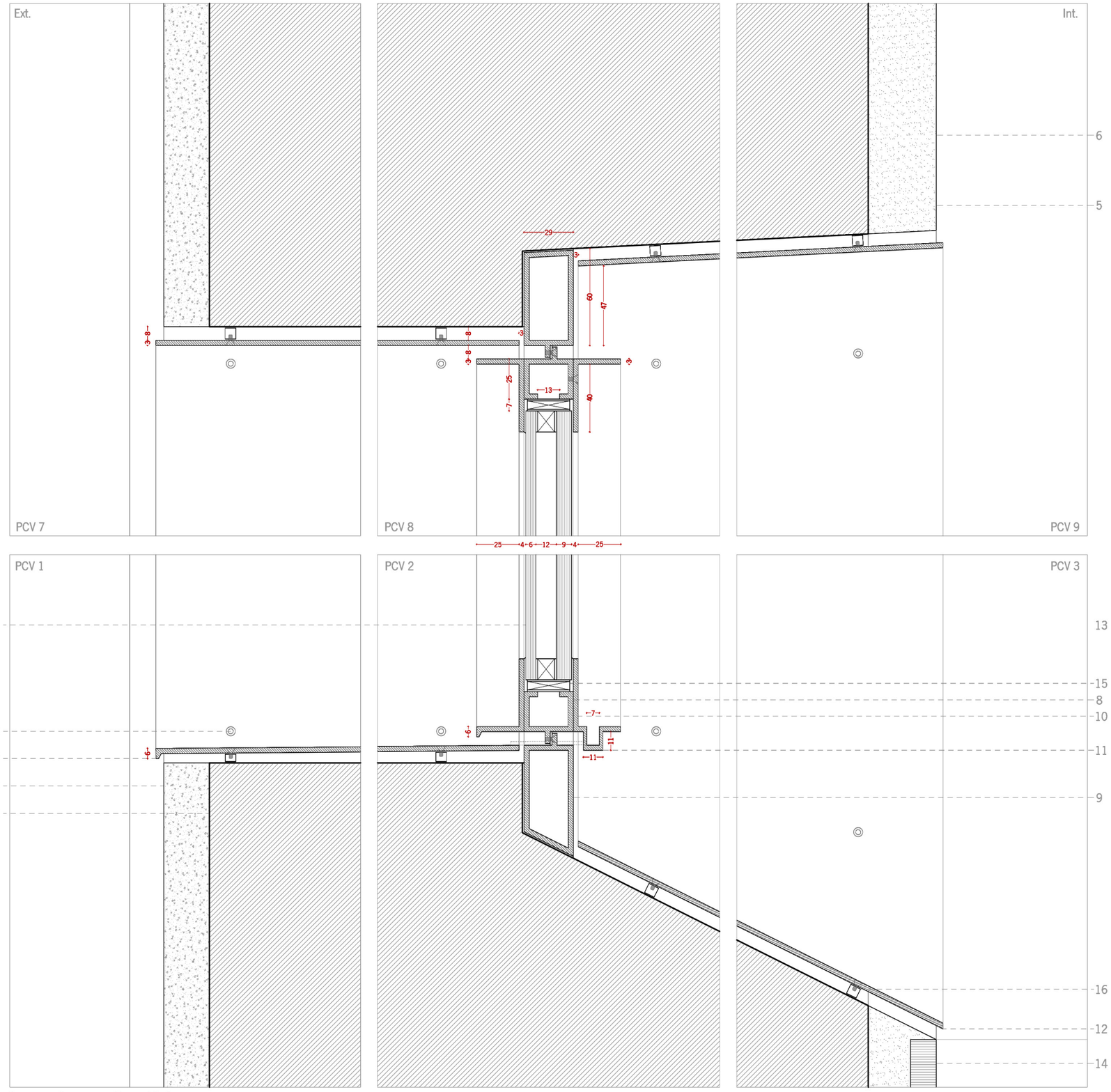


Secção H-H´ 1_10





0cm 25cm 50cm 75cm



Pormenor Construtivo Vertical 1_2

1. Alvenaria de granito existente
2. Lajeta de granito
3. Lajeta de mármore lioz
4. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado
5. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado e acabamento estanhado
6. Camada de hidrofugante incolor
7. Moldura do vão em cimento
8. Caixilho em aço com patina bronze
9. Pré aro do caixilho em aço com patina bronze
10. Bite em aço com patina bronze
11. Calha de ressoados em aço com patina bronze com tubo de drenagem
12. Guarnição em aço com patina bronze
13. Vidro duplo refletor temperado e laminado [9+12+6mm]
14. Revestimento cerâmico - azulejo 10x10cm
15. Calço de borracha
16. Fixação de parafuso
17. Parafuso Umbraco
18. Parafuso Philips
19. Tabuado em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
20. Batente em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
21. Fechadura cremone em aço com patina bronze
22. Dobradiça de esferas em aço com patina bronze
23. Fechadura de chave em aço com patina bronze
24. Puxador em aço com patina bronze e revestimento de couro
25. Fixação do puxador em aço com patina bronze
26. Pingadeira em aço com patina bronze
27. Calha de drenagem em aço com patina bronze
28. Base em aço com patina bronze

0cm 3cm 6cm 9cm

4.95
Perspetiva interior
Cela termal do 1° Balneário dos Banhos Velhos



4.96
Perspetiva interior
Cela termal do 1° Balneário dos Banhos Velhos



4.97
Perspetiva interior
Espaço central do Dodecágono



Água: Atmosferas e Texturas do Espaço

"Architecture is geometry and nature is nature. We cannot simulate the same that nature makes much better than us. So what we must look is for the contact points between these two worlds. So they make a new one." - Siza Vieira, Á. (2014). Entrevista à Royal Academy of Arts.

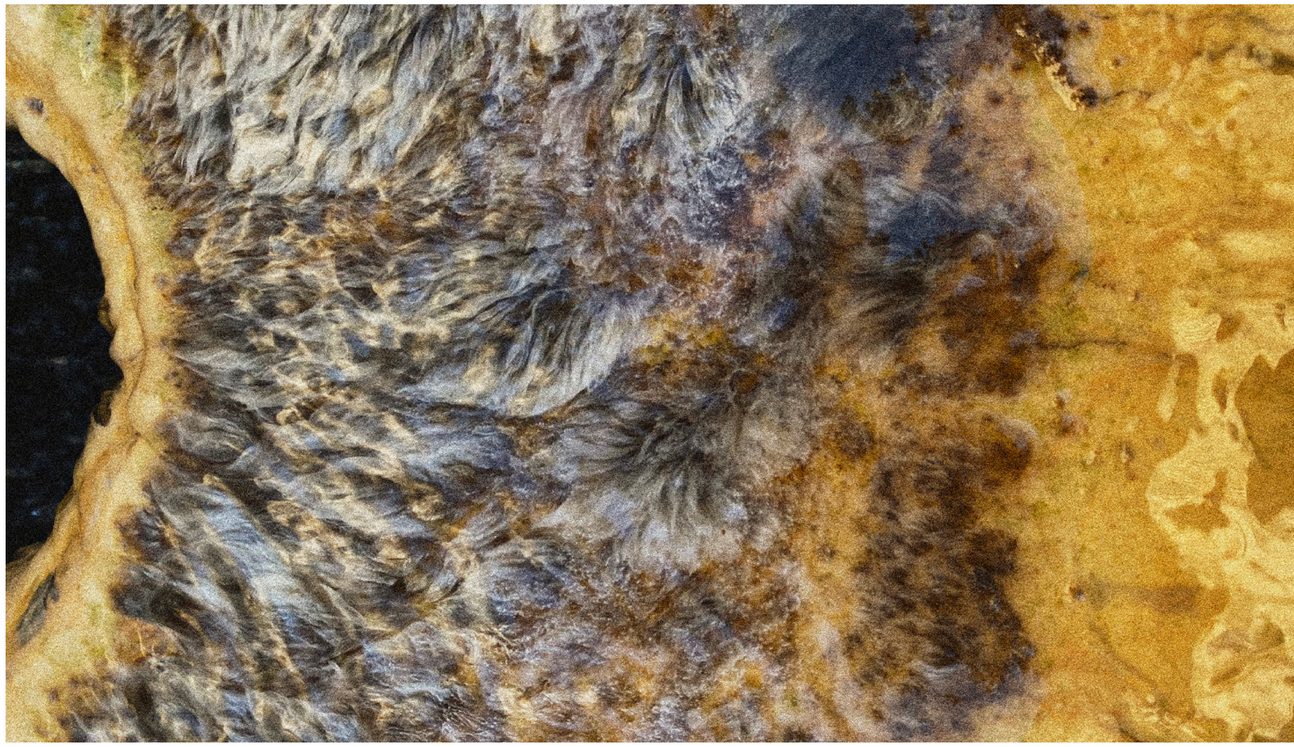
Como expressão das qualidades do espaço projetado, esta componente procura revelar a ambiência sensorial e simbólica do conjunto termal. Mais do que perseguir a definição formal do espaço, a intenção é traduzir a sua experiência no modo como a luz se refrata, como o som se propaga, como a temperatura e o vapor moldam o ambiente e sobretudo como a água se torna presença física e emocional.

O objetivo foi devolver ao lugar aquilo que lhe é essencial: a água como matéria e memória, como geradora de encontro e permanência, como elo entre o corpo e o território. É neste reencontro que o projeto ganha espessura e sentido, numa atmosfera moldada pelo som, pelo odor, pela temperatura, pelo brilho e pela textura. Todos os sentidos são convocados para compor uma experiência global, onde o espaço não só se contempla, mas vive-se, ouve-se, respira-se e toca-se.

A banda sonora é definida pelo fluxo contínuo da água - o murmúrio das gárgulas, o deslizar nos canais, o som ritmado das quedas e o silêncio entre pausas. O vapor eleva a temperatura e densifica o ar, tornando o ambiente simultaneamente íntimo e imersivo. O mármore lioz, macio e brilhante, acolhe o corpo com delicadeza, refletindo a luz e o movimento da água. Assim, o espaço torna-se palco de contrastes táteis e térmicos, entre o húmido e o seco, o quente e o frio, o opaco e o translúcido.

Em torno do conjunto, o coberto vegetal reforça

4.98
Textura da água na Fonte do Leão



uma dimensão mutável. As variações sazonais da vegetação (ora densa e verdejante, ora seca e translúcida; o milho ora cresce, ora é colhido) transformam a perceção do espaço ao longo do ano. O ambiente, por isso, nunca é o mesmo: muda com a hora do dia, com a estação, com o clima e com o uso. De manhã, a neblina suspensa confere uma energia quase mística; ao entardecer, o brilho dourado da luz reflete-se nas superfícies molhadas; à noite, o silêncio e o reflexo da lua devolvem ao lugar uma dimensão introspectiva e contemplativa.

Esta atenção à experiência sensorial inscreve-se numa visão de arquitetura que encontra nas *Therme Vals* (1996, Peter Zumthor), e nas *Piscinas das Marés* (1966, Álvaro Siza Vieira), referências fundamentais. Em ambos os casos, a arquitetura nasce da relação direta entre o corpo, a matéria e a paisagem, explorando a luz, a água, a textura e a temperatura como instrumentos de construção da atmosfera.

Numa escala mais ampla, o *Park Spoor Noord* (2009, Studio Associato Bernardo Secchi Paola Viganò) oferece uma leitura complementar: embora se trate de um projeto urbano, revela como a água pode assumir um papel estruturante na organização e vivência do espaço. A presença de um grande plano de água informal e acessível transforma-se no centro de gravidade de uma nova ambiência urbana, promovendo encontro, apropriação e contemplação.

Na intervenção proposta, a atmosfera é entendida como resultado da cooperação entre o mineral, o vegetal e o humano - um equilíbrio entre matéria, clima e corpo. Trata-se de uma espontaneidade, onde o espaço se abre livremente à vivência quotidiana. O conjunto funciona 24 horas por dia, em todas as estações do ano, como um organismo ativo.

O projeto, ao restituir o significado público e coletivo da água termal, recupera o seu valor social e simbólico. Aqui, o banho deixa de ser apenas um ato físico para se tornar rito partilhado e gesto comunitário, num lugar de reflexão, de diálogo e de convivência. A atmosfera construída é simultaneamente cénica e espontânea, feita de luz, som, matéria e tempo: um cenário de introspeção e encontro, onde o espírito do lugar se manifesta em plenitude. Tal como defende Christian Norberg-Schulz, a tarefa da arquitetura é tornar visível o invisível - revelar o *Genius Loci*. Norberg-Schulz, C. (1980). *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture.*



4.99
Therme Vals
Peter Zumthor

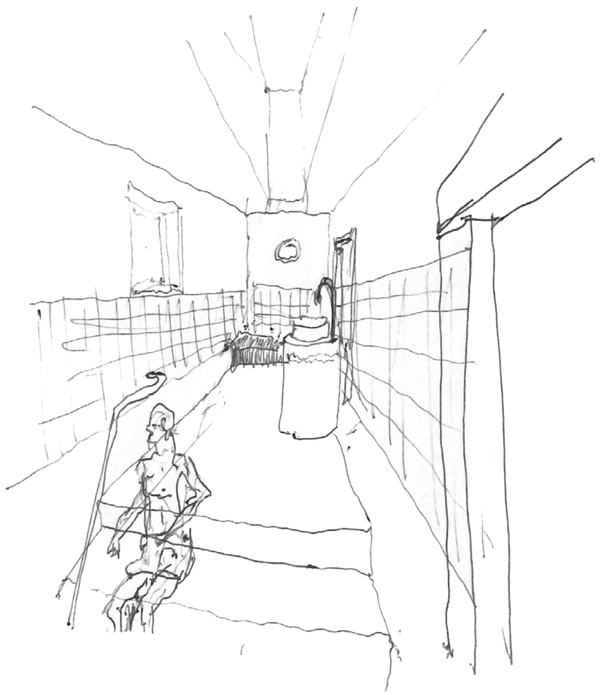


4.100
Piscinas das Marés
Álvaro Siza Vieira

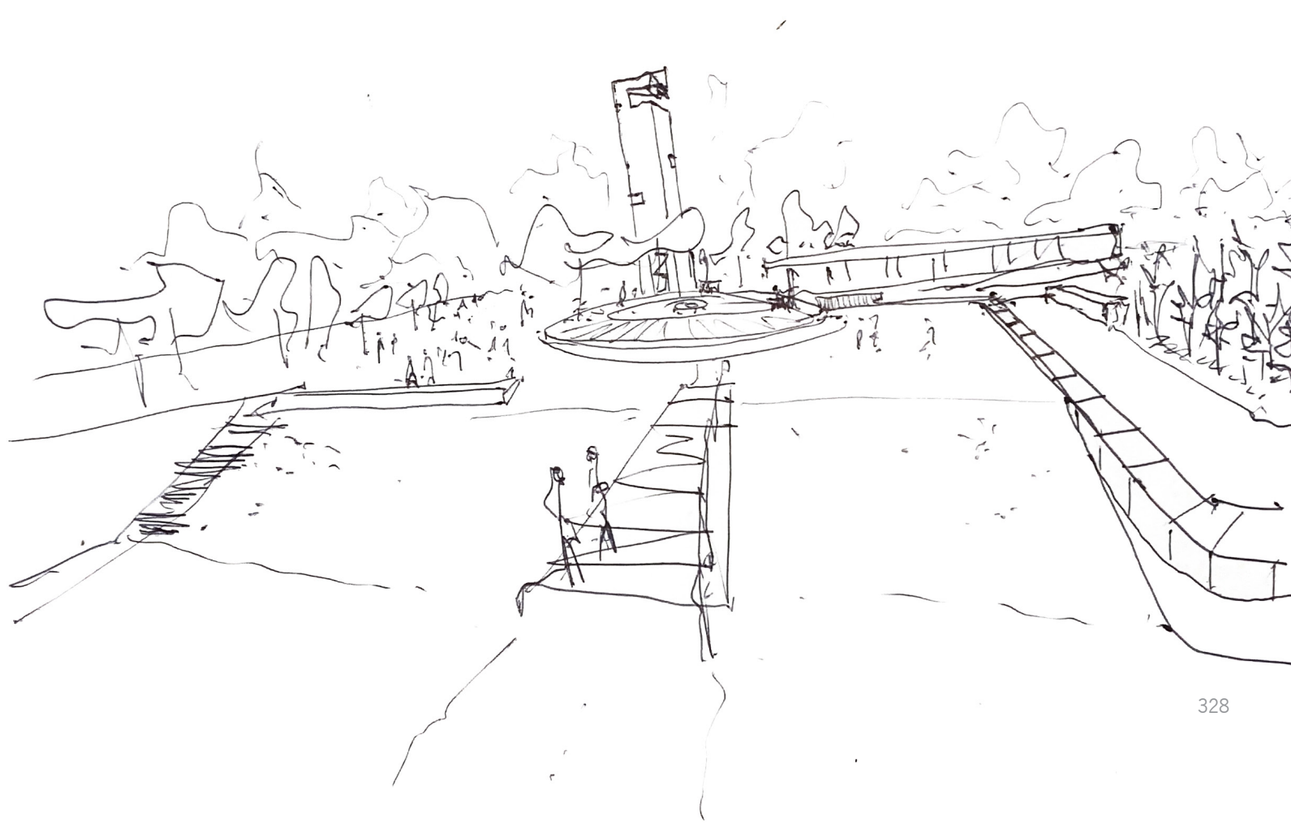


4.101
Park Spoor Noord
Secchi-Viganò

4.102
Esquisso do interior da cela termal do
2º Balneário dos Banhos Velhos



4.103
Esquisso representativo da vista do
Tanque Termal exterior a partir do
Banhos Velhos





4.104
Perspetiva exterior
Acesso ao
Tanque termal

4.105
Perspetiva interior
Cela termal do 2º Balneário dos
Banhos Velhos



4.106
Perspetiva interior
Cela termal do Dodecágono



Ao Fim do Percurso

5

Mais do que a resposta a um programa, este projeto é também uma manifestação política face ao entendimento do património, do território e da capacitação da arquitetura na construção de espaços para a comunidade e expressão cidadã. Reativar os Banhos Velhos é um gesto que visa devolver à comunidade um lugar que lhe pertence. Ao reinscrever a presença da água e atividade dos banhos na paisagem e na vida coletiva, procura-se deixar uma marca que ultrapasse a obra. Cada peça do projeto foi desenhada com atenção ao tempo, à escala, à matéria e à memória, e cada uma delas procura não apenas agir sobre o existente, mas prolongar o seu espírito.

A proposta afirma-se, assim, como um ato de resistência à perda do espírito do lugar, assumindo a arquitetura como instrumento de coesão e cultura.

Neste sentido, os objetivos delineados na introdução concretizam-se de forma clara:

• O edifício termal, recupera voz e função, através da restituição dos seus volumes, da reativação do uso das águas e da sua reintegração no quotidiano;

• O gesto de escuta concretiza-se na análise rigorosa do contexto material e imaterial, no reconhecimento das estruturas, texturas e memórias do lugar, e na formulação de uma intervenção que respeita e prolonga a sua autenticidade;

• A preocupação com a dimensão coletiva é materializada na devolução do espaço à comunidade e na recuperação da relação entre arquitetura, território e cidadania.

Mais do que uma resposta formal, funcional e técnica a um problema, este projeto sintetiza um percurso académico e pessoal, onde se consolidam aprendizagens acumuladas sobre o desenho, o território, a construção, o património e o fazer arquitetura.

No entanto, mais do que isso, foi também uma oportunidade de explorar dimensões que até aqui não tinha abordado com tanta intensidade, nomeadamente, a relação com a matéria natural e não construída (a água, o solo, a orografia), mas também com uma matéria imaterial (a memória, o tempo, a atmosfera). Foi um exercício de tradução dessas dimensões em pensamento e ação projetual, procurando encontrar o seu contributo, na tentativa de não as menosprezar, tornando-as parte integrante da arquitetura.

A especificidade do objeto e do lugar conduziram-me a uma resposta peculiar, onde a atenção ao detalhe do ambiente, da ruína e da memória foram determinantes. Trabalhar sobre uma pré-existência com esta densidade revelou-se profundamente exigente, mas também extremamente didático. Percebi que a delicadeza e a contenção são, por vezes, os gestos mais difíceis e, simultaneamente, mais vigorosos.

O processo foi desafiante desde o início. Encontrar as bases de pensamento e o rumo certo para este lugar exigiu tempo, escuta e paciência. Havia demasiadas camadas, demasiados vestígios, demasiadas histórias. Só depois de as descobrir e reorganizar consegui delinear um caminho coerente. Este percurso ensinou-me que o tempo é essencial na arquitetura. O tempo no seu sentido literal: tempo para observar, pensar, respirar, experimentar e deixar que as ideias amadureçam, o que se revelou determinante em todas as fases do processo. Foi essa duração, feita de pausas e retornos, que me permitiu escutar verdadeiramente o lugar e compreendê-lo. Talvez tenha sentido, aqui, de forma tão clara, a sua importância: dar tempo ao pensamento, ao gesto e à construção de uma narrativa.

Este projeto tornou-se assim uma verdadeira experiência de crescimento - técnico, intelectual e humano. Foi trabalhoso, sim, mas profundamente revelador. Deixou claro que a arquitetura pode (e deve) ser um instrumento de revitalização não só do plano físico, mas também do plano imaterial, na expressão dos sentidos do lugar, na memória e na identidade de uma comunidade. Uma experiência que levo como preciosa.

Ao fim do percurso, tal como a água encontra o seu leito, também eu chego ao término de uma travessia académica e de construção pessoal. Como o curso da água, esta jornada foi feita de sinuosidades, avanços, recuos e sedimentações. Um ciclo de aprendizagem, escuta e amadurecimento. Carrego tudo o que este processo revelou - sobre o lugar, sobre a arquitetura e sobre o meu posicionamento em relação à realidade sobre a qual a arquitetura age. É com o saber e a experiência acumulada que se abre a oportunidade de uma nova etapa, agora com a consciência de que, tal como a água reencontra o seu caminho, também o pensamento se transforma e prossegue, alimentado pelas experiências que o antecedem.

5.00

Fachada do Dodecágono

Índice de Imagens

Notas:

- As imagens sem referência foram elaboradas ou captadas pelo autor.
- Fontes digitais consultadas para obtenção de imagens:

- Archdaily _ https://www.archdaily.com
- Câmara Municipal de Sintra _ https://cm-sintra.pt
- Cartorum _ https://cartorum.fr
- Casa de Sarmento _ https://www.csarmento.uminho.pt
- Divisare _ https://divisare.com
- Hemeroteca Digital _ https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt
- La Région Auvergne-Rhône-Alpes _ https://patrimoine.auvergnerhonealpes.fr
- Living in Iberia _ https://livinginiberia.com
- Olafur Eliasson _ https://olafureliasson.net
- OPPLA _ https://oppla.eu
- Taipas Termal _ https://taipastermal.com
- Taypas Antiga _ https://www.facebook.com/taypasantiga
- Teixeira, Pinto & Soares _ https://www.tps.com.pt
- The Archeology Wordpress _ https://thearcheology.wordpress.com

1

1.00 - Fotografia aérea dos Banhos Velhos | 2025

2

2.00 - Contextualização do território envolvente
2.01 - Estrutura hidrográfica e ocupação urbana
2.02 - Extração de areia do Rio Ave | 1949 _ Fonte: Taypas Antiga
2.03 - Ponte das Taipas e Lavadouros públicos | 1915 _ Fonte: Taypas Antiga
2.04 - Cheia sazonal | 2024
2.05 - Cheia sazonal nos Banhos Velhos | 2024
2.06 - Evidência visual | 1
2.07 - Evidência visual | 2
2.08 - Evidência visual | 3
2.09 - Evidência visual | 4
2.10 - Evidência visual | 5
2.11 - Evidência visual | 6
2.12 - Evidência visual | 7
2.13 - Evidência visual | 8
2.14 - Evidência visual | 9
2.15 - Evidência visual | 10
2.16 - Evidência visual | 11
2.17 - Publicação de Ferreira de Castro, *A terra onde a lua fala* _ Fonte: Taypas Antiga
2.18 - Evidência visual | 12 - Registo da ciclicidade das plantações | Natural
2.19 - Evidência visual | 13 - Registo da ciclicidade das plantações | Natural
2.20 - Evidência visual | 14 - Registo da ciclicidade das plantações | Natural
2.21 - Evidência visual | 15 - Registo da ciclicidade | Ortofotomapa | Natural _ Fonte: Google Earth Pro
2.22 - Evidência visual | 16 - Texturas | Água | Natural
2.23 - Evidência visual | 17 - Texturas | Vegetação | Natural
2.24 - Evidência visual | 18 - Árvores | Natural
2.25 - Evidência visual | 19 - Textura | Troncos | Natural
2.26 - Evidência visual | 20 - Textura | Paredes | Natural
2.27 - Evidência visual | 21 - Textura | Chão | Natural
2.28 - Evidência visual | 22 - Fachadas | Urbano
2.29 - Evidência visual | 23 - Textura | Chão | Urbano
2.30 - Evidência visual | 24 - Ambiência noturna | Urbano
2.31 - Evidência visual | 25 - Ambiência diurna | Urbano

3

3.00 - Planta da Citânia de Briteiros _ Fonte: Hemeroteca digital
3.01 - Câmara do Balneário Castrejo _ Fonte: Casa de Sarmento
3.02 - Vista panorâmica da Citânia de Briteiros - Direção nordeste-sudeste _ Fonte: Casa de Sarmento
3.03 - Ara de Trajano | 1919 _ Fonte: Taypas Antiga
3.04 - Ponte Romana das Taipas | 1979 _ Fonte: Taypas Antiga
3.05 - Levantamento desenhado do Balneário Romano - Pereira Caldas | 1844 _ Fonte: Taypas Antiga

3.06 - Levantamento desenhado do Balneário Romano - Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes _ Fonte: Taypas Antiga
3.07 - Leitura da presença Romana nas Caldas das Taipas
3.08 - Ambiente dos Banhos no séc.XIX em Aix-les-Bains _ Fonte: La Région Auvergne-Rhône-Alpes
3.09 - Ambiente dos Banhos no séc.XIX em Aix-les-Bains _ Fonte: Cartorum
3.10 - Ambiente junto ao Hotel das Thermas | 1925 _ Fonte: Taypas Antiga
3.11 - Jantar comemorativo junto aos Banhos Velhos | 1922 _ Fonte: Taypas Antiga
3.12 - Promoção da Estância Termal das Taipas _ Fonte: Taypas Antiga
3.13 - Programação do Grande Hotel Villas _ Fonte: Taypas Antiga
3.14 - Ilustração presente em *Banhos de Caldas e Água Mineraes*
3.15 - Praia Fluvial das Taypas _ Fonte: Taypas Antiga
3.16 - Praia Fluvial das Taypas | 1973 _ Fonte: Taypas Antiga
3.17 - Praia Fluvial das Taypas | 1973 _ Fonte: Taypas Antiga
3.18 - Praia Fluvial das Taypas _ Fonte: Taypas Antiga
3.19 - Praia Fluvial das Taypas _ Fonte: Taypas Antiga
3.20 - Piscina das Taipas | 1963 _ Fonte: Taypas Antiga
3.21 - Piscina das Taipas _ Fonte: Taypas Antiga
3.22 - Praia Fluvial das Taypas _ Fonte: Taypas Antiga
3.23 - Referência dos espaços e construções mais relevantes que compunham o tecido urbano das Caldas das Taipas
3.24 - Banhos Velhos | 1900 _ Fonte: Taypas Antiga
3.25 - Grande Hotel Villas | 1914 _ Fonte: Taypas Antiga
3.26 - Fonte D.João VI _ Fonte: Taypas Antiga
3.27 - Banhos Novos | Thermas | 1915 _ Fonte: Taypas Antiga
3.28 - Hotel das Thermas | 1917 _ Fonte: Taypas Antiga
3.29 - Fonte do Leão | 1912 _ Fonte: Taypas Antiga
3.30 - Ara de Trajano | 1912 _ Fonte: Taypas Antiga
3.31 - Igreja Matriz das Taipas | 1915 _ Fonte: Taypas Antiga
3.32 - Cruzeiro _ Fonte: Taypas Antiga
3.33 - Posto Médico _ Fonte: Taypas Antiga
3.34 - Feira das Taipas | 1906 _ Fonte: Taypas Antiga
3.35 - Mercado das Taipas | 1934 _ Fonte: Taypas Antiga
3.36 - Coreto _ Fonte: Taypas Antiga
3.37 - Grande Hotel das Taypas | 1937 _ Fonte: Taypas Antiga
3.38 - Chafariz | 1906 _ Fonte: Taypas Antiga
3.39 - Capela de Santo António | 1912 _ Fonte: Taypas Antiga
3.40 - Tabacaria _ Fonte: Taypas Antiga
3.41 - Hotel Braga | 1916 _ Fonte: Taypas Antiga
3.42 - Bombeiros | 1976 _ Fonte: Taypas Antiga
3.43 - Ponte Romana das Taipas | 1919 _ Fonte: Taypas Antiga
3.44 - Ponte dos Três Arcos | 1920 _ Fonte: Taypas Antiga
3.45 - Piscina das Taipas _ Fonte: Taypas Antiga
3.46 - Alameda _ Fonte: Taypas Antiga
3.47 - Campo de Ténis | 1950 _ Fonte: Taypas Antiga
3.48 - Parque das Taipas | 1960 _ Fonte: Taypas Antiga
3.49 - Praia Fluvial das Taipas | 1948 _ Fonte: Taypas Antiga
3.50 - Ringue de Patinagem _ Fonte: Taypas Antiga
3.51 - Parque de Campismo _ Fonte: Taypas Antiga
3.52 - Promoção do Parque de Campismo das Taipas | 1964 _ Fonte: Taypas Antiga
3.53 - 1º Balneário dos Banhos Velhos _ Fonte: Taypas Antiga
3.54 - Recomposição formal dos Banhos Velhos | 1
3.55 - Primeiros dois Balneários do Conjunto _ Fonte: Taypas Antiga
3.56 - Recomposição formal dos Banhos Velhos | 2
3.57 - Balneário Dodecagonal | 1875 _ Fonte: Taypas Antiga
3.58 - Recomposição formal dos Banhos Velhos | 3
3.59 - Banhos Novos | Thermas | 1912 _ Fonte: Taypas Antiga
3.60 - Fonte do Leão
3.61 - Planta e Alçado principal dos Banhos Novos
3.62 - 1ª Alteração aos Banhos Velhos _ Fonte: Taypas Antiga
3.63 - Recomposição formal dos Banhos Velhos | 4
3.64 - 2ª Alteração aos Banhos Velhos _ Fonte: Taypas Antiga
3.65 - Recomposição formal dos _Banhos Velhos | 5
3.66 - Banhos Velhos em ruína | 2009 _ Fonte: Gentilmente cedida por Lourenço Mendes
3.67 - Recomposição formal dos Banhos Velhos | 6
3.68 - Intervenção de Restauro nos Banhos Velhos | 2010 _ Fonte: Taipas Termal
3.69 - Recomposição formal dos Banhos Velhos | 7
3.70 - Grande Hotel Villas _ Fonte: Taypas Antiga
3.71 - Grande Hotel Braga | 1900 _ Fonte: Taypas Antiga
3.72 - Grande Hotel das Taypas | 1937 _ Fonte: Taypas Antiga
3.73 - Hotel das Thermas | 1959 _ Fonte: Taypas Antiga
3.74 - Vivência dos Espaços Termais _ Fonte: Taypas Antiga
3.75 - Cronologia

4

4.00 - Banhos Velhos
4.01 - Perdas de água termal
4.02 - Canal da Ribeira da Canhota
4.03 - Fonte termal do Leão - *Buvette*
4.04 - Banhos Velhos - Frontão
4.05 - Balneário Termal Romano - Ruínas
4.06 - Eixo visual e estrutura física da intervenção
4.07 - Planta de localização da intervenção
4.08 - Zona de intervenção
4.09 - Planta de implantação do projeto
4.10 - Banhos Velhos - Envolvente | Transição para a urbanidade
4.11 - Banhos Velhos - Envolvente | Transição para a ruralidade
4.12 - Planta e perfil do eixo visual Ara de Trajano - Miradouro do Rio Ave
4.13 - Perspetiva aérea da intervenção
4.14 - Localização - Canal de água termal
4.15 - Esquissos do traçado do canal
4.16 - Esquema de alinhamentos do canal de água termal
4.17 - Desenho da cheia sazonal
4.18 - Planta de nível de projeto
4.19 - Maqueta | Canal de água termal
4.20 - Maqueta | Canal de água termal

4.21 - Maqueta | Canal de água termal
4.22 - Perspetiva aérea da intervenção
4.23 - Localização - Banhos Velhos
4.24 - 1º Balneário dos Banhos Velhos
4.25 - 2º Balneário dos Banhos Velhos
4.26 - Cela termal do Dodecágono
4.27 - Termas Romanas de São Pedro do Sul _ Fonte: Teixeira, Pinto & Soares
4.28 - Banhos Velhos - situação atual
4.29 - Banhos Velhos - envolvente
4.30 - Banhos Velhos - envolvente
4.31 - Esquissos de observação - Banhos Velhos
4.32 - Esquissos de observação - Banhos Velhos
4.33 - Esquissos de observação - Banhos Velhos
4.34 - Esquissos de observação - Escadas de acesso aos Banhos Velhos
4.35 - Esquissos de observação - Frontão dos Banhos Velhos
4.36 - Esquissos de observação - Vãos do Dodecágono e Fonte D.João VI
4.37 - Esquissos de observação - Colunas e vãos do 1ºBalneário dos Banhos Velhos
4.38 - Esquissos de projeto - Axonometria e Secção
4.39 - Esquissos de projeto - Perfis e perspetivas
4.40 - Perfil Longitudinal
4.41 - Alçados da intervenção nos Banhos Velhos
4.42 - Planta da intervenção nos Banhos Velhos
4.43 - Planta de Vermelhos e Amarelos
4.44 - Secção de Vermelhos e Amarelos
4.45 - Axonometria da intervenção nos Banhos Velhos
4.46 - Axonometria explodida da intervenção nos Banhos Velhos
4.47 - Maqueta | Banhos Velhos
4.48 - Maqueta | Banhos Velhos
4.49 - Maqueta | Banhos Velhos
4.50 - Perspetiva exterior dos Banhos Velhos
4.51 - Imagem interior - 2º Balneário dos Banhos Velhos
4.52 - Imagem interior - Cela termal do Dodecágono
4.53 - Localização - Tanque termal exterior
4.54 - Your Glacial Expectations - Günther Vogt _ Fonte: Olafur Eliasson
4.55 - Termas Romanas de Bath, Frigidarium _ Fonte: Living in Iberia
4.56 - Termas Del Foro, Frigidarium _ Fonte: The Archeology Wordpress
4.57 - Esquissos de Projeto - Tanque termal exterior
4.58 - Axonometria explodida do Tanque termal
4.59 - Planta e corte do Tanque termal
4.60 - Maqueta | Tanque termal exterior
4.61 - Maqueta | Tanque termal exterior
4.62 - Perspetiva exterior do Tanque termal
4.63 - Localização - Balneário de apoio ao Tanque termal exterior
4.64 - Esquissos de projeto - Balneário de apoio ao Tanque termal
4.65 - Esquema da implantação do Balneário de apoio ao Tanque termal a partir da observação das marcações fundiárias

4.66 - Planta e axonometria do 1º Balneário dos Banhos Velhos
4.67 - Planta e axonometria do Balneário de apoio ao Tanque termal
4.68 - Maqueta | Balneário de apoio ao Tanque
4.69 - Perspetiva exterior - Galeria de acesso do Balneário de apoio ao Tanque termal
4.70 - Localização - Ponte pedonal
4.71 - Ponte Romana da Catribana _ Fonte: Câmara Municipal de Sintra
4.72 - Ponte Romana da Catribana _ Fonte: Câmara Municipal de Sintra
4.73 - Esquissos de projeto - Ponte pedonal
4.74 - Planta e corte da Ponte pedonal
4.75 - Axonometria da Ponte pedonal
4.76 - Maqueta | Ponte pedonal e *Ghat*
4.77 - Localização - Dispositivos complementares
4.78 - Esquissos de projeto - Miradouro
4.79 - Esquissos de projeto - *Buvette*, fontes e peças informativas
4.80 - Planta de localização dos dispositivos complementares
4.81 - Dispositivos complementares do conjunto termal
4.82 - Secções e alçados do Miradouro
4.83 - Axonometria explodida do Miradouro
4.84 - Axonometria do Miradouro
4.85 - Maqueta | Miradouro
4.86 - Maqueta | Dispositivos complementares/Fragmentos
4.87 - Esquissos de projeto - Sistemas construtivos
4.88 - Pormenores construtivos da intervenção nos Banhos Velhos
4.89 - Esquissos de projeto - Vãos - Portas e Janelas
4.90 - Esquissos de projeto - Vãos - Portas e Janelas
4.91 - Pormenores construtivos de um vão intervencionado nos Banhos Velhos
4.92 - Pormenores construtivos de um vão intervencionado nos Banhos Velhos
4.93 - Pormenores construtivos de um vão intervencionado nos Banhos Velhos
4.94 - Pormenores construtivos de um vão intervencionado nos Banhos Velhos
4.95 - Perspetiva interior - Cela termal do 1º Balneário dos Banhos Velhos
4.96 - Perspetiva interior - Cela termal do 1º Balneário dos Banhos Velhos
4.97 - Perspetiva interior - Espaço central do Dodecágono
4.98 - Textura da água na Fonte do Leão
4.99 - Therme Vals - Peter Zumthor _ Fonte: Archdaily
4.100 - Piscinas das Marés - Álvaro Siza Vieira _ Fonte: Divisare
4.101 - Park Spoor Noord - Secchi-Viganò _ Fonte: OOPLA
4.102 - Esquisso do interior da cela termal do 2º Balneário dos Banhos Velhos
4.103 - Esquisso representativo da vista do Tanque termal exterior a partir dos Banhos Velhos
4.104 - Perspetiva exterior - Acesso ao Tanque Termal
4.105 - Perspetiva interior - Cela termal do 2º Balneário dos Banhos Velhos
4.106 - Perspetiva interior - Cela termal do Dodecágono

5

5.00 - Fachada do Dodecágono

Bibliografia

_ Arqueoges. (2010). Acompanhamento Arqueológico Banhos Velhos Das Caldas Das Taipas, Guimarães. Arqueoges.

_ Carvalho, H. P. A. de. (2008). "O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis." Apresentado à Universidade do Minho.

_ Carvalho, H. P. A. de. (2019). *A centuriação do território de Bracara Augusta*. Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT). Universidade do Minho.

_ Colomina, B. (2018). *X-Ray Architecture*. LARS MULLER PUBLISHERS.

_ Electra. (2023). *Ócio e Lazer* (21st ed.). Edp fundação.

_ Ferreira de Castro. (1963). "A terra onde a Lua fala." Notícias de Guimarães.

_ Reis, Frei Christovão Dos. (1779). *Reflexões experimentaes methodico-botanicas : muito uteis, e necessarias para os professores de medicina, e enfermos...* Regia Officina Typografica.

_ Gomes Mendes, N. (2009). "ACQUA, Água, essência na arquitectura de Carlo Scarpa." Apresentado à Universidade de Coimbra.

_ Juan, M. L. (2016). "Projeto de espaço público: um processo de mediação: requalificação do Centro Cívico da Vila das Taipas." Escola de arquitetura, Centro de Estudos. Universidade do Minho.

_ Lima, S. P. de C. (2020). "O espaço urbano e as dinâmicas de um rio: o caso da vila Caldas das Taipas." Apresentado à Universidade do Minho

_ Lloyd Wright, F. (1953). *The Future of Architecture*. Horizon Press.

_ Martins, M. (2015). *Entre o ócio e a sociabilidade: o papel das termas públicas na vida social de Bracara Augusta.* Gm Gráfica Editora.

_ Mendes, Á. N. P. de O. da S. (2021). "Caldas das Taipas um modelo de densificação: a cidade vertical em articulação entre o rural o disperso e o difuso." Apresentado à Universidade do Minho.

_ Mendes Ribeiro, J. (2021). *O Desenho como Mediação. As Termas Romanas de São Pedro do Sul, por João Mendes Ribeiro.* E|d|arq.

_ Norberg-Schulz, C. (1980). *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Academy Editions Ltd.

_ Oliveira, M. M. (2013). "Lugar do espaço público." Escola de Arquitetura, Centro de Estudos. Universidade do Minho.

_ Pinto, H. G. M. J. (2009). *O desenho das termas : história da arquitectura termal portuguesa* (1a ed). [Lisboa] : Ministério da Economia e da Inovação.

_ Providência, J. P. (2000). *A Cabana do Higienista*: Vol. Série B, no2 (Debaixo de Telha). E|d|arq.

_ Providência, J. P. (2007). "Estação Termal no século XIX. Representação e Experiência." Apresentado à Universidade de Coimbra.

_ Ramalho Ortigão. (1875). *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes.* Livraria Universal.

_ Redentor, A. (2011). "A cultura epigráfica no Conventvs Bracaravgvstanvs (pars occidentalis) : percursos pela sociedade brácara da época romana." Apresentado à Universidade de Coimbra.

_ Ribeiro, M. do C. F. (2008). "Braga entre a época romana e a Idade Moderna: uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana." Apresentado à Universidade do Minho.

_ Rossi, A. (2016). *A Arquitetura da Cidade* (1966). Edições 70.

_ Vogt, G. (2017). *Your Glacial Expectations.* THAMES & HUDSON LTD.

_ Vogt, G. (2019). *Mutation and Morphosis, Landscape as Aggregate.* Lars Müller Publishers.

_ Zumthor, P. (2007). *Peter Zumthor Therme Vals*: Vol. Archigraphy. INFOLIO.

Páginas Web

_ Alves Pinto, N. (n.d.). Ara de Trajano. Em: Https://Caldasdastaipas.Com/Locais/Ara-de-Trajano/.

_ Arquiteturas da saúde. (n.d.). História das Termas em Portugal, Marcos identitários da arquitetura e do território termal em Portugal. Em: Https://Arquitecturasdasaude.Wordpress.Com/Historia-Das-Termas/.

_ Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. (1892 - 1987). Caldas das Taipas. Archeevo.

_ Caldas das Taipas - Espólio Fotográfico. (n.d.). . Em: Https://Www.Facebook.Com/Espoliofotograficodastaipas/?Locale=pt_PT.

_ Lusa. (2021). Museu das Termas Romanas abre para contar 2000 anos de história em Chaves. Público. Em: https://www.publico.pt/2021/12/20/fugas/noticia/museu-termas-romanas-abre-contar-2000-anos-historia-chaves-1989330.

_ Marques, C. (2018). Dimensão de Caldas das Taipas: A romanização da nossa terra. Em: Https://Reflexodigital.Com/Opiniao/Dimensao-de-Caldas-Das-Taipas-a-Romanizacao-Da-Nossa-Terra/.

_ Oliveira, A. (n.d.). Esboço histórico-geográfico do aglomerado de Caldas das Taipas. Em: Https://Caldasdastaipas.Com/Esboco-Historico-Geografico/#1515083398305-F400c240-67a1.

_ Restos de Coleção. (2023). Grande Hotel de Vidago. Em: Https://Restosdecoleccao.Blogspot.Com/2023/08/Grande-Hotel-de-Vidago.Html.

_ Royal Academy of Arts. (2014). Meet the architects: Álvaro Siza and Eduardo Souto de Moura. Em: Https://Www.Royalacademy.Org.Uk/Article/Meet-the-Architects-Lvaro-Siza-And.

_ Taypas Antiga. (n.d.). Construção de um Sítio com Memórias das Caldas das Taypas disponível para os taypenses e para todos os que se interessam pelas Taypas. Em: Https://Www.Facebook.Com/Taypasantiga/?Locale=pt_BR.

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Francisco João Mendes Ribeiro

(Re)Construir o Espírito do Lugar:
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais das Caldas das Taipas.

Volume II

Dezembro de 2025

(Re)Construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais das Caldas das Taipas.
Francisco João Mendes Ribeiro
UMinho | 2025



Universo Termal:

A. Ruinas do Edifício Termal Romano dos séc.I e II d.c
B. Grande Hotel Villas - séc XIX
C. Banhos Velhos - séc.XIX
D. Banhos Novos - Thermas - séc XX
E. Hotel das Thermas - séc XX
F. Fonte do Leão - água termal - séc XX
G. Tanque termal exterior - séc XXI
H. Canal de água termal - séc. XXI

Universo global:

1. Ara de Trajano
2. Igreja Matriz das Taipas
3. Cruzeiro
4. Centro Paroquial das Taipas
5. Fonte D.João VI
6. Antiga casa de Camilo Castelo Branco
7. Moinho pré-existente
8. Nora pré-existente
9. Casa Agnelos
10. Ponte de travessia pedonal
11. Miradouro
12. Antigo Mercado das Taipas
13. Centro Cívico das Taipas
14. Coreto
15. Antigo chafariz
16. Antigo Hotel das Taipas
17. Antiga capela de St. António
18. Antigo Grande Hotel Braga
19. Ponte Romana das Taipas
20. Cruzeiro
21. Ponte dos Três Arcos
22. Parque de Lazer de Ponte - Inssa
23. Parque de Lazer das Taipas
24. Parque de Lazer de Ponte
25. Rio Ave
26. Ribeira da Canhota
27. Praia Seca
28. Parque de Campismo das Taipas
29. Hortas comunitárias
30. Polidesportivo
31. Piscinas das Taipas
32. Alameda
33. Escola secundária das Taipas
34. Escola Básica 2,3 das Taipas
35. Centro de Saúde
36. Local da Feira semanal

N

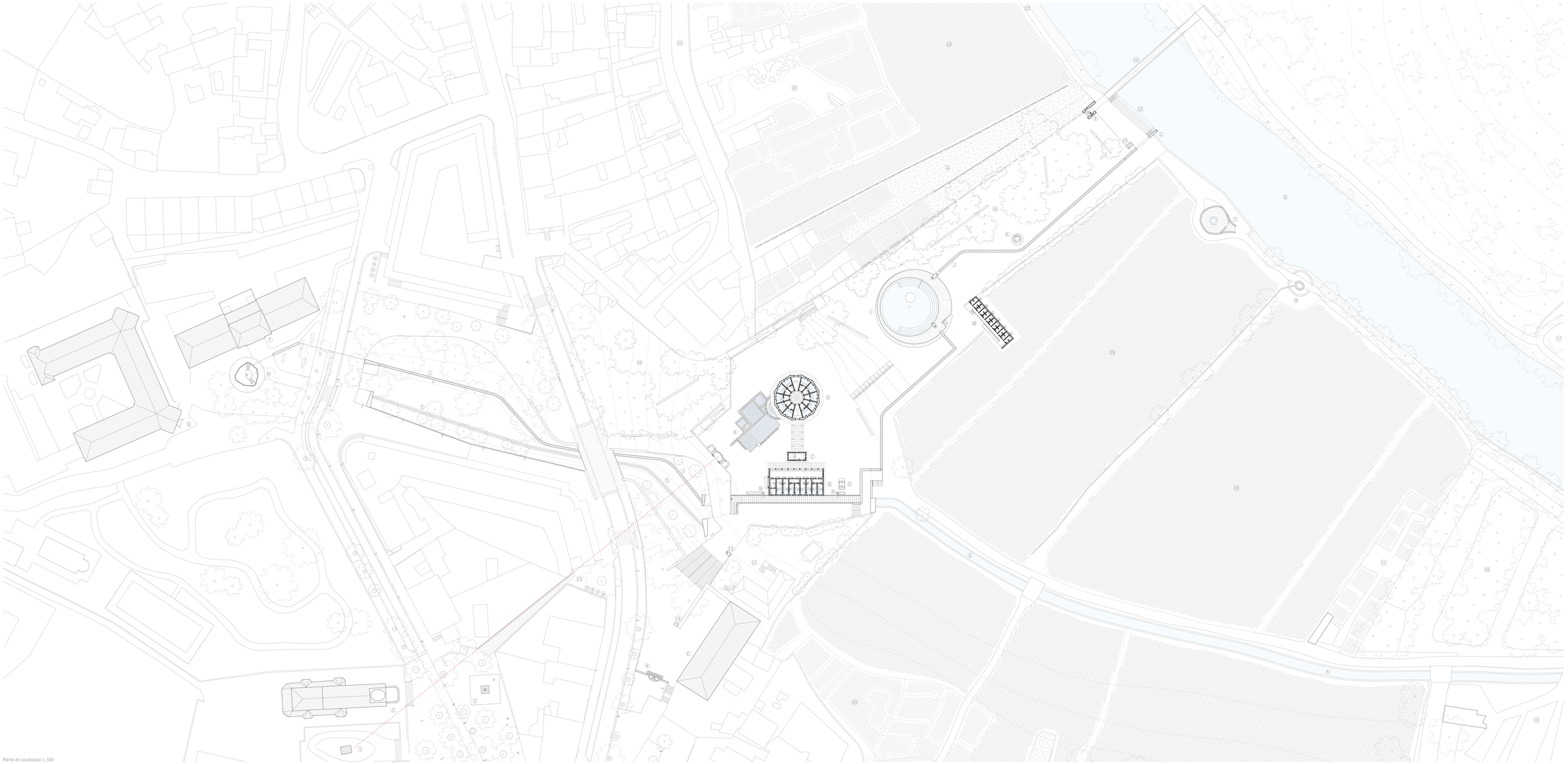
01

Autor. Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ

Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar.
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Planta de Localização
Escala. 1_2000

Banhos Velhos



Planta de Localização 1_500

Universo Termal:

A. Ruínas do Edifício Termal Romano dos sec.I e II d.c.
B. 1º Balneário do conjunto termal do sec.XIX
C. 2º Balneário do conjunto termal do sec.XIX
D. 3º Balneário do conjunto termal do sec.XIX (Endeslagens)
E. Grande Hotel Vilas - sec.XIX
F. Banhos Novos - Thermas - sec.XX
G. Hotel das Thermas - sec.XX
H. Fonte do Lobo - água termal - sec.XX
I. Tanque termal exterior - sec.XXI
J. Canal de água termal - sec.XXI
K. Lava-pés
L. Gárgula de despejo do canal termal
M. Balneários de apoio ao tanque
N. Fonte de água termal
O. Bouette

Universo global:

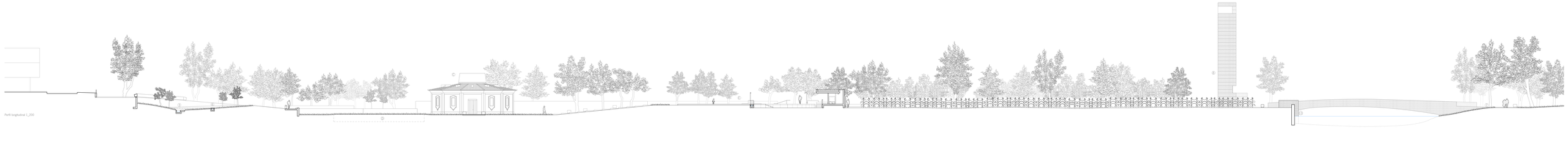
1. Ara de Trajano
2. Igreja Matriz dos Taipas
3. Cruzeiro
4. Fonte D.João VI
5. Ribeira da Carinhola
6. Rio Ave
7. Moinho pré-existente
8. Nora pré-existente
9. Miradouro
10. Ponte de travessia pedonal
11. Antiga casa de Camilo Castelo Branco
12. Ghat
13. Fonte alusiva a Camilo Castelo Branco
14. Peça informativa do Grande Hotel Vilas
15. Peça informativa do conjunto termal
16. Bosquete
17. Parque de Lazer de Ponte
18. Parque de Campismo
19. Plantação de milho
20. Plantação horticola
21. Hortas comunitárias
22. Acesso à Praia Seca
23. Atravessamento proposto

02

Autor: Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno: A91667
Instituição: Universidade do Minho - EAAD - MAARQ
Prova de mestrado: Projeto
Título: (Re)construir o Espírito do Lugar:
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data: Dezembro/2025

Peças desenhadas: Planta de Implantação
Escala: 1_500

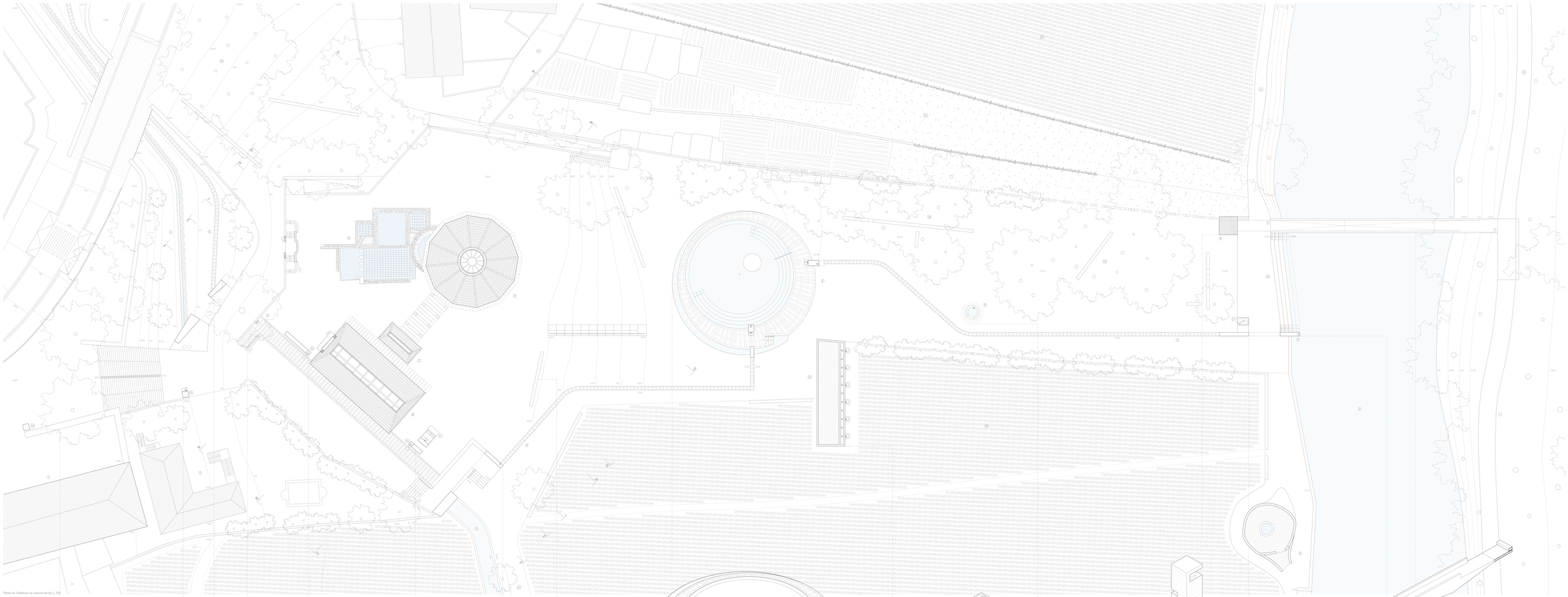
Banhos Velhos



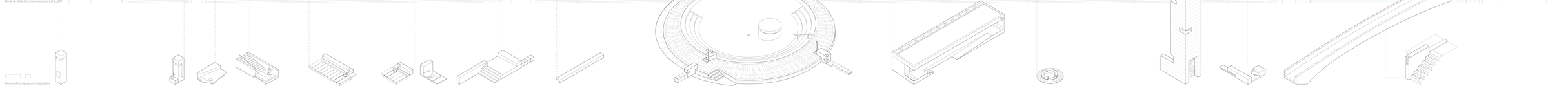
Perfil longitudinal 1_200

A. Ruínas do Edifício Termal Romano das ceu 1 e 2
B. 1º Balneário do conjunto termal do ceu 55
C. 2º Balneário do conjunto termal do ceu 55
D. 3º Balneário do conjunto termal do ceu 55
(Descarregado)
E. Tanque termal exterior - ceu 55

1. Grande Hotel Vilas
2. Rio Ave
3. Ribeira do Carvalho
4. Moinho pré-existente
5. Antiga casa do Caminho Caminho Branco
6. Canal de água termal
7. Fonte de Inversão pedonal
8. Montesinos
9. Lavoeiro
10. Fonte de água termal
11. Bunette
12. Balneário de aguas termais
13. Galgado de Alegrete do canal
14. Canal
15. Fonte atrasada a Caminho Caminho Branco
16. Praça informativa do Grande Hotel Vilas
17. Praça informativa do conjunto termal
18. Bosquete
19. Plantação de vinho
20. Plantação horticola
21. Alameda à Praça Nova
22. Avenida ao Parque de Lazer das Taipas



Planta de Coberturas do conjunto termal 1_200



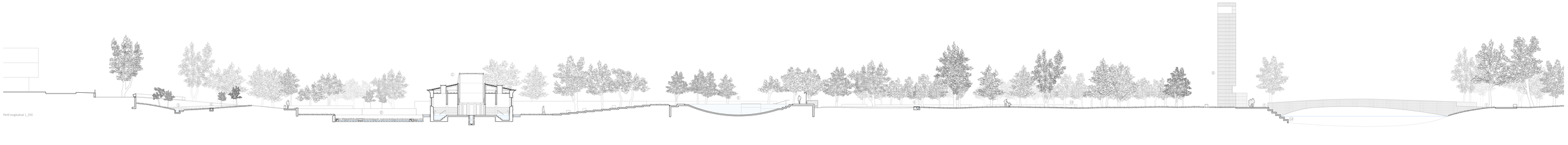
Axonometrias das peças compositivas

03

Autor: Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno: 60 0967
Instituição: Universidade do Minho - ESAD - MINHO
Ponte de Lima, Portugal
Título: Observatório e Espírito do Lugar
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data: Dezembro/2025

Peças desenhadas: Planta de Coberturas
Escala: 1_200

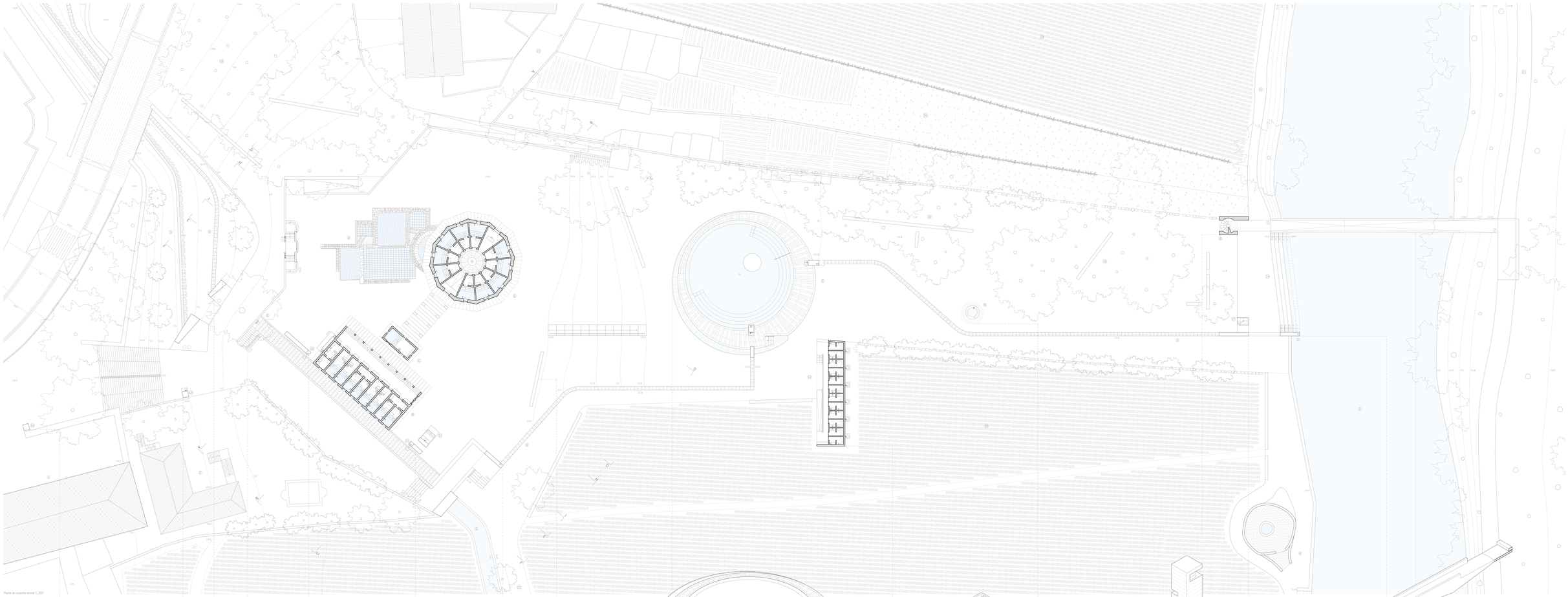
Banhos Velhos



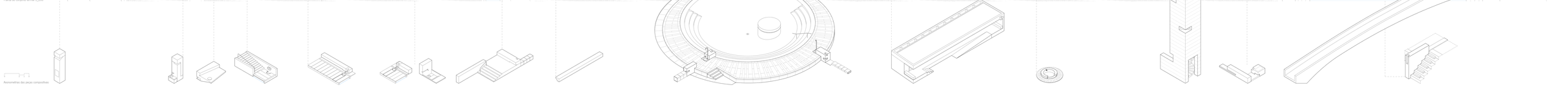
Perfil longitudinal 1_200

A. Ruínas do Edifício Termal Romano dos séc I e II
Bs
B. 1º Balneário do conjunto termal do séc XX
C. 2º Balneário do conjunto termal do séc XX
D. 3º Balneário do conjunto termal do séc XX
(Desmontado)
E. Tanque termal exterior - séc XX

1. Grande Hotel Vilas
2. Rio Ave
3. Ribeira de Carvalho
4. Muralha pré-existente
5. Antiga casa do Cantor Carlos Branco
6. Canal de água termal
7. Fonte de Inverno pedestal
8. Montanha
9. Lavoeiro
10. Fonte de água termal
11. Bucolia
12. Balneário de água de termal
13. Galgada de Alcazar do canal
14. Canil
15. Fonte aduana e Cantor Carlos Branco
16. Praça informativa do Grande Hotel Vilas
17. Praça informativa do conjunto termal
18. Bosquete
19. Plantação de vidro
20. Plantação horticola
21. Aleixos e Praça Nova
22. Aleixos ao Parque do Leste das Taipas



Planta de conjunto termal 1_200



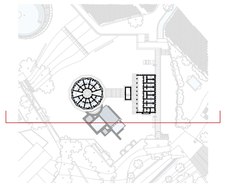
Axonometrias das peças compositivas

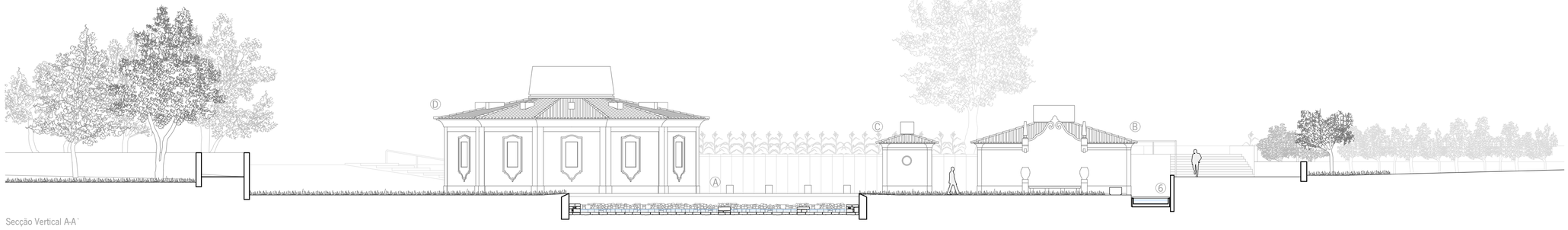
04

Autor: Francisco Morales Ribeiro
Nº de aluno: 001867
Instituição: Universidade do Minho - ESAD - MIARQ
Prova de Mestrado: Parque do Leste
Tema: Alternativa a Estrela do Lago
Restituição dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data: Dezembro/2025

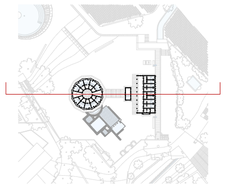
Peças desenhadas: Planta de Nível
Escala: 1_200

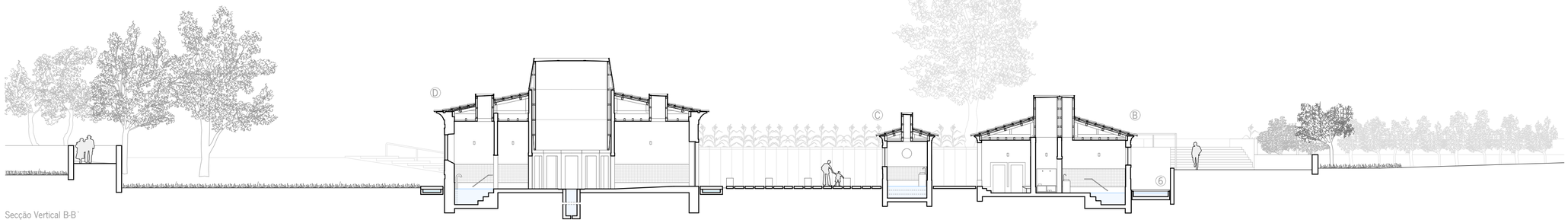
Banhos Velhos



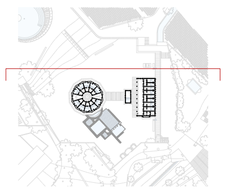


Secção Vertical A-A`





Secção Vertical B-B`





Secção Vertical C-C`

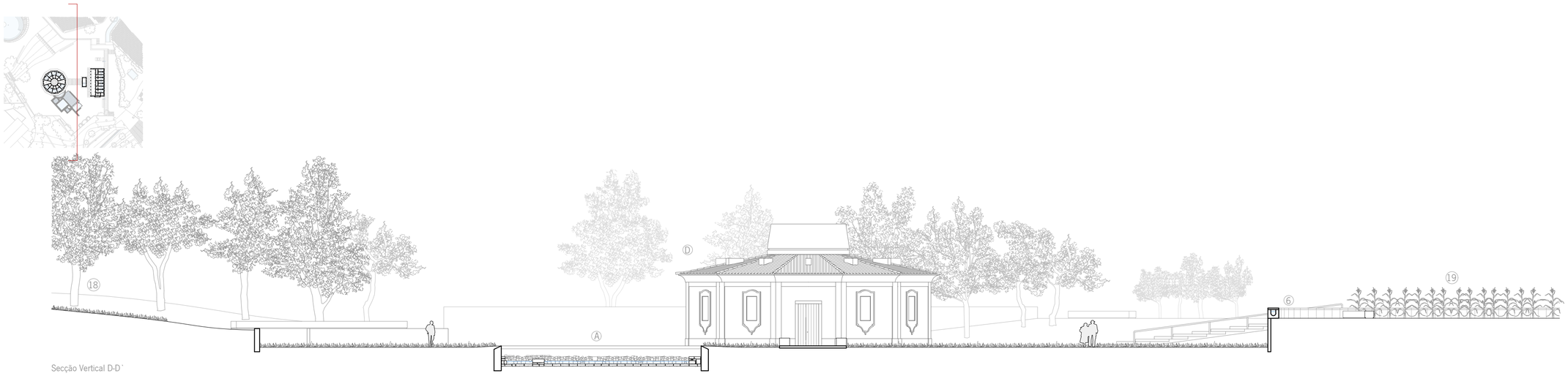
A. Ruínas do edifício termal romano dos séc.I e II d.c.
B. 1° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
C. 2° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
D. 3° Balneário do conjunto termal do séc.XIX (Dodecágono)
E. Tanque termal exterior - séc XXI

1. Grande Hotel Villas
2. Rio Ave
3. Ribeira da Canhota
4. Moinho pré-existente
5. Antiga casa de Camilo Castelo Branco
6. Canal de água termal
7. Ponte de travessia pedonal
8. Miradouro
9. Lava-pés
10. Fonte de água termal
11. Buvette
12. Balneários de apoio ao tanque
13. Gárgula de despejo do canal
14. Gaht
15. Fonte alusiva a Camilo Castelo Branco
16. Peça informativa do Grande Hotel Villas
17. Peça informativa do conjunto termal
18. Bosquete
19. Plantação de milho
20. Plantação horticola
21. Acesso à Praia Seca
22. Acesso ao Parque de Lazer das Taipas

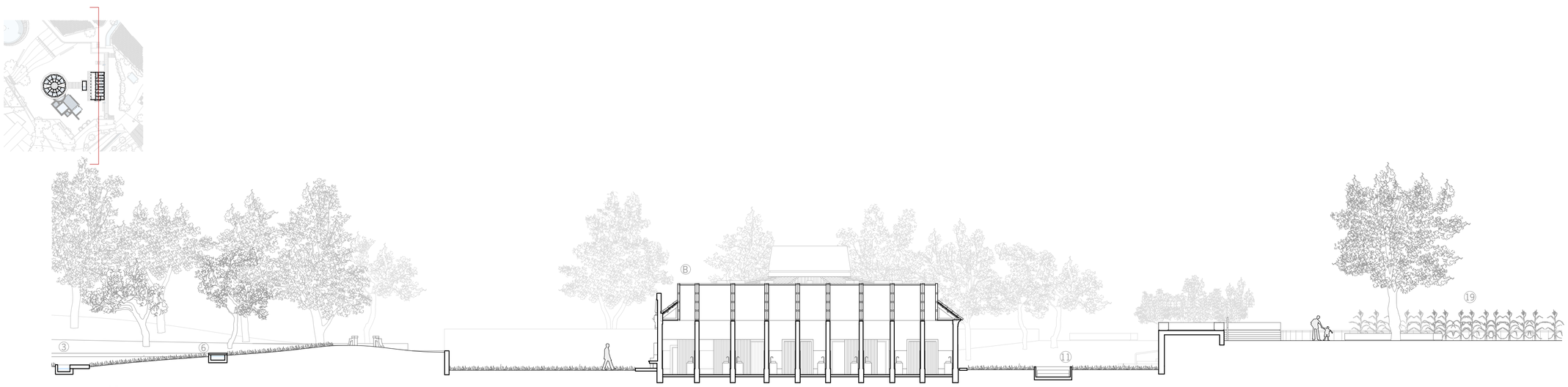
Autor. Francisco Mendes Ribeiro
N° de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Secções verticais
Escala. 1_200

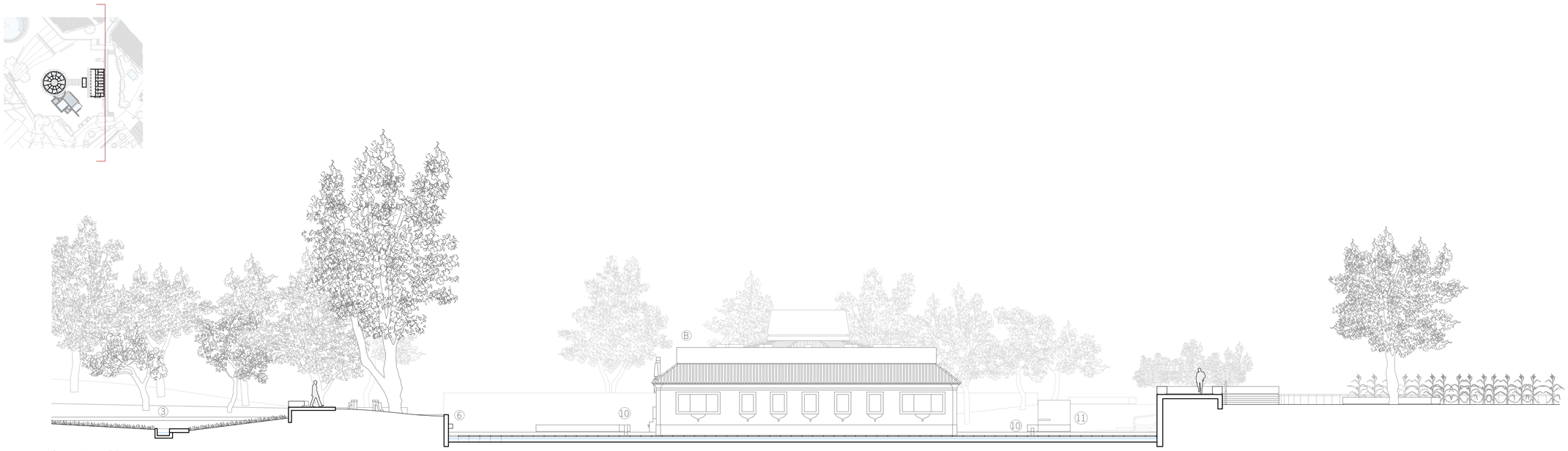
Banhos Velhos



Secção Vertical D-D`



Secção Vertical E-E`



Secção Vertical F-F`

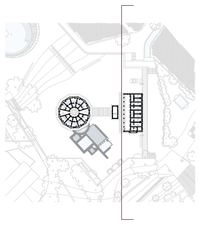
A. Ruínas do edifício termal romano dos séc.I e II d.c.
B. 1° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
C. 2° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
D. 3° Balneário do conjunto termal do séc.XIX (Dodecágono)
E. Tanque termal exterior - séc XXI

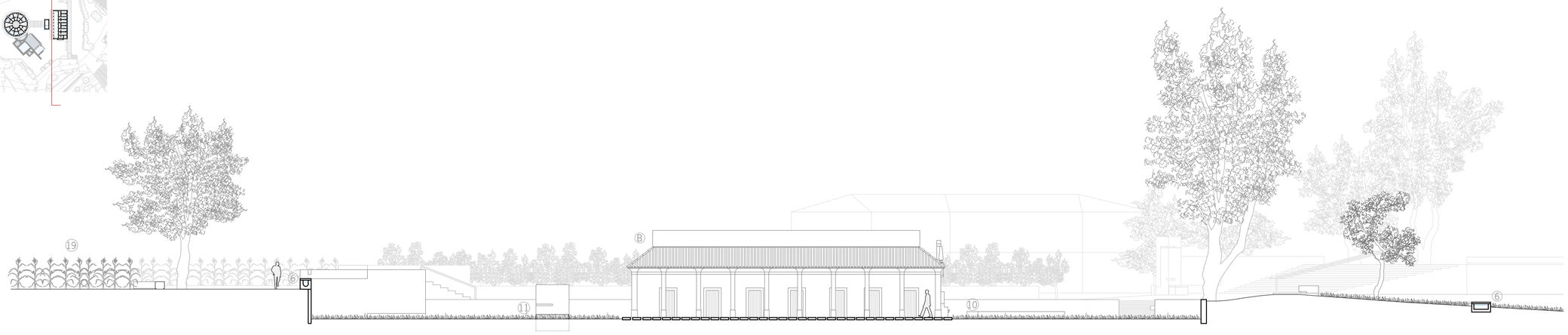
1. Grande Hotel Villas
2. Rio Ave
3. Ribeira da Canhota
4. Moinho pré-existente
5. Antiga casa de Camilo Castelo Branco
6. Canal de água termal
7. Ponte de travessia pedonal
8. Miradouro
9. Lava-pés
10. Fonte de água termal
11. Buvette
12. Balneários de apoio ao tanque
13. Gárgula de despejo do canal
14. Gaht
15. Fonte alusiva a Camilo Castelo Branco
16. Peça informativa do Grande Hotel Villas
17. Peça informativa do conjunto termal
18. Bosquete
19. Plantação de milho
20. Plantação horticola
21. Acesso à Praia Seca
22. Acesso ao Parque de Lazer das Taipas

Autor. Francisco Mendes Ribeiro
N° de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

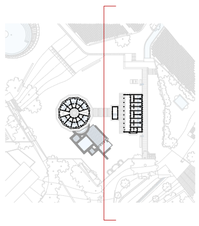
Peças desenhadas. Secções verticais
Escala. 1_200

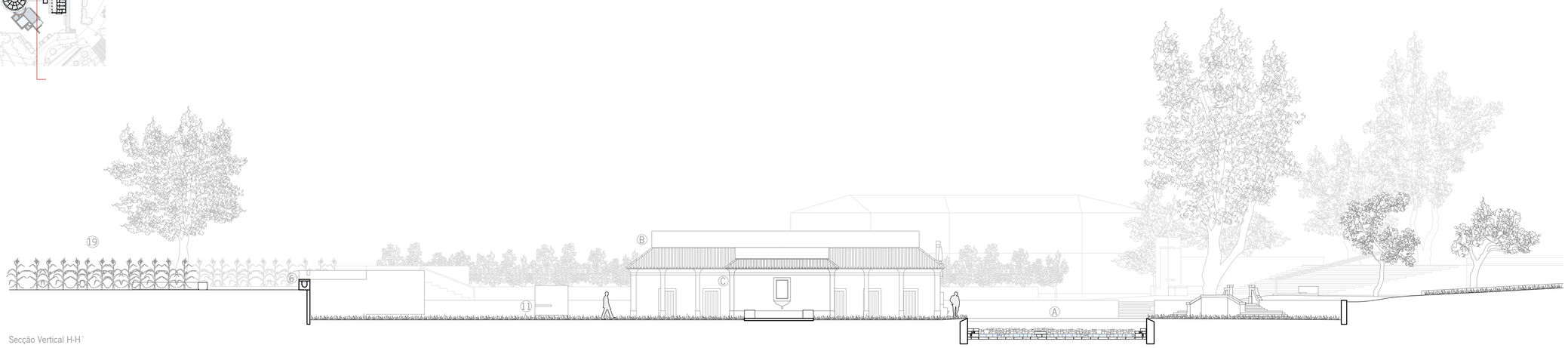
Banhos Velhos



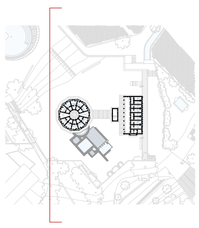


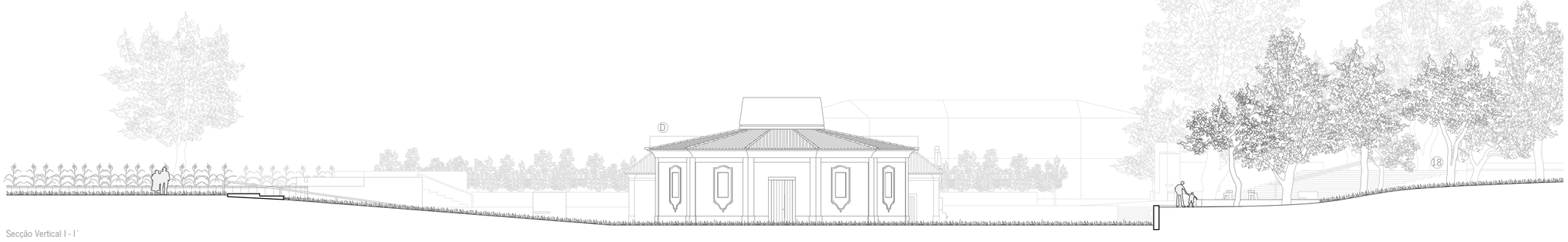
Secção Vertical G-G`





Secção Vertical H-H`





Secção Vertical I - I`

A. Ruínas do edifício termal romano dos séc.I e II d.c.
B. 1° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
C. 2° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
D. 3° Balneário do conjunto termal do séc.XIX (Dodecágono)
E. Tanque termal exterior - séc XXI

1. Grande Hotel Villas
2. Rio Ave
3. Ribeira da Canhota
4. Moinho pré-existente
5. Antiga casa de Camilo Castelo Branco
6. Canal de água termal
7. Ponte de travessia pedonal
8. Miradouro
9. Lava-pés
10. Fonte de água termal
11. Buvette
12. Balneários de apoio ao tanque
13. Gárgula de despejo do canal
14. Gaht
15. Fonte alusiva a Camilo Castelo Branco
16. Peça informativa do Grande Hotel Villas
17. Peça informativa do conjunto termal
18. Bosquete
19. Plantação de milho
20. Plantação horticola
21. Acesso à Praia Seca
22. Acesso ao Parque de Lazer das Taipas

07

Autor. Francisco Mendes Ribeiro
N° de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Titulo. (Re)construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Secções verticais
Escala. 1_200

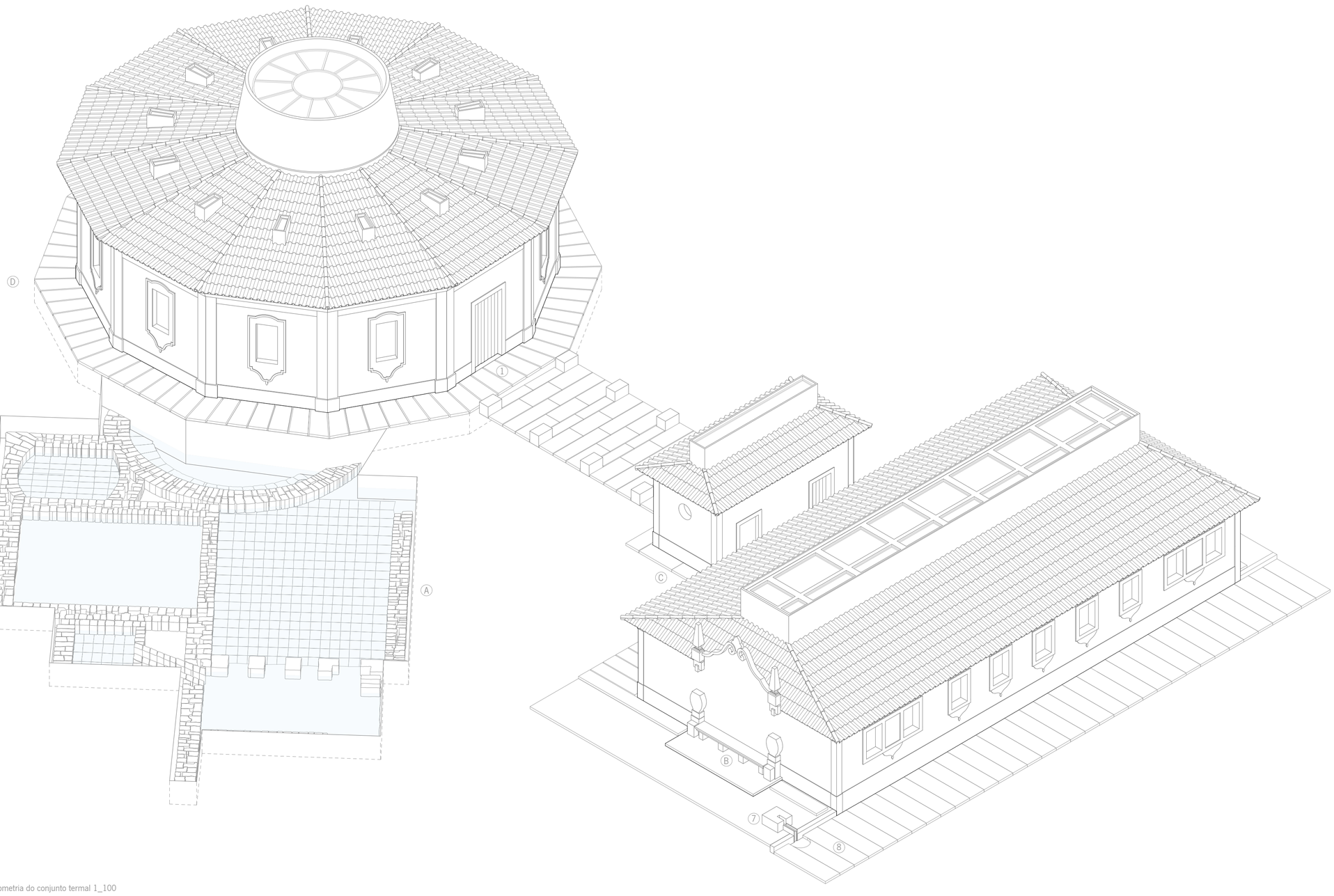
Banhos Velhos

Água termal

0.74m - Medida do Passo Romano

A. Ruinas do edifício termal romano dos séc.I e II d.c.
B. 1° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
C. 2° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
D. 3° Balneário do conjunto termal do séc.XIX (Dodecágono)

1. Entrada no Dodecágono
2. Átrio
3. Espaço de distribuição
4. Espaço de acolhimento
5. Vestiário
6. Espaço de banho termal
7. Fonte de água termal
8. Canal de água termal
9. Casa de banho - WC
10. Espaço técnico de instalações



Axonometria do conjunto termal 1_100

08

Autor. Francisco Mendes Ribeiro
N° de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Axonometria
Escala. 1_100

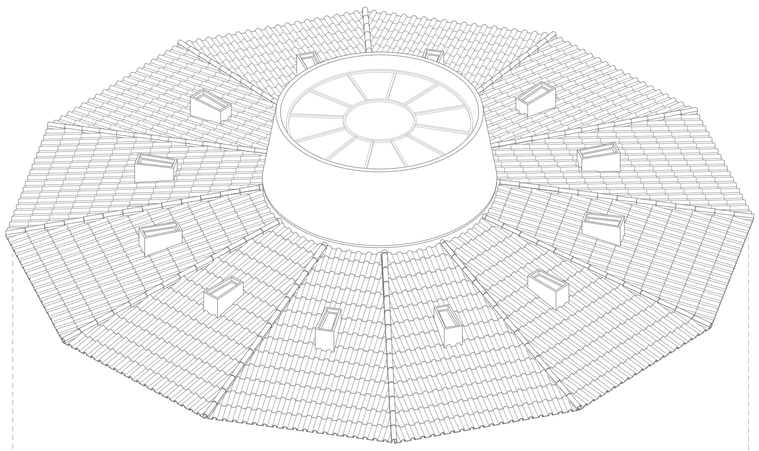
Banhos Velhos

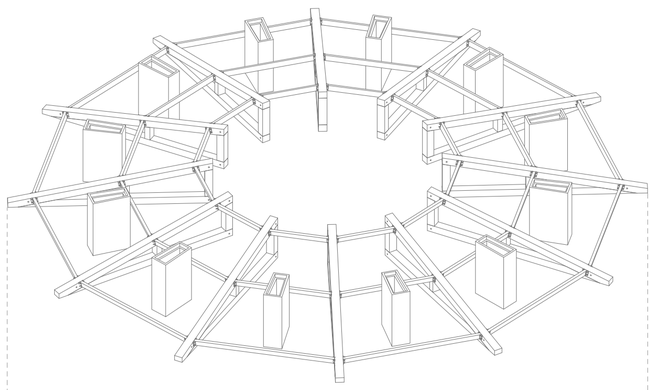
Água termal

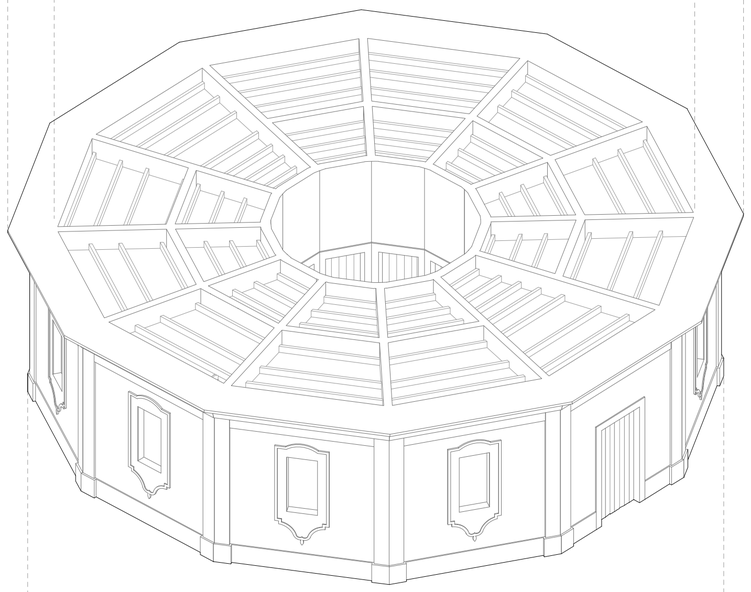
0.74m - Medida do Passo Romano

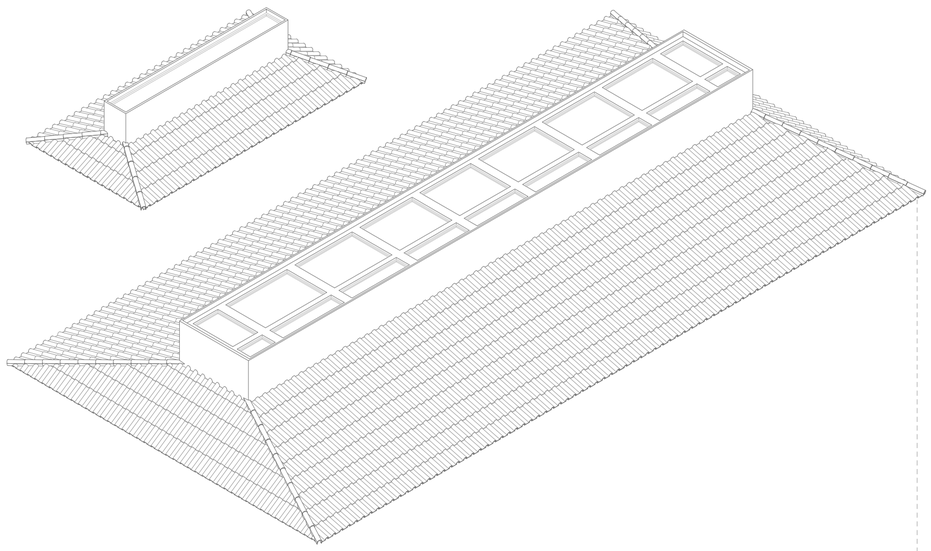
A. Ruinas do edificio termal romano dos séc.I e II d.c.
B. 1° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
C. 2° Balneário do conjunto termal do séc.XIX
D. 3° Balneário do conjunto termal do séc.XIX (Dodecágono)

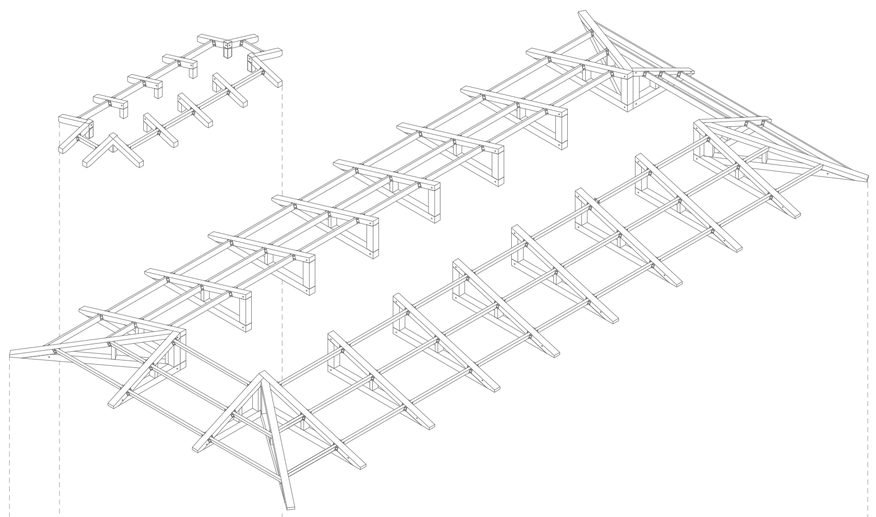
1. Entrada no Dodecágono
2. Átrio
3. Espaço de distribuição
4. Espaço de acolhimento
5. Vestiário
6. Espaço de banho termal
7. Fonte de água termal
8. Canal de água termal
9. Casa de banho - WC
10. Espaço técnico de instalações

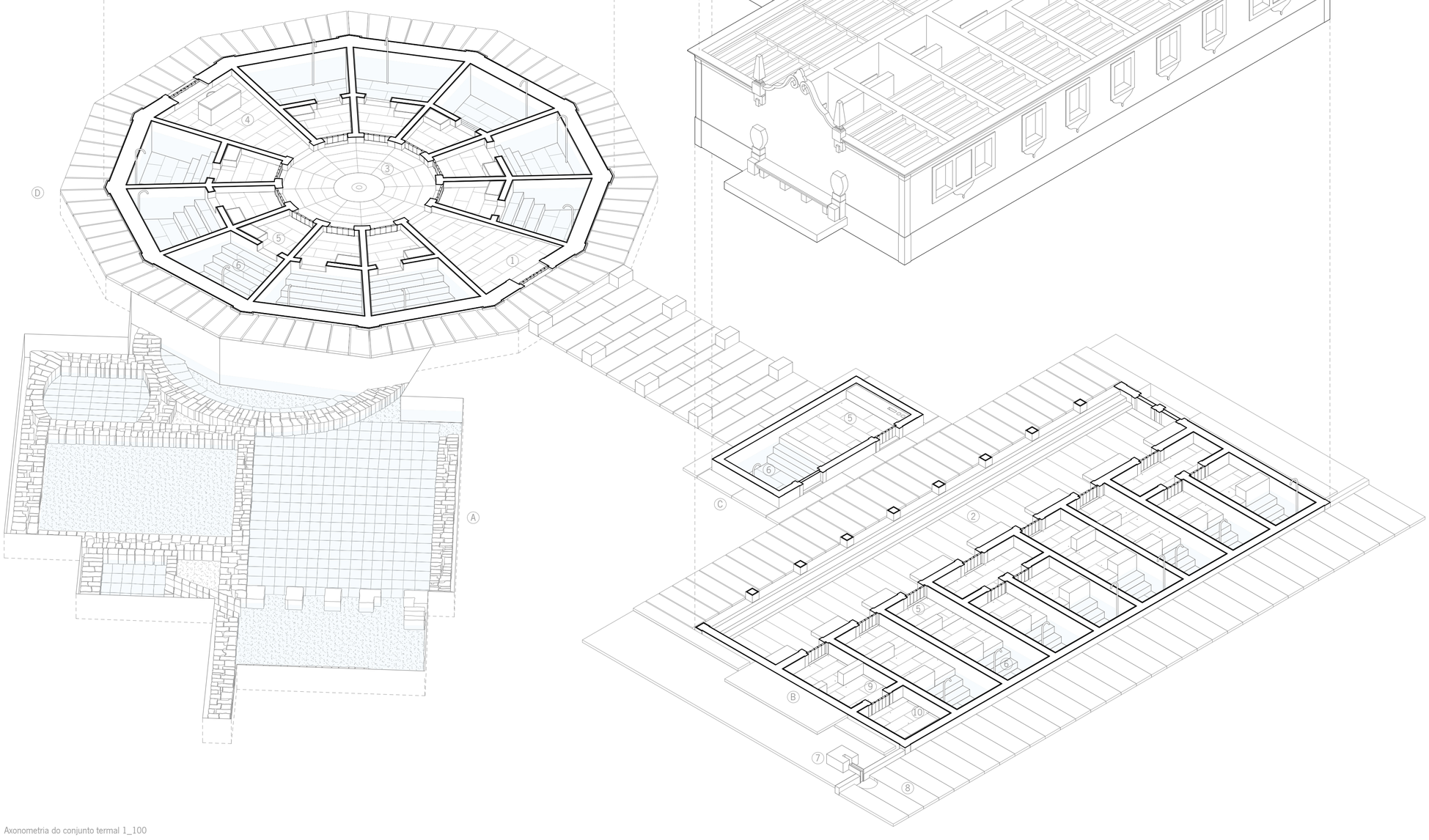












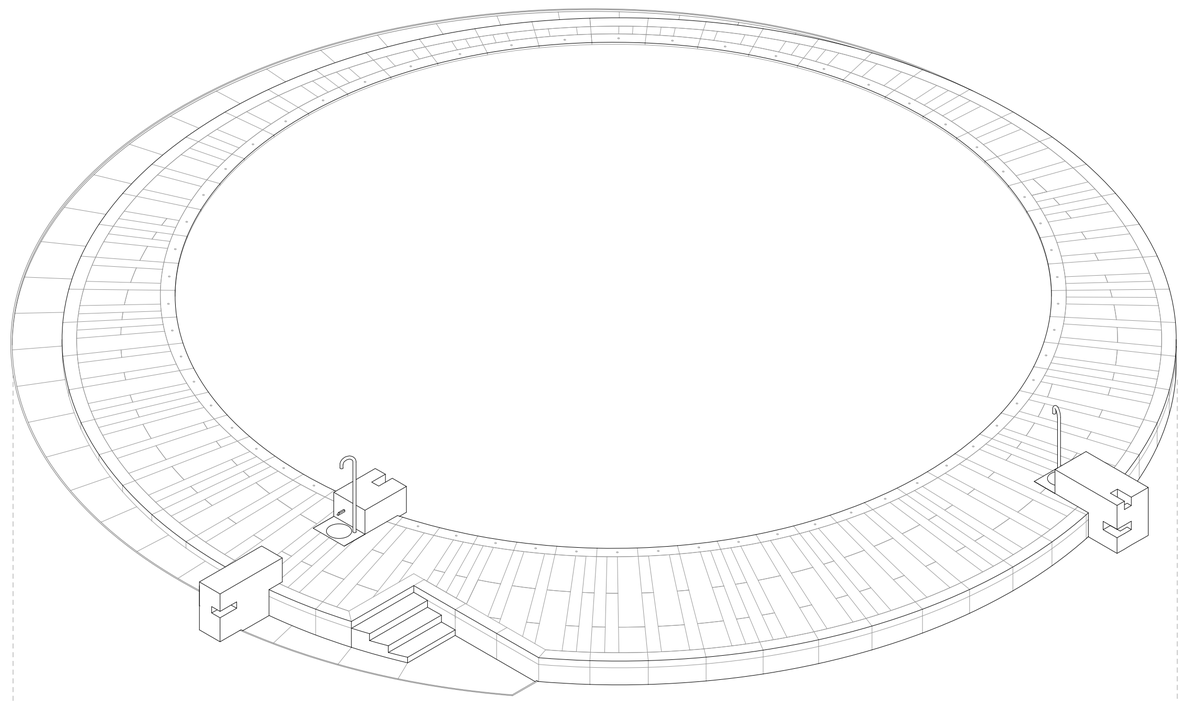
09

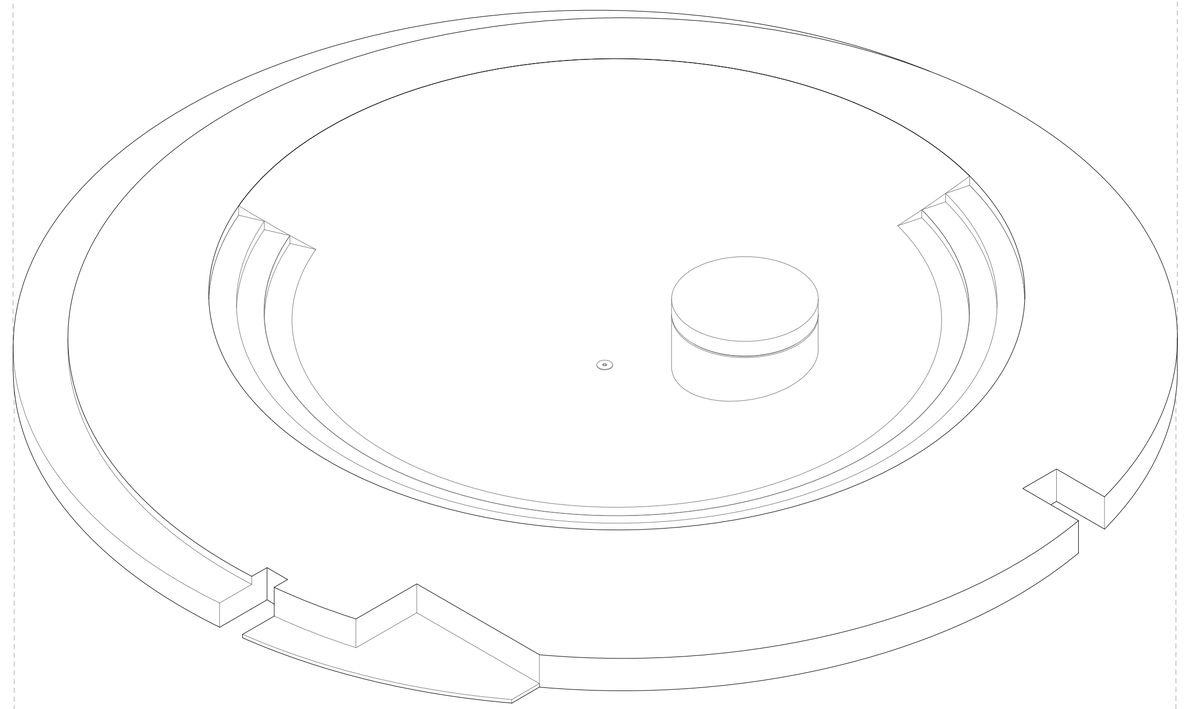
Autor. Francisco Mendes Ribeiro
N° de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

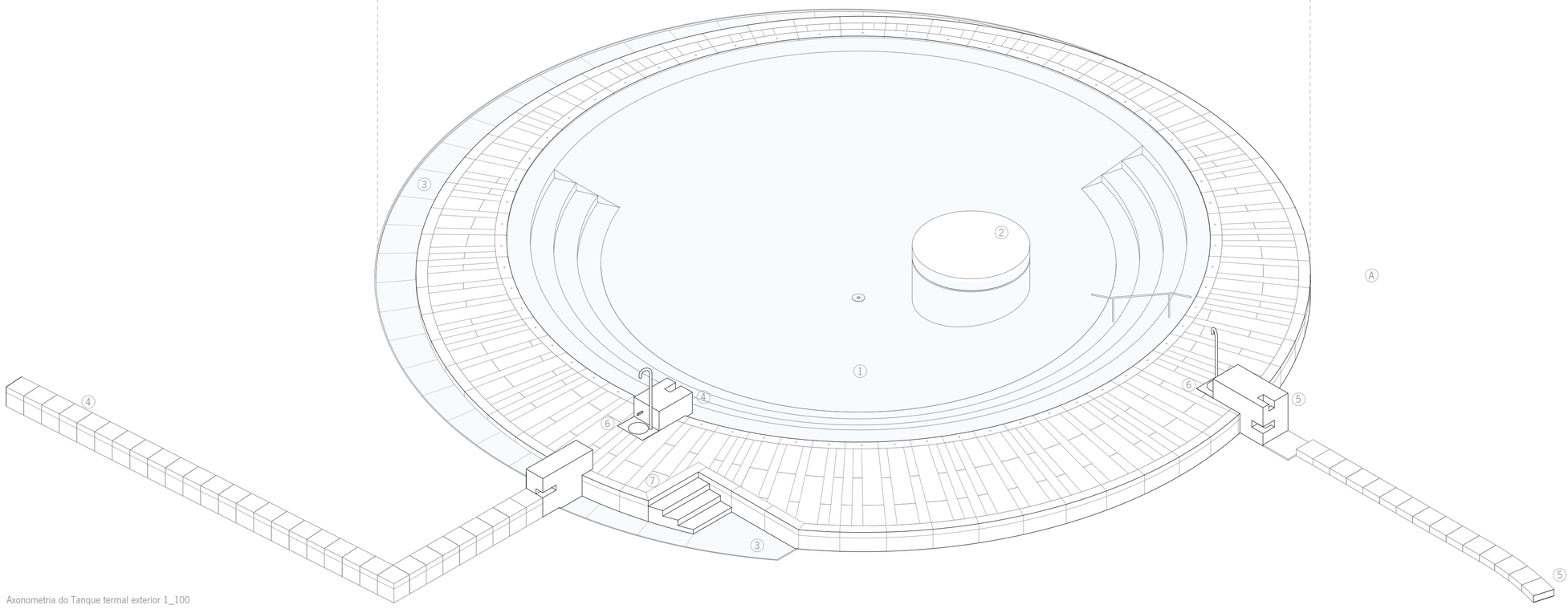
Peças desenhadas. Axonometria
Escala. 1_100

Axonometria do conjunto termal 1_100

Banhos Velhos







Axonometria do Tanque termal exterior 1_100

Água termal

0.74m - Medida do Passo Romano

A. Axonometria do conjunto
B. Axonometria da estrutura de base - betão com pigmentação bege
C. Axonometria do revestimento - peças de mármore lioz

1. Entrada no Dodecágono
2. Átrio
3. Espaço de distribuição
4. Espaço de acolhimento
5. Vestiário
6. Espaço de banho termal
7. Fonte de água termal
8. Canal de água termal
9. Casa de banho - WC
10. Espaço técnico de instalações

10

Autor. Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

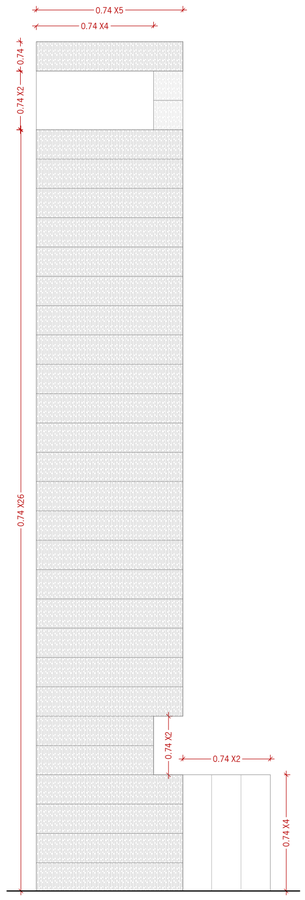
Peças desenhadas. Axonometria
Escala. 1_100

Banhos Velhos

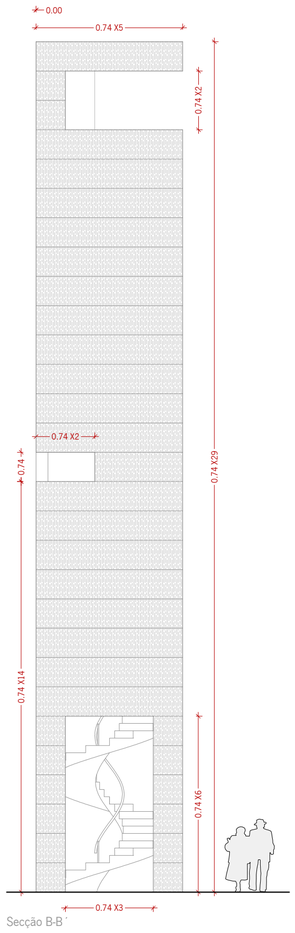
Unidade de Medida. Metros

0.74m - Medida do Passo Romano

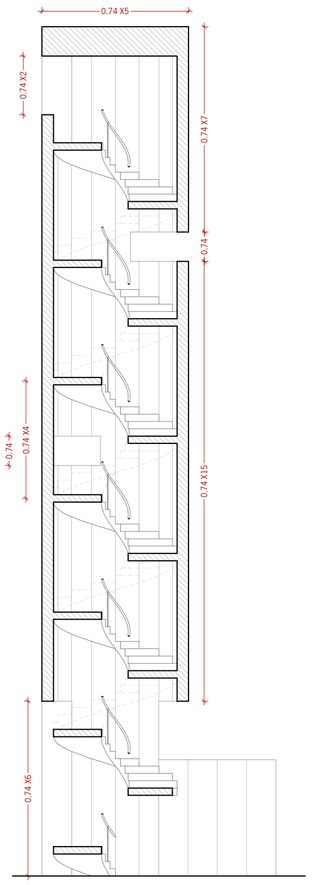
1. Miradouro
2. Ponte de travessia pedonal
3. Ghat
4. Plantação horticola
5. Bosquete
6. Acesso à Praia Seca



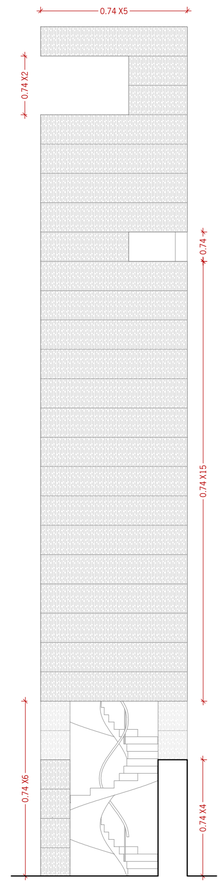
Secção A-A´



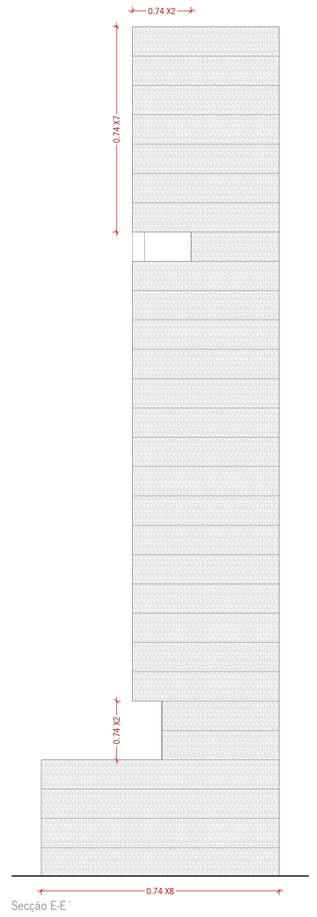
Secção B-B´



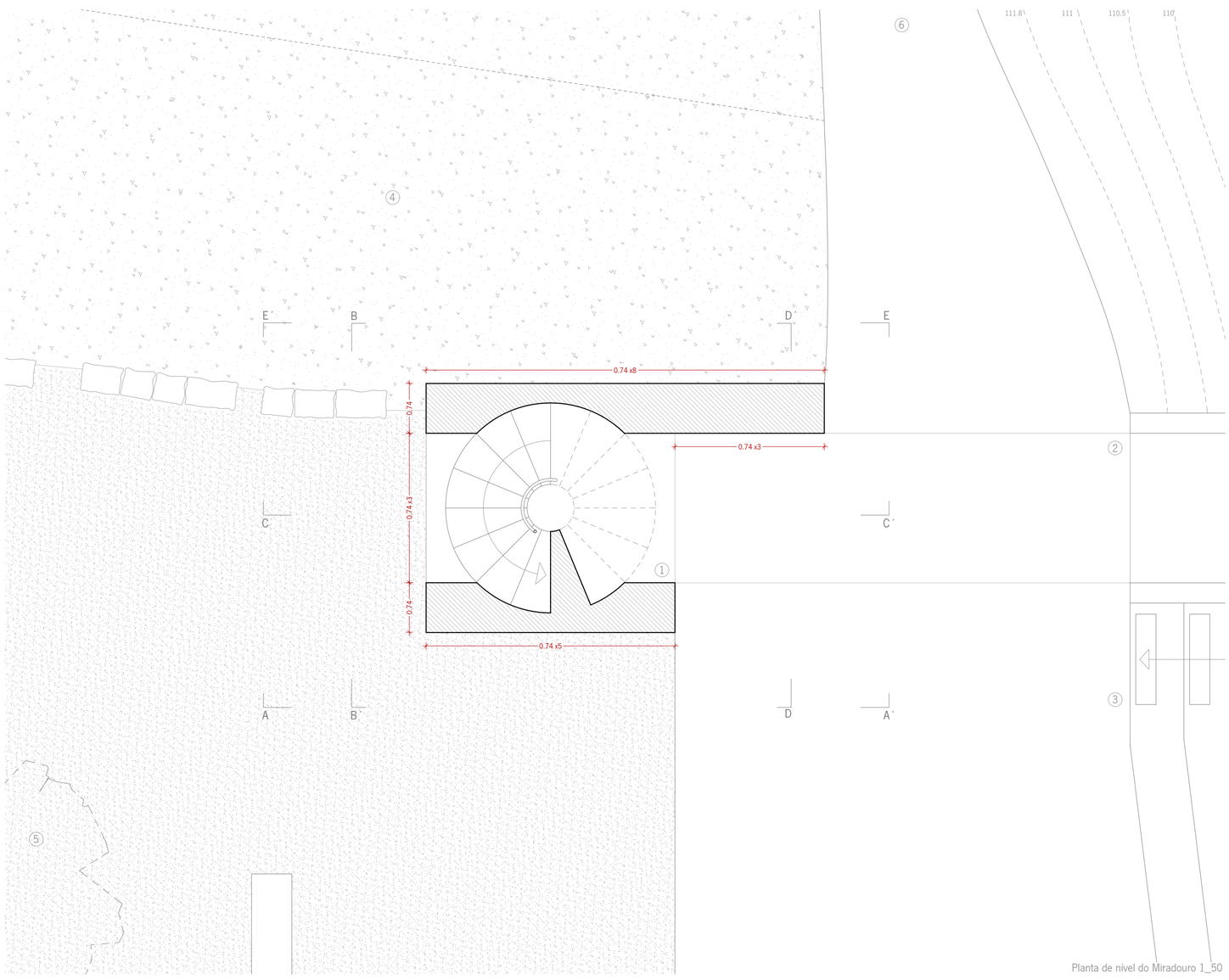
Secção C-C´



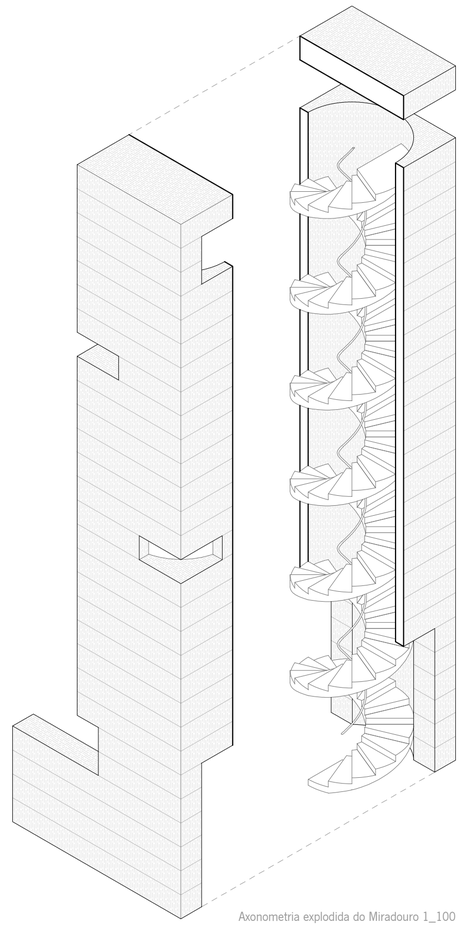
Secção D-D´



Secção E-E´



Planta de nível do Miradouro 1_50



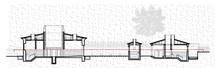
Axonometria explodida do Miradouro 1_100

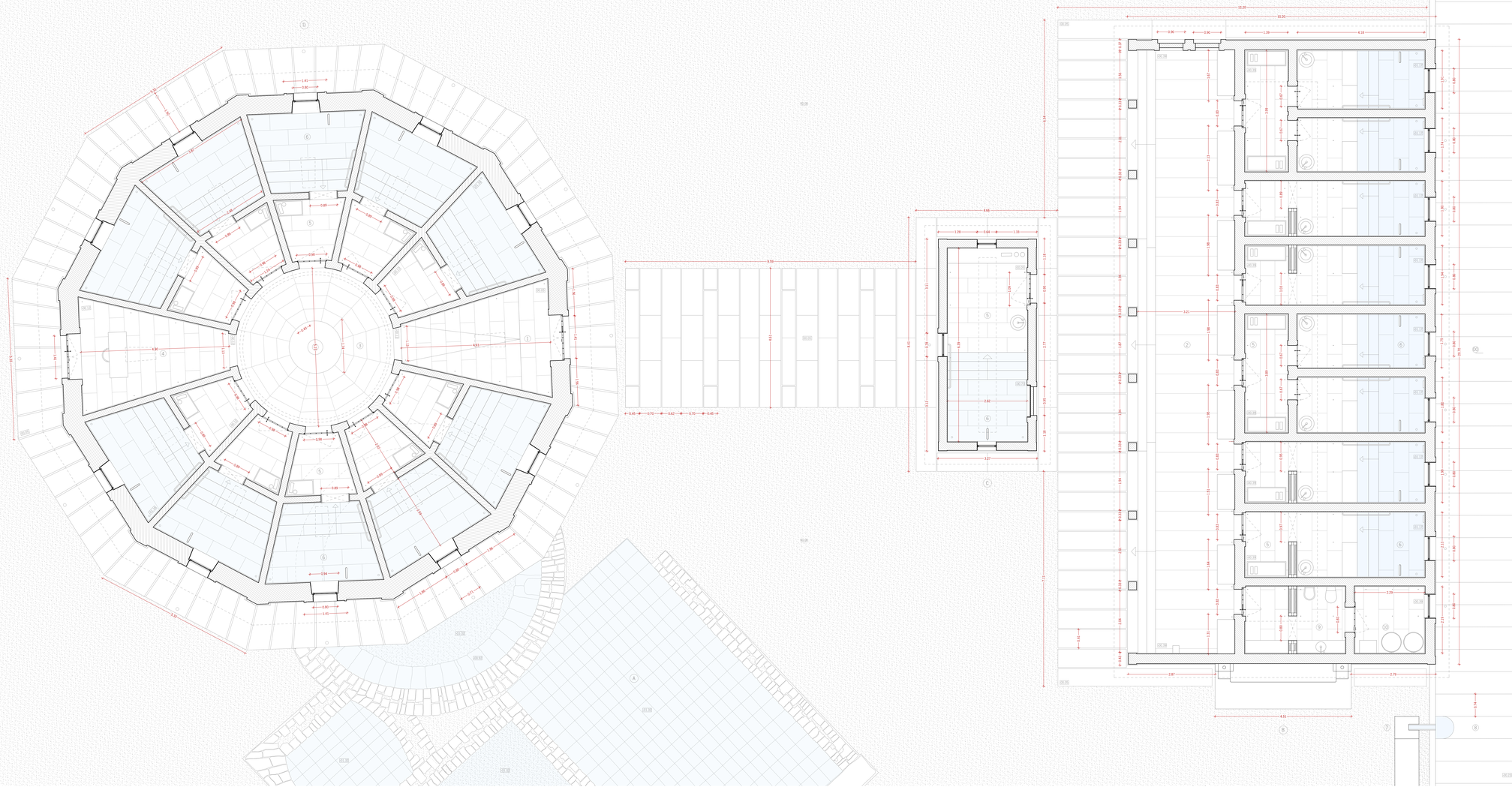
11

Autor. Francisco Mendes Ribeiro
N° de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Planta, Secções verticais e Axonometria
Escala. 1_200. 1_100. 1_50

Banhos Velhos





Planta de nível do conjunto termal 1_50

Água termal

Unidade de Medida: Metros

0.74m - Medida do Pouso Romano

A. Ruínas do edifício termal romano dos séc.I e II d.C.
B. 1.º Balneário do conjunto termal do séc.XIX
C. 2.º Balneário do conjunto termal do séc.XIX
D. 3.º Balneário do conjunto termal do séc.XIX (Dodecagono)

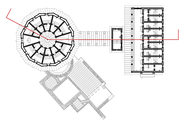
1. Entrada no Dodecagono
2. Nave
3. Espaço de distribuição
4. Espaço de acolhimento
5. Vestiário
6. Espaço de banho termal
7. Fonte de água termal
8. Canal de água termal
9. Casa de banho - WC
10. Espaço técnico de instalações

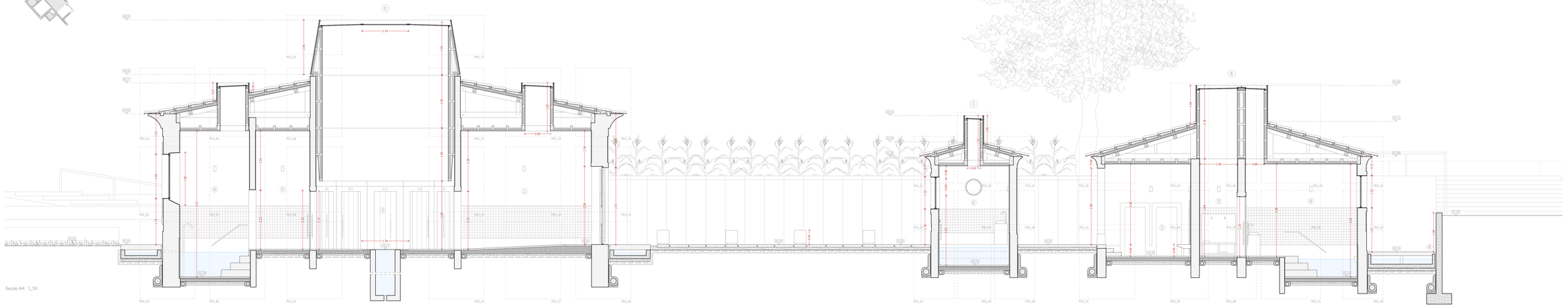
12

Autor: Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno: A41867
Instituição: Universidade do Minho - EAAD - MARQ
Prova de mestrado: Projeto
Título: (Re)construir o Espírito do Lugar:
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data: Dezembro/2025

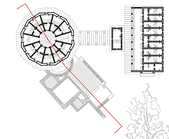
Peças desenhadas: Planta de Nível
Escala: 1_50

Banhos Velhos





Secção A-A' 1_50



Secção B-B' 1_50

Água termal

Unidade de Medida: Metros

0.74m - Medida do Passo Romano

A. Ruínas do edifício termal romano dos sec. I e II d.C.
B. 1° Balneario do conjunto termal do sec.XIX
C. 2° Balneario do conjunto termal do sec.XIX
D. 3° Balneario do conjunto termal do sec.XIX (Dodecagono)

1. Entrada no Dodecágono
2. Átrio
3. Espaço de distribuição
4. Espaço de arrefrecimento
5. Vestiário
6. Espaço de banho termal
7. Fonte de água termal
8. Canal de água termal
9. Casa de banho - WC
10. Espaço técnico de instalações

13

Autor: Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno: A91867
Instituição: Universidade do Minho - EAAD - MARQ

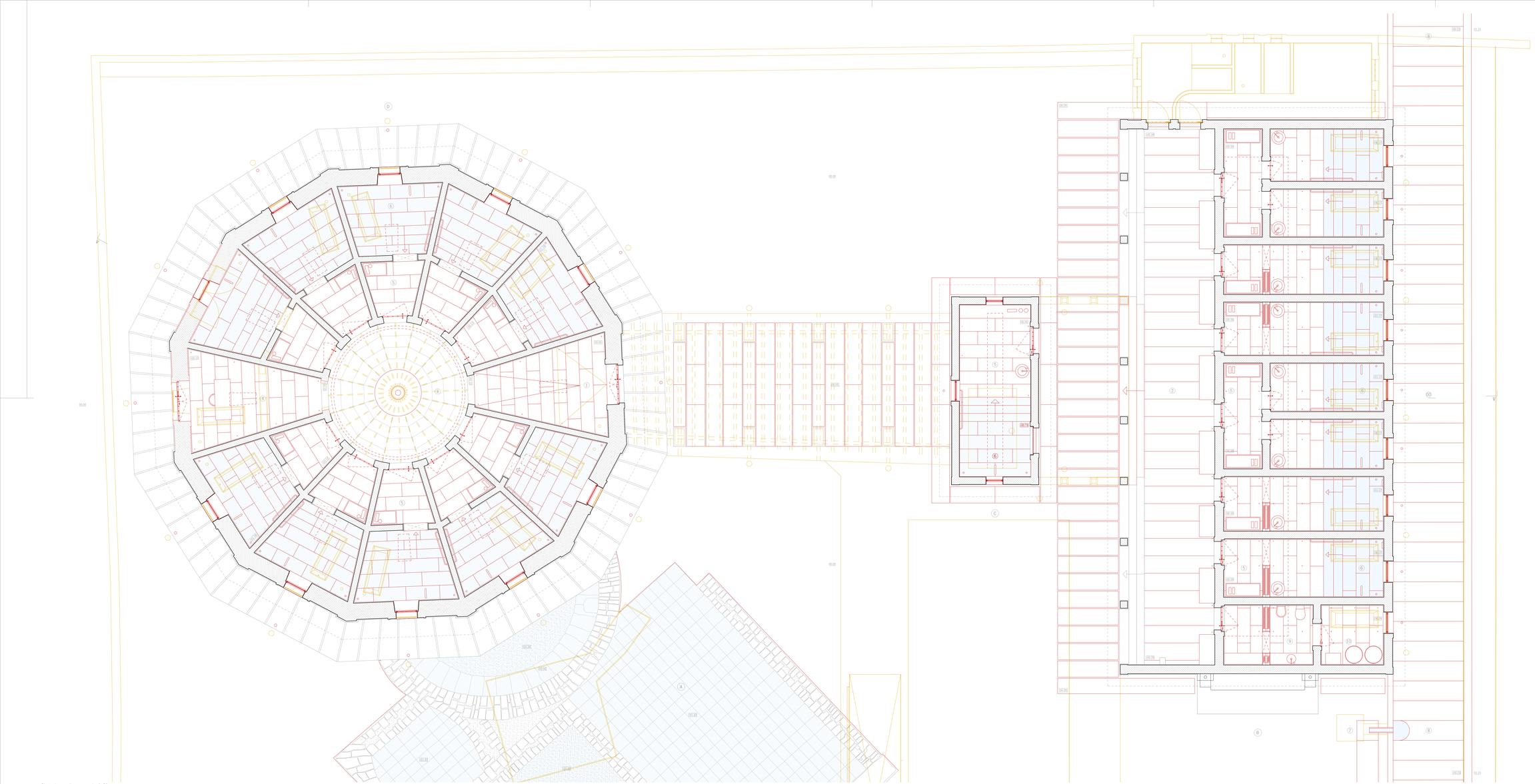
Prova de mestrado: Projeto

Título: (Re)construir o Espírito do Lugar:
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais

Data: Dezembro/2025

Peças desenhadas: Secções Verticais
Escala: 1_50

Banhos Velhos



Vermelho - Construir
Amarelo - Demolir

Água termal

Unidade de Medida: Metros

0.74m - Medida do Passo Romano

A. Ruinas do edifício termal romano dos sec.I e II d.C.
B. 1º Balneario do conjunto termal do sec.XIX
C. 2º Balneario do conjunto termal do sec.XIX
D. 3º Balneario do conjunto termal do sec.XIX (Dodecágono)

1. Entrada no Dodecágono
2. Átrio
3. Espaço de distribuição
4. Espaço de acolhimento
5. Vestiário
6. Espaço de banho termal
7. Fonte de água termal
8. Canal de água termal
9. Casa de banho - WC
10. Espaço técnico de instalações

14

Autor: Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno: A41867
Instituição: Universidade do Minho - EAAD - MARQ

Prova de mestrado: Projeto

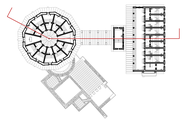
Título: (Re)construir o Espírito do Lugar:
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais

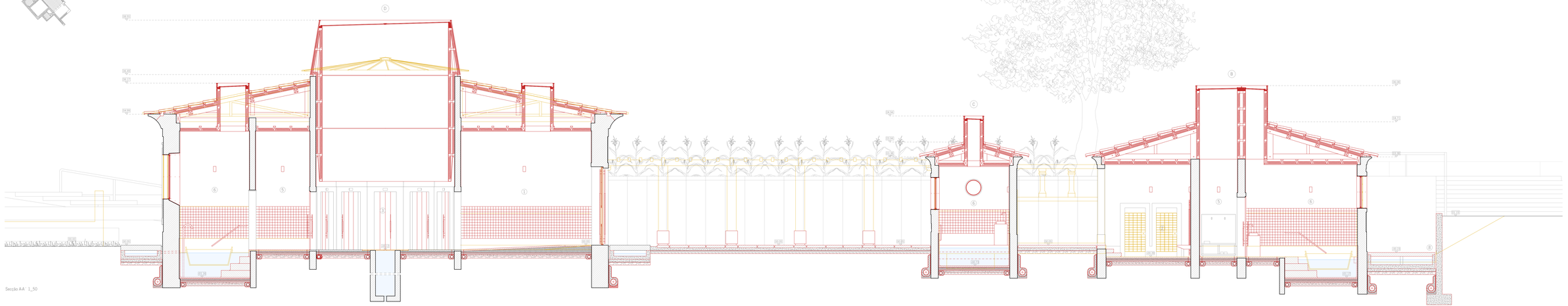
Data: Dezembro/2025

Peças desenhadas: Planta de Vermelhos e Amarelos
Escala: 1_50

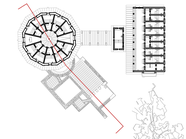
Banhos Velhos

Planta de vermelhos e amarelos 1_50





Secção A-A' 1_50



Secção B-B' 1_50

Vermelho - Construir
Amarelo - Demolir

Água termal

Unidade de Medida: Metros

0.74m - Medida do Passo Romano

A. Ruinas do edifício termal romano dos séc.I e II d.C.
B. 1º Balneario do conjunto termal do séc.XIX
C. 2º Balneario do conjunto termal do séc.XIX
D. 3º Balneario do conjunto termal do séc.XIX (Dodecágono)

1. Entrada no Dodecágono
2. Átrio
3. Espaço de distribuição
4. Espaço de acolhimento
5. Vestiários
6. Espaço de banho termal
7. Fonte de água termal
8. Canal de água termal
9. Caixa de banho - WC
10. Espaço técnico de instalações

15

Autor. Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno. A41867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar:
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Secções de Vermelhos e Amarelos
Escala. 1_50

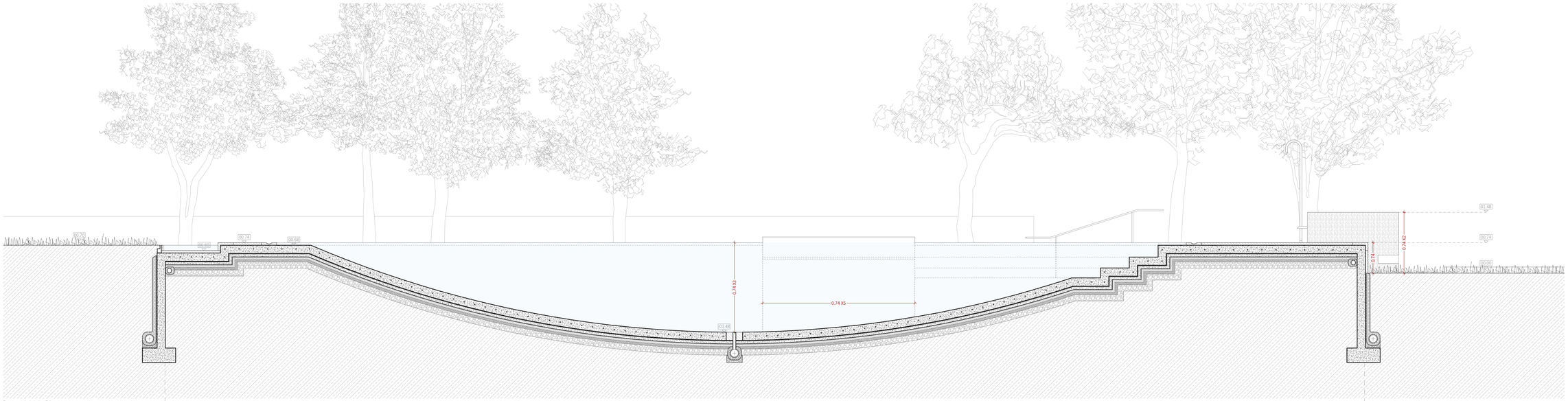
Banhos Velhos

Água termal

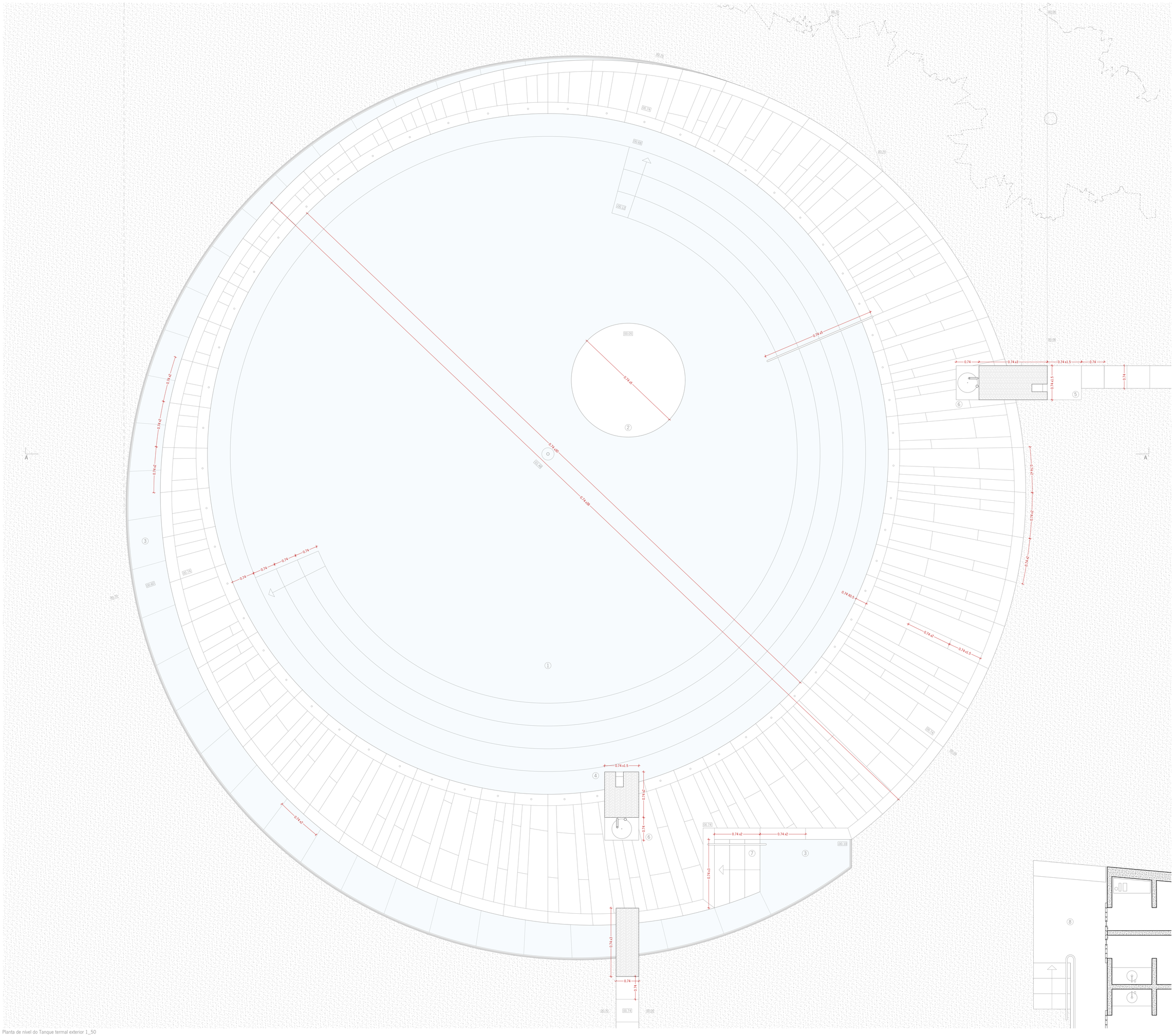
Unidade de Medida. Metros

0.74m - Medida do Passo Romano

1. Tanque de água termal
2. Peça de apoio - Ilha
3. Lava-pés
4. Canal de abastecimento de água termal
5. Canal de escoamento de água termal
6. Chuveiro
7. Escada de acesso
8. Balneários



Secção A-A´ 1_50



Planta de nível do Tanque termal exterior 1_50

16

Autor. Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ

Prova de mestrado. Projeto

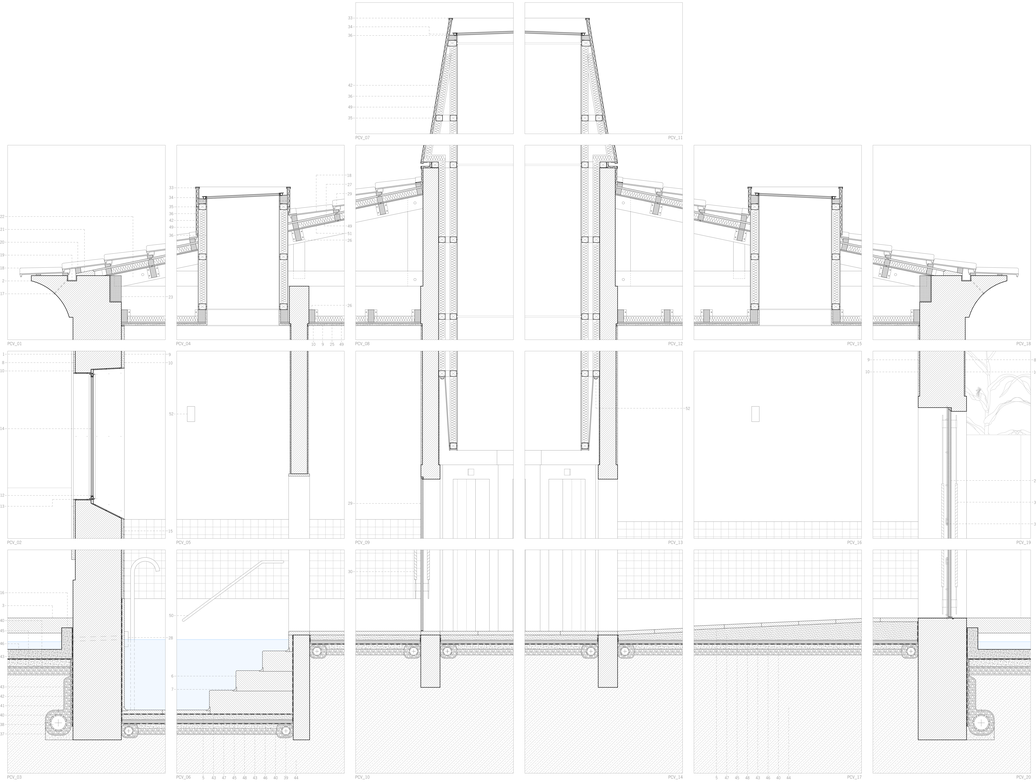
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar;
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais

Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Planta de Nível e Secção Vertical

Escala. 1_50

Banhos Velhos



Pormenores construtivos verticais 1_20

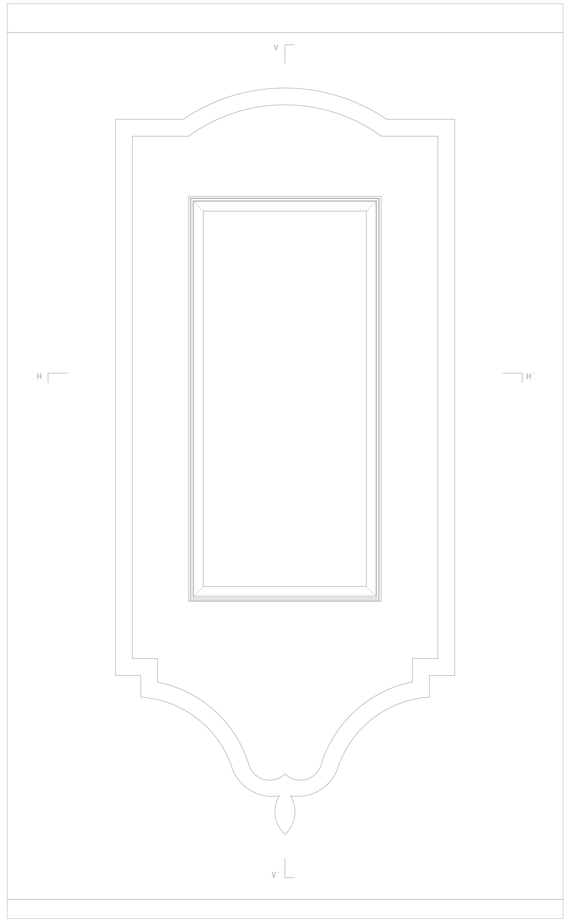
1. Alvenaria de granito existente
2. Base de granito
3. Lastro de granito
4. Lastro de betão
5. Lastro de marmore liso
6. Bloco de marmore liso
7. Rodapé de marmore liso
8. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado
9. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado
10. Camada de betão pobre
11. Camada de hidrofugante incolor
12. Mistura de cal ao pó colorida
13. Caleiche em aço com palma bronze
14. Guarnição em aço com palma bronze
15. Vidro duplo refletor temperado e laminado
16. Caixilharia em aço
17. Revestamento exterior - azulejo 15x15cm
18. Betão armado
19. Tela de drenagem
20. Folha de aba e cavado
21. Caleiche
22. Peça de suporte em aço
23. Calço em granito
24. Aba de madeira de laje exfoa
25. Frontal em madeira de laje exfoa
26. Ripa de madeira de laje exfoa
27. Tabuleiro de madeira de laje exfoa
28. Estrutura de madeira de laje exfoa
29. Estafeta em madeira de laje exfoa
30. Soleira
31. Pilar de madeira de laje exfoa
32. Pilastra em aço com palma bronze e revestimento de cisco
33. Fechadura cromada em aço com palma bronze
34. Barra em madeira de laje exfoa
35. Rails em zinco
36. Claraboia vertical
37. Estrutura metálica - perfis em U
38. Chapa de revestimento em zinco
39. Camada de estanqueidade
40. Mainfas de betão perfeado (drenagem)
41. Mainfas de betão perfeado (protecção periférica)
42. Camada de gravilha
43. Manta de geotexto
44. Tubo de drenagem
45. Revestamento exterior
46. Solo natural
47. Filme de polietileno
48. Camada de areia
49. Camada de regularização
50. Fotovoltaico estrutura balcanada terrosa
51. Painel de contraplacado marítimo de betão
52. Vidro duplo em aço com palma bronze
53. Painel de contraplacado marítimo de betão
54. Vidro duplo
55. Vidro duplo
56. Vidro duplo

17

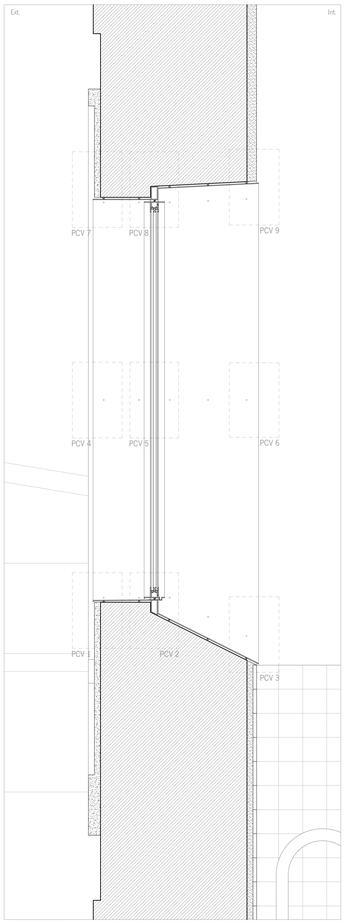
Autor: Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno: 49126/7
Instituição: Universidade de Minho - ESAD - MARQ
Prova de mestrado: Projeto
Título: Reforço térmico e Espelho de Lugar - Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Ferreas
Data: Dezembro/2024

Pavos Amarinhaldi, Serzyzo Vertical
Escala: 1_20

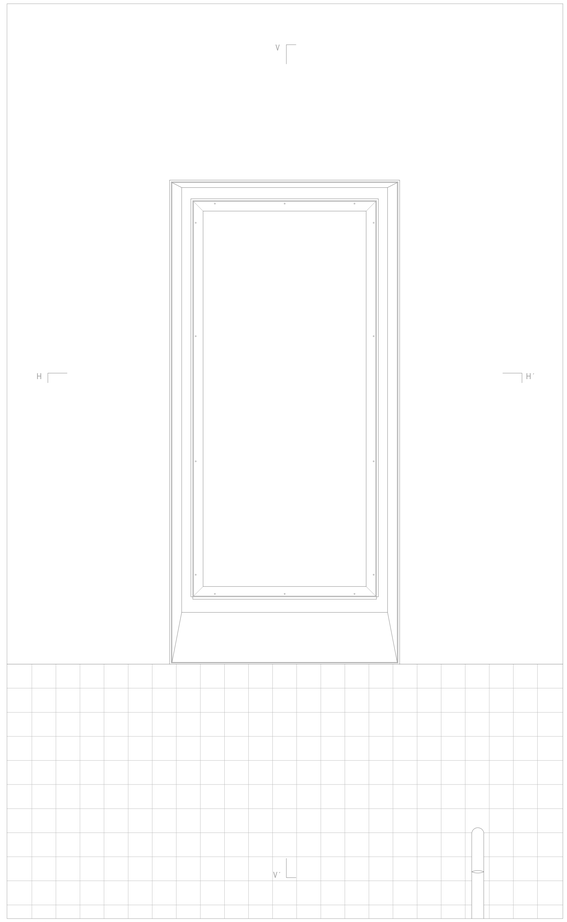
Banhos Velhos



Alçado Exterior 1_10



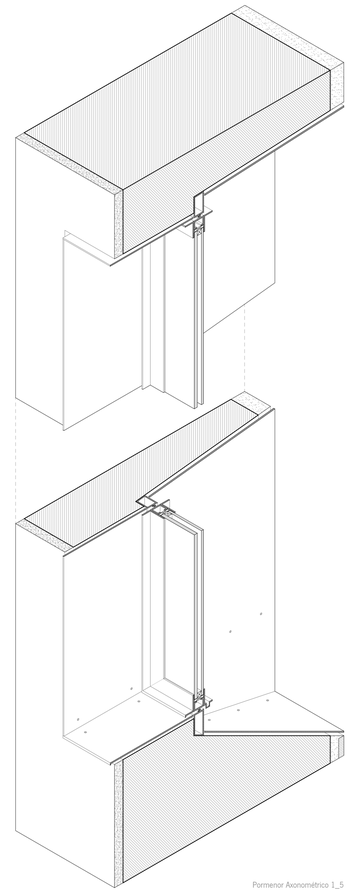
Secção V-V' 1_10



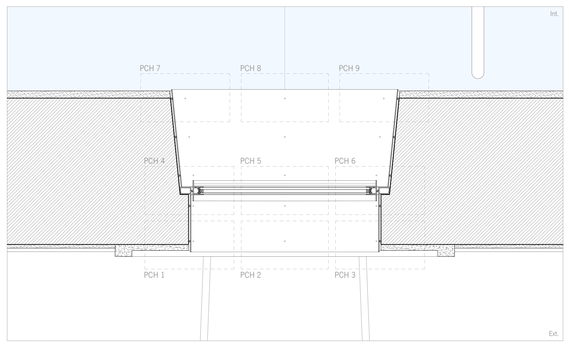
Alçado Interior

Unidade de Medida. Milímetros

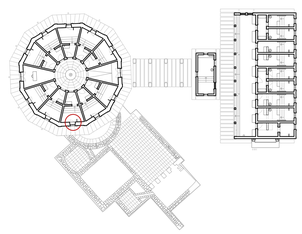
1. Alvenaria de granito existente
2. Lajeta de granito
3. Lajeta de mármore liz
4. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado
5. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado e acabamento estanhado
6. Camada de bidrofugante incolor
7. Moldura do vão em cimento
8. Caixilho em aço com patina bronze
9. Pré aro do caixilho em aço com patina bronze
10. Bite em aço com patina bronze
11. Caixa de recoados em aço com patina bronze com tubo de drenagem
12. Guarnição em aço com patina bronze
13. Vidro duplo refletor temperado e laminado 19+12+6mm |
14. Revestimento cerâmico - azulejo 10x10cm
15. Calço de borracha
16. Fixação de parafuso
17. Parafuso Umbraco
18. Parafuso Philiphs
19. Tabuado em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
20. Batente em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
21. Fechadura cremone em aço com patina bronze
22. Dobradiça de esferas em aço com patina bronze
23. Fechadura de chave em aço com patina bronze
24. Puxador em aço com patina bronze e revestimento de couro
25. Fixação do puxador em aço com patina bronze
26. Pingadeira em aço com patina bronze
27. Caixa de drenagem em aço com patina bronze
28. Base em aço com patina bronze

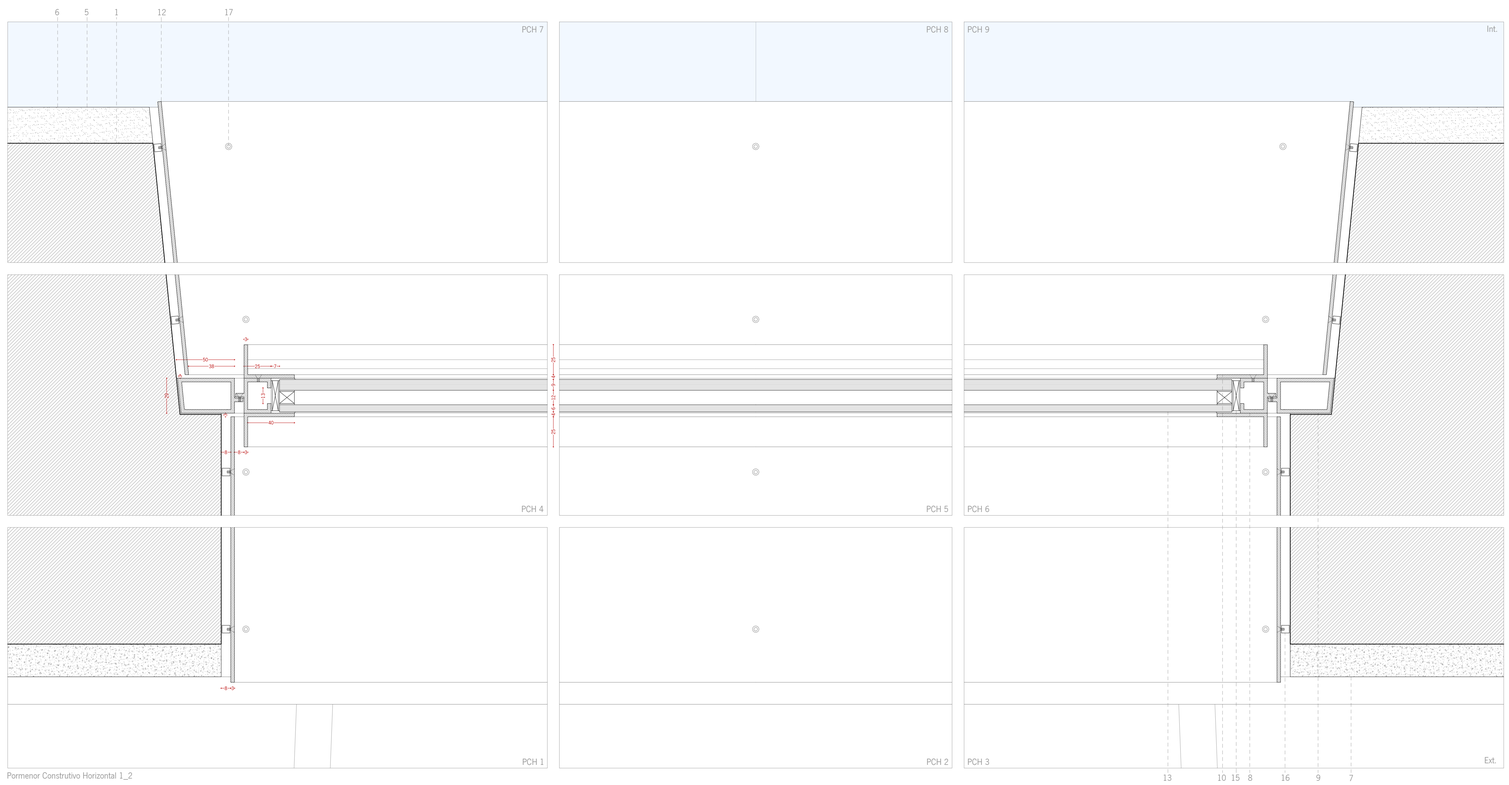


Pormenor Axonométrico 1_5

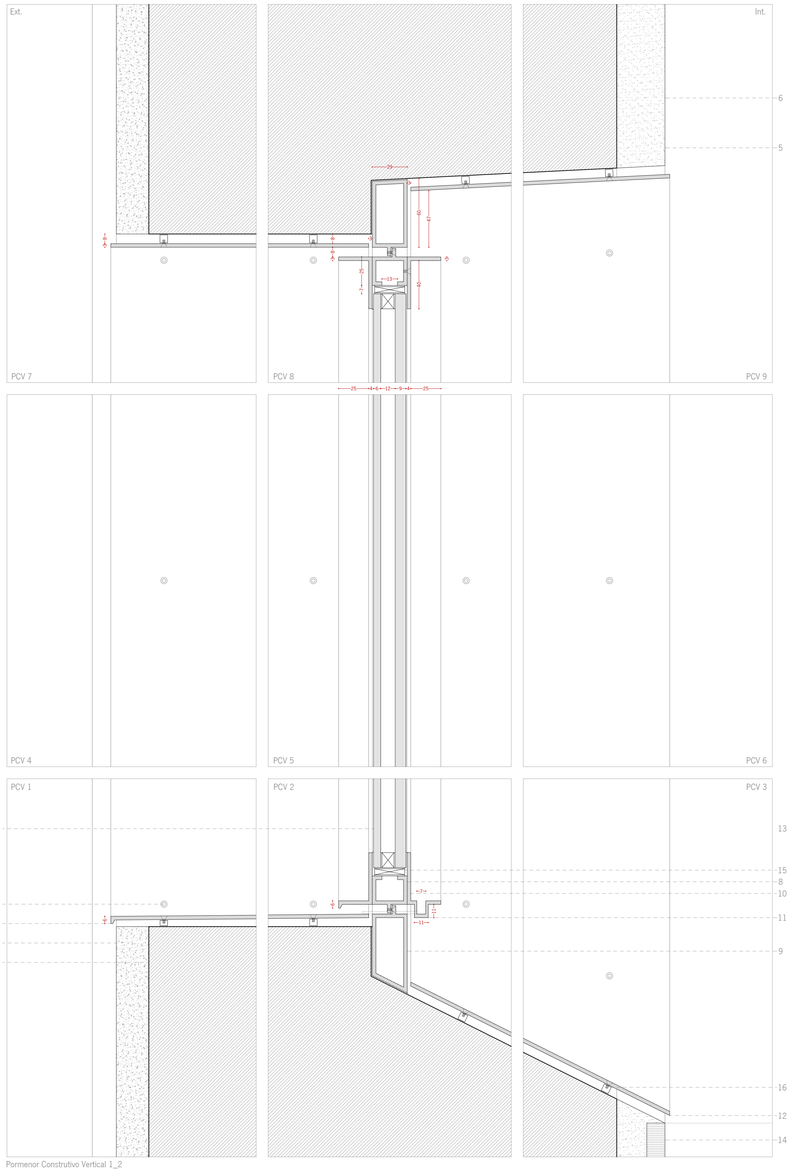


Secção H-H' 1_10





Pormenor Construtivo Horizontal 1_2

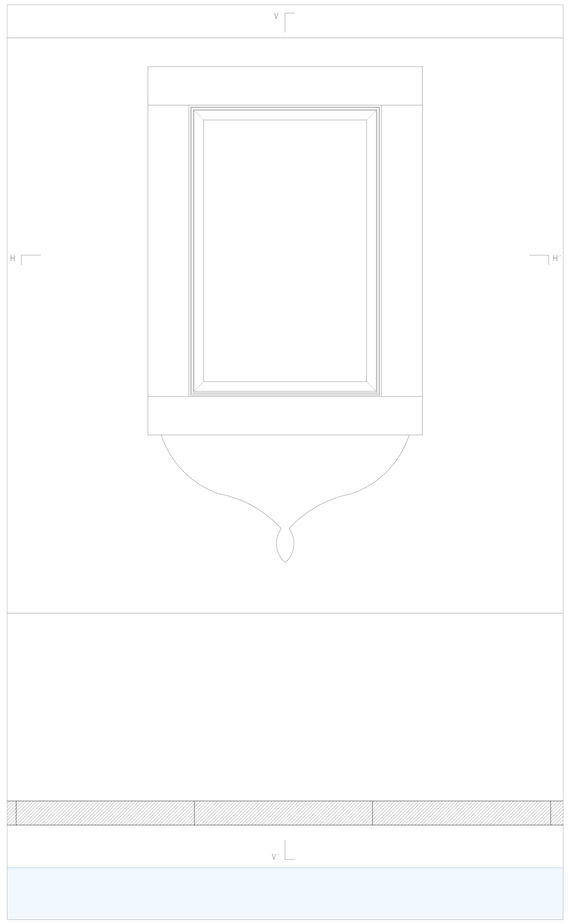


Pormenor Construtivo Vertical 1_2

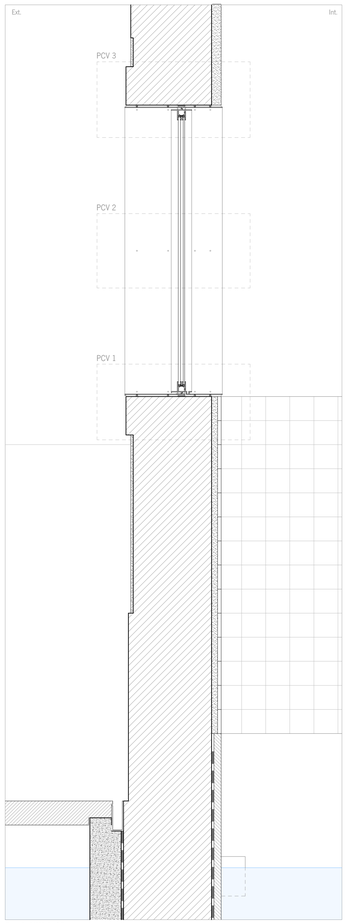
Autor. Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Pormenor de Vão - plantas, cortes, alçados e axonometria
Escala. 1_2 - 1_5 - 1_10

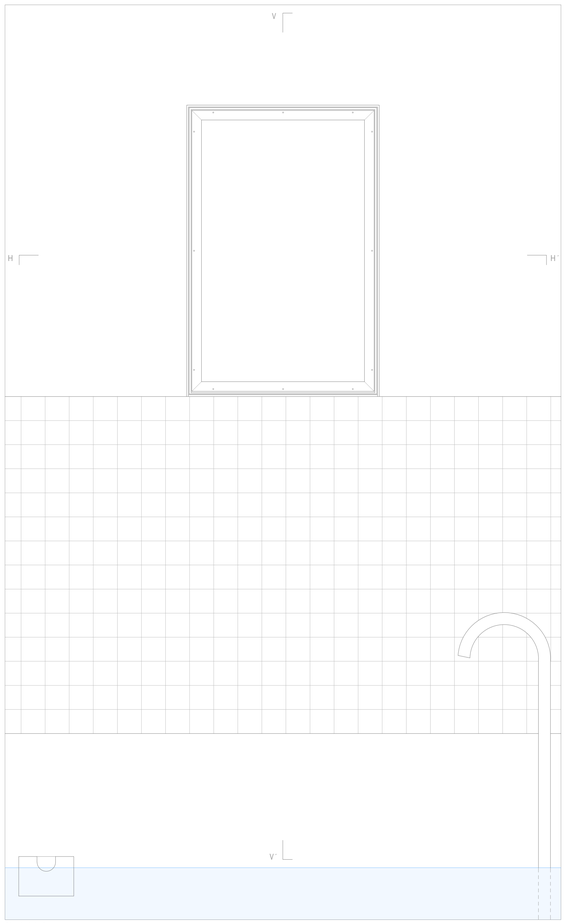
Banhos Velhos



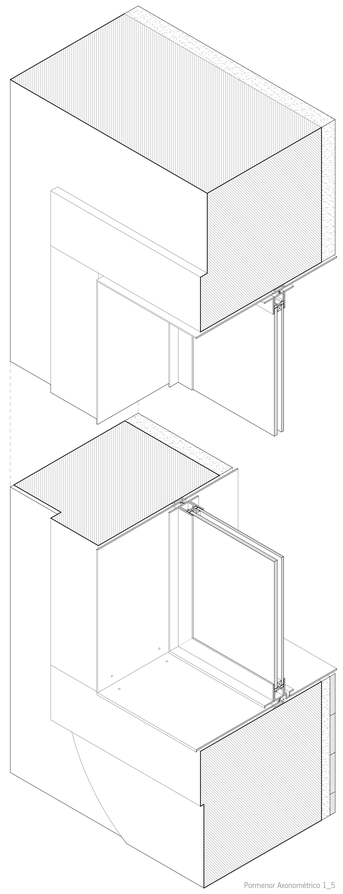
Alçado Exterior 1_10



Secção V-V' 1_10



Alçado Interior



Pormenor Axonométrico 1_5

Unidade de Medida. Milímetros

1. Alvenaria de granito existente
2. Lajeta de granito
3. Lajeta de mármore liz
4. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado
5. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado e acabamento estanhado
6. Camada de hidrofugante incolor
7. Moldura do vão em cimento
8. Caixilho em aço com patina bronze
9. Pré aro do caixilho em aço com patina bronze
10. Bite em aço com patina bronze
11. Caliha de recosados em aço com patina bronze com tubo de drenagem
12. Guarnição em aço com patina bronze
13. Vidro duplo refletor temperado e laminado 19+12+6mm |
14. Revestimento cerâmico - azulejo 10x10cm
15. Calço de borracha
16. Fixação de parafuso
17. Parafuso Umbraco
18. Parafuso Philipho
19. Tabuado em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
20. Batente em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
21. Fechadura cremone em aço com patina bronze
22. Dobradiça de esferas em aço com patina bronze
23. Fechadura de chave em aço com patina bronze
24. Puxador em aço com patina bronze e revestimento de couro
25. Fixação do puxador em aço com patina bronze
26. Pingadeira em aço com patina bronze
27. Caliha de drenagem em aço com patina bronze
28. Base em aço com patina bronze

Secção H-H' 1_10

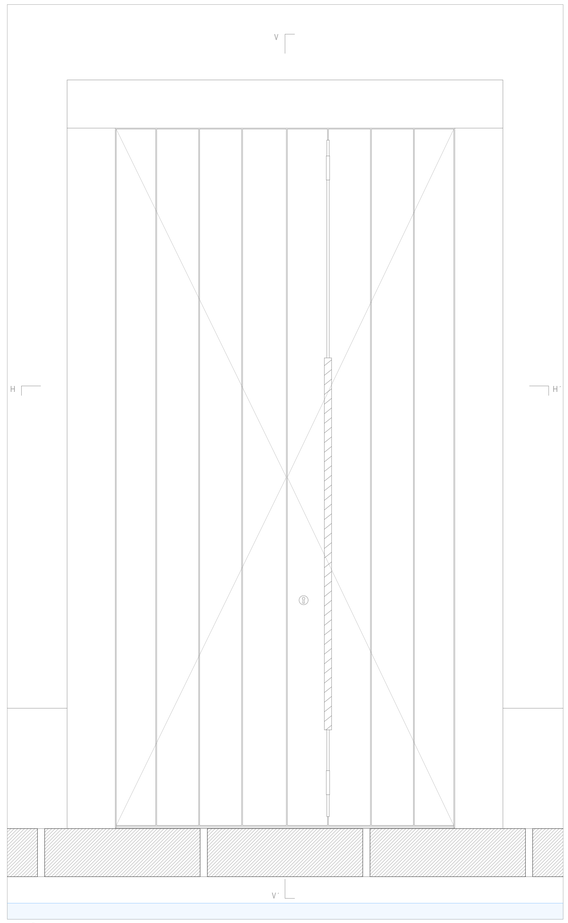
Pormenor Construtivo Horizontal 1_2

Pormenor Construtivo Vertical 1_2

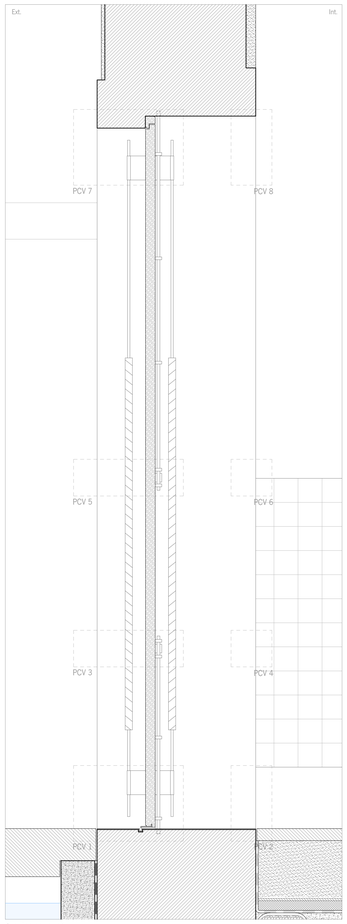
Autor. Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Pormenor de Vão - plantas, cortes, alçados e axonometria
Escala. 1_2 - 1_5 - 1_10

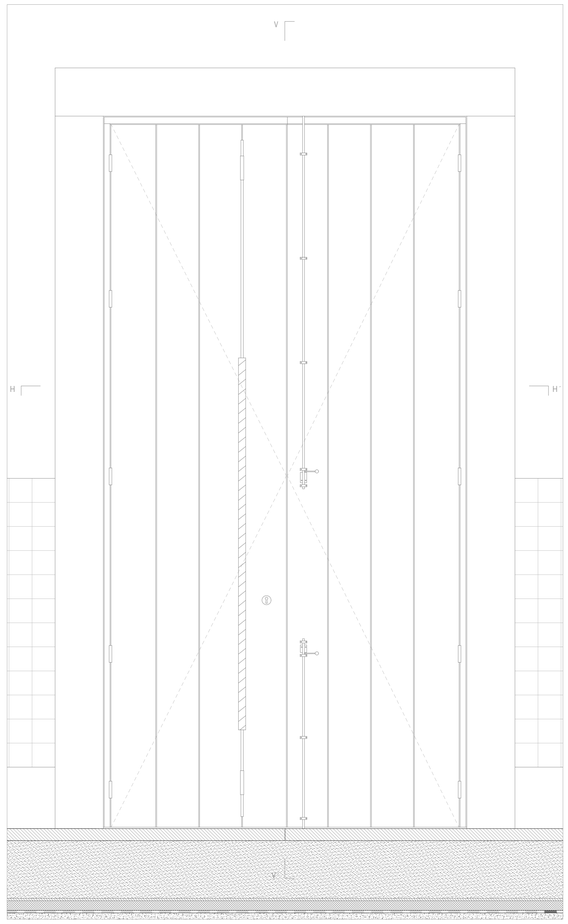
Banhos Velhos



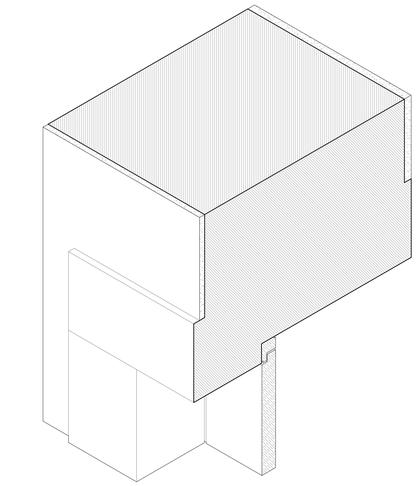
Alçado Exterior 1_10

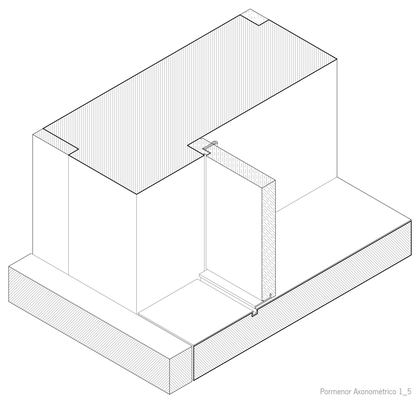


Secção V-V' 1_10



Alçado Interior

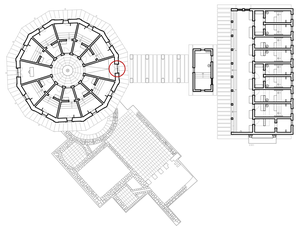


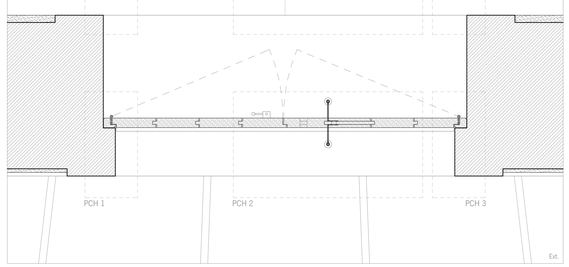


Pormenor Axonométrico 1_5

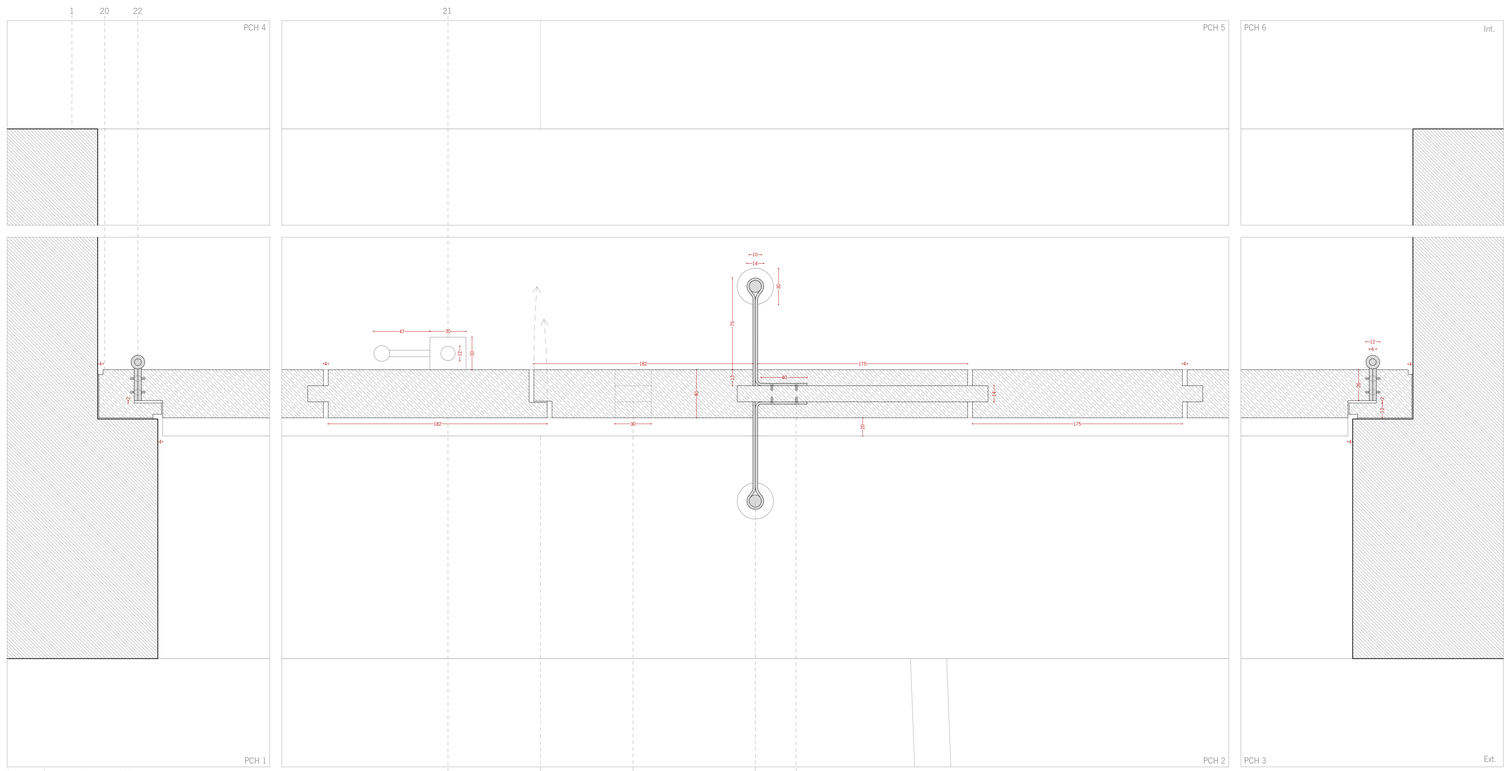
Unidade de Medida. Milímetros

1. Alvenaria de granito existente
2. Lajeta de granito
3. Lajeta de mármore liož
4. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado
5. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado e acabamento estanhado
6. Camada de hidrofugante incolor
7. Moldura do vão em cimento
8. Caixilho em aço com patina bronze
9. Pré aro do caixilho em aço com patina bronze
10. Bite em aço com patina bronze
11. Calha de recoados em aço com patina bronze com tubo de drenagem
12. Guarnição em aço com patina bronze
13. Vidro duplo refletor temperado e laminado [9+12+6mm]
14. Revestimento cerâmico - azulejo 10x10cm
15. Calço de borracha
16. Fixação de parafuso
17. Parafuso Umbraco
18. Parafuso Philipho
19. Tabuado em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
20. Batente em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
21. Fechadura cremone em aço com patina bronze
22. Dobradiça de esferas em aço com patina bronze
23. Fechadura de chave em aço com patina bronze
24. Puxador em aço com patina bronze e revestimento de couro
25. Fixação do puxador em aço com patina bronze
26. Pingadeira em aço com patina bronze
27. Calha de drenagem em aço com patina bronze
28. Base em aço com patina bronze

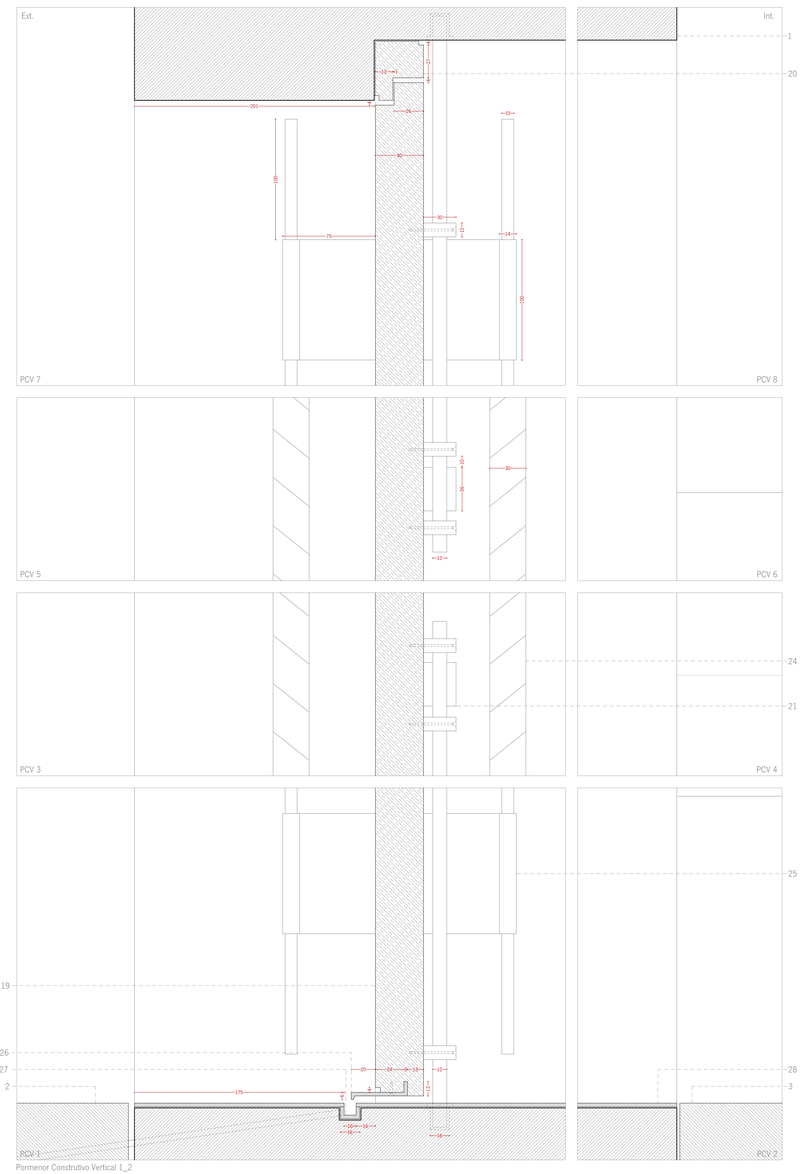




Secção H-H' 1_10



Pormenor Construtivo Horizontal 1_2



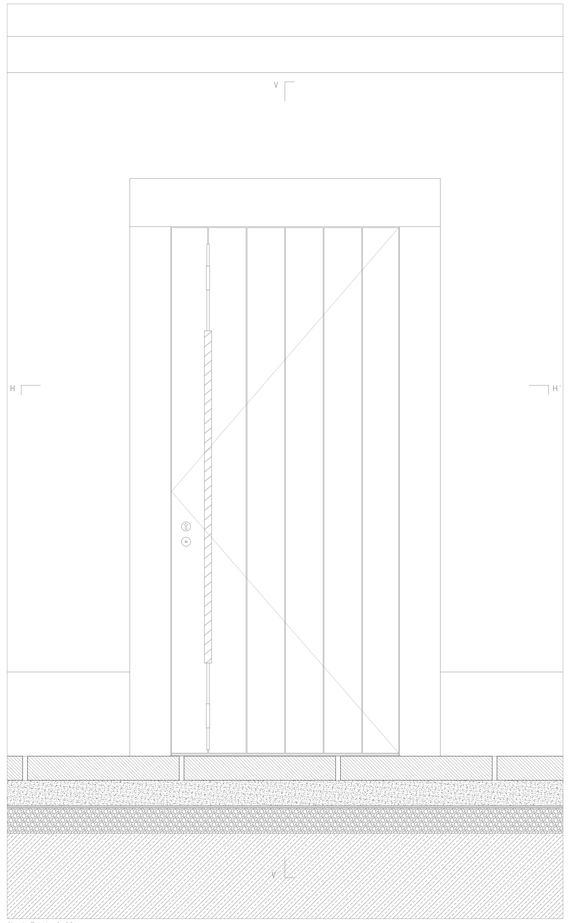
Pormenor Construtivo Vertical 1_2

20

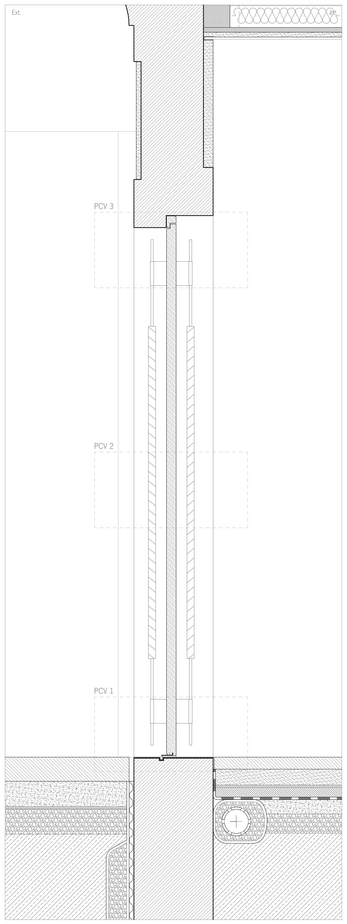
Autor. Francisco Mendes Ribeiro
N° de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar. Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Pormenor de Vão - plantas, cortes, alçados e axonometria
Escala. 1_2' 1_5' 1_10

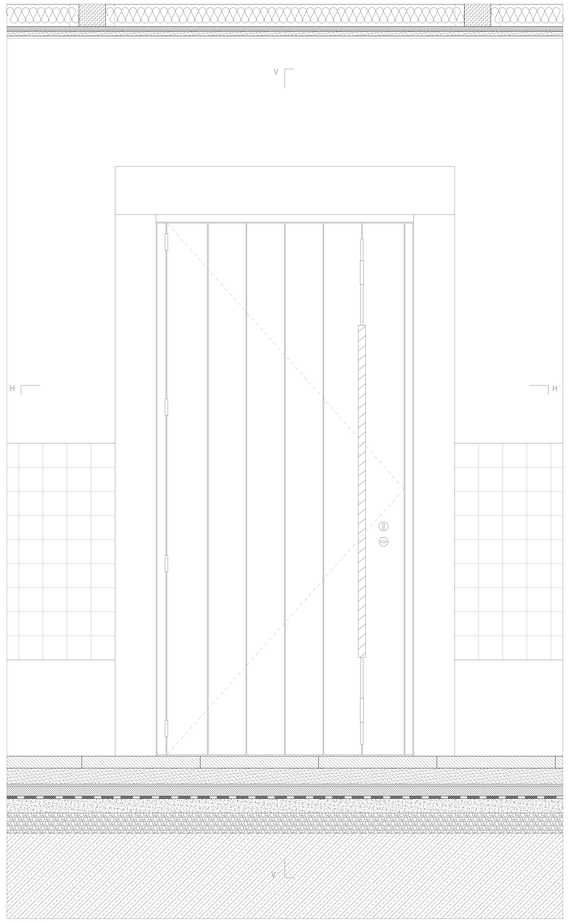
Banhos Velhos



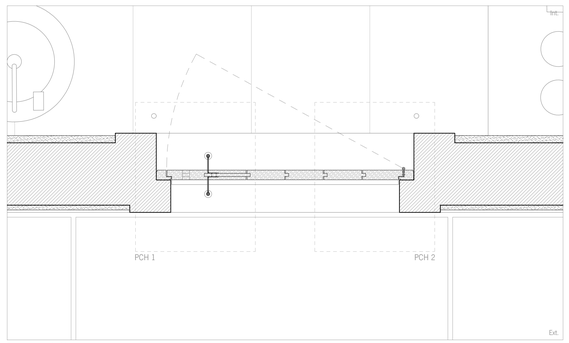
Alçado Exterior 1_10



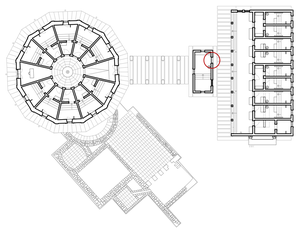
Secção V-V' 1_10

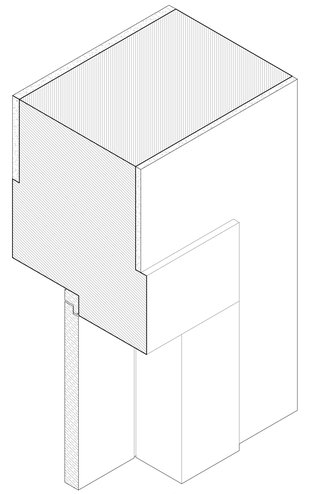


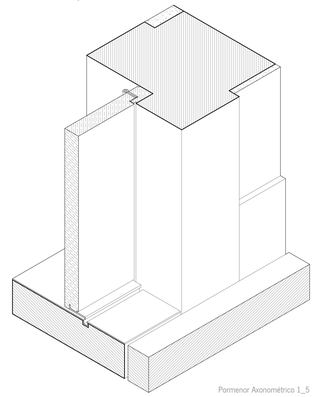
Alçado Interior



Secção H-H' 1_10







Pormenor Axonométrico 1_5

Unidade de Medida. Milímetros

1. Alvenaria de granito existente
2. Lajeta de granito
3. Lajeta de mármore liz
4. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado
5. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado e acabamento estanhado
6. Camada de hidrofugante incolor
7. Moldura do vão em cimento
8. Caixilho em aço com patina bronze
9. Pré aro do caixilho em aço com patina bronze
10. Bite em aço com patina bronze
11. Calha de recoxados em aço com patina bronze com tubo de drenagem
12. Guarnição em aço com patina bronze
13. Vidro duplo refletor temperado e laminado 19+12+6mm |
14. Revestimento cerâmico - azulejo 10x10cm
15. Calço de borracha
16. Fixação de parafuso
17. Parafuso Umbraco
18. Parafuso Philiphs
19. Tabuado em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
20. Batente em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
21. Fechadura cremone em aço com patina bronze
22. Dobradiça de esferas em aço com patina bronze
23. Fechadura de chave em aço com patina bronze
24. Puxador em aço com patina bronze e revestimento de couro
25. Fixação do puxador em aço com patina bronze
26. Pingadeira em aço com patina bronze
27. Calha de drenagem em aço com patina bronze
28. Base em aço com patina bronze

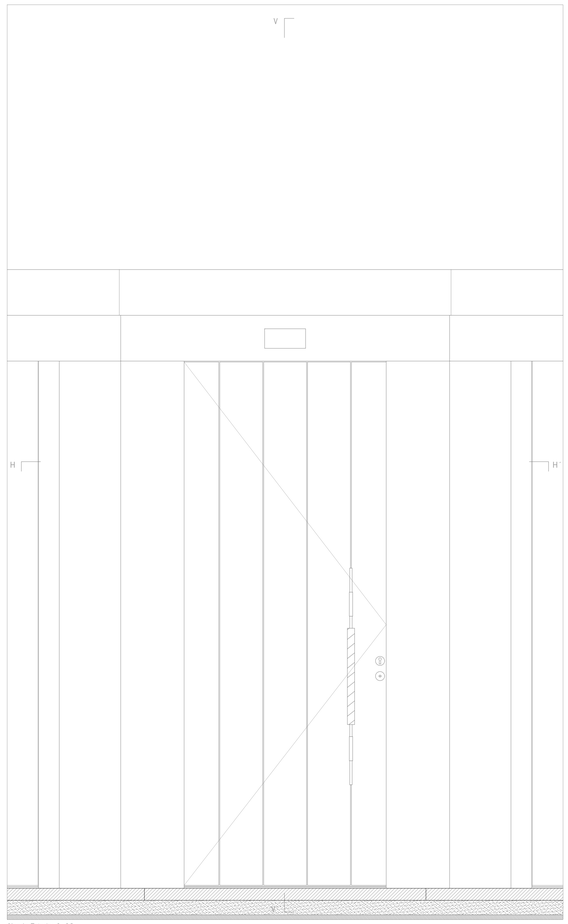
Pormenor Construtivo Horizontal 1_2

Pormenor Construtivo Vertical 1_2

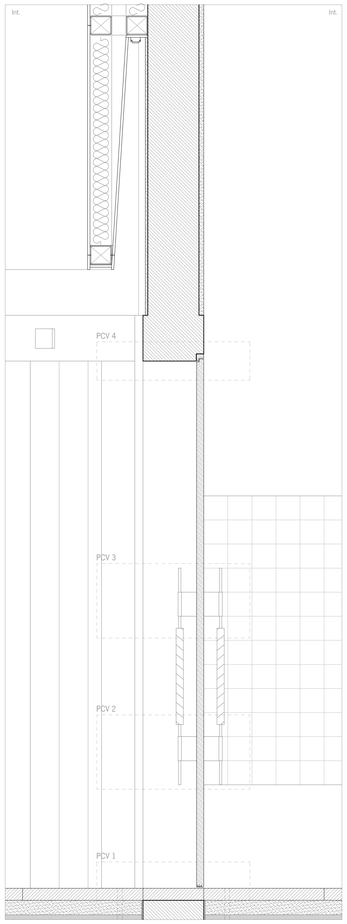
Autor. Francisco Mendes Ribeiro
Nº de aluno. A91867
Instituição. Universidade do Minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar-
Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Pormenor de Vão - plantas, cortes, alçados e axonometria
Escala. 1_2 - 1_5 - 1_10

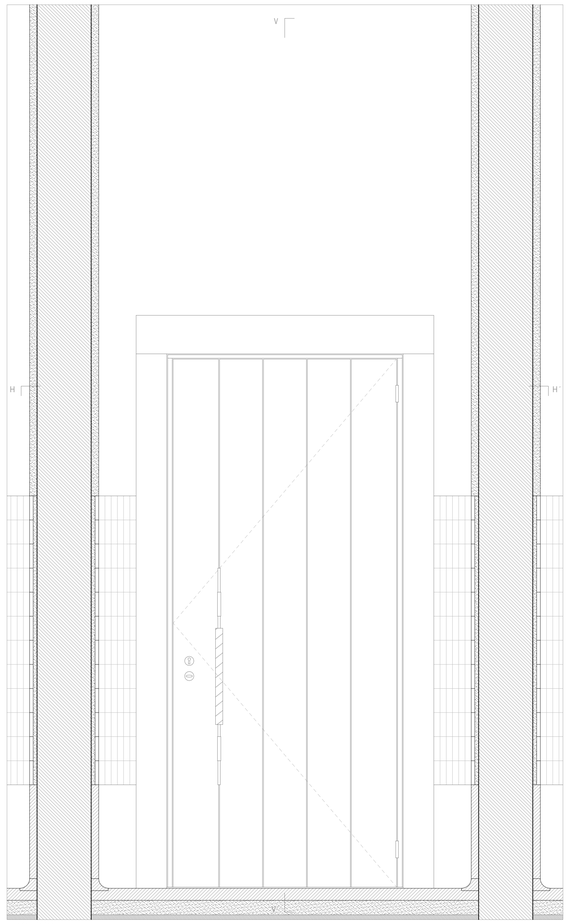
Banhos Velhos



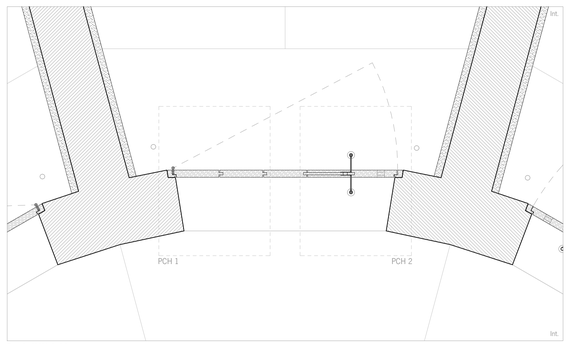
Alçado Exterior 1_10



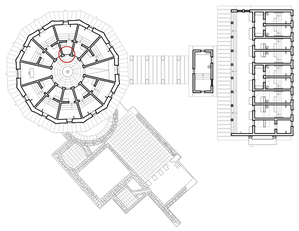
Secção V-V' 1_10

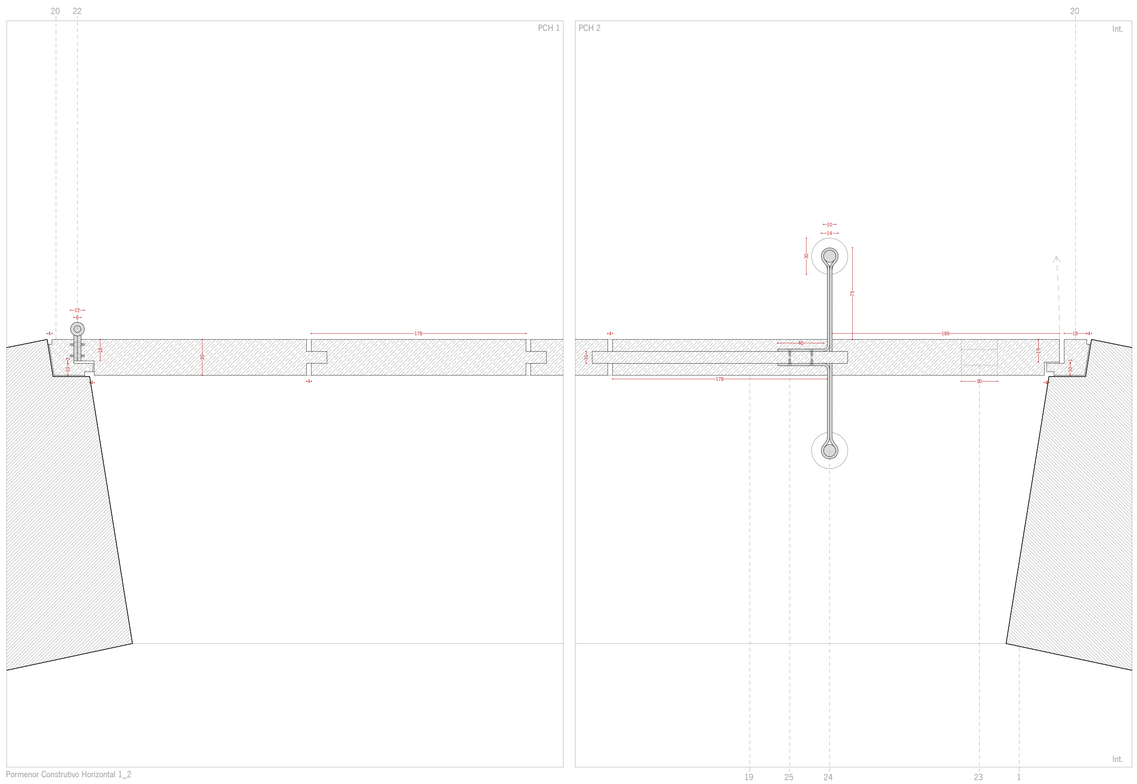


Alçado Interior

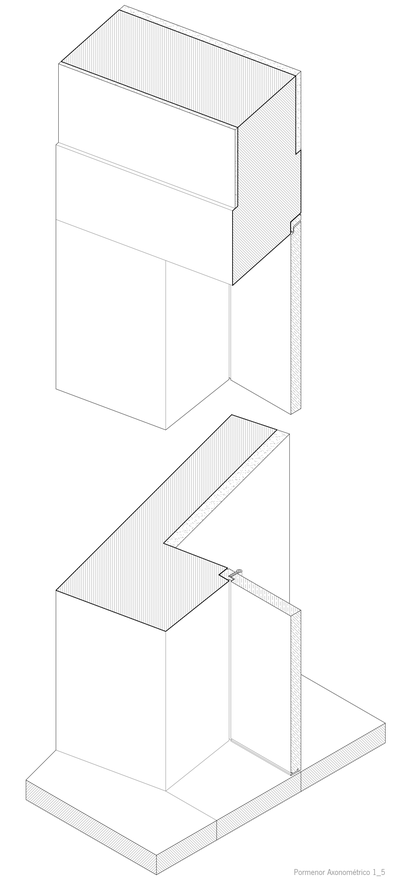


Secção H-H' 1_10

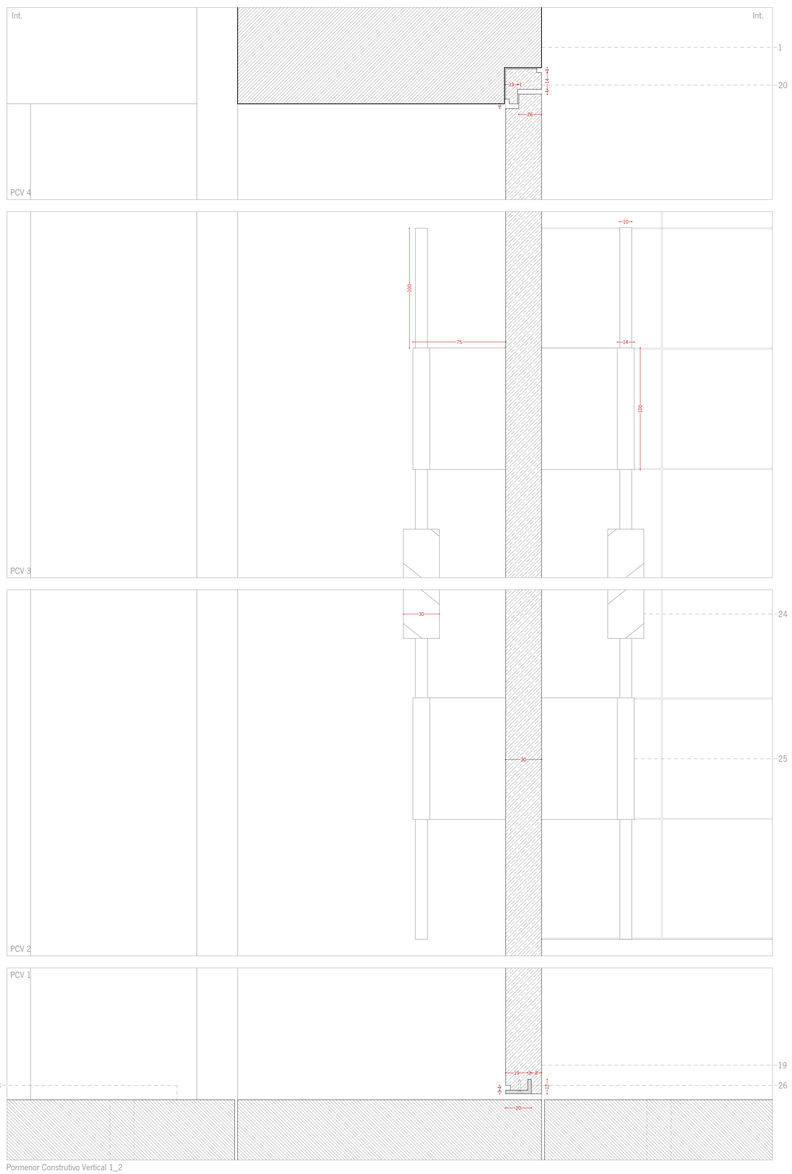




Pormenor Construtivo Horizontal 1_2



Pormenor Axonométrico 1_5



Pormenor Construtivo Vertical 1_2

Unidade de Medida. Milímetros

1. Alvenaria de granito existente
2. Lajeta de granito
3. Lajeta de mármore lioz
4. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado
5. Reboco de cal com pigmento ocre incorporado e acabamento estanhado
6. Camada de hidrofugante incolor
7. Moldura do vão em cimento
8. Caixilho em aço com patina bronze
9. Pré aro do caixilho em aço com patina bronze
10. Bite em aço com patina bronze
11. Calha de recoados em aço com patina bronze com tubo de drenagem
12. Guarnição em aço com patina bronze
13. Vidro duplo refletor temperado e laminado 19+12+6mm |
14. Revestimento cerâmico - azulejo 10x10cm
15. Calço de borracha
16. Fixação de parafuso
17. Parafuso Umbraco
18. Parafuso Philipho
19. Tabuado em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
20. Batente em madeira de riga velha com revestimento de óleo de nogueira
21. Fechadura cremone em aço com patina bronze
22. Dobradiça de esferas em aço com patina bronze
23. Fechadura de chave em aço com patina bronze
24. Puxador em aço com patina bronze e revestimento de couro
25. Fixação do puxador em aço com patina bronze
26. Pingadeira em aço com patina bronze
27. Calha de drenagem em aço com patina bronze
28. Base em aço com patina bronze

22

Autor. Francisco Mendes Ribeiro
N.º de aluno. A91887
Instituição. Universidade do minho - EAAD - MIARQ
Prova de mestrado. Projeto
Título. (Re)construir o Espírito do Lugar: Reabilitação dos Banhos Velhos e das Águas Termais
Data. Dezembro/2025

Peças desenhadas. Pormenor de Vão - plantas, cortes, alçados e axonometria
Escala. 1_2 - 1_5 - 1_10

Banhos Velhos